



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE EDUCAÇÃO**

PAULO TADEU DE MORAIS

**TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES MIGRANTES INSTALADOS
NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO MORATO ENTRE AS DÉCADAS
DE 1990 E 2000**

CAMPINAS

2016

PAULO TADEU DE MORAIS

**TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES MIGRANTES INSTALADOS
NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO MORATO ENTRE AS DÉCADAS
DE 1990 E 2000**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação, na área de concentração de Ciências Sociais na Educação.

Orientador: Aparecida Neri de Souza

O ARQUIVO DIGITAL CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO PAULO TADEU DE MORAIS, E ORIENTADA PELA PROF^a Dr^a APARECIDA NERI DE SOUZA

CAMPINAS
2016

Agência (s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos – CRB 8/5751

M792i Morais, Paulo Tadeu de, 1969-
Trajetórias de professores migrantes instalados no município de Francisco Morato entre as décadas de 1990 e 2000 / Paulo Tadeu de Morais. – Campinas, SP: [s.n.], 2016.

Orientador: Aparecida Neri de Souza.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Professores – Formação profissional. 2. Trabalho docente. 3. Professores – Condições sociais. I. Souza, Aparecida Neri de, 1952-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Trajectories of migrant installed in the municipality of Francisco Morato between the decades of 1990 e 2000 **Palavras-chave em inglês:**

Teachers – Vocational training

Teaching work

Teachers – Social conditions

Área de concentração: Ciências Sociais na Educação

Titulação: Doutor em Educação **Banca examinadora:**

Aparecida Neri de Souza [Orientador]

Rosa Elisa Mirra Barone

André Eduardo Ribeiro da Silva

Ernesta Zamboni

Agueda Bernardete Bittencourt

Data de defesa: 26-02-2016

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**TRAJETÓRIAS DE PROFESSORES MIGRANTES
INSTALADOS NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO MORATO
ENTRE AS DÉCADAS DE 1990 E 2000**

Autor: Paulo Tadeu de Morais

COMISSÃO JULGADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Aparecida Neri de Souza

Prof^ª. Dr^ª. Rosa Elisa Mirra Barone

Prof^º. Dr. André Eduardo Ribeiro da Silva

Prof^ª. Dr^ª. Agueda Bernardete Bittencourt

Prof^ª. Dr^ª. Ernesta Zamboni

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2016

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas colaboraram de forma direta ou indireta em minha trajetória de pesquisa tornando possível a elaboração e concretização desse trabalho. A todas manifesto minha gratidão e meu apreço, e de maneira particular

A minha mãe, principal responsável pela minha trajetória.

A minha esposa e companheira Roseli que colaborou de diversas maneiras para que essa pesquisa se desenvolvesse e se concretizasse.

A Prof^a. Dr^a Aparecida Neri de Souza pela orientação, respeito, paciência e compreensão que teve em todos os momentos compartilhados durante essa jornada de quatro anos.

A todos os entrevistados participantes dessa pesquisa: Adenilson, Carlos, Elmo, Enilda, Idy, Marcos, Roseli e Sandra; pois sem eles seria impossível esse percurso.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pelo auxílio financeiro que proporcionou durante 36 meses, pois sem ele não teria sido possível a continuidade da pesquisa.

A secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas pelos préstimos dispendidos sempre que solicitados.

A Prof^a Dr^a Rosa Elisa Mirra Barone pelo aceite e pelas observações e orientações realizadas que se constituíram importantes para desenvolver e aperfeiçoar essa pesquisa. Também pelo incentivo e apoio à continuidade de estudos vinculados à História Oral.

A Prof^a Dr^a Agueda Bernardete Bittencourt pelo aceite em participar da banca de qualificação e defesa dessa pesquisa e pelas observações e orientações realizadas que contribuíram para a finalização desse trabalho.

Ao Prof^o Dr^o André Eduardo Ribeiro da Silva pelo aceite e pela convivência cotidiana no IFSP que contribuiu para ampliar os olhares sobre o movimento migratório.

A Prof^a Dr^a Ernesta Zamboni pelo aceite em participar da banca de defesa dessa pesquisa e pelo respeito e confiança em meu trabalho nos momentos que convivemos na Disciplina “Memória, História e Educação: Referenciais Teórico-Methodológicos”.

A Prof^a Dr^a Neusa Gusmão pela participação na banca de qualificação e pelos apontamentos que contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A Liliane Bordignon de Souza pela colaboração e generosidade que ajudam a construir uma sociedade mais solidária.

Aos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC) pelas observações realizadas nas ocasiões que nos reunimos.

RESUMO

Nessa Tese estudamos as trajetórias de professores migrantes procedentes de cidades localizadas na região Noroeste do estado de São Paulo. Estes se instalaram no município de Francisco Morato entre as décadas de 1990 e 2000. Tais professores migraram com o objetivo de exercerem a docência em escolas públicas estaduais por meio de contrato de trabalho temporário. Projetamos como principal objetivo desse trabalho conhecer e compreender os motivadores que levaram à migração em busca de emprego como docente por meio de contrato de trabalho temporário, e em uma região periférica da Grande São Paulo. A documentação que utilizamos para o desenvolvimento e constituição dessa pesquisa se estabeleceu por meio de entrevistas realizadas e consequente construção de depoimentos orais. Também fichas de sondagem, trabalhos científicos, periódicos e literatura nacional e estrangeira sobre o tema contribuíram para tal produção. Valemos da História Oral como metodologia orientadora desse estudo, à medida que considera os depoimentos construídos por meio de entrevistas como centrais na análise da investigação. O referencial teórico que fundamentou essa pesquisa se constituiu a partir dos conceitos de *capital social*, formulado e presente nas obras de Pierre Bourdieu, no conceito de *Redes Migratórias* de Alejandro Portes e no conceito de *retorno* de Abdelmalek Sayad. A centralidade dessa pesquisa nas trajetórias pessoais e profissionais de professores e professoras revela a expropriação do camponês e as alternativas produzidas para que, sobretudo seus descendentes, transformassem suas condições materiais de existência. A formação de uma rede relacional por intermédio do capital social foi fundamental para a ideia, desejo e concretização da empreitada migratória de centenas de formados para o exercício da docência. A ideia e desejo de retorno para suas cidades de origem são evidenciados na maioria das trajetórias dos professores migrantes. Constatamos que a possibilidade de retorno é construída no espaço-tempo do processo migratório através de múltiplas estratégias vinculadas ao capital social.

ABSTRACT

This thesis studied the trajectories of immigrant teachers coming from cities located in the northwest region of São Paulo. They settled in the municipality of Francisco Morato between the 1990s and 2000. These teachers migrated in order to exercise the teaching in public schools through a temporary employment contract. We designed the main objective of this work know and understand the motivators that led to migration in search of employment as a teacher through a temporary employment contract, and a peripheral region of São Paulo. The documentation that we use for the development and establishment of this research was established through interviews and subsequent construction of oral testimony. Also sounding records, scientific papers, journals and national and international literature on the subject contributed to this production. We are worth the Oral History as a guiding methodology of this study, as it considers the statements constructed through interviews as central in the analysis of the investigation. The theoretical framework that justified this research was formed from the concepts of social capital, formulated and present the works of Pierre Bourdieu, the concept of Migratory Networks Alejandro Portes and return concept of Abdelmalek Sayad. The centrality of this research on the personal and professional trajectories teachers and teachers reveals the expropriation of peasant and alternatives produced for, particularly their descendants, to translate their material conditions of existence. The formation of a relational network through the capital was fundamental to the idea, desire and realization of migratory contract for hundreds of graduates to the teaching profession. The idea and desire to return to their hometowns are evidenced in most trajectories of migrant teachers. We note that the possibility of return is built in the migration process space-time through multiple strategies linked to social capital.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1. Relação de estudos segundo os objetos de pesquisa.....	20
QUADRO 2. Relação de estudos sobre migrações e trajetórias docentes.....	21
QUADRO 3. Retrato – Prof ^a Enilda.....	33
QUADRO 4. Retrato – Prof ^o Adenilson.....	35
QUADRO 5. Retrato – Prof ^a Idy.....	37
QUADRO 6. Retrato – Prof ^o Marcos.....	39
QUADRO 7. Retrato – Prof ^a Sandra.....	41
QUADRO 8. Retrato – Prof ^o Elmo.....	43
QUADRO 9. Retrato – Prof ^a Roseli.....	45
QUADRO 10. Retrato – Prof ^o Carlos.....	47
QUADRO 11. Locais de origem dos professores migrantes-Noroeste Paulista.	57-58
QUADRO 12. Mapa do transporte metropolitano.....	153
TABELA 1. Índice de Habitação e Infraestrutura urbana da Microrregião Franco da Rocha-2010.....	140
TABELA 2. Índice de Habitação e Infraestrutura urbana – Comparação com o município de São Paulo e o Estado – 2010.....	141
TABELA 3. Condições de Vida Microrregião Franco da Rocha – 2010.....	142
TABELA 4. Condições de Vida Comparação com município de São Paulo e o Estado – 2010	142
TABELA 5. Vulnerabilidade Social da população Comparação com município de São Paulo e o Estado – 2010	143
TABELA 6. – IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal da RMSP – 2000.....	145

TABELA 7. – IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal da RMSPP – 2010.....	147
TABELA 8. – Deslocamento da população do Município de Francisco Morato a outro Município para trabalho ou estudo.....	151
TABELA 9. – Movimentação diária de passageiros na Estação da CPTM de Francisco Morato.....	159
TABELA 10. – Movimentação diária de passageiros nas Estações da CPTM Brás, Luz e Barra Funda – 2011	155
TABELA 11. – Movimentação diária de passageiros nas Estações da CPTM Brás, Luz e Barra Funda – 2012	155
TABELA 12. – Movimentação diária de passageiros nas Estações da CPTM Brás, Luz e Barra Funda	155

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALAS – Associação Latino Americana de Sociologia

ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

APENOESP – Associação dos Professores do Ensino Oficial Secundário Normal do Estado de São Paulo

APEOESP – Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCJ – Comissão de Constituição e Justiça

CEISAL – Conselho Europeu de Investigações Sociais da América Latina

CHSRFD-FEN – Centre d’histoiresociale, de Recherche, de Formation et de Documentation de laFédération de l’Éducationnationale

CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação.

COEPRE – Coordenação de Educação Pré-Escolar

CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos

CTPR – Commonwealth Teachers Recruitment Protocol

DNOCS – Departamento Nacional de Obras contra as Secas

EAD – Educação a Distância

ECT – Empresa de Correios e Telégrafos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMPLASA – Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano

FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

FEPASA – Ferrovia Paulista S/A

FESPSP – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

FNDEP – Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública

FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério)

GEPEDISC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diferenciação Sociocultural.

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICA – Congresso Internacional de Americanistas

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPESP – Instituto Pastoral de Educação em Saúde Popular
IPRS – Índice Paulista de Responsabilidade Social
IPVS – Índice Paulista de Vulnerabilidade Social
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação
NEAD – Núcleo de Educação Aberta e à Distância
OFA – Ocupante de Função Atividade
PIB – Produto Interno Bruto
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PROHACAP – Programa de Habilitação e Capacitação de Professores Leigos
PROUNI – Programa Universidade para Todos
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
RM – Região Metropolitana
SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SPR – São Paulo Railway
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFS – Universidade Federal de Sergipe
UIT- Unidades de Informações Territorializadas
UNIBAN – Universidade Bandeirante
UNIC – Universidade de Cuiabá
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNINOVE – Universidade Nove de Julho
UNIR – Universidade de Rondônia
UNSA - L'Union nationale des syndicats autonomes
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - Professores: trajetórias pessoais e educacionais	58
1.1. Região Noroeste: características históricas e geográficas.....	59
1.2. Trajetórias escolares e de formação profissional.....	76
CAPÍTULO 2 - Entre o gravado e o grafado: o destino do professor migrante enquanto espaço dicotômico	118
2.1. Professores: percepções sobre a localidade de destino.....	119
2.2. A realidade social a partir de dados estatísticos.....	139
CAPÍTULO 3 - Professores: trajetórias de inserção social e profissional	162
3.1. A moradia como espaço de inserção social.....	163
3.2. Trajetórias de inserção na profissão docente.....	191
CAPÍTULO 4 - Professores: o retorno como desejo e perspectiva	220
CONCLUSÃO	246
BIBLIOGRAFIA	258

Introdução

A decisão de buscar respostas, por intermédio de um projeto de pesquisa, para interrogações que eu possuía há alguns anos e que, quando sanadas, eram superficialmente, sobretudo porque eram curiosidades comuns que não se estabeleciam com objetivos específicos, nem tampouco com procedimentos metodológicos, se produziu não apenas pela necessidade de apresentar o fluxo migratório intenso de professores para o município de Francisco Morato ocorrido entre as décadas de 1990 e 2000, mas, sobretudo a fim de conhecer e compreender, por meio da construção de depoimentos orais, os elementos que permearam a trajetória desses professores e que se constituíram fundamentais para e no processo migratório e que podem estar presentes em outros grupos.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Campinas, em nível de doutorado, iniciei o desenvolvimento do projeto de pesquisa sobre as trajetórias de professores migrantes instalados no município de Francisco Morato entre as décadas de 1990 e 2000.

Esse espaço de tempo a partir dos anos 90 se justifica pelas informações iniciais que – derivadas da minha atuação como professor – que concebia essa década como chave-mestra de tal deslocamento¹ migratório.

O problema que norteou todo o percurso da investigação sobre as trajetórias desses professores migrantes se caracterizou pela seguinte questão: Por que centenas de jovens formados para o exercício da docência e oriundos de cidades do Noroeste do estado de São Paulo migraram em busca de emprego, ainda que precário, para o município de Francisco Morato, que além de periférico possui altos índices de vulnerabilidade social?

Consideramos necessário salientar que a migração de tais professores para o município de Francisco Morato não foi pela via do concurso público de

¹ Utilizamos a palavra deslocamento migratório para diferenciar de outros movimentos que não visem a inserção, instalação e trabalho no local de destino.

provas e títulos ou pelo concurso de remoção visto que não eram efetivos em escolas públicas estaduais, mas por meio da perspectiva de ingresso precário, como temporários², no máximo para o ano letivo corrente, sem a garantia de continuidade no próximo período.

Também, outras questões foram importantes para atingir os objetivos e responder ao questionamento geral: Quais os incentivadores da migração destes professores? Porque migram e permanecem? Por que há o desejo e a perspectiva do retorno em definitivo para as cidades de origem? Retornam em definitivo? Se retornam, por que retornam?

Tal pesquisa está vinculada à linha de pesquisa Trabalho e Educação do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC) respectivamente, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Sob a orientação da Professora Doutora Aparecida Neri de Souza, os estudos que se realizam em tal contexto privilegiam as seguintes temáticas: as relações entre o trabalho e a educação nas suas múltiplas dimensões: as políticas públicas relacionadas ao trabalho e à educação; a divisão do trabalho; o mercado de trabalho e sua dinâmica; a organização, as profissões e ocupações; sindicalismo, trabalho e educação; os (as) trabalhadores (as); as relações de trabalho, fluxos migratórios, educação além do espaço escolar, para as dimensões sociais que organizam os princípios que constroem diferenças e as hierarquizam; entre outras.

Os objetivos que estabelecemos para realização dessa tese sobre trajetórias de professores migrantes são os seguintes: a) conhecer e compreender os motivadores que levaram à migração em busca de emprego com contrato de trabalho temporário em uma região periférica da região metropolitana de São Paulo; b) entender o processo de instalação, percepção e

² Os candidatos à docência nas escolas públicas estaduais de São Paulo quando contratados em caráter temporário são denominados pelas siglas O.F.A. (Ocupante de Função Atividade) ou A.C.T. (Admitido em Caráter Temporário) através das leis 500/74 e 1093/09.

permanência desses no município de Francisco Morato e as influências dos vínculos sociais para o ingresso e permanência na docência; c) compreender os motivos que influenciam o desejo e a perspectiva de retorno definitivo às suas cidades de origem.

As hipóteses orientadoras dessa tese se constituíram da seguinte maneira:

- a) A possibilidade real do exercício da docência em escolas públicas estaduais foi o que conduziu indivíduos formados para o exercício da docência à migrarem para o município de Francisco Morato, proporcionando a construção de um novo espaço de vida, produtor de novas relações sociais, econômicas e produtivas, ainda que o emprego seja precário e localizado em uma região com alto índice de vulnerabilidade social.
- b) O capital social – enquanto rede de relações que se estabeleceram por meio de procedimentos colaborativos – estruturou a ideia de migração, instalação e permanência no município de Francisco Morato, sobretudo pela organização de habitações, masculinas e femininas, denominadas repúblicas.
- c) Os professores migrantes ingressaram nas escolas públicas estaduais do município de Francisco Morato por influência dos vínculos sociais que forneceram informações sobre a existência de vagas e o processo de inscrição e atribuição de aulas para contratação, ainda que de maneira precária, de docentes temporários.
- d) Embora os professores migrantes se encontrem estruturalmente instalados no município de Francisco Morato – através de famílias constituídas por meio de casamentos, imóveis adquiridos para residência e efetivação por meio de concurso público e, que nas cidades de origem

tenham ocorrido rupturas: falecimento dos pais, círculos de amizade extintos e espaço geográfico transformado – estes possuem o desejo e a perspectiva de retorno às suas origens, especialmente porque os vínculos de pertencimento e as disposições primárias se encontram presentes em suas trajetórias.

Referenciais metodológicos

Sayad (2003a) observa que para entender plenamente todos os aspectos que permeiam o movimento migratório é necessário que busquemos os depoimentos daqueles que viveram intensamente a experiência do deslocamento e oportunizemos a elaboração dessas vivências, o exame crítico e a comunicação ao outro (pesquisador)

“[...] o pesquisado e observado torna-se pesquisador e observador de si mesmo; a presença do pesquisador “profissional” é apenas uma oportunidade inesperada de oferecer em voz alta o produto há muito tempo refletido e amadurecido de sua pesquisa de si mesmo”. (SAYAD, 2003a, p.652).

Destarte, o ato de migrar é se deslocar com sua história de vida, com suas práticas culturais, sociais, políticas, religiosas, suas formas de agir e de pensar, ou seja, carregar sua trajetória que se compõem de estruturas objetivas e subjetivas incorporadas até aquele momento no seu espaço de origem e que são importantes para a efetivação de tal empreitada. (SAYAD, 2010).

Esta pesquisa se localiza metodologicamente na história oral. Tal metodologia orientou o projeto de pesquisa e estabeleceu compromisso com a visibilidade social e histórica de cada um dos professores. Ao recorrer à palavra dos entrevistados, a história oral proporciona a construção de depoimentos orais a fim de conhecer e compreender suas trajetórias.

A memória e a narração selecionam o que falar dependendo do contexto e das mudanças ocorridas em suas visões de mundo. Dessa maneira, as informações que possuem significados relevantes não somente para a pesquisa, mas, sobretudo para a compreensão dos próprios professores e suas trajetórias, se situam “[...] no que os informantes escondem e no fato que os *fizeram* esconder mais que no que eles *contaram*. ” (PORTELLI, 1997b, p. 34).

Entendemos que por meio do conhecimento das trajetórias dos migrantes é que se torna possível compreender não apenas os determinantes presentes no projeto e no processo de deslocamento que exerceram e exercem influências diversas em suas existências, porém, complementares, mas, sobretudo o estado atual que se encontram estabelecidos na sociedade, seja a de destino ou de origem. (SAYAD, 2010).

O método e a metodologia utilizada nessa pesquisa se constituíram por meio da História Oral, que possui a entrevista como técnica principal para construção de depoimentos orais e consequente estudo de trajetórias dos professores migrantes. Segundo Meihy (2002) a história oral se constitui método a partir da utilização dos depoimentos orais como centrais nas pesquisas, desde a gênese do projeto, a coleta das entrevistas, transcrição, devolução e resultados.

Consideramos pertinente esclarecer que a perspectiva em história oral que estabelecemos se caracteriza pela centralidade nos entrevistados, porque a pesquisa irá se desenvolver através dos seus depoimentos orais.

Assim, o entrevistado deixa de ser apenas e tão somente um coadjuvante para ser o ator principal, participando de todas as etapas da pesquisa, desde o momento da aceitação até a devolutiva do processo final.

A metodologia da história oral que estabelece centralidade às entrevistas e, conseqüentemente, aos depoimentos orais construídos, busca associar memória e história e as representações advindas e tem como referências as

obras de Meihy (1996, 2002) Amado & Ferreira (1998), Portelli (1993, 1997a, 1997b, 1997c, 2001), Viezzer (1981) e Lang (1996, 1998, 2007).

Dessa maneira, o ponto de partida da história oral é, sobretudo, conhecer e compreender, pela falta de documentos escritos, experiências de indivíduos e grupos, além de oportunizar visibilidade social e, portanto, histórica, a determinados segmentos da sociedade por meio de seus depoimentos.

A associação das fontes orais e escritas – ainda que sejam são autônomas e específicas, possuindo funções distintas de acordo com as situações que se estabelecem na pesquisa – possibilita ampliar o entendimento sobre determinados eventos e contextos, além de evidenciar as contradições existentes na sociedade.

Após o processo de transcrição, transcrição e textualização as fontes orais se tornam fontes escritas. De acordo com Queiroz (1983), apesar de manterem as características – passiva, estática e inerte – comumente encontradas, as fontes escritas oriundas das fontes orais possuirão qualidades específicas, à medida que poderão ser confrontadas “[...] com a matriz (a gravação) todas as vezes que necessário, o que não sucede com questionários, nem com documentos históricos.” (QUEIROZ, 1983, P. 86).

Dessa forma, tal documento escrito produzido a partir das fontes orais se constituirá não apenas relevante para conhecimento dos fatos, confrontação e contextualização, “[...] mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu.” (GARRIDO, 1992/1993, p.39).

Na produção do documento escrito gerado a partir das fontes orais advindas das entrevistas que efetivamos com os professores migrantes, através do processo de transcrição³ e textualização, tomamos como referência a observação de Queiroz (1983).

³ Realizada pelo pesquisador que “[...] tem, também, o valor de uma primeira reflexão sua sobre a experiência de que partilhou, e que ele cria uma segunda vez ao escutar a fita [...] que possibilita captar toda a experiência havida a partir, agora, do exterior, sem a acuidade dos envoltórios emocionais que o contexto vivo acarretava.” (QUEIROZ, 1983, p. 83).

“Desta maneira, o ideal, numa pesquisa, é que o próprio pesquisador que entrevistou o informante, seja também o transcritor da fita. Ouvir e transcrever a entrevista constitui, para ele, um exercício de memória em que toda cena é revivida: uma pausa do informante, uma tremura de voz, uma tonalidade diferente, uma risada, a utilização de determinada palavra em certo momento, reavivam a recordação do estado de espírito que então detectou em seu interlocutor, revelam aspectos da entrevista que não haviam sido lembrados quando efetuou o registro do dia no caderno de campo, ou mesmo dão a conhecer detalhes que, no momento da entrevista, lhe escaparam.” (QUEIROZ, 1983, p. 82).

Entendemos que em uma pesquisa que trabalha com a oralidade por meio da técnica de entrevistas e gravação sonora, o pesquisador deve prioritariamente transcrever e textualizar o documento oral. Dessa maneira, o documento escrito produzido a partir desse procedimento possuirá elementos que o aproximam mais da realidade vivida no momento da entrevista, evitando a “[...] mutilação, que trunca e desumaniza, e por isso mesmo desvirtua o texto.” (QUEIROZ, 1983, p. 84).

As pesquisas sobre professores e migrações

Para que pudéssemos estabelecer o *estado da arte ou estado do conhecimento*⁴ da pesquisa sobre trajetórias de professores migrantes, realizamos levantamento com as seguintes palavras-chaves: trajetória de professores, professores migrantes, migração docente, migração de professores; a partir seguintes bases de dados: Banco de teses da Capes; Scielo, bibliotecas digitais da UNICAMP e USP, Fundação Carlos Chagas⁵.

⁴Consideramos estado da arte e não balanço tendencial à medida que realizamos a leitura de tais trabalhos.

⁵www.capes.gov.br/servicos/banco-de-tesesBiblioteca; Digital de Teses e Dissertações - www.bdt.d.ibict.br; SciELO - Scientific Electronic Library Online - www.scielo.org/; Dissertações e Tese - Biblioteca Digital da Unicamp - www.bibliotecadigital.unicamp.br; Educ@ Periódicos online de Educação -

Essas bases de dados foram importantes para nossa aproximação com pesquisas sobre a migração de professores que estão se desenvolvendo no cenário nacional e internacional, neste segundo, sobretudo no espaço europeu e africano.

Ainda que se constituam a partir de perspectivas distintas e com características próprias, a migração intra-estadual, intra-regional ou internacional ocorrente no espaço europeu, brasileiro, sul americano, ou outro, é um movimento que possui semelhanças estruturais, sobretudo com relação às condições sociais de existência.

Segundo Bourdieu (2005, 2013), as diferenças estruturais existentes entre as sociedades não impedem que grupos inseridos em tais contextos possuam associações regulares pelo espaço ocupado na hierarquia social e por determinadas propriedades, sejam incorporadas, objetivadas ou de posição.

O levantamento que realizamos evidenciou a existência de 14 estudos [Quadro 2], até outubro de 2014, sendo um (1) livro, três (3) Teses, sete (7) Dissertações, uma (1) Monografia e duas (2) Pesquisas internacionais, que privilegiaram o estudo sobre a migração de professores e aspectos de suas trajetórias. Dentre os estudos levantados aqueles que se aproximaram de nossa pesquisa foram desenvolvidos nos estados de Mato Grosso sete (7), Mato Grosso do Sul um (1), Sergipe (1), São Paulo um (1), Rondônia um (1) e Paris um (1) e Comunidade Britânica⁶ (1).

Os estudos selecionados possuem diferentes objetos de pesquisa, como pode ser verificado no [Quadro 1] na página seguinte, com prevalência das relações de gênero. A identificação dos objetos foi construída a partir dos

Fundação Carlos Chagas- www.educa.fcc.org.br/; Biblioteca Digital de Tese e Dissertações da USP- www.teses.usp.br/; www.jstor.org/; www.google.com.

⁶A Commonwealth, conhecida também como Commonwealth Nations, é uma associação voluntária fundada em 1949 que reúne 53 países, em sua maioria com laços estreitos com a Grã-Bretanha oriundos do Neocolonialismo Afro-Asiático do século XIX.

objetivos evidenciados nas pesquisas selecionadas que analisamos por intermédio da leitura dos textos completos e de artigos oriundos de tais trabalhos.

Quadro 1. Relação de estudos segundo os objetos de pesquisa

Objeto de pesquisa	Quantidade
Relações de gênero	5 estudos
Ensino Superior	2 estudos
Disciplina curricular (LP)	1 estudo
Educação não formal	1 estudo
Constituição identitária	2 estudos
Carreira profissional	1 estudo
Migração e recrutamento de professores	1 estudo

Org: **MORAIS, P.T. (2016).**

Abaixo [Quadro 2] apresentamos relação dos trabalhos selecionados para que possamos visualizá-los de maneira sintética.

Quadro 2. Relação de estudos sobre migrações e trajetórias docentes

Categoria	Autor (a)	Título	Ano	Instituição
MONOGRAFIAS	Jully Liebl M1	Representações de língua em professores brasileiros	2008	UNICAMP

		migrantes: uma questão de identidade.		
DISSERTAÇÕES	Dolores Schüssler D1	Migrantes camponesas e professoras primárias: trajetórias de vida entre o espaço privado e o espaço público.	2002	UFMT
	Janice Cassia Lando D2	Migração, projetos e identidade profissional: um estudo sobre professoras do município de Sinop/MT no período de 1973 a 1982.	2003	UFMT
	EurlyKang Tourinho D3	A mulher migrante na fronteira da educação: alunas do Prohacap em Rondônia.	2004	UNIR
	Maria Luisa Scardini D4	Professores migrantes em Aracaju: múltiplas sociabilidades.	2008	UFS

	Elisa Cléia Pinheiro Rodrigues Nobre D5	Histórias de vida de professores migrantes: culturas e contextos de Mato Grosso do Sul.	2009	UFMS
	Maria das Graças Campos D6	Vou buscar a sorte: relatos de vida de professoras migrantes de Campo Verde/MT.	2010	UFMT
	Márcia Regina Boni D7	Histórias e trajetórias de vida de professoras migrantes no município de Sorriso/MT.	2010	UFMT
TESES	Maria Ignez Joffre Tanus T1	Mundividências: estudo sócio antropológico de um grupo de migrantes residentes no bairro Planalto, periferia urbana de Cuiabá, Mato Grosso.	1992	USP

	Maria Augusta Rondas Speller T2	Professoras em Peixoto de Azevedo/Mato Grosso: das vicissitudes de ser mulher, uma história por contar.	2002	USP
	Marion Machado Cunha T3	O trabalho dos professores e a Universidade do estado do Mato Grosso em Sinop/MT na década de 1990: o sentido do coletivo.	2010	UFRGS
LIVRO	Maria Ignez JoffreTanus L1	Mundividências: história de vida de migrantes professores	2002	São Paulo: Editora Zouk
PESQUISA INSTITUCIONAL (FRANÇA)	Frédéric Charles Florence Legendre PI 1	Les enseignants issus des immigrations	2006	Paris: UNSA Éducation
PESQUISA INSTITUCIONAL (REINO UNIDO)	CommonwealthSecretariat PI2	Next steps in managing teacher migration	2011	Commonwealth publications

Org: MORAIS, P.T. (2016).

Constatamos que a maioria das pesquisas nove (9) utilizou a História Oral enquanto técnica de pesquisa⁷. As outras três (3) pesquisas utilizaram entrevistas e questionários por meio de perspectivas técnicas e metodológicas variadas: documental, estatística, estudos de caso, dialética, dedutiva e indutiva. Dentre os nove (9) trabalhos que optaram pelos procedimentos metodológicos que privilegiaram as vozes dos professores, sete (7) optaram pela história de vida e dois (2) pelos relatos de vida⁸.

O trabalho de July Liebl **[M1]** buscou compreender, segundo a autora, as representações dos/nos professores migrantes com base nos seus discursos cotidianos, ou seja, suas expressões idiomáticas desde sua imagem para outrem, passando pelas compreensões mútuas (o ser entendendo e entendível) e o simbólico do professor como perfeição singular, ou seja, a pronúncia deve ser idêntica à dos indivíduos que ele contata diariamente.

A dissertação **[D1]** de Dolores Schussler objetivou a compreensão do processo de deslocamento migratório, desde suas regiões de origem à sua região de destino, as formas de estabelecimento, socialização e transformações no espaço que optaram para direcionar suas existências: acampamentos e assentamentos agrários; desembocando no exercício da docência.

A dissertação de Janice Cassia Lando **[D2]** pretendeu a partir de relatos orais, compreender de que maneira essas migrantes professoras desenvolveram sua profissionalização naquele espaço-tempo, sobretudo porque se configurava como ápice do processo de colonização da Amazônia Mato-Grossense.

A dissertação de mestrado da autora Eury Kang Tourinho **[D3]** procurou por intermédio dos registros orais coletados, compreender diversos aspectos do cotidiano das professoras/alunas migrantes participantes do PROHACAP – Programa de Habilitação e Capacitação de Professores Leigos – instituído em 1999 pela parceria da UNIR e RIOMAR, que objetivava o atendimento a

⁷ A história oral trata as fontes de estudo como técnica ao definirem os depoimentos como complemento de fontes escritas e iconográficas. (MEIHY, 2002).

⁸ As diferenças entre história de vida, relatos e depoimentos orais serão tratadas no capítulo sobre metodologia.

professores sem nível de formação superior, de acordo com suas lembranças significativas.

A dissertação de mestrado **[D4]** objetivou compreender o processo de vivência de um grupo específico de migrantes: professores de Ensino Superior; na cidade de Aracaju, a partir de suas vinculações no seio social e de suas representações referente ao lugar de acolhimento.

A dissertação de Elisa Cléia Pinheiro Rodrigues Nobre **[D5]** procurou conhecer determinadas características de professores migrantes instalados no estado do Mato Grosso do Sul por intermédio de suas histórias de vida. Também, a autora explica que as narrativas dos professores migrantes permitem analisar de que forma esses indivíduos administram suas experiências cotidianas e todo o complexo existencial que se estabelecem em seus percursos de vida e suas formações identitárias, todos permeados pelo deslocamento de suas cidades de origem.

A dissertação de mestrado de Maria das Graças Campos **[D6]** objetivou entender o percurso de vida de docentes que exerciam sua profissão em escolas públicas municipais e os incentivadores da migração, a instalação no local de destino e a decisão pela docência. Concomitantemente, tal estudo procurou refletir sobre a organização espacial do município e as relações de poder que permeiam tal configuração geográfica a fim de compreender as convivências sociais, sobretudo no ambiente escolar.

A dissertação de mestrado **[D7]** buscou compreender aspectos do cotidiano de professoras migrantes instaladas no município de Sorriso/MT entre as décadas de 1970 e 2000, a partir dos princípios motivadores e suas significações concernentes ao processo migratório associado ao campo educacional.

O trabalho de Maria Ignez Joffre Tanus **[T1 – L1]** buscou compreender e apreender o universo simbólico dos indivíduos inseridos em um espaço de apoio socioeducativo da Igreja Católica, localizado no bairro Planalto, Cuiabá, Mato

Grosso do Sul. Esses migrantes se encontravam inseridos em um movimento que visava apoiar as famílias da localidade no cuidado de seus filhos, à medida que ao findar o período de estudos diários na escola pública, não possuíam a presença de responsáveis em seus lares, uma vez que se encontravam exercendo suas atividades laborais.

A tese doutoral **[T2]** teve como foco evidenciar determinados aspectos subjetivos de professoras-alunas matriculadas no curso de Licenciatura Plena em Educação Básica, EAD, do Projeto do Núcleo de Educação Aberta e à Distância – NEAD – do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, que se configurassem significativos para a análise do ser mulher, suas mudanças e reflexões no âmbito educacional.

A tese de doutorado de Marion Machado Cunha **[T3]** buscou por meio de entrevistas com professores, analisar as lutas simbólicas que se realizaram em tal período quanto à função de tal instituição e o papel dos professores nesse espaço de luta de poder. O autor justificou a produção da pesquisa pelo fato de se inserir no complexo do fenômeno migratório e, concomitantemente, ser parte integrante do quadro docente na Universidade do Estado do Mato Grosso, se constituindo dessa maneira um lócus privilegiado para buscar a compreensão e explicação de determinadas mazelas existentes em tal espaço social, educacional e profissional.

A pesquisa realizada por Frédéric Charles e Florence Legendre **[PI1]** se constituiu referência para ampliar o entendimento sobre as polêmicas que envolvem a integração das populações migrantes na França por meio do estudo sobre a trajetória de professores oriundos das imigrações ou como os franceses dizem “filhos das imigrações”, sobretudo no que concerne as suas representações na construção de suas carreiras profissionais e na escola.

Os estudos **[PI2]** realizados por especialistas da Common Wealth of Nations ou mais conhecida como Commonwealth sobre a migração e mobilidade de professores nos países membros de tal organização consistiu na promoção de Simpósios com a participação de pesquisadores, membros dos governos e

sociedade civil para debater e formular propostas, sobretudo a partir de dados estatísticos e pesquisas sobre professores e seus deslocamentos migratórios, a fim de minimizar os problemas decorrentes de tal processo.

Consideramos que os trabalhos abordados nesse capítulo permitem inserir a temática da migração de professores e professoras em duas dimensões, a primeira dimensão – a esfera acadêmica – permite compreender o fenômeno migratório como expressão das relações de poder e da estrutura social e cultural da sociedade capitalista; e a segunda – a esfera política – possibilita entender tal processo a partir da visibilidade conferida aos problemas estruturais desta sociedade marcada pelas desigualdades sociais, étnicas, de gênero, de classe, entre outras.

O trabalho de campo

Após tais procedimentos, decidimos definir os entrevistados que iriam participar da pesquisa. Para tanto utilizamos os conceitos de Comunidade de Destino, Colônia e Rede.

Segundo Meihy (2002), é de fundamental importância caracterizar um grupo a partir das identidades correlatas dos seus integrantes (Comunidade de Destino), para em seguida constituir por meio de aspectos particulares: trajetórias, classe, naturalidade, etnia, etc., um subgrupo que se constituirá centro da pesquisa (Colônia) e por fim delimitar os possíveis participantes (Rede) para composição dos participantes que serão entrevistados.

O convívio como docente por mais de quinze anos com os professores das escolas públicas estaduais no município de Francisco Morato, em especial os oriundos de cidades do Noroeste do estado de São Paulo, promoveu não somente a ideia de pesquisa sobre a trajetória de tais professores e a constituição do projeto, como também certa facilidade para contatar e convidar os participantes para tal projeto, porque vários dentre esses eram ou foram companheiros de labor cotidiano.

Resolvemos organizar a relação de possíveis entrevistados que tivessem se deslocado para o município de Francisco Morato entre as décadas de 1990 e 2000, uma vez que tal período de duas décadas se caracterizou pela intensidade, estabilização e declínio da migração desses professores.

Ainda que determinadas situações fossem favoráveis a partir de informações relevantes que obtivemos pelo trabalho exploratório que havíamos realizado, este não era suficiente, sobretudo porque para compormos os grupos de entrevistados teríamos que possuir o conhecimento sobre o período que se instalaram e iniciaram suas atividades no município de Francisco Morato.

Dessa maneira, elaboramos e aplicamos fichas de sondagem nos anos de 2012 e 2013 nas dezessete escolas públicas estaduais do município de Francisco Morato, a fim de verificarmos, selecionarmos e organizarmos os grupos de possíveis participantes da pesquisa.

Importante frisar que tais professores deveriam possuir determinadas características para comporem o quadro de entrevistados da pesquisa. Além de exercerem a docência e serem oriundos da região do Noroeste paulista, possuírem sua formação inicial na região de origem, residirem ou terem residido no município de Francisco Morato a partir da década de 1990 e lecionarem ou terem lecionado na Educação Básica das escolas públicas estaduais desse município.

O trabalho de análise das fichas de sondagem aplicadas durante os anos de 2012 e 2013 e contatos preliminares com diversos professores migrantes, permitiu-nos organizar grupos de possíveis entrevistados em três períodos: 1991-1997/ 1998-2004/ 2005-2010. Tais grupos denominamos *grupos geracionais* 1, 2 e 3 porque compreendemos se constituir melhor inteligível. Essa organização se realizou a partir dos dados contidos nas fichas de sondagem: idade, período da graduação e ingresso no magistério; como também por informações coletadas no trabalho exploratório.

O levantamento realizado no ano de 2012 evidenciou a existência de 843 docentes lecionando nas escolas públicas estaduais do município de Francisco Morato. Desse total de docentes, 54 % (460) de professores eram oriundos do Noroeste paulista, sendo no 1º período (1990 – 1997) 18% (83); no 2º período (1998 – 2004) 65% (299) e no 3ª período (2005 – 2010) 17% (78).

No ano de 2013 realizamos outra sondagem que indicou um acréscimo - não significativo – no número total de professores lecionando nas escolas públicas estaduais de São Paulo no município em questão: 879. No que tange a representação percentual de professores migrantes desse total, observamos um decréscimo no número absoluto: 446 (50,7%); e também uma redução dos professores do primeiro e segundo período. Por outro lado, ocorreu um aumento incipiente no total de professores do terceiro período como constatamos: 1ª período (1990-1997) 16,8% (75); 2º período (1998 – 2004) 63,7% (284); 3ª período (2005-2010) 19,5% (87).

Os depoimentos dos professores migrantes entrevistados confirmam os dados acima descritos, mas acima de tudo, denotam que os docentes oriundos do Noroeste Paulista representavam a ampla maioria daqueles que trabalhavam nas escolas públicas estaduais de Francisco Morato.

A maioria absoluta dos professores na época que eu cheguei aqui era do interior. Eram das cidades de Novo Horizonte, Sales, Santa Fé do Sul, Jales. **(Prof. Adenilson Costa)**.

Na época nós não tínhamos tanto professores formados. Eram mais estudantes. E aqueles que vinham do interior, formados, eram os que conseguiam aulas. A gente era a maioria nas escolas. Praticamente só tinha professor do interior. **(Professora Sandra)**.

Na época nós éramos a ampla maioria. Nas escolas que eu trabalhei de cada dez professores nove eram de cidades do interior, isso desde quando eu cheguei aqui até por volta de 2004, 2005. **(Professora Idy)**.

Dessa forma, terminado o trabalho de análise das fichas de sondagem aplicadas durante os anos de 2012 e 2013 e realizados contatos preliminares com diversos professores migrantes, decidimos ratificar a organização dos grupos geracionais de possíveis entrevistados nos três períodos citados anteriormente: 1991-1997, 1998-2004, 2005-2010.

Essa configuração foi constituída por determinados dados contidos nas fichas de sondagem: idade, período da graduação e ingresso no magistério; como também por informações coletadas nos contatos empíricos que apontavam para anos específicos a chegada de grupos de professores ao município de Francisco Morato.

Também definimos que os entrevistados seriam oito docentes, quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Tal conjunto de entrevistados se justificava pela metodologia de pesquisa sobre as trajetórias de professores. A metodologia da História Oral seria a base e fonte principal da pesquisa. Não menos relevante foi a opção política de dar voz e visibilidade aos docentes.

Com a organização dos grupos o passo seguinte foi o de iniciar o contato com tais professores para apresentar o projeto de pesquisa – seus objetivos, hipóteses, referenciais teóricos e metodológicos, além da devolutiva dos depoimentos – e conseguir a adesão para participar da pesquisa concedendo a entrevista.

Necessário salientar que outro critério para organização dos grupos de possíveis entrevistados foi a proximidade e a afinidade construída por mais de uma década de trabalho docente nas escolas públicas estaduais do município de Francisco Morato.

Para que seja possível o pesquisador estabelecer nas entrevistas uma relação de pesquisa que não se constitua em uma forma de violência simbólica, e se aproxime do limite ideal, deve antes de tudo escolher as pessoas que mais se adéquam aos objetivos da investigação, ainda que sejam conhecidas, e fazer

com que esses entrevistados possam se tornar seus sujeitos principais. (BOURDIEU, 2003a).

A localização dos entrevistados foi realizada com a colaboração de uma de nossas entrevistadas (Prof^a Roseli). Esta professora não só contribuiu para a constituição do grupo de entrevistados, como, sobretudo para tecer as primeiras críticas e observações sobre o processo de pesquisa.

Os primeiros contatos com os professores e professoras que respondiam aos propósitos da pesquisa foram tecidos de várias maneiras: via telefone, e-mail ou pessoalmente; com o intuito de explicar de maneira sintética a intenção do projeto e agendar um encontro posterior para tecer observações mais aprofundadas e verificar a disponibilidade colaborativa do professor, visto que uma das regras fundamentais da constituição do *corpus* dos entrevistados era querer não apenas participar, mas, sobretudo se integrar às finalidades do estudo.

Os contatos que efetivamos se evidenciaram importantes para a constituição de uma rede de possíveis entrevistados, primeiro por meio de determinados professores e professoras que já compunham o quadro de entrevistados e, segundo, por outros que apenas e tão somente se prontificavam a auxiliar de maneira altruísta.

Necessário salientar a importância da presença de *capital social*⁹ existente nas relações sócio profissionais do pesquisador e dos professores e professores partícipes dessa rede relacional ou grupo, à medida que contribuíram não somente para intercambiar informações e relações, mas, especialmente, para ampliar tais vínculos.

O fato é que significativo caminho havia sido percorrido na constituição dos sujeitos da pesquisa, no entanto, possuíamos a convicção que o movimento heurístico se intensificaria, especialmente porque, para as entrevistas se

⁹Rede de relações que se constitui em um produto de esforços contínuos que visam à instauração e manutenção desses vínculos. (BOURDIEU, 2000b, 2001 e 2002d).

estabelecerem de maneira dialógica, a fim de construir os resultados de maneira associativa, entrevistador e entrevistado teriam que tecer um relacionamento de igualdade na diferença.

As entrevistas¹⁰ foram realizadas em diversos locais, uma vez que ficou a critério do entrevistado escolher o espaço que mais lhe conviria para prestar sua colaboração à pesquisa.

Realizamos entrevistas semiestruturadas porque tal técnica ao apresentar uma diretiva, não condiciona uma resposta exata, e permite ao entrevistado dissertar de acordo com sua concepção. No entanto, não se trata de deixar o entrevistado falar livremente sobre qualquer assunto, e sim explicar de acordo com suas vivências. (GIL, 1999; MAY, 2004; NOGUEIRA, 1969).

Foram realizadas 10 gravações em um total de oito entrevistas, em decorrência de paralisações ocorridas em dois depoimentos por situações não controláveis pelos partícipes da pesquisa.

Tais entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto de 2013 e fevereiro de 2014. Quatro entrevistas ocorreram no escritório do entrevistador, três ocorreram nas escolas que os entrevistados trabalhavam e uma entrevista ocorreu na casa do entrevistado. No total as entrevistas possuíram, média de 123 minutos de gravação, variando entre 60 minutos a 220 minutos.

Após a transcrição e leitura das entrevistas, entramos em contato com os entrevistados para encaminhamento do texto a fim de que os mesmos não apenas tivessem o contato com seus depoimentos, mas acima de tudo que confirmassem, contestassem ou ampliassem os escritos, e dessem ou não seus aceites para a continuidade da pesquisa.

¹⁰ No anexo dessa pesquisa apresentamos o roteiro utilizado para realização das entrevistas.

Os professores: retratos

Apresentamos a seguir determinadas características dos participantes. Essa apresentação é relevante pois indica o percurso investigativo. Os depoimentos analisados não são isolados como vozes soltas ao vento sem identificação, compreensão e contextualização, mas são compreendidos como existências por vezes obscurecidas pelas ideologias dominantes.

Os retratos¹¹ apresentam informações sobre os professores migrantes e aspectos da pesquisa no que se refere a recolha dos dados e informações – desde o contato prévio com os professores migrantes até a realização das entrevistas – para que o processo investigativo seja entendido a partir de suas singularidades e semelhanças.

¹¹Baseados na obra *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais* de Bernard Lahire (2004), em que o autor busca compreender a singularidade de indivíduos a partir da multiplicidade social.

QUADRO 3

NOME: *ENILDA MOREIRA PRATES*

CIDADE DE ORIGEM: *ARAÇATUBA*

IDADE: *52*

FORMAÇÃO: *MAGISTÉRIO E LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA E LICENCIATURA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA*

A Professora Enilda desempenhava “função designada” de diretora em uma escola pública estadual situada em um bairro periférico da cidade de Francisco Morato na época da entrevista. Ela estava com 52 anos de idade, dos quais 22 anos dedicados à atividade docente em escolas públicas estaduais. Embora exercesse a “função” de diretora de escola, a professora Enilda continuava com emprego precário, pois era “Ocupante de Função Atividade”.

Convivendo com a incerteza a cada ano letivo, se permaneceria ou não na mesma escola e, até mesmo se continuaria exercendo a docência ou funções de gestão. No período da entrevista, ela aguardava o resultado do concurso que havia participado para Professor de Educação Básica II, realizado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Nesses 22 anos vinculados à educação escolar, professora Enilda intercalou períodos em sala de aula e em atividades de gestão em escolas públicas estaduais: coordenação pedagógica, vice direção e direção; como também acumulou a docência em escolas públicas municipais de ensino da cidade de Francisco Morato e de São Paulo.

Oriunda de uma família composta por dez irmãos, seu pai sempre transitou pelas atividades agrícolas e atividades artesanais, enquanto sua mãe foi empregada doméstica nas casas das famílias abastadas da cidade de Araçatuba. Professora Enilda viveu em Araçatuba até os 30 anos de idade quando decidiu se deslocar para exercer a docência em escolas públicas estaduais no município de Francisco Morato.

Em sua cidade natal sempre trabalhou como empregada doméstica, o único espaço de trabalho disponível, com exceção das atividades agrícolas. Após o término da quarta-série, ficou seis anos sem estudar. Retornou aos estudos com 15 anos de idade. Mesmo após o término do Curso “Magistério” no ano de 1987, continuou trabalhando como empregada doméstica em virtude de o mercado de trabalho para a docência estar saturado na região.

No início do ano de 1991, após o término do curso de graduação em Pedagogia, incentivada pela sua irmã que já se encontrava lecionando na cidade de Franco da Rocha, professora Enilda decidiu pela empreitada migratória a fim de exercer a docência em escolas públicas estaduais no município de Francisco Morato.

Meu primeiro contato com professora Enilda foi no ano de 2000 em reuniões realizadas pela Diretoria de Ensino de Caieiras, destinadas a professores de História e Geografia. Posteriormente, encontrei-a novamente em outras reuniões: pedagógicas e sindicais; assim como em atribuições de aulas realizadas na Diretoria de Ensino de Caieiras.

No ano de 2003 ela trabalhou como Coordenadora Pedagógica na escola pública estadual que eu lecionava na cidade de Francisco Morato, permanecendo nessa escola até o ano de 2009. No mês de agosto do ano de 2013, por intermédio da Prof^a Roseli, realizei o primeiro contato com professora Enilda para lhe apresentar a pesquisa que estava desenvolvendo sobre professores migrantes.

Posteriormente, expliquei com maiores detalhes tal estudo, convidando-a para integrar o grupo de entrevistados. Aceitou participar relatando sua trajetória. A entrevista ocorreu em minha residência no domingo dia 24 de novembro de 2013, com início às 11h00min e término por volta das 15h00min, com duração de aproximadamente 240 minutos. O dia, o local e o horário foram definidos pela entrevistada.

Org: MORAIS, P.T. (2016).

QUADRO 4

NOME: *ADENILSON COSTA*

CIDADE DE ORIGEM: *SALES*

IDADE: *42 ANOS*

FORMAÇÃO: *MAGISTÉRIO E LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA*

Exercendo o trabalho de vice-diretor em uma escola pública estadual na periferia da cidade de Francisco Morato na época da entrevista, o professor Adenilson Costa estava com 42 anos e vivia com a sua companheira na área central dessa localidade.

Trabalhando em escolas públicas estaduais de São Paulo há 18 anos, o professor Adenilson permaneceu com contrato de trabalho precarizado (Ocupante de Função Atividade – OFA) de 1995 até 2006, quando obteve por meio de concurso público um contrato de trabalho “efetivo” na disciplina de Geografia. Exerceu a docência de 1995 até 2002, passando a executar funções de gestão (coordenação, vice direção e direção) nos anos seguintes.

Professor Adenilson é oriundo de família camponesa, da cidade de Sales, região Noroeste do estado de São Paulo, vivendo sua infância e parte da adolescência nesta localidade tipicamente rural e trabalhando em atividades agrícolas.

Com 14 anos, em 1985, teve sua primeira experiência como migrante quando teve que sair de casa ao ser expulso pelo seu pai. Ficou dois anos longe de sua família e de sua cidade de origem.

Após esse período, retornou para a cidade de Sales, em 1987, por intermédio de sua irmã que foi buscá-lo em São José do Rio Preto. Viúva, sua irmã pediu-lhe que lhe auxiliasse nas tarefas do sítio que vivia.

Em seu regresso, como já havia terminado o Ensino Fundamental, ingressou no Ensino Médio na modalidade Magistério, visto ser a única opção que havia no período noturno, ainda que ciente da não existência de espaço de absorção da mão de obra formada para o exercício da docência.

Permaneceu na localidade vivendo, estudando e trabalhando na propriedade agrícola de sua irmã até janeiro de 1995, quando incentivado por amigos que viviam e trabalhavam como professores em escolas públicas estaduais da cidade de Francisco, decidiu migrar e iniciar a docência.

Ainda que conhecesse o professor Adenilson desde o ano de 2001, em virtude ter trabalhado com ele em uma das escolas públicas estaduais da cidade de Francisco Morato e participado de várias reuniões no âmbito da Diretoria de Ensino de Caieiras, o contato inicial para explicar noções preliminares da pesquisa e pré-convidá-lo para a participação na pesquisa foi realizado no mês de maio de 2013 pela professora Roseli, pois ela trabalhava na escola que ele era vice-diretor.

Após tal contato prévio, nos encontramos na escola que ele trabalhava para detalhar os aspectos do trabalho e definirmos sua colaboração. O fechamento da data para a entrevista se processou depois de algumas conversas pessoais e telefônicas realizadas por mim e pela professora Roseli, visto que inicialmente pretendia efetivá-la no mês de junho.

Todavia, por questões de cunho pessoal do entrevistado, a entrevista foi agendada para o mês de agosto. O dia, o local e o horário foram definidos pelo entrevistado. A entrevista ocorreu em minha residência no sábado dia 17 de agosto de 2013, após as 13h00min, e teve a duração de aproximadamente 120 minutos.

Org: MORAIS, P.T. (2016).

QUADRO 5

NOME: *IVANILDA MARIA VIEIRA (IDY)*

CIDADE DE ORIGEM: *NOVO HORIZONTE*

IDADE: *44 ANOS*

FORMAÇÃO: *MAGISTÉRIO E LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA*

Com contrato de trabalho “efetivo” em escola pública estadual no ano de 2006 e exercendo a docência em escolas públicas estaduais no município de Francisco Morato há 17 anos, professora Ivanilda, mais conhecida como ldy, e como também prefere ser chamada, tinha 44 anos de idade na época da entrevista e vivia com sua irmã, professora afastada da docência por problemas de saúde, e com seu filho Mateus, 13 anos de idade – fruto de um casamento efêmero – em um bairro de Francisco Morato.

Com disposição à liderança, professora ldy sempre se destacou nos locais que exerceu a docência devido às ações que promoveu em prol da melhoria e desenvolvimento da escola e da comunidade. Considera que ser professor é participar ativamente das questões que permeiam o cotidiano escolar, seja direta ou indiretamente.

Nascida em Novo Horizonte, cidade localizada na região Noroeste do estado de São Paulo que possui aproximadamente 36 mil habitantes segundo o Censo 2010. A professora ldy viveu nesse lugar até os 24 anos de idade com seus pais quando resolveu pela empreitada migratória, ainda que em 1989, com 19 anos de idade e recém-formada no Magistério se deslocou para a capital paulista, bairro de Higienópolis, para exercer a docência em escolas públicas estaduais. Contudo, permaneceu apenas dois meses visto que foi demitida pelo governo estadual por ter participado de uma greve que teve a duração de 80 dias.

No período que permaneceu em sua cidade natal, sobretudo após a tentativa frustrada de migração, trabalhou na prefeitura de sua cidade natal em setor administrativo, decidindo nesse ínterim, cursar Licenciatura em Geografia na cidade de Catanduva, distante 45 km de Novo Horizonte. Após o término da graduação, resolveu novamente migrar pois a migração de professores

formados para o exercício da docência para Francisco Morato nos dizeres da professora Idy “sempre foi muito forte”. Ela afirma que: “as pessoas faziam a faculdade em Catanduva e iam para Francisco Morato”, sobretudo porque em sua cidade de origem o mercado de trabalho era limitado, pois era voltado especificamente para a agropecuária.

Incentivada por amigos e amigas desde a época da graduação resolveu se deslocar para a cidade de Francisco Morato, morando com nove professoras em uma república, no início de janeiro do ano de 1996 para exercer a docência em escolas públicas estaduais.

Em meados no ano de 2001 conheci professora Idy em uma reunião para professores de Ciências Humanas promovida pela Diretoria de Ensino de Caieiras. Daquele ano em diante participamos de várias reuniões pedagógicas e também de reuniões no sindicato dos professores em virtude de sermos representantes sindicais de escola.

No ano de 2006, professora Idy começou a lecionar Geografia na escola na qual eu trabalhava há alguns anos em um bairro periférico de Francisco Morato. Trabalhamos juntos durante cinco anos, até o final do ano de 2010, quando solicitei remoção para outra escola. O contato com a professora Idy a fim de apresentar e convidá-la para participar da pesquisa sobre trajetória de professores migrantes ocorreu inicialmente por meio da professora Enilda.

Posteriormente, conversei com professora Idy para explicar detalhes mais aprofundados da pesquisa a qual aceitou prontamente relatar sua trajetória. A entrevista ocorreu na sala de reuniões da escola que ela trabalhava, sob o aval da diretora de escola, no dia 27 de janeiro após o término do seu turno, e teve a duração de 74 minutos. O dia, o local e o horário foram definidos pela entrevistada.

Org: MORAIS, P.T. (2016).

QUADRO 6

NOME: *MARCOS CARDOSO FERNANDES*
CIDADE DE ORIGEM: *DOLCINÓPOLIS*
IDADE: *40 ANOS*
FORMAÇÃO: *LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA*

Professor Marcos, que estava com 40 anos de idade na época da entrevista, trabalha com contrato de trabalho temporário desde o ano de 1996 em escolas públicas estaduais lecionando a disciplina de História.

Exercendo a docência com contrato temporário de trabalho é liderança sindical há mais de uma década, sempre representando os docentes nas escolas em que trabalhou. Preparava-se no ano de 2013 para prestar o concurso para professor de Educação Básica II em escolas públicas estaduais de São Paulo a fim de ter um contrato de trabalho efetivo e ampliar a possibilidade de concretizar seu desejo de retorno à cidade natal.

Natural de Dolcinópolis, cidade com economia voltada para atividades agrícolas que possui aproximadamente 2000 habitantes segundo o Censo 2010, localizada na região Noroeste do estado de São Paulo, professor Marcos é oriundo de família camponesa e, até sua empreitada migratória, trabalhou com a cultura agrícola ou em pequenas fábricas artesanais de sua cidade natal.

Sua primeira experiência como migrante se processou no ano de 1992, ao término do Ensino Médio, quando permaneceu durante algumas semanas na casa de um tio na cidade de Santo André, Região Metropolitana de São Paulo, para tentar se inserir no espaço produtivo da capital paulista. Intento frustrado, retornou para Dolcinópolis com o firme propósito de ingressar em um curso de licenciatura para depois de formado retornar para a capital, à medida que tinha ciência da falta de professores em determinadas cidades da Grande São Paulo.

No ano de 1996, após o término do curso de Licenciatura em História, juntamente com seu tio, professor Marcos decidiu se deslocar de sua cidade de origem para a cidade de Americana, em virtude de possuírem um parente nessa cidade e

também ser esta uma referência para os professores formados para o exercício da docência que migravam da região Noroeste do estado de São Paulo, devido à intensa onda migratória ocorrida na década de 1980.

Todavia, constatando a saturação de docentes na cidade, decidiram migrar para a cidade de Várzea Paulista por indicação de amigos que já estavam estabelecidos em tal espaço que lhes informaram sobre a facilidade de conseguir se inserir na docência em escolas públicas estaduais da região advinda da escassez de professores formados para o exercício da docência.

A proximidade com professor Marcos se iniciou no ano de 2001 quando participamos de algumas reuniões sindicais e encontros realizados pela Diretoria de Ensino de Caieiras. Daquele ano em diante encontrei professor Marcos em diversas ocasiões. A partir do ano de 2005, quando lhe foram atribuídas aulas na escola que eu lecionava, até o ano de 2010, trabalhamos com a disciplina de História no Ensino Fundamental e Médio em tal local.

Após o recesso escolar, mês de julho, do ano de 2013 entrei em contato com professor Marcos, em virtude do mesmo possuir características de possível entrevistado, a fim de apresentar a pesquisa que eu estava desenvolvendo e convidá-lo para participação na mesma.

O aceite foi imediato e, decidimos assim, conversar posteriormente a fim de confirmar data, local e horário. No final do mês de setembro agendamos a entrevista para dia 18 de outubro, uma vez que haveria o feriado do dia 12 e do dia 15 e o mesmo iria se deslocar para sua cidade natal em visita a seus familiares. A entrevista teve em torno de 120 minutos e se procedeu em minha residência após as 14h00min. O dia, o local e o horário foram definidos pelo entrevistado.

Org: MORAIS, P.T. (2016).

QUADRO 7

NOME: *SANDRA REGINA TAVARES VIEIRA*

CIDADE DE ORIGEM: *PRUDÊNCIO E MORAES*

IDADE: *36*

FORMAÇÃO: *LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA*

A professora Sandra, licenciada em Ciências Biológicas e Matemática, contava com 36 anos na época da entrevista. Atuante em escolas públicas estaduais de São Paulo desde 1998 exercia a docência com contrato de trabalho temporário como Ocupante de Função Atividade (OFA). Lecionava essas duas disciplinas no Ensino Fundamental II e, ocasionalmente, Matemática no Ensino Médio.

Casada e mãe de duas meninas de 13 e 8 anos respectivamente. Sua primeira experiência na docência foi em sua cidade natal quando substituiu uma licença de 15 dias. Nos 15 anos de profissão, entretanto, professora Sandra considera seu início na docência ao ingressar nas escolas públicas estaduais da cidade de Francisco Morato.

Proveniente de família de trabalhadores rurais, professora Sandra viveu até os 21 anos de idade com seus pais, três irmãs e dois irmãos – época em que decidiu pela empreitada migratória – em Prudêncio e Moraes, distrito que possui aproximadamente 600 habitantes, pertencente à comarca de General Salgado, localizada na região Noroeste do estado de São Paulo.

Tal localidade possui sua economia voltada especificamente para a agricultura e pecuária, visto que a atividade industrial existente é a Usina Sucrialcooleira, dependente da cultura da cana. Seus pais sempre trabalharam em atividades agrícolas. Ainda que seus pais fossem trabalhadores rurais, professora Sandra exerceu atividades fora do âmbito agrícola. Em sua última atividade laboral na cidade de origem, trabalhou como Guarda Mirim em um Posto Telefônico do distrito de Prudêncio e Moraes.

Em janeiro de 1998 decidiu migrar para a Região Metropolitana de São Paulo incentivada por uma amiga que já estava estabelecida, a fim de realizar inscrição

para atribuição de aulas e, conseqüentemente, lecionar em escolas públicas estaduais da cidade de Francisco Morato.

Conheci a professora Sandra no ano de 2002 em uma escola situada em um bairro periférico da cidade de Francisco Morato. Trabalhamos juntos nessa escola até o ano de 2005. O contato inicial foi realizado pela professora Telma, irmã da professora Roseli, que trabalhava com ela na mesma escola. As conversações posteriores foram realizadas via telefone e pessoalmente para explicar noções preliminares da pesquisa e convidá-la para a participação na pesquisa. Esses procedimentos foram realizados entre os meses de maio, junho e início de setembro.

Por fim, professora Sandra decidiu que a entrevista poderia ser efetivada na escola que lecionava, e após o período matutino de aulas, visto que as condições de deslocamento e horário seriam mais viáveis, sobretudo porque o tempo semanal que a mesma possuía era restrito devido a compromissos familiares.

Dessa maneira, a entrevista, devidamente autorizada pela diretora da unidade escolar, se procedeu em uma sala destinada para reuniões pedagógicas no dia 02/09/2013, uma segunda-feira, após o término do período matutino de aulas, por volta das 13h00min, e teve a duração de um pouco mais de 60 minutos. O dia, o local e o horário foram definidos pela entrevistada.

Org: MORAIS, P.T. (2016).

QUADRO 8

NOME: *ELMO TEIXEIRA CALIAN*

CIDADE DE ORIGEM: *POPULINA*

IDADE: *39 ANOS*

FORMAÇÃO: *LICENCIATURA PLENA EM MATEMÁTICA*

Formado em Ciências e Matemática o professor Elmo trabalhou durante 10 anos em escolas públicas estaduais exercendo a docência e a coordenação pedagógica em escolas públicas estaduais no município de Francisco Morato.

Nesse período, foi aprovado em dois concursos nos anos de 2003 e 2007 para Professor de Educação Básica II, acumulando o cargo de Matemática até o ano de 2009.

No ano de 2012, desiludido da docência, especialmente no que se refere às condições precárias de trabalho e a remuneração salarial, decidiu prestar concurso para o cargo de Maquinista da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos em vista do salário e dos direitos trabalhistas serem superiores ao que recebia como professor. Aprovado em tal concurso, em julho do mesmo ano, exonerou e deixou de exercer a docência, apesar de ter intentado acumular com o cargo de professor.

Descendente de italianos e negros professor Elmo tem sua origem marcadamente no meio rural, visto que sua família, desde seus bisavôs, sempre trabalhou no campo, especialmente como meeiros na cultura do café. Viveu grande parte de sua infância e adolescência na cidade de Populina, também trabalhando no campo. Iniciou sua trajetória migratória anos antes de se deslocar para a cidade de Francisco Morato para exercer a profissão docente, quando em 1992, migrou para a cidade de Americana a fim de trabalhar no setor industrial.

Ficou nessa cidade durante seis anos trabalhando como eletricitista, pedreiro, serralheiro, tecelão, magazineiro e frentista. Em 1998 retornou para Populina e decidiu ingressar no curso de licenciatura em Ciências e Matemática. Incentivado por vários amigos que se encontravam exercendo a docência, tanto

na região de Americana quanto na região de Francisco Morato, e também por colegas da faculdade, professor Elmo decidiu migrar no final do ano de 2002 para realizar inscrição para atribuição e se fixou definitivamente no início de 2003 na cidade de Francisco Morato a fim de exercer a docência.

Conheci o professor Elmo no ano de 2007 quando trabalhamos juntos em uma unidade escolar de um bairro periférico da cidade de Francisco Morato. No ano seguinte ele pediu remoção para escola pública estadual de Araçatuba a fim de ficar mais perto de sua cidade natal e, posteriormente, retornar em definitivo. No entanto, alguns acontecimentos fizeram com que retornasse para a cidade de Francisco Morato e se desligasse da docência no ano de 2012.

O contato inicial para convidá-lo a participar da pesquisa foi por meio da professora Bel, sua sogra, que trabalhava com a professora Roseli. Ulteriormente entrei em contato via telefone e sem nenhuma objeção ou solicitação de explicações aprofundadas da pesquisa, aceitou prontamente colaborar como entrevistado, indicando o local e o horário. A entrevista aconteceu em sua residência no sábado dia 06/09/2013 após as 16h00min, acompanhada por sua esposa que também é professora, e teve a duração de aproximadamente 140 minutos. O dia, o local e o horário foram definidos pelo entrevistado.

Org: MORAIS, P.T. (2016).

QUADRO 9

NOME: *ROSELI SILVA DE MORAIS*

CIDADE DE ORIGEM: *PARANAPUÃ*

IDADE: *35 ANOS*

FORMAÇÃO: *MAGISTÉRIO E LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS*

A Professora Roseli estava com 35 anos de idade na época da entrevista. Diplomada no Curso de Magistério e formada em Ciências Biológicas exercia a docência em escolas públicas estaduais há sete anos com contrato de trabalho temporário. Havia sido aprovada em concurso público para Professor de Educação Básica II, realizado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e aguardava a ratificação de sua aprovação pelos órgãos oficiais.

Casada e mãe de uma filha, professora Roseli afirma que desde seu ingresso no Magistério objetivou se tornar professora para sair do interior. Iniciou em 2006 na docência como professora eventual¹² em uma escola pública estadual na periferia de Francisco Morato. Nesse período o mercado de trabalho para professores estava restrito, se comparado com anos anteriores, devido a dificuldade em obter posto de trabalho como professor temporário.

Professora Roseli é oriunda de uma família de camponeses da cidade de Paranapuã, situada na região Noroeste do estado de São Paulo, que possui por base econômica atividades agrícolas, sobretudo a cultura do tomate. Seu pai sempre trabalhou no plantio, cultivo e colheita de diversos produtos, como praticamente toda a população da cidade. Segundo o Censo de 2010, a cidade possuía 3815 habitantes. Nos 28 anos que viveu na cidade de Paranapuã, com “vida monótona do interior”, em que “todo mundo conhece todo mundo”, professora Roseli trabalhou em atividades agrícolas e no emprego de doméstica nas casas das famílias abastadas da cidade.

¹² Docente com contrato temporário de trabalho para substituir a ausência diária de professores. Recebem somente as aulas substituídas, não possuindo nenhum direito trabalhista.

Do primeiro período do Magistério até o final da década de 1990, a professora Roseli já possuía a intensa vontade de migrar devido informações repassadas pelos seus laços sociais. No entanto, optou por permanecer em sua cidade de origem para não deixar seu pai sozinho, pois sua mãe havia falecido há alguns anos e os dois irmãos e as cinco irmãs também haviam migrado e formado suas famílias. Após o término da graduação, no final de 2005, incentivada pela rede sociais e, especialmente por sua irmã que já se encontrava na cidade de Francisco Morato, decidiu realizar seu desejo e migrar para exercer a docência em escolas públicas estaduais.

Tive o primeiro contato com a professora Roseli no mês de abril do ano de 2007 na escola que eu lecionava na cidade de Francisco Morato. Retornava de uma licença para participar de um congresso internacional em Bruxelas, na Bélgica, e ela estava substituindo uma licença de 15 dias de um professor de Biologia do período noturno. No mesmo mês começamos a namorar e casamos no final de dezembro daquele ano.

Quando decidi pesquisar sobre os professores migrantes das cidades do Noroeste paulista, professora Roseli foi a principal incentivadora e colaboradora, sobretudo pelos contatos prévios com possíveis entrevistados. Também, sempre estive disposta a relatar sua trajetória, principalmente porque considerou essencial, não apenas mostrar, mas, compreender e explicar o fenômeno migratório desses professores, por meio de suas trajetórias pessoais e profissionais, que se deslocaram à cidade de Francisco Morato para exercerem a docência em escolas públicas estaduais.

A entrevista ocorreu em nossa residência na quarta-feira 11 de dezembro de 2013, com início por volta das 09h30min com duração de aproximadamente 110 minutos. O dia, o local e o horário foram definidos pela entrevistada.

Org: MORAIS, P.T. (2016).

QUADRO 10

NOME: *CARLOS EDUARDO FONSECA*
CIDADE DE ORIGEM: *JALES*
IDADE: *29*
FORMAÇÃO: *LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA*

Com 29 anos na época da entrevista, professor Carlos licenciou-se em História na Faculdade de Jales no ano de 2006. No exercício da docência em escolas públicas estaduais há sete anos, foi professor com contrato de trabalho temporário até o ano de 2011.

No ano de 2010 foi aprovado em concurso público. No ano de 2012 passou a exercer a docência em escolas públicas estaduais com contrato de trabalho efetivo. Sua formação em História é advinda da decisão de ingressar em um curso que lhe proporcionasse satisfação, pois sempre se interessou pela Área Ciências Humanas desde sua infância.

Decidiu ingressar em curso de formação para o exercício da docência, licenciatura em História, porém, seu desejo era direcionar seus estudos para pesquisa. Todavia, na região não havia instituição universitária com tal perfil, impedindo-o de realizar esse desejo, principalmente porque a cidade mais próxima com curso de bacharelado em História era Marília – distante aproximadamente 300 km –, e não possuía condições de se deslocar:

Professor Carlos é oriundo de uma família que transitou por atividades associadas às culturas agrícolas e atividades do setor eletroeletrônico, visto que seu pai se aposentou nesse último setor. Professor Carlos nasceu e viveu durante 22 anos na cidade de Jales, considerada microrregião do estado de São Paulo, que possui aproximadamente 47 mil habitantes e tem sua economia, apesar de dispor de algumas indústrias, baseada na agricultura e setor de serviços.

Apesar de seus pais terem trabalhando no campo, iniciou sua trajetória laboral em empresas de telecomunicações antes de se tornar professor. Professor

Carlos já conhecia a capital paulista e a cidade de Francisco Morato uma vez que regularmente vinha assistir a shows de bandas de rock e participar de alguns congressos na Universidade de São Paulo. Nessa época ficava na casa de um amigo que residia em Francisco Morato.

Decidiu migrar por incentivo de amigos que cursavam a faculdade e já gestavam a ideia do deslocamento, ainda que não fosse especificamente para a cidade de Francisco Morato ou região próxima. No final do ano de 2006 se deslocou para realizar inscrição na Diretoria de Ensino da Região de Caieiras e conhecer a república em que iria morar, se inserindo definitivamente em fevereiro de 2007 quando houve a atribuição de aulas para aquele ano letivo.

Em agosto do ano de 2011 conheci professor Carlos em uma reunião para professores de História na Diretoria de Ensino de Caieiras. No mês de setembro do ano de 2013 conversei com professor Carlos sobre a pesquisa que eu desenvolvia sobre professores migrantes, e que ele possuía as características para participação.

Ao aceitar ser entrevistado, eu e Professor Carlos agendamos a entrevista para depois da primeira quinzena do mês de outubro devido ao fechamento do bimestre e aos feriados existentes. A entrevista, que teve a duração de aproximadamente 80 minutos, ocorreu na sala de reuniões da escola que professor Carlos lecionava, com autorização da diretora da unidade, no dia 21 de outubro de 2013, após o período matutino de aulas. O dia, o local e o horário foram definidos pelo entrevistado.

Org: MORAIS, P.T. (2016).

Referenciais teóricos

Para análise e fundamentação teórica da pesquisa recorreremos ao conceito de *capital*¹³ social presente nas obras de Pierre Bourdieu, ao conceito de *retorno*¹⁴ de Abdelmalek Sayad e ao conceito de *redes sociais*¹⁵ vinculadas à migração de Alejandro Portes.

Entendemos que a construção conceitual de Pierre Bourdieu, especialmente o conceito de capital social, que se realizou por intermédio de aproximações entre autores considerados divergentes nas Ciências Sociais, e em estudos realizados na França e na Argélia, se constitui importante para compreendermos as trajetórias pessoais e profissionais dos entrevistados nessa pesquisa.

Consideramos que a construção teórico-conceitual presente em suas obras, ainda que produzida pelos estudos realizados a partir de casos específicos da Argélia e França, possui validade universal, aplicáveis em outras sociedades. O autor afirma que essa compreensão “[...] por falha minha, frequentemente escapa aos leitores e comentaristas, mesmo os mais bem-intencionados.” (BOURDIEU, 2003d, p.9).

As trajetórias dos indivíduos não se constroem ou se modificam somente pelas disposições e pelos bens econômicos ou culturais possuídos e que também são possíveis de adquirir, nem tampouco pelas posições ocupadas no espaço social, seja no passado ou no presente, mas, notadamente por fatos ocorrentes no cotidiano, sejam individuais ou coletivos que modificam suas práticas e reconvertem os capitais. (BOURDIEU, 2013).

¹³ “[...] são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado (de fato, a cada campo ou sub-campo corresponde uma espécie de capital particular, que ocorre, como poder e como coisa em jogo, neste campo).” (BOURDIEU, 2002b, p.134).”

¹⁴ O retorno é elemento constitutivo da empreitada migratória porque é intrínseco à emigração e migração implicando relações com o tempo (passado e presente), espaço (origem e destino) e grupo (anterior e atual). (SAYAD, 2000).

¹⁵ São conjuntos relacionais de auxílio mútuo, que ligam os migrantes a indivíduos que permanecem nos espaços de origem e também no espaço de destino, proporcionando auxílios diversos, principalmente àqueles que desejam se inserir no processo migratório. (PORTES, 1999).

O conceito de capital social, conforme Bourdieu (2000b, 2002d) se constituiu a partir da tentativa de explicar porque indivíduos que possuíam volumes equivalentes de capital cultural ou econômico se inseriam em espaços sociais desiguais e obtinham diferentes auxílios e vantagens em suas trajetórias.

Bourdieu (2000b, 2002d) observa que o capital social se constitui por uma quantidade de bens ou meios potenciais ou reais vinculados à uma rede relacional de conhecimento e reconhecimento de auxílio mútuo, ou seja, possibilidades disponíveis pelo pertencimento à um grupo.

Essa rede de relações denominada capital social, se configura em um produto de esforços contínuos que visam à instauração e manutenção desses vínculos. Esses empenhos são realizados de maneira consciente ou inconsciente por meio de estratégias individuais ou coletivas direcionadas a beneficiar seus integrantes em algum momento de suas trajetórias. (BOURDIEU, 2000b, 2002d).

As redes relacionais não se constituem a partir de eventos casuais ou determinados, que são estabelecidos conscientemente e de forma metódica a fim de torná-la institucionalizada, ao contrário, elas se instituem processualmente, ainda que possam se originar no cerne de uma instituição, por exemplo, na família. Os procedimentos efetivos no transcurso de institucionalização de tais redes são de suma importância para o fortalecimento de vínculos positivos e contínuos que proporcionarão acesso a proveitos materiais e simbólicos. (BOURDIEU, 2000b, 2002d).

Os escritos de Abdelmalek Sayad, especialmente conceito de *retorno*, se constituem em material essencial de estudo para a análise do fenômeno migratório, repleto de ilusões, sobretudo com relação às condições cotidianas dos indivíduos que deixam sua terra de natal em direção a um destino incerto, e que se manifesta, por vezes, sofrido e vergonhoso tanto em termos materiais como simbólicos.

Consideramos que os escritos de Abdelmalek Sayad, “*O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante*”, série de textos, publicado na Revista *Travessia* em número especial e os livros “*A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*” e “*La doble ausencia: de las ilusiones del emigrado a los padecimientos del inmigrado*” promovem entendimento singular com relação às condições de vida e trabalho desses indivíduos que deixam sua terra natal em direção a um destino incerto repleto de ilusões e, especificamente, para a pesquisa que ora desenvolvemos.

Nesses textos, todos eles frutos de seus trabalhos de campo em que o autor utilizava a entrevista como técnica principal, Sayad (1998) comenta que seus estudos, ao privilegiarem as entrevistas como técnica principal de coleta de dados, possibilitou analisar o fenômeno migratório a partir de uma perspectiva sócio histórica a fim de caracterizar os elementos bases – universais e específicos – do processo migratório, seja ele nacional ou internacional.

Dessa maneira, o autor se concentrou nas análises das categorias migração, trabalho e espaço físico e simbólico, a fim de compreender a interligação entre estas. Esta associação configurou o conceito de retorno, que se estabelece como principal objetivo do migrante ao se deslocar de sua terra natal.

Aborda o processo migratório desde os fundamentos motivadores que fazem os indivíduos optarem ou obrigarem-se pela empreitada da partida de sua terra natal até as múltiplas trajetórias – que influem em suas inserções no país de destino –, que são omitidas constantemente, especialmente pelos veículos oficiais – consciente ou inconscientemente – e por determinados estudos que analisam o fenômeno migratório.

A análise de Alejandro Portes no que concerne ao conceito de redes sociais¹⁶ vinculadas à migração se configura como primordial para a pesquisa sobre trajetória de professores migrantes, uma vez que estas são de suma

¹⁶Portes fundamenta-se no conceito de capital social especialmente pela análise de Pierre Bourdieu.

importância para a constituição associativa entre indivíduos ou grupos estabelecidos por vínculos profissionais, parentais, sociais, culturais e afetivos.

Ao examinar a definição do conceito de capital social desde sua origem com Émile Durkheim e Karl Marx, centrando o foco do debate nas análises de Pierre Bourdieu, James Coleman, Robert Putnam entre outros, Portes (2000) observa que apesar das diferenças existentes entre as abordagens, o consenso em torno do conceito se faz pelo reconhecimento que o capital social é a capacidade dos indivíduos em obter vantagens e lucros de cunho diversos em decorrência do vínculo a conjuntos sociais específicos.

Bourdieu, Coleman e Putnam consideram que a construção de uma rede relacional se produz pela existência do capital social, e que tais redes possibilitam a seus integrantes atingir determinados objetivos. (PORTES, 2000; HIGGINS, 2005).

Todavia, enquanto que na definição de Bourdieu o capital social é responsável pelo surgimento e manutenção das relações por intermédio de ações de reciprocidade, Coleman e Putnam estabelecem o conceito de capital social como recursos disponíveis e não como conjunto de poderes que permitem movimentá-los e alcançá-los. (PORTES, 2000; HIGGINS, 2005).

Também consideramos observar que o indivíduo é central nas análises de Bourdieu e Coleman, enquanto em Putnam seu foco de análise é na coletividade. Porém, mesmo que o indivíduo seja central em Bourdieu e Coleman, suas definições são diversas. Ao passo que no primeiro as redes relacionais são constituídas pelo capital social que disponibilizam recursos a seus integrantes de acordo com suas necessidades e objetivos, no segundo a ação racional do indivíduo – foco utilitarista em obrigações e expectativas – é que produz e reproduz o capital social, não se constituindo como primordial a pertença a um grupo. (PORTES, 2000; HIGGINS, 2005).

Dessa maneira, consideramos que a análise do conceito de capital social pela abordagem de Pierre Bourdieu é a que “apresenta maior refinamento teórico

entre aquelas que introduziram o termo no discurso sociológico contemporâneo” (PORTES, 2000, p. 135), e que, sobretudo, permite o entendimento das trajetórias pessoais e profissionais dos professores migrantes.

Segundo Portes (1999) as redes sociais ou redes de migração se constituem por meio de relações e associações entre indivíduos e grupos conectados por vínculos de camaradagem, familiares, de afeto, profissionais, culturais, etc., que incentivam, apoiam e auxiliam na inserção e permanência dos migrantes nos espaços de destino.

Tais redes são diversas e diversificadas em sua estrutura, seja pelo número de indivíduos que as compõem ou pela quantidade de recursos reais ou potenciais presentes no conjunto, facilitando a inserção nos espaços de destino e minimizando os dilemas presentes no movimento migratório.

Dessa forma, constatamos que a análise de redes sociais de migração realizada por Alejandro Portes possui fundamentação na obra de Pierre Bourdieu, sobretudo quando comenta que:

As redes sociais não são um dado natural, tendo de ser construídas através de estratégias de investimento orientadas para a institucionalização das relações de grupo, utilizáveis como fonte digna de confiança para aceder a outros benefícios. A definição de Bourdieu torna claro que o capital social é decomponível em dois elementos: em primeiro lugar, a própria relação social que permite aos indivíduos reclamar o acesso a recursos na posse de membros do grupo e, em segundo lugar, a quantidade e a qualidade desses recursos. (PORTES, 2000, p. 135).

Tal perspectiva nos auxiliará na compreensão das trajetórias pessoais e profissionais dos professores migrantes, à medida que possui suas análises nas relações sociais que se estabelecem no processo migratório, desde as primeiras

informações, convite à inserção e permanência no espaço de destino. (Portes, 2000, 2004, 2007, 2009; Portes & Borocz, 1989; Portes & Sensenbrenner, 1993).

Entendemos que os deslocamentos migratórios, por se constituírem múltiplos e diversos tanto em sua estrutura quanto em sua conjuntura, devem ter nos depoimentos orais dos seus sujeitos seu pressuposto central, associado aos contextos vividos, a fim de que permitam conhecer, compreender e associar as trajetórias desses indivíduos e o movimento histórico que as permeou.

Dessa maneira, a fim de apresentarmos a pesquisa para apreciação da banca examinadora, organizamos a tese em questão de acordo com o que segue:

No capítulo 1, denominado *Professores: trajetórias pessoais e educacionais*, apresentamos por meio dos depoimentos dos professores migrantes, aspectos de suas trajetórias vinculados à origem social e a escolaridade a fim de conhecermos, a partir de seus cotidianos em suas cidades natais, suas condições materiais de existência¹⁷ para, conseqüentemente, compreendermos os elementos incentivadores da empreitada migratória.

Também, a formação, composição e desenvolvimento do Noroeste Paulista são evidenciados nesse capítulo, para que seja possível não apenas associar, mas compreender como o binômio estrutura-conjuntura foi promotor do deslocamento de centenas de professores formados para o exercício da docência para o município de Francisco Morato.

Entre o gravado e o grafado: o destino do migrante enquanto espaço dicotômico se constitui como temática do capítulo 2. Neste apresentamos as percepções primárias dos professores migrantes com relação a localidade de destino a fim de compreendermos os dilemas e as contradições presentes em suas trajetórias no momento que iniciaram seus vínculos com Francisco Morato.

¹⁷ Marx (1985) observa que para compreender as sociedades e suas instituições é necessário ter os indivíduos como centrais, ou seja, suas ações e suas condições materiais de existência, tanto as já existentes como aquelas produzidas em seus cotidianos.

A exposição do município de Francisco Morato através de dados oficiais será realizada para que seja possível conhecer aspectos de sua realidade social, mas, sobretudo, a fim de que fiquem inteligíveis os depoimentos dos professores migrantes.

O capítulo 3, denominado *Professores: trajetórias de inserção social e profissional*, denotarão o capital social, enquanto rede social de migração, como influenciador e promotor do ser e estar migrante na trajetória dos professores a partir de suas inserções e instalações no local de destino. Outrossim, os depoimentos de nossos entrevistados apresentarão o movimento que permeou seus ingressos nas escolas públicas estaduais do município de Francisco Morato, concretizando o objetivo da empreitada migratória: exercício da docência.

Intitulado *Professores: o retorno como desejo e perspectiva*, o último capítulo demonstra através dos depoimentos dos professores migrantes que o desejo e a perspectiva de retorno às terras natais estão presentes na maioria das trajetórias estudadas. Enquanto a primeira é algo intrínseco ao deslocamento, a segunda é produzida por intermédio da estruturação da migração. Também, os vínculos relacionais são definidos como essenciais não apenas para permanência do migrante no espaço de destino, mas, sobretudo para manter vivo em suas memórias o contexto de suas origens, ainda que nostálgico.

Capítulo 1 – Professores: trajetórias pessoais e educacionais

Trazer a voz do outro por meio do processo escrito é uma tarefa que se constitui dual e contraditória, visto que é gratificante sermos testemunhas e escreventes de indivíduos alijados da história oficial, sem acesso ao discurso legitimado, situados conforme Bourdieu (2003a), em uma “miséria de posição”.

Por outro lado, tal procedimento pode se configurar sem efeito e, acima de tudo, manipulador se o discurso do outro e o outro forem substituídos por um “*kagemusha*¹⁸ do pesquisador” (Caldas, 1999, p. 82), atribuindo-lhes papéis de coadjuvantes, quando na realidade são protagonistas.

Objetivamos a partir desse capítulo, apresentar as trajetórias de professores e professoras migrantes por intermédio de uma variante da História Oral que a partir de tema específico, utiliza a técnica de entrevista e constrói depoimentos orais (CALDAS, 1999), a fim de evidenciar as experiências cotidianas dos indivíduos: profissional, familiar ou social.

Assim, trazemos as trajetórias dos professores migrantes por intermédio de seus depoimentos orais a partir da associação com seus contextos para possibilitar a compreensão de seus percursos de maneira plena.

Bourdieu (1998b) observa que as trajetórias dos indivíduos se estabelecem pelo movimento de ir e vir no espaço social e na vivência cotidiana, ou seja, pelas diferentes posições ocupadas na estrutura social e não de maneira mecânica sem explicar os movimentos que as permeiam.

¹⁸ O termo *kagemusha* tem sua gênese na guerra civil que assolou o Japão no século XVI. Takeda Shingen (Takeda Harunobu ou Takeda Katsuchyo), um dos líderes dos clãs que lutavam contra o poder imperial situado na capital Kyoto, foi substituído por um sócia para que seu exército não se desestabilizasse, como também seus inimigos continuassem receosos de sua liderança caso fosse ferido ou viesse falecer em batalha. Somente seus assessores particulares possuíam ciência de tal procedimento. (YAMASHIRO, 1989). Assim, esse termo se refere àquele que se transforma no e pelo outro.

1.1. Região Noroeste: características históricas e geográficas

O Noroeste Paulista¹⁹ que é formado, a partir de informações oficiais divulgadas no Portal do Governo Estadual de São Paulo, pela Região de Governo de Lins, Região Administrativa de São José do Rio Preto e Região Administrativa de Araçatuba, que juntas reúnem cento e quarenta e nove municípios²⁰, possui sua história vinculada às transformações ocorridas entre o final do século XIX e início do século XX advindas da produção cafeeira²¹ e consequentes migrações.

Abaixo apresentamos os municípios pertencentes ao Noroeste Paulista que se constituíram a partir do processo de povoamento da região que descrevemos acima e, que se constituem espaços natais dos professores migrantes, para que possamos não apenas visualizar a correlação espaço-tempo de suas fundações, mas tecer contato preliminar por meio de dados oficiais com tais localidades a fim de compreender as observações contidas nos depoimentos dos participantes da pesquisa.

Quadro 11

Locais de origem dos professores migrantes – Noroeste Paulista

Municípios	Data de Fundação	Pop. Total/Censo 2010
Araçatuba	1917	181.579
Dolcinópolis	1958	2.096
General Salgado	1937	10.669
Jales	1944	47.012

¹⁹ O termo Noroeste Paulista, utilizado por Euclides da Cunha em sua obra “Contrastes e Confrontos” de 1923, atualmente se refere comumente ao espaço geográfico – físico e político – construído pelo processo de formação histórica iniciada no final do século XIX.

²⁰ Utilizamos o conceito de município e não de cidade uma vez que o primeiro abrange o espaço urbano e rural, enquanto que o segundo abrange apenas o espaço urbano.

²¹ As obras de “ALMEIDA, Antonio Tavares de. Oeste Paulista – uma experiência etnográfica e cultural. Rio de Janeiro: Ed. Alba, 1943”, “MONBEIG, Pierre. Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo. São Paulo: Ed. Hucitec/Polis, 1984” e “MATOS, Odilon Nogueira da. Café e Ferrovias – a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. Campinas: Ed. Pontes, 1990” se constituem referência para a compreensão dos aspectos em questão.

Novo Horizonte	1906	36.593
Paranapuã	1958	3.815
Populina	1952	4.223
Sales	1940	5.451

Org: **MORAIS, P.T. (2016).**

Os deslocamentos migratórios iniciados no final do século XIX para o Noroeste Paulista forneceram a mão de obra necessária para as lavouras de café existentes nos extensos latifúndios implantados no período referido. Monbeig (1984) comenta que a maioria desses indivíduos se inseriu como colonos em tais propriedades, vivendo de maneira precária. As poucas economias derivadas desse sistema não possibilitavam grandes expectativas de melhoria em suas condições materiais de existência.

O Professor Elmo, um de nossos entrevistados, ao observar aspectos de sua trajetória familiar no que concerne às suas origens, nos apresenta descrição singular do período comentado acima:

Eu sou neto de imigrantes italianos. Meus bisavôs e seus familiares vieram da Itália no começo do século XX. Vieram para o Brasil para trabalharem na lavoura do café. Tem também meu avô que era da Bahia. Descendente de negros, como grande parte da população brasileira. Também veio para o interior de São Paulo para tentar a sorte. Trabalhar no campo. Eu fui criado na zona rural. Morei minha infância e parte da juventude no sítio. Meus pais trabalhavam com café. Eram meeiros. **(Profº Elmo).**

Percebemos no depoimento do Professor Elmo que sua trajetória se associa com a época em questão, em que milhares de indivíduos oriundos de múltiplos espaços geográficos se fixaram na região como colonos, meeiros e arrendatários. No Brasil essa prática se efetivou como modo de produção no final

da década de 1850 com os primeiros migrantes na produção cafeeira. À época foi denominada sistema de parceria.

Em termos geográficos o Noroeste Paulista se configurou como propício para as necessidades de novas terras para as lavouras de café, à medida que as técnicas de plantio rudimentares empobreciam e desgastavam por completo o solo utilizado nas regiões de terra roxa.

Ainda que o solo do Noroeste Paulista fosse formado por arenitos não tão férteis como a terra roxa o relevo facilitou a inserção de variadas culturas agrícolas e criação de animais de corte, uma vez que, como observa Almeida (1943), tal espaço era minimamente acidentado, ausente de belezas e surpresas que outras paisagens reservam, enfatiando aqueles que transitam em seu entorno.

As descrições que nossos entrevistados realizam sobre suas localidades de origem situadas no Noroeste Paulista corroboram a observação do autor sobre as características da região e nos possibilita compreender que o relevo também favoreceu a criação dos municípios e, conseqüente planejamento, a partir e em prol das atividades econômicas a fim de escoar a produção de maneira fácil e rápida, primeiro por meio das ferrovias e, posteriormente pelas rodovias que os atravessam.

No interior todas as cidades são organizadas, planejadas. As ruas são todas certinhas. Todas as casas têm número. As cidades são planas. **(Profª Enilda).**

Na minha região não tem morro. É tudo plano. A cidade é pequena, minúscula, toda asfaltada, as ruas, os quarteirões são todos esquadrejados. Em perfeita sincronia. É quase como uma tabela geométrica. As paisagens se perdem no horizonte. Lá não tem morro! **(Profº Adenilson).**

Em Novo Horizonte é tudo plano. Lá as ruas foram planejadas. São definidas como tivessem construídos com uma régua. Você tem noção do espaço e consegue enxergar o todo. **(Profª Idy)**.

Eu morava em uma cidade toda organizada. Uma cidade que não tem subidas e descidas. Não tem morros. Quando eu vim foi difícil me acostumar... Por quê? Dolcinópolis é uma cidade que você pode andar de bicicleta tranquilamente, porque não tem subidas e descidas. É uma cidade organizada. **(Profº Marcos)**.

Onde eu morava era plano. Prudêncio é bem organizado. Eu acho que é mais fácil por ser pequeno e tudo plano. Para a roça isso facilitou bastante. **(Profª Sandra)**.

Quem conhece o interior sabe que lá é tudo plano. É uma região plana. As cidades são organizadas. Todas limpas. Sabe como são as cidadezinhas. Principalmente as pequenas cidades. Você já visitou e sabe como é. Tudo limpinho. As ruas são varridas quase diariamente. A cidade bonitinha. Planejada. **(Profº Elmo)**.

Se você vai a Jales percebe que não tem morro. Você anda de bicicleta e atravessa a cidade toda sem descer dela. Você tem organização dos espaços. **(Profº Carlos)**.

Os professores migrantes ao caracterizarem suas cidades natais denotam suas qualidades, desde a configuração do relevo até a organização sócio espacial. Tais explanações carregam um misto de nostalgia e apreço à origem, sobretudo quando comparada à localidade de destino que se constituiu não apenas diferente, mas o anverso.

A construção das ferrovias, no caso específico do Noroeste Paulista, a Estrada de Ferro Araraquarense, se constitui como elemento propulsor das mudanças estruturais e conjunturais da região, promovendo a ocupação definitiva de tais espaços, pelos deslocamentos migratórios internos e externos, denominados por Monbeig (1984) “franjas pioneiras”, colocando o interior do estado de São Paulo em destaque, sobretudo a partir de 1920, primeiro com a

cultura do café e criação de gado nas grandes propriedades e, posteriormente por meio das culturas de feijão, milho, arroz, algodão, batata, tomate entre outras, nas pequenas propriedades que tinha sua exploração “assegurada pela mão de obra familiar”. (MONBEIG, 1984, p. 224).

Assim, o Noroeste Paulista se caracterizou em sua gênese como um espaço ocupado por latifundiários, pequenos proprietários e colonos. Se por um lado a grande propriedade se estabelece com a cultura cafeeira e a pecuária desenvolvendo e proporcionando riquezas consideráveis para a elite local, por outro, com a pequena propriedade, quando muito, conseguia-se condições mínimas de sobrevivência. (MONBEIG, 1984).

Os depoimentos dos professores migrantes expressam que seus municípios de origem se estruturaram, sobretudo, pelas atividades agrícolas monocultora nos latifúndios, pecuária de corte e pela policultura nos minifúndios.

Estes apontam que tais atividades não apenas agregavam grande parte da mão de obra existente na região, mas que, sobretudo os latifundiários e os pecuaristas desenvolviam e perpetuavam seu poder econômico, político e simbólico através da exploração da maioria da população.

Professora Enilda relata que em sua cidade natal a população pobre tinha que se submeter aos ditames da elite local para obter o mínimo de sobrevivência. Sua família sempre exerceu atividades no campo, nas Usinas ou nas casas das famílias abastadas. Inclusive, ao relatar que a remuneração que recebia pela função doméstica era inferior ao salário mínimo denota a exploração a que estavam submetidos.

O meu pai trabalhou na roça e na Usina. A minha mãe sempre trabalhou de empregada doméstica. Trabalhava sempre em casa de indivíduos que tinham uma classe muito alta. Lá em Araçatuba tem muito fazendeiro e donos de Usina. O município é grande. Hoje tem quase duzentos mil habitantes. Lá em Araçatuba o forte é a criação de gado e plantação de cana.

Também tem as roças de milho, feijão. Mas o gado e a cana são os principais. No final de 1980 eu fui trabalhar de doméstica na casa de uma família muito rica. Eles eram pecuaristas... Riquíssimos... São muito conhecidos em Araçatuba. Na época eu ganhava menos que um salário mínimo. Hoje sim paga-se mais que um salário para a empregada doméstica. Na época não. **(Profª Enilda).**

Ao comentar sobre o espaço produtivo existente na cidade de origem, Professor Adenilson evidencia que este era voltado especificamente para as culturas agrícolas e que o pequeno proprietário era responsável pelo plantio, cultivo e colheita, sobretudo porque a produção era voltada prioritariamente para a subsistência.

Eu trabalhava na roça. A minha irmã tinha um sítio pequeno de dez alqueires de terra. E com esse sítio a gente plantava arroz, feijão, milho... Tinha também um pouco de café. E a gente trabalhava nessas atividades. Tinha algodão em algumas épocas. A gente trabalhava. Plantava, colhia... **(Profº Adenilson).**

Dependente da cultura agrícola, Professora Idy explica que se trabalhava no campo ou no setor público em sua cidade natal. Denota que a produção agrícola é que mantinha a estrutura político-administrativa, caso contrário a localidade não sobreviveria.

Novo Horizonte é uma cidade que depende muito da agricultura. Os maiores empregadores são as lavouras e a prefeitura. O meu trabalho em Novo Horizonte foi na prefeitura. A prefeitura sobrevive graças a produção rural. Tem pecuária, só que não é muito forte. As lavouras são voltadas para o café, as seringueiras e a laranja. **(Profª Idy).**

Professor Marcos revela que a ampla maioria da população de sua cidade de origem exercia a atividade no campo. Trabalhava-se na colheita do algodão,

café, milho, brachiaria, cana, etc. Ele trabalhou como boia-fria em várias culturas. Comenta que muitas vezes executavam atividades em Usinas no estado de Minas Gerais. Não havia contrato formal de trabalho. Trabalhavam por empreita, ou seja, execução e recebimento por tarefas diárias.

Menciona que a prefeitura também empregava parte da mão de obra da localidade. O trabalho na prefeitura gerava contrato formal e o salário mínimo. Observa que teve oportunidade de trabalhar na prefeitura se estabelecer em sua cidade natal. Todavia, esclarece que sua disposição espontânea não permitiu a vinculação à um espaço em que a fidelidade e as obrigações não era com o público e sim com o privado.

A grande maioria da população, na época que eu morava em Dolcinópolis, trabalhava na roça. E você sabe que o trabalho na roça não é vida fácil. Trabalhava por dia. Não tinha a questão do mês. Você não trabalhava por mês. Era por dia. Era por empreita. E, às vezes, se chovia você perdia aquele dia. Dependendo da situação não dava para ir trabalhar. Então... Era uma vida difícil. Muitas vezes a pessoa que arrumava um serviço na prefeitura acabava tendo a comodidade de um serviço mais leve, diferente do serviço na roça. Eu trabalhava de boia-fria na roça, onde você saía de casa cinco e pouquinho da manhã e trabalhava o dia inteiro na roça. Trabalhava no café, no algodão ou na laranja. Nessa época, principalmente, o algodão de fevereiro, março, abril. O café em abril, maio e junho. Depois começa a surgir a brachiaria, o milho. Então... São várias épocas do ano que você tem as plantações para trabalhar. E tinha a cana de açúcar. Na época não era mecanizada. As pessoas, após a queimada da cana, cortavam a cana para moer na Usina. Eles chegavam cheio de fuligem no corpo. Saía de madrugada de casa e chegavam seis ou sete horas da noite. Eu lembro das pessoas que iam para Minas Gerais trabalhar nos canaviais. Tinha uma Usina em Minas onde eles iam trabalhar. Era um vínculo de trabalho direto. Direto porque sempre tinha serviço para carpir, cortar, enfim... Mas a maioria dos serviços próximos da região... Lá em Dolcinópolis, Paranapuã, Turmalina,

Populina, Santa Albertina... Na região, a maioria dos serviços eram de agricultura de época. O algodão tinha época da planta, da ralhção, da capinagem, da colheita... Depois vem a ser o café, o tomate, pepino, pimentão, algodão, milho... Você trabalhava mais específico em determinados lugares. Referente a determinadas culturas agrícolas. Mas... Não havia um vínculo... Era por dia ou por empreita. Não havia a carteira assinada. Não havia um vínculo empregatício. A prefeitura era uma empregadora da cidade. A prefeitura e as lavouras. A prefeitura pagava o salário mínimo. Mesmo assim agregava muitos trabalhadores da cidade. Até porque tinha estabilidade. Eu tive oportunidade de ficar por lá e me estabelecer na prefeitura. Só que não fiquei... E você sabe que lá... A não ser que você for... Bem... Como eu poderia falar... Um termo meio chulo... Mas... Você sempre fazer... Ficar do lado de prefeitos. É uma tendência que eu não tenho. Os conchavos. É uma tendência que eu não tenho. As questões do coronelismo... É uma tendência que eu não tenho. Eu sempre fui uma pessoa que se tiver que falar alguma coisa... Eu vou falar. Eu vou comentar alguma coisa... Por mais que não... Às vezes vai doer para uma pessoa ou outra. Então... Eu sabia que eu não ia ficar lá engolindo sapo. Por isso eu não aceitei alguns convites para trabalhar na prefeitura. Além do salário que era mínimo... **(Profº Marcos)**.

Ainda que não tenha trabalhado nas atividades agrícolas porque seu pai jamais permitiu, Professora Sandra esclarece que o campo é que dava a tônica produtiva em sua cidade natal. Comenta que trabalhou especificamente para a prefeitura de sua cidade natal. Sua atividade era em um posto telefônico. O salário que recebia era inferior ao mínimo oficial. Relata que com o valor recebido pela rescisão do contrato de trabalho foi possível comprar apenas a passagem de ônibus – somente de ida – para São Paulo.

Lá na minha cidade era basicamente roça que tinha para trabalhar. Meu pai nunca deixou as meninas trabalhar na roça. Eu trabalhei num Posto Telefônico. Na verdade eu trabalhava

para a prefeitura. Eu era Guarda Mirim. Porque o distrito é pequeno. Então, tinha um Posto Telefônico... Que tinha um único telefone. Que, por exemplo, você ligava lá e pedia para chamar uma pessoa. Então, a telefonista atendia e eu ia dar o recado. Então, eu que chamava as pessoas para irem atender ao telefone. Eu trabalhava... Eu entrava das seis às duas da tarde. Todos os dias das seis as duas. E aos sábados, por causa da faculdade, eu entrava das duas às dez da noite. E depois de uns dois anos, o horário passou a ser das duas às oito da noite... Porque devido ser sábado... E, aí, quando fechava o Posto Telefônico ficava na casa de outra pessoa. A outra pessoa que atendia aos telefones durante a noite... Por exemplo, se acontecia alguma coisa... A pessoa ia à casa do outro para chamar. Eu ganhava menos que um salário mínimo. Eu ganhava oitenta reais em noventa e sete. Quando eu fui fazer acerto eu recebi cento e sessenta reais. Tirei o dinheiro da minha passagem... O que me restou? Pouquíssimo. **(Profª Sandra)**.

Professor Elmo explica que a expropriação do camponês gerou deslocamento destes para outras localidades a fim de se inserirem com empregados nos latifúndios. Observa que trabalhou nas atividades agrícolas desde os 9 anos de idade como boia fria.

E com a queda da produção de café e, praticamente, extinção das lavouras de café nas grandes cidades ali na região do Noroeste Paulista, meus pais e meus tios foram obrigados a ir para pequenas cidades da região e trabalhar para os outros na roça. Em vários tipos de plantação. E eu trabalhei na roça a partir dos nove anos. Eu trabalhava como boia-fria. **(Profº Elmo)**.

Ao relatar sobre suas atividades na cidade natal, Professora Roseli esclarece que, juntamente com seu pai e seus irmãos, trabalhou na roça quando seu pai possuía terras arrendadas. Posteriormente, trabalhou na função doméstica em duas casas da elite local. O salário que recebia nas duas casas não perfazia o salário mínimo. Comenta que tal remuneração não permitia visualizar melhores condições materiais de existência.

Trabalhei na roça quando o pai tinha terras arrendadas. Quando ele foi trabalhar de empregado nas roças só os meus irmãos acompanharam. Eu comecei a trabalhar como doméstica desde cedo. Trabalhava em duas casas. Trabalhava três vezes por semana em cada uma. Eu ganhava quase um salário mínimo juntando as duas casas. Não dava um salário mínimo porque tinham os descontos. Nunca deu para fazer muita coisa. No ano de dois mil e três eu recebia uns R\$ 120,00 trabalhando em duas casas. **(Profª Roseli)**.

Professor Carlos observa que seus familiares trabalharam nas atividades agrícolas durante muitos anos. Comenta que no passado, sua cidade de origem foi dependente da agricultura. Mesmo que atualmente tal setor não seja influente, sua presença ainda é expressiva. Esclarece que apesar de não ter trabalhado no campo, acompanhou durante alguns anos seus pais em suas atividades diárias. Todavia, explica que sua não vinculação com o campo é derivada de seu pouco contato.

Ainda que Jales já não tenha a cultura agrícola como principal como era no passado, a presença do campo em Jales ainda é marcante. Minha família trabalhou toda no campo. Durante muito tempo trabalharam no campo. Meus pais, meus avós, meus tios. Eu tenha crescido indo com minha mãe para roça... Com meu pai... Então... Você guarda alguns aspectos da vida no campo... Eu me lembro das lavouras de milho, café, feijão, tomate. Mas... Eu nunca fiquei preso ao campo porque eu não tinha nada de familiar com o campo. Eu não trabalhei na roça. Eu acompanhava meus pais. **(Profº Carlos)**.

Dessa maneira, constatamos por meio de tais depoimentos que não havia perspectivas de melhora em suas condições materiais de existência à medida que trabalhavam nas culturas agrícolas – na maioria das vezes como empregadas nas atividades monocultoras –, em pequenas propriedades familiares, nas prefeituras, no comércio ou nas casas da elite local, nessa última,

trabalhavam especificamente as mulheres, recebendo no máximo um salário mínimo.

Esses indivíduos que possuíam nas culturas agrícolas variadas – policulturas alimentares – principal meio de sobrevivência de suas famílias, além das limitações existentes em termos de técnicas e equipamentos, sobretudo pela falta de incentivos governamentais, geradora de incipiente produtividade, não supriam em muitas ocasiões as necessidades básicas de subsistência de suas famílias. (SILVA 1982, 1999; VEIGA, 2000; SANTOS & SILVEIRA, 2008b).

Também, de acordo com Monbeig (1984) os pequenos proprietários, na esperança de obterem boas safras, geralmente contraem empréstimos com as instituições financeiras e, dificilmente saem dessa situação devido às altas taxas e as instabilidades da produção e, ao não conseguirem saldar tais dívidas, são expropriados de suas terras necessitando se submeter ao arrendamento às culturas agrícolas intensivas ou entregar suas terras para saldar tais débitos.

Assim, fica evidenciado que os pequenos produtores foram e são expropriados do único bem que possuem e que são essenciais as suas sobrevivências em sentido lato e, conseqüentemente de seus agregados, submetendo-os aos ditames do capital financeiro e especulativo que proletariza, explora e oprime centenas de trabalhadores rurais.

Os depoimentos dos entrevistados que seguem abaixo nos apresentam as marcas indeléveis produzidas por essa usurpação que se constituirá como um dos elementos incentivadores do deslocamento migratório:

Professor Adenilson denota os problemas advindos da mecanização agrícola em sua cidade natal. Observa que as pequenas propriedades foram sendo extintas gradativamente devido ao apoio excessivo às grandes propriedades monocultoras. Comenta que a instalação das Usinas Sucroalcooleiras na região de origem foi responsável pela destruição de várias colônias centenárias. Esclarece que essa situação configurou quadro propício

para o deslocamento migratório, sobretudo dos jovens que buscavam novas alternativas para alterarem suas condições materiais de existência.

A cidade de onde eu venho é pequena. Difícil de você largar seu canto, o seu reduto. Só que a pequena propriedade foi entrando em crise e a gente como sempre trabalhou na roça, na lavoura... Na hora de você plantar, o preço da semente era absurdo, o adubo... E na hora da colheita você sabe que... Mas assim... Na hora de você plantar... Paulo, o preço das sementes, dos produtos, herbicidas, inseticidas, é muito caro... Quando você colhe, o preço dos produtos vai lá embaixo. Quem ganha dinheiro com isso são os atravessadores. Só que quando o pequeno produtor colhe, ele não tem condições de esperar. Ele já tem que vender para pagar as dívidas, para começar o plantio novamente da próxima colheita. Então a gente nunca teve muito sucesso na agricultura. A gente ganhava o suficiente para não morrer de fome. Para sobreviver. E muitas vezes, a seca, a chuva... A gente perdia muitas roças... Passava sérias dificuldades para ter o básico da alimentação. Também, começou a chegar na minha região o plantio da cana na década de 1980. As usinas açucareiras. E foi tomando conta de tudo. Todas as pequenas propriedades deixaram de ter o plantio. Por quê? Porque você depende da chuva. Da chuva na hora certa. Do sol na hora certa. Porque a cana de açúcar tem muito investimento. Os usineiros. O pequeno produtor arrenda sua terra para a Usina. Ele vive com uma renda mensal. Ele não se preocupa se vai chover, se vai fazer sol, se ele vai perder a agricultura ou não. É mais conveniente. É mais seguro para o pequeno produtor hoje lá na região. Hoje, lá na região, Paulo... Essas Usinas agregam muita mão de obra. Então... Mas, na nossa época... Que vivíamos da roça mesmo... A gente só pegava dinheiro uma vez só. Que era no final da colheita. As pequenas propriedades foram se extinguindo. Foram sendo engolidas por todo esse processo. Essas usinas... Esse movimento sucroalcooleiro... E até mesmo essa questão... Das pequenas vilas... Das colônias nas fazendas. Tinha fazenda que

tinha quinze, vinte casas. As usinas destruíram tudo. Hoje você não vê mais isso. Só vê as casinhas velhas abandonadas. Você não tem mais essa população lá. Então... Não tinha o que fazer senão ir embora. **(Profº Adenilson)**.

A falta de apoio financeiro aos pequenos proprietários e arrendatários determinou a ruína e expulsão destes de suas terras observa Professor que vivenciou tal situação. Ao serem expropriados direta e indiretamente de seus escassos meios de sobrevivência, comenta que tiveram que se submeter aos ditames do setor agroindustrial.

A princípio, a região lá era algodoeira. Trabalhava-se com plantio de algodão. Inclusive... Antes mesmo de ser boia-fria a gente morou em vários arrendamentos. Porque meu tio e meu pai arrendavam terras. Só que acabaram quebrando. E a gente teve que ir para cidade... E trabalhar para os outros. Inclusive, teve uma queda... Que a maioria do pessoal quebrou por volta da década de 1980. E depois trabalhou com semente de capim... Com inúmeros... Feijão... Milho... O que aparecia. **(Profº Elmo)**.

Professora Roseli denota que o trabalho na roça só trouxe prejuízo para sua família. Sua família trabalhou durante alguns anos com culturas alimentares em terras arrendadas. Observa que conseguiram acumular dívidas e desprazeres com o campo.

O meu pai trabalhou durante muitos anos na roça. Teve um tempo que ele arrendou terras para plantar tomate, pimentão, quiabo e outras... Mas nunca deu certo. Quando não era o granizo que atrapalhava era o preço que caía muito e mal dava para sobreviver. O que ele conseguiu foi acumular dívidas. Todos nós trabalhávamos na roça. Depois, quando ele foi trabalhar de empregado nas roças as meninas não foram... Somente os meninos. A roça só trouxe prejuízo. **(Profª Roseli)**.

Bourdieu & Sayad (2006) observam que o processo de expropriação dos camponeses apresenta apenas duas escolhas para esses indivíduos: continuar na terra, quando possível, e tentar sobreviver miseravelmente com as poucas culturas agrícolas que lhe é possível trabalhar, ou migrar para o espaço urbano, ainda que não seja seu objetivo viver na cidade.

“[...] este exílio imposto não é senão, muitas vezes, o final inelutável de uma série de renúncias e derrotas: uma má colheita e tem que se vender o burro ou o gado; pede-se emprestado a taxas exorbitantes para equilibrar o orçamento ou comprar sementes; e, por fim, tendo esgotado todos os recursos, não se parte – se foge. Ou então, cansado de tanto penar numa vida tão pobre, parte-se sem destino [...]. Em todos esses casos, a ida para a cidade é uma espécie de fuga para frente determinada pela miséria.” (BOURDIEU & SAYAD, 2006, p. 46).

O processo de industrialização iniciado após a Revolução de 1930 nos governos²² sucessivos de Getúlio Vargas (1930-1945) gerou mudanças gradativas e significativas na agricultura. Ao exigir que as atividades agrícolas fossem atreladas às atividades industriais, sobretudo como fornecedoras de matérias-primas: grãos, couro, madeira, fibras, óleos vegetais, entre outros; a transformação do campo foi inevitável.

Mais conhecida como modernização da agricultura ou do campo, tais transformações alteraram suas estruturas enfatizando e promovendo o sistema monocultor. A intervenção direta do Estado nas atividades agrícolas gerou o enriquecimento dos latifundiários e a expropriação dos camponeses que possuíam na pequena propriedade seu único meio de sobrevivência. (FAUSTO, 2009).

Tal modernização, ocorrente especialmente nas grandes propriedades monocultoras, e patrocinada pelo poder estatal, promoveu transformações na estrutura fundiária do Brasil a partir da década de 1970, promovendo crise

²² Período conhecido como Era Vargas. (FAUSTO, 2009).

acentuada na sociedade rural (DURHAN, 1973) e intensificando a precarização do camponês e, conseqüentemente, a expulsão desses indivíduos para as cidades.

Os camponeses que teimassem em continuar em suas terras natais teriam que se submeter a trabalhar como empregados nas atividades monocultoras. Não obstante, o Estatuto da Terra promulgado em consonância com o Golpe Civil-Militar de 1964 aprofundou a miséria do camponês, pois ao conceder direitos trabalhistas a estes geraram suas dispensas em massa pelos latifundiários. Assim o camponês teve que se submeter ao trabalho temporário, sobretudo por empreita, para tentar sobreviver naquele contexto. (FAUSTO, 2009).

Constatamos que as condições materiais de existência a que estavam submetidos os professores migrantes em suas cidades de origem, e que foram intensificadas pelas mudanças estruturais ocorridas na década de 1970, sobretudo pela difusão da mecanização e avanço das culturas de exportação, (SILVA, 1982, 1999; SANTOS & SILVEIRA, 2008b) se constituíram promotoras da formação da ideia de migração.

Moreira & Souza (2008) observam que as décadas de 1970 e 1980 se constituíram singulares para o estado de São Paulo, à medida que a migração foi inversa com relação às décadas anteriores. A mudança estrutural na agricultura paulista a partir da inserção de tecnologias e ampliação das áreas industriais gerou deslocamento expressivo de indivíduos das áreas rurais para outros centros urbanos que não a capital paulista.

Assim, consideramos que o fenômeno das migrações possui causas estruturais e conjunturais. Tal processo não é um dado que surge do e no vazio, é resultado de um amplo processo social que obrigam determinados indivíduos ou grupos a se deslocarem para outros espaços a fim de sobreviverem e tentarem transformar suas condições materiais de existência.

As causas em geral, são essencialmente econômicas, advindas da distribuição e crescimento de atividades em determinados espaços geográficos, submetendo os grupos aos ditames dessa estrutura que promoveu uma conjuntura de miséria social que afetou, sobretudo desempregados e assalariados. (SINGER, 1975).

Singer (1975) observa que os fatores de expulsão que condicionam as migrações se estabelecem por duas ordens: fatores de mudança e de estagnação. Os fatores de mudança são decorrentes das relações de produção capitalista nas áreas de origem, que expropria a população e aumenta os níveis de desemprego. Os fatores de estagnação são manifestados pela quantidade populacional significativa, sobretudo os camponeses, que não possuem acesso a terra, seja porque não são cultiváveis ou por estarem monopolizadas em poder de latifundiários.

Enquanto os fatores de expulsão determinam os locais de origem das migrações, os fatores de atração determinam o encaminhamento de tais fluxos e seus espaços de destino. O mais importante fator de atração é a oferta de vagas, não somente nas indústrias, mas também no desenvolvimento dos serviços. (SINGER, 1975).

Entendemos que o deslocamento migratório campo-cidade é parte integrante de um processo construído por um lado pela expropriação e precarização do camponês, ou seja, uma conjuntura social perniciosa advinda da estrutura fundiária e, por outro, pelas expectativas com relação aos salários, as condições de trabalho e a oferta de vagas que se estabelecem no espaço urbano.

No entanto, entendemos que o modelo de repulsão e atração não explica a essência da migração. Para entender esse movimento é necessário ter ciência de que aqueles que se submetem a tal empreitada não sairão de seus espaços de origem de maneira inconsciente. Esses indivíduos possuem conhecimento real das possibilidades de melhor sobrevivência advindas da mudança empreendida caso consigam se inserir nos espaços de destino, sobretudo por

meio de informações divulgadas em suas redes relacionais. (BOURDIEU, 2000a).

Ao estabelecer a essencialidade das relações sociais para a inserção e permanência no espaço de destino, a Teoria das Redes de Migração se constitui contrária à Teoria do Sistema Mundo²³, que define as migrações apenas e tão somente inseridas diretamente em um contexto de deslocamentos e rompimentos ocasionados pelo processo de desenvolvimento capitalista. Tal perspectiva estabelece que tais fenômenos são de natureza social. (PORTES, 2009; PORTES & BOROCZ, 1989; PORTES & SENSENBRENNER, 1993).

Portes & Borocz (1989) argumentam que esse modelo, construído a partir das teorias neoclássica e sistemas-mundo²⁴, carece de fundamentação, sobretudo empírica, uma vez que seus princípios e corolários se basearam, especialmente, em dados estatísticos oficiais, não explicando determinados princípios, tanto macro quanto micro, que ocorrem nas sociedades.

Em um mesmo contexto socioeconômico alguns indivíduos possuem predisposição para migração enquanto outros nem sequer veiculam tal empreitada. A pluralidade do deslocamento migratório no que concernem os espaços de destino, sobretudo, quando constatadas as ocorrências para locais estipulados preliminarmente, com mercado de trabalho ativo e em decorrência de vínculos sociais impulsionadores, é indicador de que a empreitada migratória não se realiza de maneira mecânica e condicionada. (PORTES & BOROCZ, 1989).

Dessa maneira, torna-se possível compreender que a formação das redes sociais e todo processo de deslocamento migratório possui elementos estruturados no cotidiano social das sociedades de origem dos indivíduos que se disponibilizam para tal empreitada.

²³ Advinda das investigações de Immanuel Wallerstein, tal teoria direciona sua análise para os desequilíbrios existentes entre as regiões a partir da inserção da economia capitalista.

²⁴ Ver Massey (1993); Wallerstein (1990) e Sjaastad (1962).

Tais redes, segundo Portes (1999) são diversas e diversificadas em sua estrutura, seja pelo número de indivíduos que as compõem ou pela quantidade de recursos reais ou potenciais presentes no conjunto, facilitando a inserção nos espaços de destino e minimizando os dilemas presentes no movimento migratório.

1.2. Trajetórias escolares e de formação profissional

Os depoimentos dos professores migrantes ao apresentarem suas inserções em níveis educacionais, especificamente o Magistério e graduações, demonstram a formação de uma rede relacional que se constituiu importante para a continuidade de seus estudos. Estas redes sociais foram fundamentais para gerarem expectativa, antes mesmo de ingressarem em tais cursos, de melhoria em suas condições de vida, a partir de incentivos variados: pais, amigos, professores, empregadores, etc.

Professora Enilda comenta que determinadas pessoas de seu convívio foram importantes para que continuasse os estudos e obtivesse formação para ampliar as possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Ainda que seus pais possuíssem escolarização precária, observa que eles a incentivavam aos estudos.

Um dos incentivos para eu estudar veio de uma professora quando eu trabalhei na casa dela. Ela sempre me incentivava a estudar. Ela falava que a única saída para nós mulheres era estudar. E falava para não casar cedo. Para não arrumar filho. Porque depois que arrumasse filho a coisa ia ficar pior ainda. Em uma coisa e em outra ela incentivou a gente a estudar. A minha mãe e meu pai não tiveram oportunidade de estudar. O meu pai era analfabeto. A minha mãe aprendeu a escrever porque ela sempre trabalhou de empregada doméstica... Ela aprendeu a ler e escrever nessas casas que ela trabalhou. Apesar deles não terem estudado, também queriam que a gente estudasse. Com o incentivo eu fiz o Magistério em Araçatuba depois de uma tentativa frustrada de fazer Ensino Médio Técnico. O curso era

Açúcar e Alcool, e dava possibilidade de trabalhar nas Usinas. Só que era integral e tinha que ter recursos para o material e o trabalho de campo. Como nós nunca tivemos recursos, eu tive que desistir. Eu estava muito desgastada com a situação. Fiquei apenas um semestre. Então, eu resolvi fazer o Magistério porque, inclusive, tinha no período noturno. Eu terminei o Magistério em oitenta e sete. Teve uma professora de Didática, Nilce, que nos incentivou a fazer a graduação. Eu e minhas colegas decidimos prestar o vestibular e tentar, porque o curso de Magistério era bem puxado, ainda que nós ficássemos com dúvidas de conseguir ou não prestar o vestibular, nós decidimos prestar. Eu e minha colega, a Dora, decidimos ir à faculdade... Fazer a inscrição e prestar o vestibular. Prestamos o vestibular para cursar Pedagogia. E fomos aprovadas. **(Profª Enilda)**.

Ao comentar sobre sua formação, Professor Adenilson comenta que a continuidade dos estudos em nível médio se constituiu pelo incentivo de seus pais e dos professores do Ensino fundamental II. A opção para formação no Ensino Médio para aqueles que trabalhavam durante o período diurno era o Magistério, que ocorria no período noturno. Os professores indicavam que a formação no Magistério possibilitava o deslocamento migratório para inserção rápida no mercado de trabalho, citando exemplos de vários que haviam se submetido a tal empreitada.

O curso que eu fiz no Ensino Médio foi o Magistério. Eu fiz até a oitava série, depois a gente tinha que fazer uma opção: Magistério ou o antigo Segundo Grau. Atual Ensino Médio. Como o Ensino Médio era de dia e a gente tinha que trabalhar na roça, tal... Então... A gente acabava optando pelo Magistério. Uma por conta de ser à noite, e a outra por conta que você já saía com uma profissão. Lá na minha cidade... Era a única cidade que oferecia o Magistério. O curso era a noite. Então, vinha muita gente de fora à procura desse curso. E nós, que trabalhávamos de dia, a opção era fazer o Magistério. Os professores incentivavam a gente para continuar e terminar os estudos porque sabiam que muitos, ao terminarem o curso,

foram embora para os grandes centros e se deram bem. Iniciaram na docência. Meus pais também estimulavam a gente para o estudo. Eles eram analfabetos... Só que queriam que os filhos estudassem. **(Profª Adenilson)**.

Professora Idy denota o incentivo para os estudos que teve de seus pais. Comenta que a prioridade que seus pais tinham com os filhos era o frequentar a escola. Comenta que ela e sua irmã se formaram no Magistério. Ao se formar no Magistério, observa que já possuía informações de seus vínculos sociais sobre a possibilidade de migrar para a capital paulista e exercer a docência.

No ano de 1999 se deslocou para a capital paulista para se inserir como docente. Se estabeleceu na residência de conhecidos do interior. Durante o período matutino realizava função doméstica em tal moradia. No período da tarde exercia a docência. Contudo, relata que nessa época ocorreu greve de professores de escolas públicas estaduais. Ao final da greve, foi demitida pelo autoritarismo do governador Orestes Quércia. Desiludida, retornou a sua cidade natal não pretendo voltar a exercer a docência.

Professora Idy revela que entre 1989 e 1992 não considerava a ideia de retornar à docência. Trabalhou nesse interim na prefeitura de sua cidade de origem. Somente no ano de 1993 resolveu retomar os estudos e cursar a graduação em Geografia sem a pretensão de lecionar. Durante o curso, incentivada pelos vínculos sociais, começou a construir a possibilidade de novamente exercer a docência, porém, no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Em casa nossos pais sempre tiveram como prioridade frequentar a escola. Eles faziam questão que nós tivéssemos a formação que eles não conseguiram. Eu e minha irmã nos formamos professoras. Eu terminei o magistério em oitenta e oito... E em oitenta e nove eu vim para São Paulo para tentar dar aula. Naquela época eu queria dar aula. Em oitenta e nove eu vim e fiquei dois meses morando em Higienópolis. Eu morava em Higienópolis e dava aula em Guaianases. Por que eu morava

em Higienópolis? Porque tinha um casal de irmãos que estudavam aqui e a mãe precisava de uma pessoa para cuidar do apartamento. Era uma família conhecida da gente no interior. Em meio período eu ficava como empregada doméstica fazendo um quebra galho... Eu não tinha que me preocupar com hospedagem. No outro meio período eu lecionava. Só que naquele ano teve a famigerada greve no Governo Quéricia, e ele demitiu todo mundo sem nem assinar as portarias. Naquela época tinha que abrir portarias e publicar... Eu trabalhei dois meses... Nesse período estourou a greve e o comando de greve era muito forte e tirava todo mundo da sala de aula... E eu acabei sendo demitida, não conseguindo ter minha portaria assinada. Eu fiquei frustrada e acabei retornando para Novo Horizonte. Fiquei um tempo sem estudar... Não fiz nada. Quando eu resolvi fazer a faculdade foi para, simplesmente, possuir o Ensino Superior. Na graduação é que retomei a ideia da docência por incentivos de amigos. Aquela coisa do Magistério, que eu tinha feito referente à alfabetização, eu nunca deixei de lado. Porque eu gosto. É uma coisa que eu gosto e que eu aplico nas minhas aulas. Só que precisou de um tempo... Eu fui entrar na faculdade em noventa e três. Eu fiz a graduação em Geografia entre noventa e três e noventa e cinco. Três anos de faculdade. Então, eu fiquei de oitenta e oito até noventa e três sem estudar. Eu fiquei trabalhando na prefeitura de Novo Horizonte. **(Profª Idy)**.

Depois da tentativa de se inserir no mercado de trabalho na metrópole paulista, Professor Marcos decidiu retornar para sua cidade natal e cursar o Ensino Superior. A graduação em licenciatura foi a opção definida devido informações que possuía por meio de rede relacional que na Grande São Paulo a inserção no mercado de trabalho como docente era fácil e rápida.

Observa que as condições materiais de existência de sua família não permitiam conceber objetivos para continuidade dos estudos em níveis acima do básico. Todavia, afirma que seus pais, apesar de terem frequentado a escola em breve período, foram seus grandes promotores e incentivadores.

Eu ingressei na graduação em noventa e três, depois da minha tentativa frustrada de migrar. No final de novembro... Quando eu ainda estava na casa do meu tio aqui em São Paulo. Eu lembro que foi em novembro de noventa e dois. Eu tomei uma iniciativa. Em novembro eu falei: - Volto para o interior, presto vestibular na faculdade de Jales para um curso de licenciatura, faço licenciatura e ao término da faculdade volto para cá porque eu sei que tenho aula garantida. Sabia-se que se viesse para cá tinha aula garantida. Devido a isso eu acabei retornando para minha terra natal, Dolcinópolis. Condições materiais nós não tínhamos muitas, mas frequentar a escola e se formar sempre foram os objetivos dos meus pais. Eles foram pouco à escola, mas queriam que os filhos se formassem. Então, a maioria das pessoas que terminavam o Ensino Médio e que tinham condições de cursar a faculdade... Cursavam faculdade para ser professor. **(Profº Marcos)**.

Apesar das dificuldades existentes em seu cotidiano, Professora Sandra relata que o objetivo de seus pais era que obtivesse formação escolar em nível superior para que ampliassem as possibilidades de transformar suas condições materiais de existência.

Professora Sandra decidiu cursar a graduação em Matemática e Ciências por incentivo de seus pais e também de seus vínculos relacionais. A licenciatura, conforme observa, era a opção mais viável para aquele que pretendia se inserir no mercado de trabalho região metropolitana de São Paulo.

Embora, nós lá no interior... Nós tínhamos uma dificuldade muito grande. Porque os pais... Eles tinham o pensamento de dar o estudo para que nós não precisássemos ter aquela vida. Porque eles não tiveram oportunidade de estudo. Nossa grande dificuldade era de viver com tudo limitado. Mas tinha que ter o estudo. Então, entrei na faculdade, na época era Faficle, em Jales. Era a única faculdade na região. Entrei em noventa e quatro. Me formei no final de noventa e sete em Ciências e

Matemática. Fui cursar licenciatura porque já tinha informações da existência de vagas em São Paulo. Então, havia a possibilidade de sair do interior. (**Prof^a Sandra**).

Após tentativa frustrada de migração para a cidade de Americana, Professor Elmo decidiu retornar para sua cidade natal, Populina, e cursar graduação em Matemática. Ciente da possibilidade real e efetiva de se inserir no mercado de trabalho como docente de escolas públicas estaduais por informações obtidas através de suas relações sociais resolveu cursar licenciatura.

Professor Elmo relata que seu objetivo não era cursar Licenciatura em Ciências e Matemática, porém as condições estabelecidas naquele momento não proporcionaram outra alternativa. Seu objetivo após a conclusão do curso era retornar para Americana. Contudo, durante a graduação constatou que na Grande São Paulo a possibilidade de exercer a docência era mais ampla que em Americana.

Em noventa e dois eu fiz dezoito anos e, como grande parte dos jovens daquela região, eu fui tentar a sorte numa cidade maior que tivesse indústrias. Eu fui para Americana. Inclusive... A minha ida para Americana é interessante... Pelo seguinte motivo: Eu fui no dia nove de fevereiro de noventa e dois. Fiz meus dezoito anos no dia dois de fevereiro. Uma semana após, tinha um ônibus de professores da cidade de Turmalina que iria trazê-los para fazer inscrição em Americana e São Paulo. E eu peguei uma carona para Americana. Lá trabalhei durante alguns anos, me casei... Só que eu percebi que mesmo tendo feito curso Técnico em Contabilidade... Eu tinha o Ensino Médio Completo... Mesmo assim era difícil conseguir alguma coisa melhor sem ter um curso de nível superior. Resolvi voltar para minha cidade natal... Populina... E fazer uma faculdade. Só que na região... Quais os cursos mais acessíveis? Os cursos de licenciatura. Porque a faculdade mais próxima à Populina era a FAFICLE em Jales, que depois na minha época passou a se

chamar FAI-Jales e hoje é Centro Universitário de Jales... Os cursos de licenciatura eram os mais acessíveis. Por ser mais baratos e... Por também ser mais fácil eu me inserir no mercado de trabalho... Eu resolvi voltar para o interior... Quando eu estava em Americana eu percebi que eu precisava fazer um curso de nível superior para poder evoluir. Progredir... Porque ficar trabalhando em empresa e ganhando salário mínimo... Não virava. Não tinha como. Esse foi o principal motivador. Desde quando eu estava na escola eu sempre fui aquele aluno que os outros alunos procuravam para explicar... E eu sempre gostei disso. Eu sempre gostei do ambiente escolar. Eu decidi voltar e fazer licenciatura. E voltar para Americana para dar aula. Minha ideia no primeiro momento não era vir para São Paulo. Era voltar para Americana. Porque eu já conhecia a cidade. Conhecia a região... Quando eu fui fazer o curso eu queria fazer Matemática Pura e não tinha... Eram somente Ciências e Matemática. Química só teria em Votuporanga. Que é em torno de cento e poucos quilômetros, e não teria como eu estar me deslocando para Votuporanga. Hoje tem inúmeros cursos lá e ficou mais fácil para as pessoas estarem fazendo outros cursos. Então, em noventa e oito eu retornei... Fiquei seis anos em Americana. No meio do ano eu prestei o vestibular. Voltei a trabalhar na lavoura. Nessa época eu trabalhei com o plantio de banana e brachiaria. E comecei o curso em noventa e nove... Curso de Licenciatura em Matemática em Jales. **(Prof^o Elmo)**.

Professora Roseli relata que ao término do Ensino Fundamental II havia a opção de cursar o Ensino Médio na modalidade Comum ou na modalidade Magistério. Quem optava pelo Magistério tinha a ciência da possibilidade de exercer a docência fora do interior pelas informações fornecidas pela rede relacional. Observa que não migrou após o término do Magistério porque seus vínculos sociais não eram intensos nem extensos.

Evidencia o incentivo de seu pai para que ela e suas irmãs continuassem os estudos em nível superior. Ao ingressar na graduação, optou pela licenciatura em Matemática. Contudo, após alguns problemas durante a graduação, decidiu

desistir do curso. No ano de 2003 resolveu retomar os estudos, se matriculando na licenciatura em Ciências Biológicas.

Comenta que os cursos de licenciatura eram destinados aos filhos dos pobres, sobretudo porque era mais fácil ingressar, pagar, além de ampliar as perspectivas de inserção no mercado de trabalho. A elite local devido ao capital econômico possuído tinha a possibilidade de cursar Odontologia, Medicina e Engenharia, inclusive na capital paulista –, reproduzindo as desigualdades sociais.

Quando eu terminei a oitava série eu fui cursar o magistério porque eu tinha vontade de sair do interior, e a única oportunidade que havia era se profissionalizar. Quando a gente estava na oitava-série, no final do ano, a escola chegava com o papel para optar: Ensino Médio ou Magistério. Nós tínhamos a opção, ao terminar a oitava série, de cursar o Ensino Médio, currículo comum, ou o Magistério. E falavam que Magistério era para ser professor. Então, quem não queria ser professor não optava pelo Magistério. E a gente quando fazia a opção para estudar no Magistério era para ser professor. Dar aula em algum canto. Eu comecei o Magistério em noventa e cinco e terminei em noventa e oito. Na época do Magistério eu não tive coragem de sair. Mas também nunca ninguém chegou em mim e falou: - Roseli, vamos! A gente vai conseguir uma casa e eu te ajudo. Talvez se eu tivesse tido esse convite incentivador, possivelmente eu teria migrado naquela época. Quando a gente fazia o Magistério era para ser professor. Então, era a única profissão. Após o Magistério, em noventa e nove, eu comecei a graduação. E meu pai queria que a gente fizesse a faculdade. Não importava se ficasse morando com ele, desde que terminasse a faculdade. Então, a gente sabia que tinham pessoas que saíam com o Magistério para dar aula em algum lugar, mas eu não sabia, especificamente, da cidade de Francisco Morato. Nós sabíamos que era São Paulo. Eu ingressei no curso de Matemática em Jales... Fiz dois anos, só que não deu certo... Abandonei. Fiquei um ano parada. Depois,

voltei para a faculdade em dois mil e dois, e fiz o curso de Biologia na Unijales. Quem era filho de pessoas que se denominavam ricos da cidade, não faziam curso para ser professor. Eles cursavam Odontologia, Medicina... Uns vieram cursar Engenharia aqui em São Paulo... Então, quem cursava licenciatura era a doméstica, a dona de casa, o lavrador... Pode-se dizer que eram os pobres. E podia dizer que era uma válvula de escape. É como se fosse um passaporte. Se você quisesse sair de lá tinha que ir cursar licenciatura. Eu ainda tenho essa visão: na educação ainda é mais fácil entrar. **(Profª Roseli)**.

Incentivado pelos seus pais a continuar os estudos em níveis avançados, Professor Carlos demonstra que sua família tentou proporcionar capital cultural considerável, sobretudo após o desvinculo com as atividades agrícolas em que foram morar na área urbana da cidade de Jales.

Relata que sempre gostou de estudar. Explana que possui disposição ao autodidatismo. Todavia, esclarece que a estrutura da escola lhe afastava dessa peculiaridade. Ao terminar o Ensino Médio, denota que ficou estudando por conta própria em idas e vindas da biblioteca de sua cidade natal.

Menciona que a Área de Ciências Humanas sempre lhe interessou. Pretendia ingressar na graduação para se aprofundar na pesquisa e não para se formar docente. Contudo, as condições materiais de existência que possuía direcionaram-no à licenciatura. Observa pretendia cursar Filosofia ou História. A opção pelo curso de História se procedeu pela inexistência do curso de Filosofia na cidade de Jales. Também, constatou durante a graduação que a formação para a docência lhe possibilitaria sair de sua cidade natal, um desejo que possuía há alguns anos.

Eu sempre tive apoio dos meus pais para estudar. Eles queriam que eu me formasse em alguma profissão. Depois que o trabalho na roça entrou em declínio nós fomos morar na cidade. No centro de Jales. Nessa ocasião meu pai cursou eletrônica e foi trabalhar em indústria. E eles queriam que eu continuasse os

estudos além do Ensino Médio. Só que eu sempre fui autodidata. Eu tinha uma disciplina de estudo. Eu chegava do emprego... Quando eu parei de estudar eu fiquei cinco anos. Eu acabei o Ensino Médio e fiquei cinco anos estudando em minha casa. Eu ia à biblioteca da cidade... Pegava os livros de Sociologia, Filosofia, História... E anotava tudo. Era como se fosse estudando. Porque estudar eu sempre gostei. A escola é que me afastava do estudo. A estrutura da escola. Mas, eu sempre fui autodidata. Então... Eu não tive problemas de escolha. Eu sabia que minha área era de Humanas. A área de humanas sempre me interessou bastante. Até eu entrar na faculdade, a licenciatura não era uma coisa que eu almejava. Para mim a pesquisa era uma coisa muito mais prazerosa. Só que foi na faculdade que eu comecei ver que a licenciatura também é uma coisa... Você tem uma função social. A profissão de professor é uma função social. E... A oportunidade de me formar e sair de Jales. Só para definir o curso que foi um pouco mais difícil. História ou Filosofia... Embora, não tenham muita distinção... No método tem... Mas... Por serem da Área de Ciências Humanas elas acabam se associando. Eu acabei definindo História pela facilidade. Pelo acesso ao curso. Ingressei no Centro Universitário de Jales em dois mil e quatro. Eu me formei em dois mil e seis. Depois que eu comecei a estudar... Conhecer mais História... A questão da metodologia do trabalho em História... Eu vi que tinha feito o caminho certo. Era aquilo que eu queria. **(Prof^o Carlos)**.

Tais depoimentos denotam que nas trajetórias escolares e de formação profissional dos professores migrantes, além de seus pais que possuíam como prioridade suas escolarizações, diversas pessoas de seus convívios diários, tais como: professores, amigos e empregadores; fomentaram a ideia para continuidade dos estudos em níveis mais elevados, no caso específico, a formação para a docência, fosse no magistério ou em alguma licenciatura.

O incentivo a continuidade dos estudos, principalmente pela rede relacional, se procedeu a partir da ciência sobre a escassez de professores em outras regiões. Isso gerou expectativa de melhoria em suas condições de vida através da migração para lecionarem, ainda que de modo precário, visto que o acesso não era por meio de aprovação via concurso público de provas e títulos.

Constatamos que a licenciatura era a graduação acessível para esses jovens pertencentes a famílias desfavorecidas, sobretudo economicamente, diferentemente de outras graduações que eram acessíveis apenas para a elite local.

Conforme Bourdieu & Passeron (2009) os membros das classes dominantes, possuidores de significativo capital cultural, escolar e econômico, se constituem como a ampla maioria dos ingressantes nos cursos de Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia, relegando os cursos de Letras, História, Sociologia e Filosofia para as classes populares que encaram e encarnam essa opção como possibilidade de viver com mais dignidade que seus pais que não tiveram acesso à escola.

Assim, compreendemos que as possibilidades materializadas em suas trajetórias, manifestadas em seus depoimentos a partir das expectativas e estímulos de seus pais à escolarização – pois para estes a educação escolar, que lhes foi negada –, era ponto passivo para que seus filhos obtivessem uma profissão para ampliar as opções de inserção no mercado de trabalho e, conseqüente transformações em suas condições materiais de existência.

Bauer (2010) observa que o Ensino Superior para os indivíduos oriundos de famílias do operariado urbano, do campesinato e de outros setores sociais menos favorecidos, se caracteriza como anseio e possibilidade de transformar suas condições materiais de existência que se constituem, em âmbito nacional, precarizadas há séculos.

A inserção desses setores da população no Ensino Superior brasileiro ocorreu predominantemente em instituições particulares devido à ausência de

políticas públicas que possibilitassem seus ingressos em instituições públicas – municipais, estaduais ou federais – sobretudo porque estas não ampliaram as vagas nem tampouco os cursos existentes (BAUER, 2010), perpetuando a ideologia carismática que legitima e transforma os privilégios da elite em talento ou mérito. (BOURDIEU & PASSERON, 2009).

Os cursos de graduação (licenciaturas) foram realizados todos em faculdades privadas e no período noturno porque os professores migrantes trabalhavam durante o período diurno.

Estes foram custeados, na maioria das vezes, através de seus salários, que quando muito se constituíam pelo mínimo oficial, e complementados por meio de bolsas de estudo parciais. Em alguns casos, os cursos foram custeados por meio de bolsas de estudo integrais derivadas de instituições públicas e particulares, como também pelo auxílio financeiro de familiares.

Ao relatar sobre o processo de ingresso na graduação, Professora Enilda relembra que uma professora do Magistério é que forneceu as informações sobre o vestibular e o sistema de bolsas de estudo, além do incentivo para continuidade dos estudos. Comenta que a faculdade de Araçatuba possuía sistema de bolsas de estudos, sobretudo para candidatos de baixa renda, porque ocupava, sem custo algum, terreno da prefeitura.

Revela que inicialmente seu irmão lhe auxiliou pagar o curso de Pedagogia, pois tinha que aguardar os trâmites burocráticos para emissão da bolsa de estudo. Denota que considerou humilhante o procedimento para conseguir bolsa de estudo, pois tinha que se expor completamente.

A professora Nilce nos informou sobre o vestibular e também que havia bolsa de estudos na faculdade, porque o prédio que ela ocupava era da prefeitura. A faculdade não pagava aluguel para ocupar aquele local. Então... Eles eram obrigados a dar bolsa de estudos, principalmente para os alunos de baixa renda. No início o meu irmão me ajudou pagar um pouco da faculdade.

Porque ele já era mecânico. Ele já tinha feito cursinho dentro da empresa. O salário dele já estava melhor. Depois eu consegui pelo sistema de bolsa. Era muito humilhante conseguir o curso pelo sistema de bolsa. Por quê? Você tinha que colocar no papel tudo que sua família gastava. E pegar testemunhas dos vizinhos ainda por cima. A minha mãe tinha tido dois derrames e tomava remédio constante. Então, tive que ir falar com dono da farmácia e pegar uma declaração para dizer que a gente comprava naquela farmácia e minha mãe fazia uso daqueles remédios. Tudo que você gastava de arroz, de óleo, de açúcar, de feijão... Tudo ali... Para dizer que seu salário... Gastei tudo isso aqui, deu zero e eu preciso dessa bolsa. Era uma exposição humilhante. Eu consegui a bolsa no mês de abril. Quando eu consegui a bolsa a instituição lhe dava um cheque nominal ressarcindo tudo que você havia pago. Inclusive a matrícula. Como era meu irmão que me ajudava a pagar porque eu trabalhava de empregada doméstica e meu salário não dava para pagar, eu devolvi o dinheiro para ele quando eu recebi o cheque da faculdade. **(Profª Enilda).**

Professora Idy comenta que o curso de graduação em Geografia foi custeado pelo salário que recebia trabalhando na prefeitura da cidade de Novo Horizonte em conjunto com auxílio de seu pai, pois seu salário não era suficiente para pagar todos os gastos, porque além da mensalidade havia a despesa com condução e materiais didáticos. Esclarece que o sistema de bolsa de estudo existente na faculdade era limitado.

Eu paguei a faculdade trabalhando na prefeitura. Como eu falei... Eu fui dispensada da prefeitura no final da graduação. Meu salário na prefeitura não dava para pagar o valor da faculdade e o transporte para Catanduva. Meu pai me ajudou todo esse tempo. A bolsa de estudo pela faculdade era muito difícil. Poucos conseguiam. Isso quando conseguiam. **(Profª Idy).**

Com o salário recebido pelo trabalho em uma marcenaria em sua cidade natal, Professor Marcos conseguiu pagar as mensalidades do curso de

graduação em História. Revela que a mensalidade consumia todo o salário recebido, pois o valor da faculdade era idêntico a sua remuneração mensal: um salário mínimo.

Observa que o empenho em cursar a graduação era válido, sobretudo porque sabia que ao término, a possibilidade de se inserir no mercado de trabalho era garantida. Comenta que o sistema de bolsas de estudos existente era vinculado à prefeitura e não à instituição universitária. A prefeitura destinava percentuais variados para auxiliar os estudantes.

Trabalhei em uma fábrica de marcenaria durante três anos para pagar a faculdade. Trabalhava de dia e a noite estudava. Onde você pegava todo dinheiro do trabalho... Que era um salário mínimo na época que eu ganhava. E na mesma época a minha faculdade era um salário mínimo. Então... O salário que eu ganhava na época... Todo... Que era o salário mínimo... Eu deixava todo na faculdade. Sabia que o dia de amanhã podia dar uma alternativa melhor. Em algumas situações, a prefeitura ganhava um percentual de bolsas que dividia para alguns alunos... Ou algum aluno tentava ganhar alguma bolsa... De dez por cento da mensalidade... De vinte por cento da mensalidade... Trinta ou quarenta por cento... Dependendo do caso havia essas questões. Por mais que não... Seja dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta por cento da bolsa de estudos... Facilitava em uma região que o dinheiro não corria tanto. O dinheiro era muito escasso na época. Então... A prefeitura dava esse auxílio sempre... Pelo menos na minha cidade Dolcinópolis... **(Prof^o Marcos)**.

Professora Sandra revela que o auxílio que recebeu para custear as despesas do curso de graduação em Ciências e Matemática foi de seus pais por meio do trabalho na agricultura. As dificuldades foram intensas, porém ela conseguiu realizar o desejo, sobretudo de seus pais, que era a formação em nível superior. Comenta que não existia sistema de bolsa de estudo na

faculdade. O auxílio poderia originar-se da prefeitura, porém era remoto, pois a mesma também não possuía recursos para tal custeio.

Os nossos pais trabalhavam na roça. Trabalharam na roça para poder pagar nossa faculdade. E nós fizemos faculdade... Mas, assim... Na luta mesmo... Porque dependendo do que vinha da roça. Daquele dinheirinho que vinha com a pequena produção. Na faculdade não existia bolsa de estudo. A prefeitura é que podia ajudar, mas era muito difícil porque ela também não tinha dinheiro disponível. **(Profª Sandra)**.

Ao relatar sobre a época que cursou a graduação em Matemática na cidade de Jales, Professor Elmo denota que o início foi muito difícil porque o salário advindo de seu trabalho na roça não era suficiente para custear os gastos. O auxílio da prefeitura, esporádico e inconstante, não era de grande valia. Lembra que ao ser contratado pelo Colégio Anglo vinculado à Faculdade de Jales, e conseguir bolsa integral para cursar a graduação a situação foi normalizada. Também observa que alguns professores lhe ajudaram com algumas despesas na época.

Professor Elmo comenta que ao ser aprovado em concurso para a Empresa de Correios e Telégrafos ficou mais fácil a continuidade dos estudos, pois trabalhava próximo a sua residência, o salário era melhor e tinha que se deslocar para Jales somente após as dezoito horas. Esclarece que na época, pela ausência de bolsas de estudo hoje existentes, a situação era muito difícil para aquele que pretendia cursar graduação.

No início da faculdade eu trabalhava na roça. E trabalhando na roça às vezes tinha serviço. Às vezes não tinha. E estava praticamente impossível pagar. A prefeitura ajudava pagar a faculdade, mas não era seguido. Às vezes dava uma parcela da bolsa. Só que também, a prefeitura... Às vezes... O que acontecia? Às vezes atrasava a bolsa... E isso e aquilo... E eu passei certa dificuldade. Porque teve uma época que eu não estava conseguindo pagar a faculdade. Mesmo trabalhando no

IBGE como recenseador durante um tempo eu não conseguia pagar a faculdade. O salário era pouco. Foi na época que eu entrei no Anglo que eu consegui bolsa integral. Inclusive, eu tive auxílio de alguns professores da faculdade... Que me auxiliaram com dinheiro. Me ajudando pagar parte da mensalidade. E depois disso... Estando na faculdade... Consegui uma oportunidade na faculdade mesmo. A faculdade era à noite. Durante o dia era colégio Anglo. Colégio Quinze de Abril. Trabalhei como inspetor de alunos. Trabalhei durante um ano e fui tendo uma certa experiência em sala de aula. Porque, como inspetor de aluno, muitas vezes eu... O professor faltava, eu cuidava da sala. Aplicava avaliações. Aplicava simulados. Já fui tendo uma certa experiência de como funcionava... Fiquei um ano no Anglo de Jales. Prestei o concurso para os Correios... E passei. Comecei em Populina. Ficou bem melhor para mim... Porque eu tinha que viajar... O que aconteceu? Eu morava em Populina... Viajava de manhã... Às seis horas eu pegava o ônibus e ia até Jales. Trabalhava o dia inteiro como o inspetor. Já ficava para a faculdade. E voltava só a meia noite para casa. Então, era muito difícil. E eu entrando para o Correio... Facilitou. Porque o Correio era quinhentos metros da minha casa. E... Já estava trabalhando ali... Só ia às seis horas para a faculdade. Tinha esse deslocamento de cinquenta quilômetros. Ida e volta. Mas... Já facilitou bastante. As bolsas pela prefeitura existiam. Porque naquela época não existia PROUNI. Não existia... FIES era muito difícil. Porque para conseguir FIES você precisava de fiador. E não tinha como. Então... O pessoal tinha que se virar e conseguir pagar de alguma forma... Conseguir um auxílio da prefeitura... Que era difícil. Porque ia uma verba lá para isso... Do governo federal... Para bolsas... Para a educação. E a prefeitura às vezes destinava... Às vezes desviava a verba... Como sempre acontece com essas pequenas prefeituras. É complicado... Então... Você não tinha muita garantia disso.

(Prof^o Elmo).

Professora Roseli relembra que o curso de graduação em Ciências Biológicas foi custeado integralmente pelo seu pai e pela sua irmã que já exercia

a docência em Francisco Morato. Na época já possuía sua filha e as despesas eram maiores, além do seu salário recebido pelo trabalho como doméstica ser insuficiente para custear a sobrevivência mensal.

Observa que se não fosse o auxílio de sua irmã e de seu pai, não teria conseguido concluir a graduação, nem tampouco migrado para Francisco Morato para exercer a docência. Quanto ao sistema de bolsas de estudos, esclarece que a única ajuda era um desconto de dez por cento que a prefeitura conseguia junto a instituição universitária.

O que eu recebia não pagava a mensalidade da faculdade. O valor da faculdade era maior do que eu recebia de salário. Tudo o que eu ganhava no serviço já ia para a faculdade, isso porque a gente tinha uns dez por cento de desconto que a prefeitura conseguia no início do ano. Eu lembro de estar pagando R\$ 195,00 e estar recebendo R\$ 120,00. Eu nem ajudava meu pai nas despesas porque ia tudo para pagar a faculdade e, ainda faltava. Então, quando minha irmã veio para Morato lecionar ela me ajudou muito. Ela pagava minha faculdade e pagava a mulher para cuidar da minha filha enquanto eu estava na faculdade. O meu dinheiro dava apenas para comprar algumas coisas. O dinheiro não dava nem para tirar todas as cópias... Eu quase nunca tinha dinheiro para tirar as cópias. Eu não recebia o suficiente para pagar a mensalidade. Eu recebia uns R\$ 120,00 na época... Ela mandava uns R\$ 500,00 para o meu pai e ele pagava a mensalidade porque juntava com esses R\$ 120,00 que eu ganhava, que às vezes era menos que R\$ 120,00, porque tinha os descontos. O meu salário de doméstica... Eu estava trabalhando em uma casa apenas porque tinha nascido minha filha, e não dava para trabalhar em duas casas com criança pequena. Então, o meu salário não dava para quase nada. Se não fosse a ajuda da minha irmã e do meu pai também... Porque além dele me deixar ficar morando lá, ele ajudava a pagar as despesas. **(Profª Roseli)**.

Ao lembrar sobre a época que cursou História na Faculdade de Jales, Professor Carlos denota que a atividade laboral no ramo de eletrônica na cidade de Jales auxiliou no pagamento das despesas advindas da graduação. Observa que o auxílio de seus pais foi importante, pois seu salário era suficiente apenas para pagar as mensalidades e outras pequenas despesas relacionadas ao curso universitário. Os gastos mensais de sobrevivência eram custeados por seus pais.

No primeiro ano de faculdade eu fui demitido de meu emprego. A empresa entrou em uma crise. Fui demitido. Mas, logo arrumei outro emprego no mesmo ramo de eletrônica. Meu salário dava para pagar a mensalidade da faculdade. Meus pais me auxiliavam com outras despesas, porque meu salário ia integralmente para o curso de História. Quando eu estava no terceiro ano meu patrão falou para eu decidir entre a faculdade e o trabalho, isso porque eu estava me dedicando muito a estudar. Eu acabava levando coisas para estudar no serviço... Eu falei: - Estou terminando a faculdade, não tenho nem o que decidir. É a faculdade mesmo! Isso foi em dois mil e seis. Em setembro de dois mil e seis. E também eu estava com mala pronta para ir embora. Então, esse final eu consegui, com a ajuda de meus pais, concluir a faculdade. **(Prof^o Carlos).**

Também, os depoimentos dos professores entrevistados evidenciam que o apoio das prefeituras com relação ao transporte para o deslocamento à faculdade se constituiu importante em suas trajetórias, à medida que a faculdade frequentada, situada em Jales, ficava entre 20 e 50 quilômetros de distância de suas cidades de origem.

Professor Marcos revela que o deslocamento de Dolcinópolis, sua cidade natal, para a Faculdade na cidade de Jales era realizado por ônibus cedido pela prefeitura. A distância entre Dolcinópolis e Jales é de trinta quilômetros. Se não houvesse essa cessão do transporte para aqueles que pretendessem cursar

graduação em Jales, sobretudo os de baixa renda, seria impossível ingressarem no nível superior.

O deslocamento, que era em torno de trinta quilômetros, para a faculdade, na época era feito pelo ônibus que a prefeitura fornecia. O ônibus levava e trazia sem cobrar nada. As prefeituras faziam isso. Até hoje fazem. Hoje levam para outras cidades com faculdades. Mas, na época, era até Jales que levavam. Por isso que a maioria dos conhecidos da minha época que fizeram faculdade, faziam em Jales. A não ser alguns que tivessem uma condição econômica um pouquinho melhor e quisesse fazer em outra faculdade, poderiam fazer em outra cidade. Mas, os que não poderiam, faziam em Jales. A prefeitura dava o ônibus. Eu lembro que na época... O ônibus tem em torno de quarenta e quatro lugares... Havia acima de trinta pessoas. Trinta... Trinta e cinco pessoas. Teve ano que o ônibus ia com os quarenta e quatro lugares completos. Eu lembro que... Uma visão minha... Na avenida que fica a faculdade juntavam-se vários ônibus das cidades vizinhas de Jales: Paranapuã, Populina, Turmalina, Dolcinópolis, Santa Albertina, Santa Clara D'Oeste... Cada cidadezinha de dois, três, quatro mil habitantes, cedia um ônibus para levar as pessoas que queriam estudar. Havia a cessão do transporte público sem nenhuma cobrança. Pelo menos na minha cidade era dessa forma. E na maioria das cidades também era. Você via na avenida... Vinte... Trinta ônibus esperando às onze horas da noite os estudantes chegarem para ir embora para cidade natal. E até os dias atuais dá esse auxílio do transporte. Pelo menos na minha cidade Dolcinópolis... A prefeitura dava esse transporte para a faculdade e dá até hoje.

(Profº Marcos).

A distância entre o distrito de Prudêncio e Moraes e Jales gira em torno de trinta e sete quilômetros. Esse trajeto, percorrido pela Professora Sandra entre segunda-feira e sábado para cursar graduação em Ciências e Matemática, era realizado por ônibus cedido pela prefeitura da cidade General Salgado. Somente aos sábados que o trajeto se diferenciava, devido ao ônibus não passar

pelo distrito de sua residência. No caso, seu pai a levava para a cidade de Pontalinda para que pudesse embarcar no ônibus que a conduziria até a faculdade de Jales.

Eu morava num distrito de General Salgado, que chama Prudêncio e Moraes. Nós tínhamos o ônibus escolar. A prefeitura cedia esse ônibus para levar os estudantes para a faculdade. Então, ele vinha de General Salgado, passava em São Luiz de Japiúba, que também é um distrito de General Salgado, e depois ia para Prudêncio, pegava os alunos e levava até Jales. Então, todos os dias era esse trajeto. Dá o que: uns trinta e sete, quarenta quilômetros. De Prudêncio à Jales. É esse trajeto. E aos sábados... Aos sábados, geralmente o ônibus não ia. O que eu tinha que fazer: Eu ia numa cidade vizinha, que chama Pontalinda. Meu pai me levava todo sábado de manhã até Pontalinda. Eu ia com o ônibus escolar de Pontalinda até a faculdade em Jales. Depois voltava. Meu pai ia me buscar em Pontalinda para eu ir para casa. Então... Era esse trajeto. Foi isso durante os três anos de faculdade. Eu estudava a noite. Aos sábados eu estudava no período da manhã e durante o dia eu trabalhava no Posto telefônico. (**Profª Sandra**).

Ao relembrar a época que cursou graduação na cidade de Jales, Professor Elmo menciona que o trajeto entre sua cidade natal e a faculdade era em torno de cinquenta quilômetros. Para ele não era novidade tal deslocamento, pois cursou o Ensino Médio Técnico em Jales. Desde a época do Ensino Médio a prefeitura de Populina cedia ônibus para a população que estudava na cidade de Jales. Contudo, quando cursou a graduação, o número de pessoas que necessitavam utilizar o transporte aumentou, não sendo suficiente um ônibus. A prefeitura e os alunos acordaram em alugar outro ônibus e dividir as despesas. Com o passar do tempo a prefeitura conseguiu adquirir outro ônibus pondo fim as despesas com o aluguel do transporte.

A prefeitura dava o ônibus mesmo antes de eu começar a faculdade. Ônibus da prefeitura. Só que teve ano que aumentou

muito o número de pessoas fazendo faculdade em Jales. E um ônibus só não era suficiente. Como a prefeitura só tinha um ônibus... Ela contratava outro ônibus, e todos os alunos pagavam uma parte como se fosse... Eram dois ônibus... Só que todo mundo dos dois ônibus pagava um valor para manter aquele ônibus que era fretado. Porque a prefeitura não tinha condições. Depois a prefeitura deu uma melhorada e comprou outro ônibus e a gente não pagou mais... Eu já tinha feito essa vida quando eu cursei técnico em contabilidade... A gente ia para Jales... Eram cinquenta quilômetros da minha cidade para Jales. Só que era um ônibus só naquela época. Então... Sempre teve isso. **(Profº Elmo)**.

Professora Roseli relata que o trajeto entre a cidade de Paranapuã e a faculdade de Jales, em torno de vinte quilômetros, era realizado por ônibus cedido pela prefeitura. No entanto, a cessão integral do ônibus pela prefeitura somente foi realizada no primeiro ano de sua graduação. A partir do segundo ano, devido a endividamento da prefeitura, os alunos que necessitavam do transporte tiveram que alugar um ônibus para seus deslocamentos. Comenta que conseguiram um acordo com a prefeitura de Paranapuã e parte das despesas do aluguel do ônibus a prefeitura iria custear. Observa que a maioria daqueles utilizavam o ônibus cursavam graduação em licenciatura.

Quando eu comecei o curso de Biologia, a gente não pagava o ônibus que levava a gente para a faculdade. Mas, depois, no segundo ano, a prefeitura estava endividada e não deu mais o ônibus. Então, a gente teve que alugar um ônibus de uma pessoa lá de Paranapuã. Teve um acordo com a prefeitura, e a gente pagava uma parte do valor do ônibus e ia para Jales. Nós saíamos em torno das seis horas de Paranapuã e chegava por volta das seis e quarenta na faculdade. O trajeto entre Paranapuã e Jales dava em torno de vinte quilômetros. O ônibus sempre ia cheio. Claro que não ia ninguém em pé. Completava os lugares. Por volta de 46 pessoas iam para a faculdade. O ônibus passava na faculdade de Administração e deixava uns poucos alunos. A maioria ia para a parte de licenciatura, que

ficava no centro de Jales. A prefeitura custeou integralmente apenas durante algum tempo o ônibus que levava para faculdade. Depois, nós tivemos que pagar uma parte. **(Profª Roseli).**

Em seguida, os depoimentos evidenciarão as possibilidades reais de atingirem seus objetivos, construídos em seus cotidianos, especialmente no ambiente escolar por intermédio de “apoios úteis” (BOURDIEU, 2013, p. 112) dos vínculos sociais existentes durante e ao final do Ensino Médio e de suas graduações, que se constituíam no binômio migrar-licenciar.

Professora Enilda relata que o fato de sua irmã estar como migrante na Grande São Paulo foi essencial para que também conseguisse, ao final da graduação, se deslocar para exercer a docência. Comenta que o estímulo para migrar fez com que economizasse e guardasse para sua empreitada migratória. Com o apoio de sua irmã a possibilidade para migrar foi facilitada.

Nessa época – final da década de oitenta – minha irmã já tinha vindo para cá e eu estava no último ano de Pedagogia... Minha irmã já tinha vindo para cá e já informava sobre a região. Algumas colegas também já comentavam sobre sair de lá e tentar dar aula aqui em São Paulo. Então... Eu já fui fazendo uma poupança para mim. Fui guardando já um dinheiro. E meus irmãos falavam: - Mas você vai? E a mãe? Eu falei: - Vocês cuidam da mãe. Porque eu vou para lá. Se não der certo eu volto. **(Profª Enilda).**

Ao lembrar o período que antecedeu seu deslocamento, Professor Adenilson comenta que a rede social já funcionava em prol da migração. As informações e os incentivos para terminar os estudos e exercer a docência em outras regiões derivavam-se de todo o composto relacional observado. Considera que os exemplos positivos de muitos amigos que migraram e conseguiram atingir seus objetivos foram relevantes para que sua empreitada se efetivasse.

Lá em Sales havia em torno de cinco mil habitantes. Isso facilitava o contato social entre as pessoas. Lá na minha cidade só tem uma escola estadual. Então, todo mundo conhece todo mundo. E assim... A informação. Os professores de lá costumam falar nas aulas do magistério que fulano foi para tal cidade e se deu bem. Está lá em Americana, São Paulo... Porque tem espaço para trabalhar como professor. Os professores incentivavam a gente para a migração porque sabiam que muitos, ao terminarem o curso, foram embora para os grandes centros e se deram bem. Iniciaram na docência. Alguns amigos que estudavam comigo vieram para São Paulo. E eu vi que alguns amigos que vieram, eles conseguiram, sabe... Lutar com a vida... Se fixando por aqui. Ter um trabalho melhor. **(Prof^o Adenilson)**.

Professora Idy relata que em sua cidade natal a migração de pessoas formadas para o exercício da docência para Francisco Morato era intensa. Muitos conhecidos apenas cursavam um ano da graduação e já migravam porque sabiam que iriam se inserir na docência imediatamente observa. Também, o comentário geral na cidade era que o migrante que vinha para Francisco Morato iria demorar para retornar em definitivo, porque possuía-se a certeza do emprego imediato.

Relembra Professora Idy que sua mãe comentou, ao ter a certeza que seu deslocamento iria se concretizar, que a migração havia demorado para acontecer porque muitas amigas já se encontravam em Francisco Morato exercendo a docência. Menciona que na faculdade que se formou os funcionários, sobretudo da secretaria, já tinham ciência do processo migratório de formados para Francisco Morato porque tal fluxo era intenso. Assim, a faculdade já facilitava a emissão de documentos para aquele que se formava e automática migrava para exercer a docência.

Na minha cidade sempre foi muito forte essa migração, porque a cidade é pequena e não há muita oferta de emprego, então as pessoas faziam a faculdade em Catanduva e vinham para

Francisco Morato. Muitas pessoas faziam apenas um ano de faculdade lá... Já sabiam que aqui naquela época havia facilidade de você... Terminou o terceiro colegial já pegava aula. Então, muitas pessoas vieram assim... Fizeram um ano lá e vieram para cá... E quando alguém comentava lá em Novo Horizonte que algum professor ia migrar para Francisco Morato nós falávamos: - Pode esquecer que esse vai demorar para voltar! E por que essa fala? Porque as pessoas que vinham desde 1987... Eu sei que em 1987 já havia alguns professores que vinham para Francisco Morato. Então, as pessoas vinham e acabavam ficando aqui. Só voltavam muito tempo depois. E na época que eu estava para vir a minha mãe até brincou... A minha mãe falou: - Até que demorou para você ir, porque todas suas amigas já estão lá. Então, já tinha essa referência para as cidades pequenas do interior. A faculdade que eu fiz, a FAFICA, tinha um histórico de muitos professores... Da região toda vir para Francisco Morato. Então, quando eu terminei e em janeiro eu fui pegar a declaração de conclusão para eu vir embora para Francisco Morato, a secretária da faculdade falou: - Você está com tanta pressa assim por quê? Você está indo para Morato? Então, a cidade de Morato já era conhecida pela faculdade. E houve todo um trabalho, um apressamento para o diploma sair... A própria faculdade já facilitava. Já era um canal para professores virem para Morato. Infelizmente já não tem mais os cursos. Não houve mais procura e foram fechando os cursos. **(Profª Idy).**

O propósito principal para Professor Marcos ao cursar História era sair de sua cidade natal e exercer a docência em alguma região que houvesse aulas disponíveis. Possuía a ciência que o salário de professor era muitas vezes superior ao recebido no interior em funções que havia exercido até então. Também observa que a rede social foi importante para a divulgação das informações sobre a oferta de vagas para exercício da docência, especialmente em Francisco Morato.

Relembra que a ampla maioria dos estudantes que cursavam licenciatura na faculdade de Jales sabia que ao término de seus cursos o próximo passo era migrar para iniciar a docência em escolas públicas estaduais em outras regiões, especialmente a Grande São Paulo, pois no Noroeste Paulista não havia vagas disponíveis para absorver centenas de recém-formados.

A questão principal para mim na época era estar saindo da cidade natal, Dolcinópolis, e vir para uma região que tivesse aulas onde eu poderia estar lecionando. E a gente sabia que na época o salário do professor era muito maior que o salário mínimo. Eu lembro que no primeiro ano que eu lecionei o salário mínimo era em torno de R\$ 100,00 e, eu lembro que o meu primeiro holerite como professor já era R\$ 800,00. Eu não lembro se eu tinha todas as aulas ou não. Mas era em torno de R\$ 800,00. Então, você se vislumbra com um aumento salarial onde você sempre, no máximo, ganhava um salário mínimo. Então, sabia-se que havia uma necessidade de professores no mercado de trabalho aqui em Francisco Morato. E na época eu lembro que na minha sala a maioria tinha em mente migrar. Sabia que tinha que ir embora daquela região. Como só tinha curso de licenciatura e muitos estavam se formando, não teria lugar para trabalhar na região. Então a maioria sabia que ao terminar a faculdade tinha que tentar outro lugar para trabalhar. No prédio que eu estudava todo mundo sabia que ia ser professor. Juntavam-se várias salas. Tinha dez, quinze, vinte salas. Cada sala com sessenta, setenta, oitenta alunos. Todo mundo sabendo que ia ser professor. Eu sabia que ia ter que sair da região. Ir para Mato Grosso do Sul, Americana, Campinas, Grande São Paulo ou outras regiões. Eu tenho alguns conhecidos que foram para Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais... Só que nesse contexto a grande maioria que eu tenho conhecimento ficou no Estado de São Paulo, vindo para a região metropolitana... Da região de Americana para São Paulo. Campinas... **(Profº Marcos).**

Professora Sandra observa que o fato de sua cidade de origem ser pequena facilitou a formação da rede migratória. O incentivo e a inserção nos cursos de graduação já se estabeleciam pelas informações que chegavam à localidade sobre o êxito daqueles que haviam migrado. Comenta que iniciou a graduação pela fomentação da ideia e desejo de se deslocar de sua cidade natal.

Como a cidade é pequena, e o distrito que eu morava era menor ainda. O contato com as pessoas era muito próximo. Todo mundo se conhecia. A gente sabia das pessoas que iam embora para trabalhar em outras cidades porque eram próximas. Então... Eu já sabia que tinha muita gente que estava estudando para vir dar aula em São Paulo. Tinha colegas que já tinham se formado e vindo embora. Já estavam dando aula. Então... Já começava a ter essa vontade... Essa curiosidade de saber como que era... E até de vir embora. Quando eu fui para a faculdade eu já tinha planos para sair de lá. **(Profª Sandra).**

Professor Elmo demonstra que as limitações existentes em sua cidade natal promoveram a ideia de migração. Contudo, tal ideia foi fortalecida e se transformou em desejo e possibilidade pela atuação da rede relacional que informou, incentivou e auxiliou o deslocamento migratório observa.

A inserção em cursos de formação para o exercício do magistério ocorreu devido a ciência que possuíam sobre a possibilidade plena de emprego garantido em escolas públicas estaduais na Grande São Paulo. Ao ter conhecimento da saturação do mercado de trabalho na região de Americana, Professor Elmo decidiu pelo deslocamento migratório à região metropolitana de São Paulo, especificamente Francisco Morato.

A região da minha cidade natal é basicamente agrícola. Poucas indústrias. Pouquíssimas... E a área agrícola... Fora Jales, que tem um pouco de plantação de uva, o resto é plantação de cana de açúcar. Então... Ou você trabalha no comércio que paga muitíssimo mal... Ou você vai trabalhar na cana de açúcar, como motorista ou como braçal. Não tem opção. Mesmo você se

formando vai ter que migrar. E todos sabiam da falta de profissionais na área da educação aqui em São Paulo. Nós já sabíamos disso porque alguns já viam e passavam as informações. Todos que estavam fazendo licenciatura ali já estavam cientes que iam fazer licenciatura para vir para algum lugar aqui da região da Grande São Paulo ou mesmo para outras cidades próximas. Tem pessoal que eu conheço que veio para Vinhedo... Que veio para Americana, Sumaré, Nova Odessa, Campinas... O pessoal já vai fazendo o curso pensando e programando que vai ter que vir para cá. Eu tinha alguns colegas que já eram professores em Americana. Que já davam aula em Americana há alguns anos e que estavam estabilizados. Minha ideia no primeiro momento não era vir para São Paulo. Era voltar para Americana. Porque eu já conhecia a cidade. Conhecia a região... Só que eu comecei a conversar com o pessoal... Pesquisar... Americana já estava um tanto saturada de professores. Já estava começando a ficar mais difícil conseguir aula em Americana. Principalmente, quando você chega e tem zero ponto. Então, acabei optando por migrar para São Paulo e me fixar em Francisco Morato que tinha vagas disponíveis. **(Prof^o Elmo).**

Ao recordar sobre a época que antecedeu seu deslocamento, Professora Roseli relata que todos que estavam inseridos em cursos de formação para o exercício da docência tinham ciência que teriam que migrar se quisessem lecionar. Comenta que muitos colegas possuíam o objetivo de lecionar no estado do Mato Grosso do Sul porque se situa próximo de suas cidades natais e as características da localidade lembram o interior.

Ciente que o mercado de trabalho para o exercício da docência estava saturado no interior, Professora Roseli aponta que o propósito ao término da graduação era se deslocar para outras regiões, sobre a Grande São Paulo. Mesmo não conhecendo Francisco Morato *in loco*, sabia da existência do município e das possibilidades reais do exercício da docência, sobretudo porque sua irmã já se encontrava estabelecida e lecionando na localidade.

Todos que terminavam o Magistério entravam para a faculdade ou viam embora. No Magistério tinha gente que sabia que ia dar aula fora da região. Teve gente que estudou comigo no Magistério e foi embora. Teve gente que não foi. Então, a gente sabia que tinham pessoas que saiam com o Magistério para dar aula em algum lugar, mas eu não sabia, especificamente, da cidade de Francisco Morato. Muitos colegas queriam ir para o Mato Grosso do Sul. Muitos falavam que iam para o Mato Grosso do Sul. Em dois mil e dois teve um concurso no Mato Grosso do Sul e muitos da sala prestaram o concurso, porque eles tinham a vontade de ir, porque lá era parecido com o interior. Eles também tinham medo de encarar a cidade grande. A gente sempre teve o propósito de migrar, porque quando a gente fazia estágio eram sempre os professores que tinha dado aula para a gente no Ensino Fundamental. Eu fiz estágio com meu professor de português, meu professor de matemática... Então, a gente sabia que não ia ficar lá, porque não iria ter vagas para lecionar. Tinha a questão de quando passasse no concurso, também não ia ter vaga no interior. Ia ter vaga na capital. Todo mundo pensava em dar aula... Quem tinha vontade de dar aula ia embora da cidade. Não ia ficar lá porque não tinha vaga. Tinha a Cássia, minha amiga, que era de Carapicuíba. Ela já falava que quando terminasse a faculdade a família dela ia voltar para Carapicuíba. Nós sabíamos que São Paulo era a maior possibilidade. No curso de Biologia eu já sabia que o município de Francisco Morato existia porque minha irmã tinha chegado aqui em 2003. E eu, como minha irmã já estava desde 2003 aqui, já falava que iria embora para Francisco Morato quando terminasse o curso. Mesmo sem saber como era o município. Então, eu tinha vontade de terminar o curso para vir para Francisco Morato lecionar. Eu não imaginava como era... Eu vim para Morato porque eu quis vir. Como eu queria sair do interior... Comecei a fazer o Magistério... Então... Eu já sonhei com aquilo que eu estava fazendo. A partir do momento que eu fui cursar a faculdade, também sonhei com aquilo que estava fazendo... Que era ser professora de Ciências. A partir do momento que eu

comecei a sonhar em vir para Francisco Morato, eu quis realizar esse sonho de chegar em Francisco Morato. **(Profª Roseli)**.

Professor Carlos relata que seu objetivo ao cursar a licenciatura em História não era se deslocar para Francisco Morato, mas sim para alguma região que possuísse características semelhantes à sua cidade natal.

Comenta que a maioria dos seus amigos possuíam o propósito de migrar para exercer a docência. Contudo, não tinham a certeza do local de destino. Existiam várias opções: São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e até estados do Norte do Brasil.

Observa que ao término do curso decidiu pelo deslocamento para Francisco Morato porque além do mercado de trabalho aquecido, viabilizaria outras possibilidades, como por exemplo a continuidade dos estudos.

No primeiro momento quando eu estava cursando a licenciatura, a minha ideia não era vir para cá. Era procurar outros lugares onde eu pudesse trabalhar e que fossem mais adaptáveis à realidade do interior. Porque vir para a capital... Eu já conhecia São Paulo, mas não era uma coisa que eu queria. Mas... No terceiro ano eu vi que não tinham muitas alternativas para o interior e, eu queria continuar estudando. A ideia de se formar e ir embora estava na cabeça e na boca de todo mundo. Então... Nós sabíamos que iríamos nos formar e sair de lá. Isso era uma coisa que estava em nossa cabeça. Só não se sabia para onde. Alguns optaram pelo Mato Grosso... Mato Grosso do Sul. Ou então na região Norte do Brasil. Muitos foram para o Mato Grosso. Conheço gente que está lá até hoje. Que se adaptou mais fácil à realidade do Mato Grosso que a realidade de São Paulo. E outros viam para cá. Mas a ideia básica era de ir embora. Não se sabia para onde. Então... São Paulo me pareceu mais propício, sobretudo, pela possibilidade de render bons frutos. **(Profº Carlos)**.

Nos depoimentos que seguem, observamos o capital social, que se constitui conforme Bourdieu (2000b, 2002d) em uma rede relacional a partir de vínculos comuns. Tais redes, mais do que atuar na construção da ideia de deslocamento, aperou como influenciadora e promotora da migração entre os nossos entrevistados a partir de uma convivência diária nos variados espaços sociais de suas localidades de origem, sobretudo com relação às informações sobre as possibilidades de êxito advindas do deslocamento.

Professora Enilda relata que seu deslocamento se realizou porque sua irmã já se encontrava na Grande São Paulo. O incentivo e o auxílio de sua irmã no processo migratório foram essenciais para que tudo ocorresse conforme havia projetado. Observa que a migração foi realizada em parceria com uma amiga da faculdade que também possuía uma irmã que vivia na capital paulista.

Como a minha irmã já tinha vindo dar aula aqui ficou mais fácil migrar. Ela estava dando aula em Franco da Rocha. Eu já sabia das informações e que podia vir que teria apoio. A minha irmã, sempre que podia, ia para o interior. Porque tinha minha mãe que já estava doente também. Ela sempre falava para eu vir para cá quando eu terminasse. Então ficou mais fácil. Eu vim para cá em noventa e um. Eu vim em janeiro, e logo depois estourou aquela coisa do Plano Collor II. Eu vim para cá com uma menina... Uma colega que fez faculdade de Pedagogia comigo. Ela não fez Magistério. Fez colegial normal e depois fez Pedagogia. A irmã dela já estava trabalhando aqui. Tinha feito Enfermagem lá em Marília. A irmã dela também fez por sistema de bolsas. A irmã dela já estava morando aqui. Já tinha conseguido emprego... Já estava estabilizada. E ela veio para cá. **(Profª Enilda).**

Ao relembrar o processo que desembocou em sua migração, Professor Adenilson evidencia a extensa rede social existente em sua cidade natal e na região circunvizinha, sobretudo na cidade de Novo Horizonte. Relata que tal rede relacional se constituiu essencial para que os formados para o exercício da

docência da região conseguissem se inserir no mercado de trabalho na Grande São Paulo, especialmente em Francisco Morato.

Professor Adenilson denota o momento em que se firmou o convite de um amigo de infância para que viesse lecionar em Francisco Morato, pois já encontrava estabelecido na localidade. Comenta que conversou com sua irmã e sua mãe sobre a possibilidade que lhe estava sendo oferecida e que não possuía alternativa senão migrar. Esclarece que as condições materiais de existência a que estava submetido também foram incentivadoras de seu deslocamento.

Eu tinha muitos conhecidos que vieram para cá. A primeira pessoa de Sales a vir para Francisco Morato foi a Ivone, mulher do Valdair. A Ivone trouxe o Valdair, que hoje é marido dela. O Valdair trouxe o Valdir. O Valdir trouxe o irmão dele, o Marcos. Ele me trouxe também. Vieram mais algumas pessoas. O Rodrigo veio de Sales. O Douglas. Veio o Carlos. Veio a Telma. Veia a Eliane. Veio a Adriana. Veio... Ah... Me foge o nome... É a irmã da Adriana. Mas... Vieram várias pessoas de lá. O Marcos que também é dessa turma que eu citei. Ele ficou um certo tempo aqui... O Marquinhos, que é irmão do Valdir... O restante já voltou tudo. A Ivone, que foi a pioneira de Sales a vir para Francisco Morato, tinha primas que moravam em Novo Horizonte, que é uma cidade vizinha de Sales. E Novo Horizonte também é uma cidade muito forte na exportação de professores para Francisco Morato. E a prima dela tinha vindo para Francisco Morato. Também passou... E trouxe ela. Puxou ela. Isso em noventa. E a prima puxou ela. Que ela puxou o Valdair e aí... Seguiu essa corrente ali... Então em cima dessa vinda deles, eu conversei com um amigo, que também estudou na mesma escola que eu... E numa conversa... Lembro como se fosse hoje. Dia sete de setembro. Foi um feriado que ele foi prá lá. E a gente sentou... Tomando uma cerveja, conversando... Ele fez a proposta para que eu viesse para Francisco Morato para lecionar. Ele foi e me chamou: – Denilson! Vamos para Francisco Morato! Você mora lá! Eu arrumo... Eu converso com alguns amigos lá! Te indico em algumas escolas... Então... Em cima

dessa oportunidade que foi me dada pelo meu amigo... Então eu vim pra cá. Eu peguei e vim para cá com ele. Então, por conta disso... Eu cheguei, chamei a minha irmã e minha mãe... Conversei com elas... Falei assim: - Olha! Eu preciso ir embora... Eu tenho uma oportunidade de dar certo. Agora eu não estou indo embora sem... Como diz na minha terra: sem eira e nem beira. Eu estou indo com uma pessoa daqui... Eu vou tentar... Se não der certo, eu volto. Mas, na minha situação, naquele momento, eu tinha que dar certo. Não tinha muitas opções não. Então... Esse ter que dar certo me ajudou bastante. E... Eu sou de uma família de doze irmãos... Onde a gente lutou muito com a vida. E graças a Deus eu vim prá cá... **(Profº Adenilson)**.

Professora Idy evidencia a importância dos vínculos sociais existentes em sua cidade natal, Novo Horizonte, em sua empreitada migratória. Apesar de receber convites anteriores para migrar à Francisco Morato, ela observa que ao ser convidada por uma amiga, no final do ano de noventa e cinco, decidiu aceitar, porque o momento era propício para tal empreitada.

Uma colega da mesma cidade, Novo Horizonte, que já morava aqui em Francisco Morato e que era professora, falou para mim: - Vamos para Morato. Você conhece e tenta. Se não der certo você volta. Você está desempregada mesmo... Não vai perder nada. Eu já tinha recebido esse convite outras vezes na época que eu estava cursando, mas não me interessava porque eu tinha emprego e ainda estava cursando a faculdade. Eu queria terminar a faculdade. Todo mundo me convidava para vir e não aceitava. No dia... Não sei se foi a necessidade de me ver desempregada... Foi que eu resolvi aceitar o convite e decidi migrar. Quando surgiu a oportunidade através dessa amiga, eu fui morar com ela e mais oito professoras. E foi assim... **(Profª Idy)**.

Ao relembrar o processo de deslocamento dos professores do interior, Professor Marcos comenta que o fluxo se iniciou na década de oitenta para a região de Campinas. Posteriormente, o deslocamento seguiu sentido à Grande

São Paulo porque a região de Campinas já se encontrava saturada. Observa que a atuação da rede social foi essencial para esse processo se concretizasse e se desenvolvesse.

Professor Marcos relata que na década de noventa o deslocamento de professores do Noroeste Paulista se constituiu em direção a região de Jundiaí e Francisco Morato. Observa que muitos amigos resolveram fixar residência em cidades como Várzea Paulista, Jundiaí e Campo Limpo Paulista e lecionar em Francisco Morato. Esclarece que a opção pela residência em tais cidades ocorreu devido às características similares ao interior, e o exercício da docência em Francisco Morato se deu pela oferta de vagas disponíveis.

Na década de oitenta eu tive vários conhecidos que vieram para a região de Campinas, região de Americana para dar aula. No final da década de oitenta e início da década de noventa, vários conhecidos acabaram se instalando, principalmente, em Santa Bárbara D'Oeste. E eu tenho vários amigos, da minha cidade, que acabaram se deslocando para Americana, Santa Bárbara D'Oeste... Eles pegaram aulas muito rápido na época. Quando retornavam nas férias nós conversávamos sobre a migração. Então, essa informação foi passando para mim e para outros. Em princípio nós pensávamos que em Americana havia aulas. Por quê? Essa informação era passada por outras pessoas. Apesar de que, chega um momento que satura. A partir do momento que todo mundo vai para um determinado lugar acaba-se o emprego. A partir do momento que vários profissionais chegam a uma região, o espaço de trabalho vai ficar saturado e não vai precisar mais de tantos profissionais como precisava em anos anteriores. E aí ocorre o fluxo na década de noventa do pessoal se deslocar para a região da Grande São Paulo. Em noventa o pessoal vem para a região. E na região de Jundiaí e Francisco Morato o pessoal começa a se instalar. Começa a ter um grande fluxo de professores do interior. Mas a intensificação é após noventa e seis. E o pessoal vem e se instala na região de Jundiaí e Francisco Morato. Muitos acabaram residindo na região de Jundiaí e lecionando em Francisco Morato. Eu tinha

vários amigos que vinham de lá para lecionar em Francisco Morato. Inclusive, como eu faço até hoje. Mas, a informação sempre foi passada por amigos que já vinham de outras regiões. Que moravam em Dolcinópolis e vinham para cá. Na época das férias retornavam, conversávamos... E eles passavam esse tipo de informação. A questão é que o Interior foi tendo professores diplomados, efetivos... A tendência foi buscar um novo mercado para estar atuando como professor. E esse novo mercado foi cada vez mais ficando longe do interior. Da terra natal. Mas as pessoas sabiam que tinha que trabalhar. Então, por isso que ocorreu essa migração. **(Profº Marcos)**.

Ao relembrar o processo que permeou seu deslocamento, Professora Sandra relata que o incentivo e cooperação da rede relacional se configurou capital para que seu deslocamento se concretizasse. Observa que nas férias de dezembro do ano de noventa e sete, sua amiga praticamente a intimou a migrar para exercer a docência em Francisco Morato.

Comenta que a opção que possuía para tentar transformar suas condições materiais de existência era a empreitada migratória. Denota que até aquele momento jamais havia saído da casa de seus pais e permanecido distante. Também, esclarece que a atuação de sua tia, que se encontrava de férias em sua casa, foi importante para que seu pai aprovasse e autorizasse seu deslocamento migratório.

Eu vim para Morato através de uma amiga. Minha amiga veio no ano de noventa e sete. Mil novecentos e noventa e sete. E eu vim em mil novecentos e noventa e oito. Ela estava em férias. Foi após terminar as aulas de noventa e sete que ela foi para o interior. Aí ela falou: - Não! Você está terminando... Você tem que ir embora! Você não vai ficar aqui. Por quê? Se eu continuasse lá no interior, o que ia acontecer? Eu estudei e ia acabar ficando o que: trabalhando na roça, de empregada doméstica ou de balconista numa loja. Então... Ela chegou e convidou: - Não! Vamos embora! Vamos! Você fica lá com nós... Na nossa república. Você fica lá com nós até... Inclusive, para

quem nunca tinha saído de casa. Que eu nunca tinha saído de casa. Assim... Ir para fora. O meu pai não deixava. E aí meu pai... O dia que eu pedi para o meu pai: - Pai, eu posso ir? Ele pensou... Ele pensou... Aí... Até tinha uma tia minha que morava aqui em São Paulo e estava lá passando férias. Ela falou assim para meu pai: - Não. Você tem que deixar! Você tem que deixar ela! Por quê?... Ela estudou para ficar aqui na roça? Então, ela tem que ir! Porque pelo menos lá ela vai ter oportunidade... Minha amiga falou assim: - Você vai conseguir aula! Porque lá tem muita aula! E você vai conseguir. Daí... Foi por isso que eu vim junto com ela.

(Profª Sandra).

Professor Elmo relata que a rede relacional atuou singularmente para que ele e seus amigos de faculdade conseguissem se deslocar para exercerem a docência. Comenta que, sobretudo nos períodos de férias as informações circulavam mais intensamente. Desde a época da graduação a rede social estava sendo formada para que após a conclusão pudessem efetivar seus objetivos de migrar. Esclarece que a região de Campinas, que havia se constituído polo de migração em anos anteriores, estava saturada de professores. Dessa maneira, a opção mais viável era a migração para a Grande São Paulo, pois pelas informações passadas pelos vínculos sociais o mercado de trabalho docente se encontrava aquecido.

Eu lembro que o pessoal foi passear lá nas férias e comentou sobre a existência de vagas. E eu vinha conversando com os colegas que já estavam em Americana também. Tinham outros que já estavam aqui em São Paulo. Inclusive o meu vizinho já estava aqui em Caieiras. Eles falavam que se quisesse ir para lecionar estavam a disposição. Eles passavam o telefone. Eu peguei o telefone de um monte de gente. Uns que estavam em São Paulo, outros que estavam na Barra Funda... O pessoal que estudava comigo também pegou telefone... De toda a região ali. O pessoal de General Salgado... Turmalina, Dolcinópolis... Palmeira D'Oeste... De toda região ali... Todas próximas a Jales. Todo mundo tinha contato. Porque quando você chega à

Faculdade em Jales à noite o que você vê é aquele monte de ônibus estacionados. De todas as cidades da região. De todas as cidades. Então, já tinha contato com o pessoal. O próprio pessoal da sala falava: - Eu vou para São Paulo. – Eu vou para tal lugar... Sempre... Todos esses que estavam fazendo licenciatura já conhecia alguém que estava dando aula aqui. Em São Paulo... Em Americana. Na região... Na Grande São Paulo... São Mateus... Tinha um rapaz da minha sala... Inclusive, depois ele veio para Francisco Morato. Foi professor aqui. Você deve conhecer ele. Ele tinha uma tia que morava no Tucuruvi. A gente combinou... Como Americana estava mais difícil... Eu tinha conhecidos em Americana. Eu poderia ter ido para Americana. Mas, Americana, Sumaré, Nova Odessa... A região já estava saturada. O pessoal que estava lá já informava que estava difícil para que queria começar. Já começava a ficar difícil conseguir aula. Principalmente aqueles que haviam chegado recentemente. O pessoal falou para mim que São Paulo estava mais fácil. Então, eu vim para São Paulo. **(Profº Elmo)**.

Professora Roseli relata que na época da graduação a ideia de deslocamento já estava sendo gestada por todos que cursavam licenciatura. Tinham ciência que o salário pago aos docentes era superior ao que ganhavam no trabalho da roça, na função doméstica ou na prefeitura. Observa que seu objetivo de deslocamento não era associado diretamente ao salário que receberia como professor, e sim porque pretendia sair do interior e deixar de exercer a função doméstica e exercer a docência.

Esclarece que a rede relacional foi essencial não apenas para mostrar a viabilidade da migração, mas para incentivar, apoiar e promover o deslocamento migratório de centenas de formados para o exercício da docência. A ideia de se formar para exercer a docência em São Paulo era algo que permeava o seu cotidiano.

Quando sua irmã migrou e conseguiu se inserir na docência em Francisco Morato, Professora Roseli teve certeza que seu deslocamento iria se efetiva tão

logo se formasse na graduação. Conclui que a rede de migração foi a responsável pelas transformações das condições materiais de existência de todos que decidiram pela empreitada migratória.

Já na faculdade a gente pensava em ir embora porque queria trabalhar. A gente já tinha em mente que professor ganhava mais. Mas não sabia quanto a mais era que ganhava. Eu fui saber quanto professor ganhava quando minha irmã começou a dar aula. Antes disso eu também não sabia quanto ganhava um professor para ficar almejando aquele salário do professor. Não tinha isso em mente. Então... Não era pelo salário. Eu queria sair do interior! Eu queria parar de ser doméstica. Eu queria trabalhar em outra coisa. Eu não queria ficar minha vida inteira sendo a doméstica. Trabalhando na casa dos outros. E eu decidi fazer o Magistério sabendo que eu ia ser professora. Então, eu queria usar meu diploma de professora. De vir lecionar. Porque lá no interior eu não ia ter a oportunidade de ser professora. E se lá no interior não ia ter emprego... Já que você estava fazendo um curso superior você teria que trabalhar naquela área. Eu não queria terminar a faculdade para continuar doméstica. Eu vim para cá porque eu queria sair de lá! Eu queria dar aula. Eu queria sair... Desde quando eu cursei o Magistério eu queria ser professora. Eu não passei a minha infância brincando de professora... Brincando de escolinha. Não era isso que eu tinha em mente quando eu era criança. Mas, a partir do momento que eu cursei o Magistério, eu queria vir para a sala de aula. Eu queria vir dar aula. Eu tinha medo de chegar à sala de aula... Eu ficava pensando em como ia ser enfrentar tudo aquilo. Mas, tinha uma curiosidade interna. Desafio... Acho essa é a palavra mais correta para expressar o que eu queria. Agora... As poucas pessoas que fizeram o Magistério... Que terminaram antes de mim e que ficaram lá, eram casadas... Era porque já tinham seus filhos grandes... Seus maridos nos empregos... Então, não saíram. A maioria dos solteiros iam embora. Então, eu era solteira. Eu precisava saber o que era. Não tinha o que me prendesse a não ser o pai. Mas, depois apareceu filho e a gente

tem outras responsabilidades. Tinha que buscar outra coisa. Eu queria sair da cidade para tentar outro emprego. Do mesmo jeito que a turma que estudava comigo... Uns trabalhavam na prefeitura, outros trabalhavam no comércio, na roça... Os que queriam ir embora também queriam trabalhar no que eles estavam se formando: ser professor. Muitos dos meninos de Santa Rita foram embora. De Jales eu não conheço muita gente que saiu... Teve gente que ficou. Mas, a maioria dos meninos que falavam que ia dar aula foram embora. A gente ia embora para dar aula. Eu não tive parentes que foram embora na década de oitenta para lecionar. Mas eu tive conhecidos da igreja, vizinhos... Lá onde eu morava tinha as filhas de uma vizinha... As duas meninas dela tinham vindo embora. Uma estava em Osasco dando aula. A outra tinha ido para Santa Albertina e depois para São Carlos e estava dando aula. Então, nós tínhamos exemplo de pessoas que saíam e iam dar aula. Acabava no fim... A família comentava... E quando viam nos feriados passear a gente conversava... Na cidade a gente conhecia quase todo mundo. E tem pessoas que você tem mais contato. As minhas irmãs, que são mais velhas que eu, tinham amigas que já haviam vindo embora e que às vezes escreviam cartas... Então, você sabia que a pessoa havia terminado o Magistério e que tinha ido embora... O que eu não sabia era em qual cidade que a pessoas estavam. A gente falava lá no interior que a pessoa estava em São Paulo, mas não sabia em qual cidade. Pegava essa região da Grande São Paulo e para não falar o nome da cidade específica, porque esquecia o nome ou não tinha certeza, falava que estava em São Paulo dando aula. Então, tinha essa rede social de informação. Por isso que a gente ia construindo mesmo... Eu vou fazer o Magistério porque eu vou me formar professora e vou poder ir embora para dar aula. Você não sabia para onde iria, mas sabia que podia dar aula em São Paulo. Eu também não conseguia nem imaginar que tamanho que era esse São Paulo. Que tamanho que era isso. A gente sabe que não era apenas a cidade de São Paulo. Era a Grande São Paulo, ou seja, as cidades que estavam em torno da capital, e também Americana que está aqui perto, mas

não pertence à Grande São Paulo. Mas a gente sabia que muita gente vinha para São Paulo. Só isso. Mas não sabia a cidade certa de São Paulo. A minha irmã foi mais um incentivo para eu ter coragem de vir. Ela terminou a faculdade em dois mil. Quando ela estava na faculdade, uma amiga dela estava no ultimo ano da graduação... E elas eram muito amigas. Amigas da igreja... Amigas do dia a dia... Sempre foram amigas. Então... Essa amiga veio para cá. Para Francisco Morato. Porque ela já tinha uma irmã aqui. Ela já morava aqui há muito tempo. Desde a minha adolescência eu sei que a irmã dela morava aqui. Que ela tinha feito o Magistério e vindo para São Paulo. Então... Ela veio porque a irmã dela já estava aqui. Ela ficou trabalhando aqui... Acho que foram dois anos que ela ficou. Então... Ela já incentivava a minha irmã a vir morar em Francisco Morato. Quando a minha irmã chegou aqui, em janeiro de dois mil e três, ela veio com outra amiga, e foram morar com essa que estava aqui. Elas ficaram mais ou menos uns quatro meses, ou até mais, morando juntas. Quando eu vim para Francisco Morato, minha irmã já estava casada e eu já tinha terminado a faculdade. Eu sabia que eu ia morar com ela. Ela já estava há dois anos aqui. Já ia para o terceiro ano quando eu cheguei aqui no mês de janeiro de dois mil e seis. Ela chegou em janeiro de dois mil e três. Ela chegou com incentivo de uma pessoa e eu vim com o incentivo dela. Teve que ter essa informação e alguém para dar a mão. Ela não veio com a cara e a coragem. Ela veio porque alguém ofereceu o auxílio. Elas terminaram o curso de Letras em dois mil e dois e vieram em dois mil e três morar nos fundos da casa dessa amiga, em um quartinho. Ficaram uns cinco meses... Depois elas se estabilizaram, alugaram uma casa e ficaram morando as duas. E eu também vim porque ela me ofereceu o auxílio. Então... Em dois mil e seis quando eu cheguei aqui minha irmã já tinha casado e eu fui morar com ela e o marido. É uma rede. Você vai vendo o filho do vizinho que foi embora... Um conhecido da igreja que foi embora... **(Profª Roseli)**.

Por intermédio da rede relacional a ideia de deslocamento foi se desenvolvendo gradativamente afirma Professor Carlos. Comenta que a vinda para São Paulo, mais especificamente Francisco Morato, foi pela quantidade de vagas disponíveis para a docência e por opção de estar próximo a determinadas oportunidades existentes na capital paulista. Observa que por meio de seu amigo de infância a empreitada migratória se concretizou, pois este auxiliou-o em todos os sentidos, desde a decisão de migrar, a instalação e os procedimentos para inserção na docência.

Foi no último ano da graduação que eu comecei a amadurecer a ideia de migração. Fui fazendo contatos. Eu tinha alguns contatos aqui em Francisco Morato. Eu tinha alguns amigos do interior que já moravam aqui. No último ano da faculdade eu pensava o que eu ia fazer depois de formado. Eu sabia que para continuar estudando eu teria que trabalhar. Eu vi aqui uma oportunidade porque estaria perto de faculdades boas para continuar os estudos. Só que aquela coisa... Eu não contava com isso... Se surgisse outra opção que fosse mais viável... Eu talvez iria para outro lugar. Não foi uma escolha definitiva. Foi uma questão de logística. De estar perto de tudo que eu queria. No caso estudar... A vida cultural de São Paulo... Por isso eu achei mais viável. Ficou mais fácil por isso. São Paulo era a opção mais viável pela quantidade de aulas que tinha aqui e as informações que chegavam para gente. O pessoal que vinha embora anteriormente e voltava para lá e falava: - Cara! Tem muita aula lá! Vai para lá! Eu tenho um amigo... Morei com ele durante dois anos aqui... Que era um amigo de infância. Professor de História... E ele falou – Saiu um cara lá de casa. Lá da república. Você vai querer vir embora mesmo? Porque eu tinha perguntado como era morar e trabalhar aqui. Se eu ia conseguir aulas... E ele falou: - Saiu um cara lá de casa. Quer que eu arrume um lugar para você? A gente já reserva um lugar para você, e já começa o ano lá. Isso de julho de 2006 para frente. Eu aceitei porque eu já conhecia esse amigo. Era uma questão de conforto e uma pessoa de confiança. Então... Eu decidi vir porque estaria entre amigos. E acabei vindo para cá.

Mas... Essa ideia foi amadurecida nesse ponto. Eu disse: - Eu vou para Morato! Eu vim porque eu já tinha os amigos aqui. Por isso eu aceitei o convite. **(Profº Carlos)**.

Os depoimentos dos professores migrantes evidenciam que as redes sociais ou redes de migração que, conforme Portes (2000) são construídas por meio de relações e associações entre indivíduos e grupos conectados por vínculos de camaradagem, familiares, de afeto, profissionais, culturais, entre outras, foram essenciais nesse momento de suas trajetórias, à medida que informaram, incentivaram, apoiaram e os auxiliaram para que a empreitada migratória se efetivasse e fosse menos traumática possível.

Essas redes de migração, que são associações relacionais de auxílio mútuo, estruturadas nos diversos espaços cotidianos da localidade de origem dos migrantes em potencial, vinculam esses aos indivíduos que já efetivaram a empreitada migratória e se encontram estabilizados nos locais de destino. Essas relações proporcionam perspectivas e auxiliam àqueles que objetivam efetivar o deslocamento migratório, facilitando suas inserções no espaço de destino. (ARANGO, 2000).

Compreendemos que o contexto que permeou suas trajetórias nos seus locais de origem a partir de suas condições materiais de existência atuou como impulsionador da empreitada migratória, sobretudo após a aquisição das licenciaturas que possibilitou exercerem a docência em escolas estaduais do município de Francisco Morato e, conseqüentemente vislumbrarem transformações em suas vidas porque “[...] as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias.” (MARX & ENGELS, 2001, p. 36).

Capítulo 2 – Entre o gravado e o grafado: o destino do professor migrante enquanto espaço dicotômico

Formado pelo deslocamento migratório, principalmente pelos significativos contingentes populacionais que se estabeleceram a partir da década de 1970, na Região Sudeste, especialmente na Grande São Paulo, Francisco Morato surpreende o visitante neófito por vários aspectos singulares que se expressam, desde o primeiro momento, pela característica geomorfológica²⁵, pelas moradias erigidas pela autoconstrução²⁶ em locais íngremes com alta declividade, pelo fluxo intenso dos seus moradores e do seu comércio local, sobretudo, o informal.

Essa localidade se constituiu destino dos professores migrantes que, incentivados e auxiliados por vínculos sociais decidiram se deslocar de suas cidades de origem com o objetivo não apenas de exercerem a docência em escolas públicas estaduais do município em questão, mas, acima de tudo, transformarem suas condições materiais de existência.

Assim, esse capítulo orienta-se pelas trajetórias dos professores migrantes, construídas pelos seus depoimentos orais, a partir de suas percepções sobre o município quando de suas chegadas. Tais depoimentos orais apresentam suas percepções sobre o local de destino e o estranhamento enquanto olhar exterior que desnaturaliza e que provoca no indivíduo sensações de medo, revolta, contradição, desesperança e fascínio diante da realidade social.

²⁵ Os mares de morros – relevo acidentado de alta declividade e amplitude, constituindo-se entre 100 e 300 metros – conceito elaborado por Pierre Deffontaines presente em Ab'SÁBER (2003), é o que caracteriza o município de Francisco Morato.

²⁶ O conceito de *autoconstrução* possui simples, ampla e imediata noção que consiste em habitação construída pelo indivíduo que irá ocupá-la, sem qualquer interferência de um pedreiro, mestre de obra ou engenheiro, ainda que aquele que a constrói seja categorizado em um dos perfis acima. Para maior compreensão do conceito verificar Bonduki (2004) e Kowarick (2009).

Concomitantemente, determinados dados oficiais referentes ao município de Francisco Morato, elaborados pelo IBGE, PNUD e SEADE, serão evidenciados, assim como o debate em torno de determinados conceitos que se fazem presentes nas observações dos professores sobre a localidade.

2.1. Professores: percepções sobre a localidade de destino

A análise dos depoimentos se faz para compreender como o migrante vislumbra o espaço de destino. Os impactos que acometem os indivíduos em seu encontro com o novo são evidenciados pelos professores. A chegada a Francisco Morato provocou diversas sensações de estranhamento que os acompanhou e, ainda acompanha, suas trajetórias.

No entanto, apesar das percepções iniciais que fizeram muitos desistirem da empreitada migratória, os professores observam que a grande maioria conseguiu se adaptar na localidade, sobretudo porque necessitavam permanecer e continuarem obstinados em seus propósitos.

Professora Enilda relata que quando chegou à Francisco Morato o impacto que a acometeu foi intenso. Ela comenta que para o migrante recém-chegado de cidade com características diversas da encontrada no município a opção imediata é retornar. Observa que a falta de professores nas escolas públicas estaduais era, sobretudo, ocasionada pela estrutura da localidade.

As práticas dos moradores de Francisco Morato também influenciam em sua degradação denota Professora Enilda, pois estas reproduzem o desvinculo com a localidade, sobretudo porque o mesmo é considerado como um espaço temporário. Todavia, observa que apesar dos inúmeros problemas existentes no município, foi a partir deste que milhares de pessoas – inclusive ela – conseguiram transformar suas condições materiais de existência.

O choque foi muito grande quando eu cheguei em Francisco Morato. E Francisco Morato... Como ela cresce

desordenadamente até hoje... Isso não parou. É um processo que continua. Vai ser muito difícil para as pessoas que estão no comando da prefeitura conseguir frear isso. Mesmo porque em relação aos terrenos, comparando com outras regiões, são muito baratos. E também tem a questão da ocupação. E hoje ela vive um problema grave por causa disso. E o processo de desocupação é problemático... Tanto é que o município vive esse processo agora... Perto do terminal rodoviário tem várias casas derrubadas. Também, tem lá no perto da estação... Não sei se você já foi lá... Tudo derrubado! Tem várias lojas que foram derrubadas. Tem outras que entraram com recurso. Então, o impacto é grande. Como na época faltavam professores aqui em Morato, muitos colegas vinham para cá, porém, quando viam a situação... Logo retornavam... Não se adaptavam. Tanto é que quando eu me interessei em fazer o curso de História os colegas me falaram que não precisava ter outro curso. Falavam que no município ia ter aula sempre. Eles falavam: - Aqui não tem professor formado. E os que vêm e dão uma olhada nessa coisa horrorosa que é Francisco Morato, eles vão embora! Então, os que ficavam é porque tinham necessidade de ficar. Porque alguns eram formados em outras áreas, como alguns que eram advogados, engenheiros, administradores ou outros que haviam saído do Ensino Médio. No caso do Márcio, calhou de dar certo de ele estar no segundo ano do bacharelado em Química e conseguir aula. Ele não estava se formando para licenciatura, mas conseguiu aula porque faltava professor. E além da diferença da topografia, que é visível. Não tem o que falar... A diferença de organização da cidade é muita quando comparada ao interior. Porque lá no interior, por exemplo, você não joga o lixo no terreno vizinho. Você não encosta o lixo na lixeira do vizinho. Você varre a frente da sua casa. Tem rua que também não é asfaltada lá no interior, mas você cuida do espaço que você vive. Porque já é uma educação da sociedade que mora ali. Lá tem o horário certinho do lixeiro passar. Então, nós colocamos o lixo no cesto próximo ao horário. Você não tem lixo espalhado na rua. Você não solta os seus cachorros na rua e deixa eles perambulando. Mesmo que seu quintal não tenha

muro, seu cachorro já é amarrado para não ir para a rua. Porque se ir para a rua a carrocinha pega e você vai ter que justificar lá porque o seu cachorro estava solto na rua. E aqui, como é um município migrante, as pessoas iam e vinham, iam e vinham... Não se criou vínculo com o município. Então, eles não estavam preocupados em cuidar do município, do espaço que eles viviam, porque eles sempre estavam indo e vindo. Só que passou o tempo, e a maioria das pessoas ficaram. Foi isso que aconteceu. Por mais que o município seja ruim... Horrível! Mas graças a ele que eles tiveram oportunidade de ter um trabalho, uma moradia, formar família, etc. e tal... Que foi o meu caso. Então, deu oportunidade. Só que eu tenho uma estrutura. Só que, pessoas que vieram de regiões piores daquela que eu vim e de outras regiões muito pobres. Elas trouxeram práticas culturais que não colaboraram para o desenvolvimento do município. Elas não conseguiram se organizar, sobretudo porque elas viam o município como um espaço temporário que eles não se importavam se iria se desenvolver de maneira organizada ou não. E o poder público por outro lado abandonou o município e as pessoas. Não exigiu nada e também não deu outra opção. **(Profª Enilda)**.

Professor Adenilson ao comentar sobre as primeiras percepções sobre a localidade de destino, demonstra que sua vontade foi de retornar para o interior. A topografia e a organização de Francisco Morato em comparação com a cidade de Sales produziram o estranhamento que quase fez desistir de seus objetivos.

Observa que foi difícil se adaptar ao ritmo do município, especialmente pelas práticas nada receptíveis dos moradores e pela desorganização urbana em que, por exemplo, os motoristas não obedecem as leis de trânsito e os pedestres disputam espaço com estes nas ruas e avenidas.

Também, Professor Adenilson relata que Francisco Morato ao se caracterizar como município de passagem e dormitório não possui o engajamento da população para que as políticas públicas sejam promovidas.

Contudo, ainda que os inúmeros problemas provocaram percepções desagradáveis, ele demonstra que após dezoito anos conseguiu se adaptar e aprendeu a simpatizar com a localidade.

Quando eu cheguei em Morato, no ano de noventa e cinco, eu cheguei de trem. Na época tinha o trem que vinha do interior para a capital. Era um trem de passageiros, só que de longa distância. Quando eu cheguei aqui o impacto foi muito forte. E quando eu cheguei em Francisco Morato fiquei abismado. Gente do céu!!! Como é que esse povo mora aqui todo amontoadado desse jeito. E aquele aglomerado de pessoas na rua. Eu nunca tinha visto tanta gente numa rua só. É outra realidade! Eu fiquei chocado! A primeira impressão foi forte. Minha vontade foi pegar a minha mochila e voltar. Ir embora para minha terra. Mas, eu decidi que ia continuar. Eu já havia saído da casa de meus pais aos quatorze anos de idade. Fui morar com a minha irmã. Migrei... Depois de alguns anos voltei a morar com a minha irmã. Mas o sentimento mesmo de deixar a sua terra lá, com toda a organização social, em que as paisagens se perdem no horizonte. Lá no interior não tem morro! Então, quando eu cheguei aqui que eu vi esse monte de morro, esse monte de gente... Essa confusão... Confusão no trânsito... É gente brigando com espaço, com carro, com carroça no meio da rua. Assim... Foi uma visão muito ruim. Umhas casas em cima da outra. Umhas casas coladas no morro lá em cima. Você não consegue entender como a pessoa consegue morar em determinadas situações ali. O problema de Francisco Morato é que não existe planejamento. Até hoje não tem essa organização. É uma confusão... E outra coisa que também estranhei muito foi o trânsito. Não tinha um sentido... Por exemplo, nas ruas o carro que ia num sentido quase batia no outro carro que estava voltando no mesmo sentido. Parece que não tem contramão. Parece que não tem um sentido obrigatório. É o caos. As pessoas disputam o lugar no meio da rua. Isso é uma característica de Francisco Morato. O andar pelo meio da rua e não nas calçadas. Disputar os lugares com os carros, com

os cavalos, as charretes... Ainda em noventa e cinco tinha bastante charrete, cavalo. Hoje ainda tem, porém é em menor quantidade. E uma outra coisa também... Na minha cidade, a gente sempre teve o hábito de falar bom dia, boa tarde, boa noite para as pessoas. E aqui é uma outra história. Aqui você não tem esse respeito pelas pessoas. Eu estranhei muito. Porque você passava perto das pessoas e falava bom dia, só que ninguém respondia. Então você fica nessa... Nesse dilema... Continuo falando ou paro de falar? Será que eu não vou entrar no ritmo desse povo nunca. Então, eu sofri bastante para me adaptar. Melhor dizendo... Tentar me adaptar. No início eu tive um pouco de receio. Porque é um lugar novo. É um lugar diferente. Totalmente diferente daquilo que eu tinha lá... Só que eu já tinha estado em outros lugares também, não muito bons também. Então, esse medo eu não tinha não. Mas, o lugar aqui, comparado a minha região lá, era muito assustador. Aqui em Francisco Morato tinha uns crimes muito violentos. Foi numa época que teve umas chacinas grandes em Francisco Morato. E isso te deixa você apavorado. E a gente percebe logo de início que Francisco Morato é um município dormitório. É um município de transição. Por que muita gente... O que acontece ali... Muitas famílias saem corrida de determinados lugares. Sabe que tem um parente em Francisco Morato vai e se instala por algum tempo, até não arrumar problema ali. Arrumou problema, saem correndo de novo. Então, a gente percebe que é um município de passagem e dormitório. Assim, a maioria não se importa com o caos existente na localidade. Não se importa com a ausência do governo. Eu lembro que quando eu comecei a lecionar, tinha um ônibus chamado Represa. Uma linha de ônibus da época. Ela só ia até o Parque Cento e Vinte. Quando chovia ele não passava daquele local. Do Parque Cento e Vinte até o São João a gente tinha que ir a pé. Porque não era asfaltado até lá na escola. Apesar de ser uma escola nova, não tinha asfalto até a porta da escola. Foi asfaltar depois. Acho que no ano de noventa e oito. Para não gastar muita condução... Dinheiro de condução. Também não tinha. A gente ia mais a pé. A gente subia. Atravessava o bairro mesmo. Nessa caminhada a gente tinha

visão geral do bairro e do município. Era esgoto jogado na rua... A céu aberto. Esses estilos de rua, que não tem uma definição. Você não sabe onde começa e onde termina. Se termina? Então, era muito confuso. Eu me perdia muito. Eu não tinha essa noção de localização na bagunça. Na cidade de onde eu vim era tudo organizado. Então essa referência que eu trouxe de lá não serviu aqui. Eu tive que aprender porque a referência que eu tinha não valia para cá. Porque lá todas as cidades, sem exceção, são todas cortadas, todas esquadrejadas. Mas, assim... No geral, eu consegui fazer bons amigos. Hoje eu gosto de Francisco Morato. Por que? Foi o lugar que eu tive essa oportunidade de ser o que eu sou hoje... Então... A gente tem que gostar do lugar. Tentar se adaptar enquanto a gente está aqui, porque, caso contrário, não consegue ficar. **(Prof^º Adenilson)**.

Quando chegou à Francisco Morato para se instalar e iniciar a docência, Professora Idy comenta que ficou assustada. A configuração geográfica e a estrutura deficitária promoveram a dúvida se iria conseguir continuar como migrante na localidade. Observa que muitos professores migrantes não suportaram a situação aviltante e retornaram para suas cidades natais.

Denota que quando começou a lecionar, a escola se situava distante do centro do município e o acesso era difícil. Caso chovesse a frente da escola ficava intransitável e o ônibus não conseguia chegar até o local. Como lecionava no período noturno, tinha que pernoitar na escola ou na casa de algum conhecido. Professora Idy revela que ela permaneceu e conseguiu se adaptar porque a necessidade e a perseverança imperaram, caso contrário, também teria abandonado seu objetivo.

Em janeiro de noventa e seis eu peguei a mochila, coloquei nas costas e vim conhecer Morato com a Declaração de Conclusão da faculdade para atestar que eu tinha concluído o curso. E vim conhecer Morato. Chegando aqui eu levei aquele choque. Porque a geografia de Francisco Morato é totalmente diferente da existente em Novo Horizonte. Lá é tudo plano. Aqui é tudo

morro. Eu fiquei meio assustada. Eu fiquei pensando se eu ia dar conta de ficar aqui. Na época, quando eu comecei a trabalhar aqui... Do centro, onde eu morava, até a escola, era tudo mato. Não tinham tantas casas como tem hoje. Não tinha... A Avenida Paulo Brossard era terra. Nós vínhamos com os ônibus da Moratense... O chamado poeirinha. Os ônibus iam caindo nos buracos porque não tinha o asfalto. Balançava tudo. Parecia que o ônibus ia cair na ribanceira. Eu lembro que no meio do ano teve uma enchente e alagou tudo. Aquela frente da escola ficou totalmente alagada. Os ônibus não subiam de jeito nenhum. Nós não tínhamos como ir embora. Deu onze horas da noite e nós não tínhamos como ir embora. Então, a situação não era fácil. A gente ficou porque precisava e era perseverante. Muitos aguentavam um tempo e voltavam para o interior porque o impacto era enorme. **(Profª Idy).**

Professor Marcos relata que ao chegar à Francisco Morato sua percepção não foi positiva. Acostumado a viver em uma cidade planejada e organizada optou, no início de seu deslocamento, residir em Várzea Paulista pois esta possuía características semelhantes à cidade de Dolcinópolis.

Após alguns anos – entre 2001 e 2002 – foi obrigado pelas circunstâncias a também residir em Francisco Morato. Esse momento foi problemático aponta Professor Marcos, à medida que além de estar longe da família e amigos do interior, teve que ficar longe dos amigos que ficaram em Várzea Paulista e residir em um local que não lhe agradava.

Crítico da situação que vislumbra diariamente em Francisco Morato, Professor Marcos aponta que a degradação do município é conjugação de fatores geográficos, econômicos, políticos e sociais. Denota que por mais que a localidade se encontre próxima à municípios com melhor infraestrutura, a via férrea, principal meio de transporte, funciona precariamente ocasionando inúmeros transtornos para a maioria da população. Assim, afirma que não conseguiu se adaptar e retornou sua residência para Várzea Paulista no ano de 2003 ao comprar sua casa.

Eu senti um grande impacto quando cheguei aqui na região. Porque eu morava em uma cidade toda organizada. Quando eu vim foi difícil me acostumar. Quando eu cheguei e fui morar em Várzea Paulista, eu não me senti inserido na cidade em noventa e seis. Por quê? Porque eu não me acostumei com a cidade. Porque era uma cidade totalmente diferente da minha. Eu nunca havia morado em uma cidade maior que a minha que tem dois mil habitantes. E a cidade tem algumas subidas... Então, você não se coloca naquela cidade devido à questão da moradia. Da disposição das casas. Disposição de estar ficando longe da família, dos amigos do interior. Quando eu vim morar em Francisco Morato foi pior ainda, sobretudo pela questão dos amigos que eu havia deixado em Várzea Paulista. Aqui em Francisco Morato eu tive que conhecer novas pessoas. A cidade de Francisco Morato tem uma limitação de condições sociais para a população. Você pode perceber pelo relevo da cidade que ocasiona dificuldades. Há apenas duas entradas principais na cidade que é pela linha férrea ou por transporte rodoviário. Então, você percebe que é uma dificuldade da cidade com relação ao que eu vivia no interior. E aqui, por mais que esteja próximo de Franco da Rocha, de Jundiaí... E tudo está ligado pela linha férrea que funciona precariamente. Então, foi difícil me acostumar. **(Profº Marcos)**.

A percepção que Professora Sandra teve ao chegar à Francisco Morato foi negativa. Ela ficou assustada com a situação estrutural e conjuntural da localidade, sobretudo quando começou a lecionar. Ainda que sua residência fosse em Campo Limpo Paulista, ela afirma que ficou deslocada no início. Os vínculos sociais construídos foram importantes para que se sentisse protegida.

Observa que o ritmo do município é muito intenso, especialmente quando comparado a cidade de origem. O local de destino possui o frenesi do ir e vir das pessoas ditado pelo relógio de pulso, o local de origem possui a tranquilidade que é ditada pelo relógio da natureza. Professora Sandra comenta que fica deslocada quando retorna para sua cidade natal pois os ritmos são totalmente

diversos. Reconhece que nos quinze anos de exercício da docência Francisco Morato se constituiu diverso em comparação ao todo que conhecia.

Quando eu cheguei em Morato foi um susto! Foi um susto. Porque, quando eu peguei aula e cheguei à escola... Quando eu cheguei à escola que eu vi aqueles morros... Eu olhei ao lado da escola e vi tantos morros que fiquei assustada. Porque lá onde eu morava era plano. Então, quando você chega aqui que você vê aquele monte de morro... Aquela desestrutura. Porque é uma coisa assim de assustar. Você está em um lugar que não conhece ninguém. Você se sente perdida. Mas, eu tive um acolhimento muito grande na escola que eu iniciei. Então, o mesmo jeito que eu me sentia perdida eu me sentia protegida. Porque na escola as pessoas me acolheram bem. Os professores, a direção, os funcionários... Você se sentia protegida. Depois, com o passar do tempo, você vai se sentindo em casa. Só que há uma diferença muito grande no dia a dia. A correria que você tem aqui lá você não tem. Lá você acorda cedo e vai trabalhar, mas é uma vida completamente diferente daqui. E como eu sempre falo: - Parece que o povo lá vive! Aqui a gente só trabalha. Corre prá lá, corre prá cá... E parece que você não tem aquela mesma dinâmica. E na verdade quando você fica aqui e vai para o interior, você sente bem diferente. É uma coisa que nos primeiros dias você fica até meio perdida. Devido você estar nessa correria da vida que você tem aqui, quando você chega lá você se sente perdida. A cidadezinha que minha mãe mora é pacata. Então, você se sente assim bem perdida quando você vai daqui para lá porque é diferente o dia a dia. Aqui é muito movimento. Muito! E você vê... Como eu já dei aula de manhã, tarde e noite... Quando eu dava aula só à noite, eu falava: - Meu Deus! Mas essa cidade é um movimento! Toda hora! Toda hora aquele monte de gente. Com aqueles trens que chegam lotados. Aquele movimento... Mas será que de manhã é a mesma coisa? Quando eu vim para de manhã... A mesma coisa. É aquele fluxo intenso de pessoas. É um movimento o dia todo. Na verdade, é

uma cidade assim... Diferente de tudo aquilo que eu conhecia.
(Profª Sandra).

Ao chegar na região metropolitana de São Paulo Professor Elmo ficou impactado ante as diferenças estruturais quando comparada às cidades do interior. Afirma que, após o estranhamento inicial, conseguiu se adaptar progressivamente à falta de infraestrutura do município de Francisco Morato. No entanto, não se conforma com a ausência de políticas públicas e com a condescendência dos moradores.

Diferente de tudo o que havia presenciado até aquele momento, porque as cidades do Noroeste Paulista se constituem planejadas, com infraestrutura e participação ativa da população, Professor Elmo manifesta sua indignação com a situação precária da localidade de destino. Observa que muitos colegas que se deslocaram para exercer a docência nas escolas públicas estaduais do município, retornaram tão logo chegaram, pois não conseguiram se adaptar. A permanência e a continuidade do processo migratório somente foram possíveis devido a necessidade e a obstinação de modificar suas condições materiais de existência.

Quando eu cheguei em Francisco Morato foi difícil. Eu tinha morado em Americana, que é uma cidade planejada. Diferente daqui. Meu primeiro susto foi quando eu vinha chegando e passei por Perus. Quando eu vi o Recanto do Humildes... Aquelas casas só com tijolo a vista... Para quem não conhece, pensa que aquilo é uma favela. Eu falei: - Meu Deus! Que lugar feio! Onde eu vim parar! Você leva um susto no primeiro momento. Mas depois vai acostumando. Na minha cidade o esgoto já é 100% tratado há vinte anos. Tudo planejado. E você vem para um lugar que não é planejado. Fora os políticos de Morato... Só por Deus... Uma cidade que a coleta de lixo é precária. A limpeza das ruas, principalmente no Centro, é precária. A rede de esgoto... Você passa próximo aos bueiros e aquele mau cheiro... É uma coisa horrível! Para quem vem de uma cidade planejada... Quem conhece o interior sabe como são

as cidadezinhas. Você já visitou e sabe como é tudo limpinho. As ruas são varridas quase diariamente. A cidade bonitinha. Planejada. O esgoto coletado. Lá em Populina o esgoto é 100% coletado. Não vê mau cheiro na cidade. Você vem para um lugar como Morato onde cresceu desordenadamente. As casas subindo nos morros... Tudo daquele jeito... Onde grande parte não tem tratamento de esgoto. Até a coleta de lixo é precária. O povo joga sacolinhas de lixo no rio que passa do lado. Você vê isso e fica assustado na primeira visita. Na hora que você anda pelo Bairro Vassouras... Pelo Alegria... Você vê que é desse jeito. É complicado o negócio... Então, quando eu cheguei aqui eu fiquei assustado. Na hora que o trem chegou a Morato... Nossa! É totalmente diferente do que a gente viu... Do que a gente conhece do interior. Porque lá é tudo plano. As cidades são organizadas. São todas limpas. Quando comecei ver aquele monte de morro eu falei: - Meu Deus! O que é isso?! É uma cidade ou uma favela?! Quando a gente foi visitar a escola que ia trabalhar nas férias... Ela ficava no Parque Cento e Vinte. Quando chegamos ao Parque Cento e Vinte, a escola havia acabado de ser roubada. Tinham levado todos os computadores da escola. E ela estava mudando de local também... Estavam pegando parte do Cento e Vinte e levando para o Arpoador. Para o Cento e Vinte e Dois... Então, a gente vai percebendo que a situação era totalmente diferente daquilo que conhecíamos do interior. Foi muito difícil se adaptar. Quem ficava é porque precisava muito. Caso contrário voltava. Muitos não aguentaram e voltaram para o interior. **(Prof^o Elmo).**

A percepção que Professora Roseli demonstra ao se referir a primeira ocasião que esteve em Francisco Morato é de admiração. Observa que as diferenças são significativas com relação as cidades do Noroeste Paulista. No entanto, ela não denota os problemas presentes do dia a dia da localidade e sim o ritmo frenético de sua população pela busca incessante da sobrevivência, especialmente o trabalho informal porque em sua cidade natal o trabalho na lavoura ou no emprego doméstico eram considerados por muitos como indigno.

Evidencia a beleza das práticas dos moratenses em contraposição aos problemas estruturais da localidade.

Professora Roseli demonstra um misto de surpresa e curiosidade ao se referir às moradias existentes em Francisco Morato, sobretudo no início de sua instalação, pois a maioria é situada em áreas íngremes e de ocupação, erigidas por meio da *autoconstrução*. Também comenta sobre a falsa percepção que possuía com relação a Grande São Paulo devido às informações que circulavam em sua cidade natal, especialmente sobre a violência existente na metrópole. Ao se inserir na empreitada migratória com o propósito de não mais retornar para suas origens disposições de receptividade (Lahire, 2004) foram reveladas e desembocaram em percepções positivas sobre a localidade.

Eu conheci Francisco Morato em outubro de dois mil e cinco. Minha irmã casou em novembro, só que em outubro em vim para cá naquela semana do saco cheio da faculdade. A amiga da minha irmã tinha uma menina, a Ianá, que estava no interior, e ela queria que eu a trouxesse e eu também tinha que conhecer Morato. Minha irmã queria que eu conhecesse Morato porque o objetivo era eu vir morar aqui para começar a lecionar. Eu achei muito diferente. Eu achei muito grande... Muita gente... As casas... Eu ainda fico impressionada de ver como as pessoas constroem as casas em cima do morro. Mas, eu fiquei maravilhada. Era muita gente trabalhando. Eu achei bonito. Não é a beleza de Morato. É o moratense trabalhando, ou talvez a questão do migrante, porque hoje nós sabemos que o município de Francisco Morato foi formado por migrantes. Mas, quando eu cheguei, que eu peguei o trem e vi que tinha aquele monte de gente indo trabalhar... Eu não peguei a "latinha de sardinha"... Eu não peguei o trem de madrugada... Quando eu cheguei a Morato que eu vi aquele monte de gente vindo em direção à estação e a gente indo ao contrário... Eu fiquei impressionada. Eu não fiquei com medo. Eu achei incrível. Tanta gente indo trabalhar. E quando você vai à estação e pega o trem... Você vê as pessoas vendendo amendoim... Vendendo tanta coisa no trem... Você fala: Meu Deus! Aqui as pessoas têm coragem de

trabalhar! Eu achei bonito isso. A coragem das pessoas de trabalhar. Porque no interior, você era doméstica ou trabalhava na lavoura. E tinha gente que achava isso indigno. Eu acho que tinha certo preconceito. Então, quando eu cheguei aqui e vi todo mundo vendendo até uma agulha para sobreviver. Eu achei superinteressante. Eu achei isso maravilhoso. Quando eu era criança as pessoas falavam que se você viesse para São Paulo com sua aliança, as pessoas arrancavam seu dedo. Então, você tinha certo receio de vir para a cidade. E você vê as notícias na televisão... Algumas atrocidades... Então, quando eu era criança eu tinha medo de chegar a São Paulo e morrer na primeira esquina porque ia ter bandido de todos os lados. Mas, quando eu cheguei aqui em dois mil e cinco... Em outubro, quando eu vim para conhecer Morato que eu vi toda aquela gente trabalhando e ninguém me parou para assaltar. Ninguém me parou para dar um empurrão ou fazer qualquer coisa. Eu fiquei impressionada com as pessoas trabalhando. Agora, a cidade em si... Os morros... Também fiquei admirada com a situação da população e suas moradias. Até hoje eu olho para alguns bairros de Morato e vejo aquelas casas que eles fazem os pilares, batem as lajes e conseguem construir em cima. Só Deus para não deixar aquilo tudo cair. Eu falo: - Meu Deus, as pessoas que fizeram essa engenhoca tiveram que pensar muito para construir uma casa em cima desse morro... E vai amontoando... E vai amontoando... Eu lembro que a noite eu olhava pela janela e eu via aquele monte de luzinhas... Uma em cima da outra. E sabia que cada uma delas era um pedaço de uma casa ou, até mesmo, uma casa. Eu ficava impressionada com aquele... Não que eu achava feio. Eu ficava maravilhava de como as pessoas conseguiam fazer aquilo. Construir em um monte de pedra ou construir em cima do morro. Lá no interior as pessoas iam falar: - Nossa! Esse lote não presta! Esse lote não dá para construir. Você vem aqui e vê que as pessoas conseguem construir a casa lá em cima com um monte de coisas erradas. Você fica pensando que se de repente acontecesse um terremoto ou uma ventania e derrubasse tudo... Mas, as pessoas foram lá e construíram. E eu ficava impressionada de como as pessoas

conseguiram construir aquilo. Hoje eu entendo como foram feitas as construções, mas quando em outubro eu fiquei uma semana aqui e a gente saia no centro... Naquela Ponte Seca... Meu Deus do céu! Eu fiquei encantada com a Ponte Seca. Era bagunçado... O chão era cheio de água... Não tinha espaço... Mas todo mundo estava trabalhando! Todo mundo estava trabalhando! Uma coisa que na sua casa você achava que não tinha serventia, as pessoas estavam vendendo. Elas estavam ganhando o seu pão. Dava muita alegria de entrar na Ponte Seca... O dia que eu fui à feira... Eu nunca tinha ido à feira no interior. A gente ia à roça pegar as coisas, mas eu nunca fui a um lugar que tivesse todas as frutas e legumes... E quando eu cheguei à feira que havia aquele monte de banca... Todo mundo gritando... Aquilo me encantou. Eu não achei feio. Eu achei muito interessante as pessoas trabalharem. Eu achei muito bonito. Elas estavam sobrevivendo. E estavam fazendo o serviço delas dignamente. Então, eu não falava da feiura de Morato. Que era horrível e assustador como as pessoas falavam. Não foi isso que eu olhei. Eu olhei as pessoas trabalhando. Aquele monte de gente na rua. Era camelô... Eu não sabia nem o que era camelô! Eu fui saber que camelô eram as pessoas que vendiam na rua daquele jeito depois que eu cheguei aqui. Lá no interior a gente falava do mascate que vinha na rua bater papo. Tinha o peixeiro que passava... Mas não tinha isso que havia aqui. Não tinha o camelô. As pessoas compram um pacote de bala e vende as balas individuais. Eu achei isso muito interessante. Então, aquele medo todo que eu tinha na infância, que quando eu chegasse a São Paulo as pessoas iam arrancar o dedo por causa de uma aliança... Aquilo tudo foi embora. Eu esqueci que podia ser violento. Até hoje eu não tenho medo da violência, porque não foi isso que quando eu cheguei aqui eu vi. Eu esqueci aquilo. Depois de outubro, eu vim em novembro no casamento da Telma. Eu fiquei dois dias aqui. Eu não tive medo de andar na rua porque eu ia ser morta. Que alguém ia me assaltar. Eu admirava tanto as pessoas trabalhando que para mim todos eram trabalhadores. Eu não imaginava que as pessoas eram bandidas. Não. Eu olhava para as pessoas e

falava: - Aquele está sobrevivendo. Eu saía cinco e meia na rua para ir à escola trabalhar, e não tinha medo. Não tinha medo de passar embaixo da Ponte Seca de madrugada, porque para mim as pessoas estavam indo trabalhar e estavam trabalhando. Ninguém estava ali querendo roubar. Era isso que eu pensava. Eu achei Morato mais interessante do que feio. **(Profª Roseli)**.

Francisco Morato para Professor Carlos não era novidade, pois já o conhecia de anos anteriores em que esteve na capital paulista participando de um evento. Nessa ocasião ficou alguns dias na casa de um amigo professor que morava na localidade. Considera que sua percepção primeira sobre o município foi visual, sobretudo com relação a topografia e a falta de planejamento urbano. Contudo, comenta que somente ao se inserir como migrante é que percebeu o quão difícil seria residir em tal espaço devido as diferenças estruturais e conjunturais com relação à sua cidade natal.

Decidiu, após dois anos de seu deslocamento migratório, residir no município de Campo Limpo Paulista. Essa tomada de posição se realizou devido as características da localidade serem semelhantes à sua cidade de origem. Afirma que se esse procedimento não tivesse sucedido teria alterado sua trajetória, até encontrar um espaço que melhor se adaptasse.

Quando eu cheguei aqui em Morato o maior impacto foi o visual. O visual é latente. O impacto visual é latente. Porque você vai a Jales não tem morro. Você anda de bicicleta e atravessa a cidade toda sem descer dela. O visual em primeiro lugar, e a questão de ser periferia. Lá não tem periferia como nós vemos aqui. O interessante é que eu já sabia como que era Francisco Morato. Eu já conhecia a cidade de passagem quando eu vim em um Congresso sobre Anarquismo aqui em São Paulo. Na época eu fiquei uns três dias aqui em Francisco Morato. Conhecia assim... Sabia como era. Eu tinha ficado uns dias aqui... Mas não tinha me relacionado com o município. Quando eu vim para ficar foi diferente. Vir para morar é uma coisa completamente diferente. Tanto é que eu fiquei morando dois

anos em Francisco Morato e falei: - Ou eu vou me firmar em um lugar, ou eu vou embora daqui. Só que eu também não queria voltar para Jales. Eu não sabia para onde eu iria. Eu ficaria mudando e procurando um lugar que eu me adaptasse. Então, eu conheci a cidade de Campo Limpo Paulista. E decidi morar lá. Consegui me acostumar lá. Mas continuei trabalhando em Morato porque era o lugar que tinha possibilidade de dar aula. Decidi morar em Campo Limpo porque me lembra um pouco o interior. Justamente nessa questão do espaço. Também, o aspecto que eu achei melhor quando eu fui morar em Campo Limpo Paulista comparado com Francisco Morato foi o tratamento das pessoas. O choque cultural foi enorme. O fato de você passar perto de alguém e alguém lhe falar bom dia... Isso você não vê em Francisco Morato. Em Campo Limpo Paulista isso é mais presente. Talvez por ser um lugar que moram pessoas mais velhas. Mas até os jovens... E também pela questão financeira... Campo Limpo Paulista tem uma questão econômica melhor... E você tem uma estrutura de cidade melhor... E o tratamento entre as pessoas acaba se diferenciando. Não que as pessoas da periferia sejam mal-educadas. Não estou dizendo isso. Mas, a maneira como elas agem dentro do espaço delas é bem diferente. Eu senti isso latente. Por exemplo, de você não dar lugar para alguém entrar numa fila. Você vê uma mulher com uma criança de colo e você não dá lugar. Eu cresci em um lugar que as pessoas faziam isso. Eu sempre falo na escola que eu entro e saio do trem sem empurrar ninguém. Porque na cultura que eu cresci não é certo empurrar as pessoas. Nem para entrar e nem para sair. Só que aqui você tem esse impacto. Em Campo Limpo Paulista eu acabei vendo que a movimentação de pessoas era menor. E que ali eu teria um aspecto de vida mais calmo que em Francisco Morato ou Franco da Rocha. Então, eu acabei ficando lá justamente por isso. Por ter uma vida um pouco mais tranquila. O movimento de pessoas é menor. O constrangimento em filas é menor. Aqui você tem muita fila. É fila para tudo. Você vai ao banco é fila. Mercado é fila. Qualquer coisa é fila. Lá você tem uma organização de espaço um pouco melhor. Não se equipara

a uma cidade do interior. Do interior que eu digo na região de Jales. Mas, o aspecto de cidade é semelhante ao interior. Então, eu busquei, não foi nem essa questão de parecer culturalmente com Jales. Não é culturalmente. Mas, a distribuição de espaço. Eu achei que lá seria melhor por isso. Meu impacto aqui foi muito grande com o visual e com essa questão de como as pessoas agem dentro do espaço delas. Eu acabei tendo um contraste. **(Prof^o Carlos).**

Os depoimentos acima transcritos demonstram o impacto que os professores migrantes tiveram quando chegaram ao município de Francisco Morato, à medida que eram oriundos de municípios que possuíam menor número de habitantes, planejamento urbano, saneamento básico, características geomorfológicas diversas e organização social.

Se por um lado temos uma homogeneidade no que se refere ao estranhamento com relação as características acima, por outro há singularidades que permeiam os relatos.

Enilda, Adenilson, Idy e Elmo optam por continuar residindo na localidade e se esforçam para se adaptar às condições diversas e precárias da localidade, sem deixar de tecer suas críticas. Marcos, Sandra e Carlos preferem residir em localidades que se assemelhem às suas cidades natais, pois não conseguiriam se habituar às peculiaridades de Francisco Morato. Roseli prefere transformar aspectos negativos, unissonantes nos outros depoimentos, em positivos e, vislumbrar características que atribuem peculiaridade ao município.

Uma das características díspares e impactantes observadas pelos professores migrantes se referem as moradias do local de destino. As moradias do entorno do centro e dos bairros periféricos atribuem singularidade ao município de Francisco Morato, uma vez que a ampla maioria foi construída em locais íngremes, com alta declividade. Um agravante no tocante às moradias, é que grande parcela destas foram erigidas pela *autoconstrução*²⁷.

²⁷ Bonduki (2004) e Kowarick (2009).

Também, constata-se que na ampla maioria dos terrenos as casas se constituem sobrados – construções de dois ou mais andares – coexistindo os famosos “puxadinhos”, que são construídos na extensão ou anexo da casa, destinados a moradia de parentes ou aluguel, a fim de complementar a renda familiar.

Nesse sentido, os dados fornecidos pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2003) e da EMPLASA – Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano indicam que a densidade demográfica do município de Francisco Morato é de 2702,8 hab./km². Como o município é dividido em três UITs²⁸- Francisco Morato, Sete Voltas (morros) e Cascatas a EMPLASA apresenta outros dados. Segundo esta divisão a densidade demográfica da UIT 1 – Francisco Morato – é de 5028 hab./km² em uma área de 26 km², na UIT 2 – Sete Voltas (morros) – é de 68 hab./km² em uma área de 5 km² e na UIT 3 – Cascatas – é de 52 hab./km² em uma área de 17 km².

Tais dados denotam altíssima concentração da população moratense no espaço em torno do centro, uma vez que nesse local se estabelecem a ampla maioria dos serviços públicos de transporte, educação e saúde.

Também apontam que as características geomorfológicas foram condicionantes na ocupação urbana do município de Francisco Morato, ou seja, os *mares de morros*.

Estes consistem no relevo acidentado e alta declividade e amplitude, constituindo-se entre 100 e 300 metros. No município de Francisco Morato foram ocupados pela população de baixa renda que erigiram suas casas através da *autoconstrução* em loteamentos sem a mínima infraestrutura.

²⁸Unidades de Informações Territorializadas, que são definidas por determinadas características, como usos e padrões de ocupação territoriais, aspectos das construções, funcionalidade urbana ou rural, entre outras. (EMPLASA).

Observamos que a *autoconstrução* de moradias no município de Francisco Morato é parte integrante de sua gênese. Chagas (2007) demonstra que a formação da cidade se realizou por meio de tal procedimento que se iniciou na década de 1970 após a compra de lotes, a maioria sem escritura, em várias prestações ou através de ocupações de terras públicas por milhares indivíduos que buscavam um local para realizar seu sonho de ter a casa própria.

A maioria dos 110 loteamentos existentes em Francisco Morato ocupados para construção de moradias foram criados em terras institucionais. Desde o final da década de 1970 nenhum loteamento foi autorizado. Assim, as moradias que surgiram desde então foram produtos de lotes sobejados, repartidos ou em terrenos pertencentes ao poder público. (CHAGAS, 2007).

O conceito de *autoconstrução* possui simples, ampla e imediata noção que consiste em habitação construída pelo indivíduo que irá ocupá-la, sem qualquer interferência de um pedreiro, mestre de obra ou engenheiro.

A característica fundamental da *autoconstrução* se define não somente pela falta de regularização pelos órgãos públicos, mas pelos princípios daquele que vai morar, desde a posse do lugar que se pretende construir: compra ou ocupação; a aquisição de materiais, configuração da obra, organização do tempo, obtenção de auxílio de familiares e amigos, conhecimento primário, ainda que trabalhe com construção, para assim construí-la. (KOWARICK, 1993).

O processo de *autoconstrução* de moradias existente há décadas, se configura muito presente nos espaços periféricos atuais. Segundo Kowarick (1993, 2000, 2009) a *autoconstrução* de moradias se estabelece a partir do modelo de expansão urbana, sobretudo na década de 1940, advinda de intensa industrialização da cidade de São Paulo naquele momento, que “incentivou” o deslocamento de centenas de milhares de pessoas para lugares distantes do centro.

Singer (1970, 1975) explica que o crescimento vertiginoso das metrópoles nos países periféricos, sobretudo a partir da década de 1930, exprimiu com vigor

e transpareceu vários problemas existentes há décadas, porém, que não se evidenciavam, tais como: a falta de habitação e de serviços básicos; constituindo problema específico da urbanização, consequência da expansão industrial.

Tal expansão, no caso do Brasil, ocorre de maneira intensa na cidade de São Paulo, com “[...] a concentração espacial do capital [...] por uma variedade de motivos, dos quais o mais importante é que a capital paulista já possuía o maior parque industrial do país [...]” (SINGER, 1975, p. 124).

A principal riqueza econômica de São Paulo, porque não dizer do Brasil, a cafeicultura, desde o século XIX atribuiu mudanças significativas em nível nacional, mas, especialmente em âmbito regional, uma vez que, com os lucros obtidos com a intensa produção da atividade cafeeira promoveu o desenvolvimento industrial da capital paulista.

Prado (1962) observa que no início do século XX, o investimento do capital privado na cidade de São Paulo era essencialmente na construção de indústrias de bens de consumo não duráveis, tais como de: alimentos, bebidas, produtos de higiene pessoal, perfumes e tecidos. Nas décadas seguintes ocorreu a expansão de indústrias de bens de consumo duráveis, de bens de produção ou de base e de bens intermediários, substituindo de forma peremptória a produção cafeeira enquanto principal fonte de renda e riqueza do Estado e, sobretudo, da cidade que crescia aceleradamente em termos econômicos e demográficos.

Dessa maneira, milhares de trabalhadores foram gradativamente deslocados do centro para os locais periféricos, incentivando em tais espaços, a *autoconstrução* de moradias, opção que lhes possibilitava livrar-se do aluguel dos imóveis centrais, que consumia parte significativa de seus salários, e continuar trabalhando na metrópole, porém, com muitos sacrifícios. (KOWARICK, 1993, 2000, 2009).

Segundo Kowarick (1993, 2000, 2009), as desigualdades presentes nas zonas periféricas que se traduzem na falta ou precariedade das moradias e na

oferta ínfima de serviços públicos básicos são problemas estruturais ocasionados pela insuficiência de políticas públicas. A periferia é a expressão da separação espacial entre pobres e ricos, ou seja, a estratificação dos espaços sociais.

Nesse sentido, constatamos por meio das observações dos professores que o município de Francisco Morato e, conseqüentemente sua população, se encontra privado das necessidades básicas, sobretudo, saneamento, saúde, lazer e segurança, diferente da realidade encontrada em suas cidades natais.

2.2. A realidade social a partir de dados estatísticos

A fim de reiterar os depoimentos dos professores, determinados dados contidos nos relatórios²⁹ da SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, denominados IPRS (Índice Paulista de Responsabilidade Social) e IPVS (Índice Paulista de Vulnerabilidade Social), no Atlas do Desenvolvimento no Brasil, por meio do IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) e do Censo IBGE 2010 serão explicitados abaixo.

Segundo informações da SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, o IPRS (Índice Paulista de Responsabilidade Social) tem por pressuposto mensurar a qualidade de vida da população municipal do Estado de São Paulo e fornecer informações para os administradores estatais nas constituições de políticas públicas por meio de dados sobre a riqueza municipal, saúde e educação.

Tal índice segue os mesmos princípios do IDH³⁰ – Índice de Desenvolvimento Humano –, porém, sua singularidade reside no fato da

²⁹ Os indicadores de dados, IPRS (Índice Paulista de Responsabilidade Social) e IPVS (Índice Paulista de Vulnerabilidade Social), se constituem fruto de parceria da ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo – com a Fundação SEADE desde o ano de 2000.

³⁰ O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, difundido pela primeira vez em 1990, foi criado pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq e pelo economista indiano Amartya Kumar Sen. Este índice permite relacionar o PIB – Produto Interno Bruto –, com o desenvolvimento humano por meio da composição de indicadores de renda, educação e saúde, entre outros.

atualização dinâmica dos dados, ou seja, enquanto a medida explicitada acima depende de dados censitários, que são disponibilizados no intervalo de uma década, os dados do IPRS são constituídos bienalmente, a partir de registros da administração estatal.

O indicador IPVS (Índice Paulista de Vulnerabilidade Social), também elaborado pela SEADE em parceria com a ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo –, foi criado a fim de suprir deficiências de informação do IPRS (Índice Paulista de Responsabilidade Social), especialmente com relação às áreas de concentração de pobreza e desigualdade. O IPVS se estabelece a partir de estudos sobre a pobreza e a desigualdade que consideram suas causas oriundas de diversos fatores (saúde, educação, organização familiar, acesso a bens e serviços públicos, possibilidades de inserção laboral, etc.), que acarretam a vulnerabilidade social.

O Relatório de Desenvolvimento Humano Global do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 1990 informa que o IDH não abrange, nem tampouco, se estabelece como indicador dos melhores lugares do mundo para se viver nem representa a felicidade das populações, porém, se configura como alternativa de mensuração às avaliações puramente economicistas.

O IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), criado em 1998, é um indicador criado a fim de adaptar o IDH para os municípios. O Brasil se constituiu como um dos pioneiros dessa adaptação. O IDHM adapta o IDH às realidades municipais, refletindo as particularidades e desafios de cada localidade para alcançar o desenvolvimento humano. As faixas de desenvolvimento humano municipal também variam entre 0 (valor mínimo) e 1 (valor máximo). Se o valor estiver próximo de 0, será menor o desenvolvimento humano, o contrário, ou seja, próximo de 1, maior o desenvolvimento humano.

O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil informa que apesar do IDHM se basear e adaptar o IDH para os municípios, os mesmos não são comparáveis, ainda que utilizem a renda, a saúde e a educação, à medida que

os indicadores, suas fontes de dados e seus objetivos não são os mesmos. Enquanto o IDH auxilia na mensuração do desenvolvimento humano de países em contexto global, o IDHM estabelece paralelo entre os municípios brasileiros.

Dessa maneira, as tabelas a seguir apresentam construção de dados estatísticos que fundamentam tanto os depoimentos orais quanto a conceituação teórica, e confirmam os problemas conjunturais e estruturais presentes em tal espaço.

A tabelas 1 exhibe os percentuais da Microrregião Franco da Rocha, que compreende os municípios de Franco da Rocha, Francisco Morato, Caieiras e Mairiporã, concernente aos temas Habitação e Infraestrutura Urbana e demonstram a precariedade a que está submetida a população de Francisco Morato, à medida que nas três categorias especificadas tal município se encontra em situação aquém aos integrantes da unidade espacial em questão, excetuando-se Mairiporã.

O percentual inferior que observamos no município de Mairiporã nos quesitos Coleta de Lixo, Abastecimento de Água e, especialmente Esgoto Sanitário no comparativo com os outros municípios que compõem a microrregião se explica pelo índice do Perfil Municipal da SEADE de 87,39% no que tange a categoria Urbanização, inferior aos índices de Francisco Morato (99,80%), Caieiras (97,52%) e Franco da Rocha (92,13%), ou seja, tal localidade apresenta percentual significativo de áreas rurais e essas não são atendidas pelos serviços em questão.

Conforme informações da EMLASA – Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – (2010), o município de Mairiporã é dividido em seis UITs (Unidades de Informações Territorializadas): Mairiporã, Paiva Castro, Mato Dentro, Colinas, Pirucaia e Terra Preta. Excetuando-se Mairiporã, que se constitui núcleo central do município, e Terra Preta que apresenta urbanização crescente, as UITs restantes se caracterizam pelo estabelecimento de sítios e chácaras, espaços que utilizam fossas sépticas, poços artesianos e dispersão do lixo de maneira não controlada.

Tabela 1

Índice de Habitação e Infraestrutura urbana da Microrregião Franco da Rocha-2010

Categorias	Francisco Morato	Franco da Rocha	Caieiras	Mairiporã
Coleta de Lixo – Nível de Atendimento (Em %)	97,94	98,75	99,87	96,71
Abastecimento de água – Nível de atendimento (Em %)	95,96	96,92	97,40	75,00
Esgoto Sanitário – Nível de Atendimento (Em %)	50,01	69,17	86,50	38,12

Fonte: SEADE/Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil/Censo IBGE 2010 (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016).

Concomitantemente, a Tabela 2 apresenta os percentuais referente as mesmas categorias comentadas acima, mas comparados ao município de São Paulo e a unidade federativa. Constatamos que a situação se mantém semelhante à comparação realizada anteriormente, ou seja, a população de Francisco Morato carece de políticas públicas voltadas a habitação e infraestrutura.

Dessa maneira, constatamos que o município de Francisco Morato quando comparado aos componentes da unidade espacial, do município de São Paulo e da unidade federativa, possui percentuais inferiores nas três categorias. Porém, o percentual de 50,01% na categoria “Esgoto Sanitário” demonstra o estado precário a que está submetida sua população.

Tabela 2
Índice de Habitação e Infraestrutura urbana
Comparação com o município de São Paulo e o Estado - 2010

Categorias	Francisco Morato	São Paulo - Cidade	São Paulo – Estado
Coleta de Lixo – Nível de Atendimento (Em %)	97,94	99,81	99,66
Abastecimento de água – Nível de atendimento (Em %)	95,96	99,32	97,91
Esgoto Sanitário – Nível de Atendimento (Em %)	50,01	92,26	89,75

Fonte: SEADE/Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil/Censo IBGE 2010 (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016).

Por intermédio das tabelas 3, 4 e 5, construídas com base no IPRS, no IPVS, no Atlas de Desenvolvimento Humano e Censo IBGE 2010, que tratam sobre as condições de vida da população de Francisco Morato em comparação com os municípios integrantes da Microrregião de Franco da Rocha, a cidade e o estado de São Paulo, temos a possibilidade de confirmar o quadro aviltante existente nessa localidade.

As tabelas 3 apresenta a vulnerabilidade e a desigualdade presente no município de Francisco Morato por meio da comparação da renda per capita quando comparada aos municípios da microrregião e do perfil municipal dessa localidade citadina – Grupo 5 que representa os municípios mais desfavorecidos, tanto em riqueza quanto nos indicadores sociais – estabelecido pelo IPRS – Índice Paulista de Responsabilidade Social.

A renda per capita de Francisco Morato quando comparada aos municípios de Franco da Rocha, Caieiras e Mairiporã demonstra o quão vulnerável se encontra a população dessa localidade. Com relação a Franco da Rocha, a renda per capita de Francisco Morato representa 83%, no entanto, quando equiparada à Caieiras e Mairiporã a situação se agrava, pois, representa 58% e 54% respectivamente.

Tabela 3
Condições de Vida
Microrregião Franco da Rocha – 2010

Categorias	Francisco Morato	Franco da Rocha	Caieiras	Mairiporã
Índice Paulista de responsabilidade Social (IPRS)	5	5	1	4
Renda per Capita (Em reais correntes)	396,07	479,44	683,16	738,89

Fonte: SEADE/Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil/Censo IBGE 2010 (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016).

Igualmente, a tabela 4 que apresenta a comparação entre a renda per capita de Francisco Morato e a cidade de São Paulo e a unidade federativa denota a discrepância de maneira mais intensa. Constatamos que a renda per capita de Francisco Morato equivale 33% e 43% de acordo com a ordem acima.

Tabela 4
Condições de Vida
Comparação com município de São Paulo e o Estado – 2010

Categorias	Francisco Morato	São Paulo - Cidade	São Paulo – Estado
Índice Paulista de responsabilidade Social (IPRS)	5	1	1
Renda per Capita (Em reais correntes)	396,07	1.196,97	853,75

Fonte: SEADE/Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil/Censo IBGE 2010 (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016).

A tabela 5 corrobora os indicadores apresentados anteriormente a medida que ao aferir os fatores (saúde, escolaridade, organização familiar, possibilidade de inserção no mundo do trabalho e acesso aos bens e serviços públicos) que

se constituem determinantes na constatação do grau de vulnerabilidade a que se encontra submetida a população de determinado município, confirma que 58,3% - 89.468 do total de 153.494 habitantes – dos residentes em Francisco Morato se encontram no G5 – Vulnerabilidade Alta, ou seja, em situação extrema pobreza.

Tabela 5
Vulnerabilidade Social da população
Comparação com município de São Paulo e o Estado – 2010

Categorias/Grupos	Francisco Morato	São Paulo - Cidade	São Paulo – Estado
G1 - Vulnerabilidade Baixíssima	0,0	13,3	6,1
G2 - Vulnerabilidade Muito Baixa	4,5	39,5	40,1
G3 - Vulnerabilidade Baixa	12,6	17,2	18,0
G4 - Vulnerabilidade Média	20,7	13,6	19,2
G5 - Vulnerabilidade Alta	58,3	8,9	11,1
G6 - Vulnerabilidade Muito Alta	3,7	7,5	4,4
G7 - Vulnerabilidade Alta (rurais)	0,2	1,0	0,0

Fonte: SEADE/Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil/Censo IBGE 2010 (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016).

As tabelas 6 e 7 que apresentam os dados do IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – da Região Metropolitana de São Paulo dos anos de 2000 e 2010 divulgados pelo relatório do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – que busca por intermédio de média geométrica³¹ de três categorias – educação formal, longevidade e renda – comparar o desempenho dos municípios brasileiros.

Tais dados colaboram para entender as observações dos professores migrantes sobre as condições a que estão submetidas a população do município

³¹ Até 2003 o índice dos municípios era calculado pela média aritmética. O índice de 2013 é feito pela média geométrica não mais compensando o baixo desempenho em uma categoria pelo alto desempenho de outra. Dessa maneira, o índice se constitui simétrico. Os cálculos realizados em 1998 e 2003 foram modificados pela nova metodologia.

de Francisco Morato, uma vez que tal localidade ostenta a última posição dentre os trinta e nove municípios pertencentes a região metropolitana nos quesitos renda, saúde e educação aferidos pelo IDHM nos anos base 2000 e 2010.

A tabela 6 apresenta os índices dos municípios da Região Metropolitana de São Paulo no ano de 2000. Constatamos que Francisco Morato se encontra na última posição entre os 39 abaixo descritos. Entre os 5.565 municípios brasileiros localiza-se na 2.135 posição. O cálculo geométrico das três categorias – educação, longevidade e renda – resultou no índice de 0,571 que representa Baixo Desenvolvimento Humano de acordo com as faixas de desenvolvimento humano municipal compreendido no Atlas de Desenvolvimento Humano.

Tabela 6

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal da RMSP – 2000

Municípios	Colocação – Brasil	Colocação RMSP	IDHM
São Caetano do Sul	1º	1º	0,820
São Bernardo do Campo	21º	2º	0,740
Santo André	25º	3º	0,733
São Paulo	32º	4º	0,835
Ribeirão Pires	54º	5º	0,718
Santana de Parnaíba	73º	6º	0,713
Osasco	89º	7º	0,706
Barueri	93º	8º	0,705
Mogi das Cruzes	119º	9º	0,701
Poá	135º	10º	0,699
Cotia	167º	11º	0,693
Taboão da Serra	193º	12º	0,689
Caieiras	212º	13º	0,687
Mairiporã	252º	14º	0,682
Guarulhos	270º	15º	0,678
Arujá	346º	16º	0,670
Jandira	384º	17º	0,667
Diadema	426º	18º	0,664
Mauá	426º	19º	0,664
Suzano	461º	20º	0,662
Vargem Grande Paulista	501º	21º	0,659
Guararema	516º	22º	0,658
Embu-Guaçu	637º	23º	0,650
Carapicuíba	717º	24º	0,644
Itapecerica da Serra	797º	25º	0,640
Ferraz de Vasconcelos	849º	26º	0,637
Cajamar	908º	27º	0,634
Embu	985º	28º	0,630
Franco da Rocha	1023º	29º	0,628
Santa Isabel	1023º	30º	0,628
Rio Grande da Serra	1093º	31º	0,625
Pirapora do Bom Jesus	1150º	32º	0,621
Salesópolis	1150º	33º	0,621
Itapevi	1373º	34º	0,610
Biritiba Mirim	1503	35º	0,603
São Lourenço da Serra	1570º	36º	0,600
Itaquaquecetuba	1716º	37º	0,592
Juquitiba	1903º	38º	0,583
Francisco Morato	2135º	39º	0,571

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – 2003 (Elaborada pelo autor por MORAIS, P.T.

2016).

Na tabela 7 novamente Francisco Morato se encontra na última posição entre os municípios da Região Metropolitana de São Paulo. Contudo, constatamos que em âmbito nacional sua colocação foi alterada pela elevação do índice. Se na aferição do ano 2000 o município possuía o índice de 0,571, em 2010 esse índice alcançou a marca de 0,703, inserido o mesmo na faixa de Alto Desempenho Humano.

Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano de 2013, a categoria que mais cresceu em termos absolutos entre 2000 e 2010 na composição do índice de Francisco Morato foi a Educação. O IDHM Educação que em 2000 era de 0,397 passou para 0,647, um crescimento de 63%.

Tabela 7

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal da RMSP – 2010

Municípios	Colocação – Brasil	Colocação RMSP	IDHM
São Caetano do Sul	1º	1º	0,862
Santo André	14º	2º	0,815
Santana de Parnaíba	16º	3º	0,814
São Paulo	28º	4º	0,805
São Bernardo do Campo	29º	5º	0,805
Mairiporã	76º	6º	0,788
Barueri	87º	7º	0,786
Arujá	100º	8º	0,784
Ribeirão Pires	100º	9º	0,784
Mogi das Cruzes	110º	10º	0,783
Caieiras	119º	11º	0,781
Cotia	128º	12º	0,780
Osasco	168º	13º	0,776
Poá	220º	14º	0,771
Taboão da Serra	238º	15º	0,769
Mauá	274º	16º	0,766
Suzano	289º	17º	0,765
Guarulhos	320º	18º	0,763
Jandira	366º	19º	0,760
Vargem Grande Paulista	383º	20º	0,759
Diadema	420º	21º	0,757
Carapicuíba	562º	22º	0,749
Embu – Guaçu	562º	23º	0,749
Rio Grande da Serra	562º	24º	0,749
Itapecerica da Serra	719º	25º	0,742
Ferraz de Vasconcelos	823º	26º	0,738
Santa Isabel	823º	27º	0,738
Itapevi	897º	28º	0,735
Embu	897º	29º	0,735
Salesópolis	965º	30º	0,732
Franco da Rocha	993º	31º	0,731
Guararema	993º	32º	0,731
Cajamar	1081º	33º	0,728
São Lourenço da Serra	1081º	34º	0,728
Pirapora do Bom Jesus	1107º	35º	0,727
Itaquaquecetuba	1488º	36º	0,714
Biritiba Mirim	1546º	37º	0,712
Juquitiba	1638º	38º	0,709
Francisco Morato	1811º	39º	0,703

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – 2013 (Elaborada pelo autor por MORAIS, P.T.

2016).

Dessa maneira, os dados representados acima confirmam que ocorreu evolução no desenvolvimento humano do município, sobretudo por intermédio da elevação dos indicadores de escolaridade, porém, o município ainda permanece na última posição entre os integrantes da Grande São Paulo.

Mesmo com tal avanço na categoria educação, Francisco Morato e, conseqüentemente seus municípios, ainda se encontram em situação de vulnerabilidade social. O percentual da população moratense com mais de 18 anos de idade que possui o Ensino Fundamental completo, de acordo com o IDHM, é de 50,78%, ou seja, 49,22% estão apartados desse direito. No que tange a renda per capita o valor apontado pelo IDHM não chega a R\$ 500,00. Assim, constatamos que a falta de políticas públicas para a localidade se constitui responsável por tal quadro.

Kowarick (2009) ao analisar as desigualdades existentes no espaço social urbanizado, busca no conceito de *espoliação*, além do espaço da fábrica, o entendimento no que se refere aos engodos do capital que ultrapassam suas fronteiras originais, cunhando o conceito de *espoliação urbana*.

O déficit ocorrente nos transportes públicos e conseqüente degradação, a precarização das moradias e o acesso limitado aos diversos bens necessários à sobrevivência, se constituem em situações que aviltam o ser, constituindo-se em *espoliação urbana* (KOWARICK, 2009).

Também, de acordo com os depoimentos dos professores migrantes, o município de Francisco Morato é um espaço que a *espoliação urbana* ocorre de forma intensa, à medida que sua população se encontra excluída socialmente.

A privação social e espacial se reflete sobremaneira ao analisarmos o deslocamento diário desses habitantes para seus locais de trabalho, localizados não só para além do espaço geográfico municipal, mas em distâncias acima de 50 quilômetros. Esse trajeto diário tem a duração média de 150 minutos categorizando esses indivíduos como migrantes pendulares ou navettes. (BRUNET et al., 1993).

Assim, consideramos que o conceito de *cidade-dormitório* é representativo para tal análise e constatação, em especial, ao observarmos, por intermédio dos dados do Censo IBGE – 2010, o deslocamento cotidiano da população residente no município de Francisco Morato, sobretudo pela via férrea, uma vez que se constitui extremamente dependente desse transporte que funciona de maneira precária.

O conceito de *cidade-dormitório* citado nos depoimentos é representativo para definir o município de Francisco Morato, porque caracteriza em âmbito nacional, determinados municípios inseridos no eixo de regiões metropolitanas que estão vinculados aos processos de periferação, pauperização, marginalização e segregação.

As *idades-dormitórios* estão inseridas no contexto de controle das grandes metrópoles, ou seja, nas regiões metropolitanas que o polo irradiador econômico é uma metrópole desenvolvida que necessita da mão de obra existente em tais localidades. Assim, tais áreas periféricas são “criadas” a fim de abrigar a população que ocupa cotidianamente os espaços geográficos metropolitanos, sobretudo, em atividades laborais.

Estas se constituem subúrbios das metrópoles, uma vez que, além de estarem localizadas na região de controle de tais centros, as *idades-dormitórios* se constituem como fornecedoras de mão de obra para seus setores produtivos, configurando vínculo de dependência que desestrutura sobremaneira tais espaços, acentuando as desigualdades não somente entre o “centro” e a “periferia”, mas entre a população (SCHNORE, 1957).

Prado Jr. (1962) observa que a formação de São Paulo se realizou de maneira plena com a migração interna e externa, sobretudo, com o povoamento de espaços que, se por um lado estavam distantes das indústrias, por outro, possuíam comunicação direta com as estradas de ferro. A oportunidade da compra de terrenos com valores e pagamentos acessíveis proporcionou a oportunidade da construção de suas moradias, ainda que isoladas do centro

nevrálgico da metrópole. Diversos bairros e municípios integrantes da Grande São Paulo surgiram dessa maneira, contudo, sem planejamento urbano e organizados pelos especuladores imobiliários, que muitas vezes possuíam a propriedade das terras pelo sistema de grilagem.

Também, Prado Jr. (1962) utiliza o conceito de *satélites* para denominar os espaços ocupados, distantes do centro, pelas centenas de migrantes que se deslocam para São Paulo a fim de exercerem atividade laboral, especialmente nos setores industriais e comerciais que se expandem vertiginosamente.

Tais locais, estabelecidos entre o núcleo central e o campo, se constituem como única alternativa de moradia, para milhares de indivíduos que se deslocam cotidianamente para seus trabalhos na metrópole, retornando às suas casas somente para descansarem seus corpos extenuados pelas viagens e pelo labor diário.

Concomitantemente, Sassen (1998) ao caracterizar as cidades na economia mundial, configura cinco tipos para os aglomerados urbanos. Entre estes, encontra-se a cidade-dormitório (satélite), que não possui independência econômica, uma vez que, apesar de sua população se encontrar incorporada pelos setores produtivos de outros espaços, é deficitária em serviços básicos à população e necessita da produção industrial de outros municípios.

Segundo o IBGE, categoriza-se em tal conceito o município que, quando comparado a outros municípios da mesma RM – Região Metropolitana – possui uma população que se desloca diariamente, para trabalho ou estudo, em níveis acima de 20% do total de residentes.

A partir dos dados a seguir, podemos comparar e visualizar, por meio dos dados do IBGE – Censo 2000 e 2010, o deslocamento populacional do município de Francisco Morato que lhe atribui característica de *cidade-dormitório*.

Tabela 8
Deslocamento da população do Município de Francisco Morato
a outro Município para trabalho ou estudo

População Total		Total da População residente por deslocamento para trabalho		Total da População residente por deslocamento para estudo	
Censo 2000	Censo 2010	Censo 2000	Censo 2010	Censo 2000	Censo 2010
133.738	154.472	28.067	41.345	4.140	4.963

Fonte: IBGE (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016.)

Os números apresentados acima indicam que boa parte da população moratense não exerce sua atividade laboral na localidade. Principal motivador desse deslocamento diário, especialmente para a cidade de São Paulo, é o baixo dinamismo econômico da localidade.

Kowarick (2009) comenta que, as *idades-dormitórios* se constituem em lugares destituídos de infraestrutura básica. Um dos problemas centrais em tais espaços é o transporte urbano, que em geral ocasiona transtornos diversos àqueles que necessitam de tal serviço e a cidade em geral. Os trens e os ônibus são os meios básicos utilizados pela população e que também, é responsável pela extenuação diária dessas pessoas, à medida que são ocorrentes a superlotação, os atrasos e, conseqüente depredação, seja no deslocamento de ida para a metrópole ou no deslocamento de retorno para o município de origem, à medida que além do esgotamento diário que o trabalho ocasiona, há o esgotamento ocasionado por tais problemas oriundos do descaso do poder público.

Também, consideramos essencial apresentar o resultado do Relatório de Movimentação de Passageiros nas Estações da CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – que aferiu a quantidade diária de usuários nos meses de agosto a dezembro (2011), abril a outubro (2012) e janeiro a maio (2013) com relação à estação de Francisco Morato, a fim de confirmar as observações sobre

a dependência dos municípios com relação a tal transporte e sua precariedade, que ocasiona dilemas diários a essa população.

Tal relatório categoriza as estações (89) da CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – distribuídas em 6 Linhas³² que abrangem 22 municípios em um total de 260,8 quilômetros, em três grupos, de acordo com o total de pessoas que transitam pelas suas plataformas e, conseqüentemente utilizam o transporte ferroviário em seu sentido de origem. A estação de Francisco Morato pertence à Linha 7 Rubi, ficando atrás apenas das estações Luz Brás e Barra Funda em números de usuários.

³² As Linhas da CPTM, que possuem o termo de minerais preciosos e um número de descrição, estão distribuídas da seguinte maneira: Rubi (7), Turquesa (10), Safira (12), Diamante (8), Coral (11) e Esmeralda (9).

Tabela 9**Movimentação diária de passageiros na Estação da CPTM de Francisco Morato**

Ano 2011		Ano 2012		Ano 2013	
Mês	Total*	Mês	Total*	Mês	Total*
Agosto	35.311	Abril	35.485	Janeiro	31.369
Setembro	36.313	Maio	35.590	Fevereiro	31.728
Outubro	36.252	Julho	34.340	Março	35.924
Novembro	35.938	Agosto	33.758	Abril	35.607
Dezembro	34.262	Setembro	35.360	Maio	35.650
_____	_____	Outubro	35.146	_____	_____

Fonte: CPTM (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016).

*O total representado se refere à média diária mensal.

Podemos observar em tal aferição o número significativo de pessoas que utilizam o transporte ferroviário diariamente, ou seja, dependem desse transporte para se locomoverem além do município. Ao comparamos o total descrito acima – em média 35 mil pessoas – com o total de deslocamento do Censo 2010 – 41.345 pessoas –, observamos o trem é o principal meio de transporte para a população de Francisco Morato.

Faz-se necessário observar que outras estações da CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos –, como por exemplo: Brás, Luz e Barra Funda; possuem fluxo superior ao da estação de Francisco Morato, todavia, se constituem como polo central do fluxo de idas e vindas dos passageiros das 89 estações da empresa em questão. As tabelas abaixo explicitam de maneira perceptível a intensa movimentação em tais espaços, além de possibilitarem compreensão da influência econômica que a metrópole paulista exerce sobre os espaços sociais existentes no entorno.

Tabela 10**Movimentação diária de passageiros nas Estações da CPTM Brás, Luz e Barra Funda**

Ano de 2011					
Estações	Meses e Total de Passageiros				
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Brás	167.585	176.159	164.209	179.865	195.979
Luz	145.837	148.030	166.252	162.686	157.872
Barra Funda	142.744	144.171	136.713	136.001	139.391

Fonte: CPTM (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016).

*O total representado se refere à média diária mensal.

Tabela 11**Movimentação diária de passageiros nas Estações da CPTM Brás, Luz e Barra Funda**

Ano de 2012					
Estações	Meses e Total de Passageiros				
	Abril	Mai	Julho	Agosto	Setembro
Luz	172.838	172.312	170.695	168.637	179.230
Brás	172.715	168.170	164.896	161.483	169.620
Barra Funda	134.283	129.043	124.432	120.145	131.978

Fonte: CPTM (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016).

*O total representado se refere à média diária mensal.

Tabela 12**Movimentação diária de passageiros nas Estações da CPTM Brás, Luz e Barra Funda**

Ano de 2013					
Estações	Meses e Total de Passageiros				
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai
Brás	169.090	143.549	163.518	164.144	163.860
Luz	108.298	108.620	137.988	137.301	137.053
Barra Funda	111.240	112.313	123.002	123.626	123.370

Fonte: CPTM (Adaptado por MORAIS, P.T. 2016).

*O total representado se refere à média diária mensal.

No entanto, apesar de ser crucial para o deslocamento diário dos habitantes desse município, consideramos ser tal transporte também importante para a acumulação do capital de determinados empresários, visto que a mão de obra oriunda de Francisco Morato é utilizada e explorada nos diversos setores produtivos, sendo significativa para a reprodução do capital.

Os depoimentos apontam o descaso do Estado com o trabalhador ao se referirem sobre o transporte ferroviário, visto ser uma verdadeira “lata de sardinha” como observado no depoimento da Professora Roseli.

Em observação que realizamos, as composições ferroviárias que partem da estação de Francisco Morato entre 04:00 e 08:00 da manhã, e que chegam entre 17:00 e 20:00, além de não comportarem o volume de passageiros, sofrem atrasos consideráveis ocasionando transtornos físicos, psicológicos e sociais naqueles que utilizam tal transporte.

Os vagões dos trens comportam em média, 80 passageiros sentados e outros 80 passageiros em pé em uma viagem digna e tranquila. Todavia, as composições que se deslocam dessa estação possuem, em média, mais de 200 pessoas em cada vagão, que irão ser “preenchidos” nas estações seguintes, se constituindo em um espaço gerador de efeitos negativos diversos, desde a proliferação de vírus devido a não circulação ou circulação deficitária de ar até acidentes ocasionados pelo empurra-empurra da superlotação nas estações e nas composições.

Dessa maneira, constatamos a situação que está submetida à população do município de Francisco Morato no que concerne o transporte público, demonstrando as precárias condições de vida de seus moradores e reforçando o conceito de *cidade-dormitório*, que conforme Freitag (2006) se caracteriza como um espaço social segregado em que a dignidade humana é negada.

Intrínseco ao conceito de *cidade-dormitório* se encontra o conceito de *segregação* que segundo Maurin (2004), possui abordagens diferentes, mas que se completam, entre os sociólogos, os geógrafos e os economistas. Para os

sociólogos a *segregação* se estabelece pela exclusão dos indivíduos desfavorecidos economicamente por meio de mecanismos sociais. Os geógrafos prescrevem a *segregação* enquanto a divisão de um espaço social por intermédio das desigualdades existentes. Entre os economistas a *segregação* constitui-se a partir das políticas econômicas e urbanas que promovem a “expulsão” de populações de determinados locais, especialmente, dos centros metropolitanos.

Grafmeyer (1994) explica o conceito de *segregação* através de três perspectivas que aparentemente são diversas, porém, se complementam, uma vez que, a exclusão espacial e a exclusão social se encontram intimamente ligadas. A primeira perspectiva se caracteriza pela distância geográfica entre os diferentes grupos sociais, ou seja, ricos e pobres, mas, acima de tudo, pelas distâncias sociais e étnicas. A segunda perspectiva se refere às desigualdades com relação ao acesso aos bens e serviços básicos. Por fim, a terceira perspectiva, que está intimamente associada à primeira, percebe a *segregação* a partir da formação de grupos que se auto excluem, sejam pelas diferenças étnicas, sociais e econômicas.

Engels (1976) ao se referir sobre o problema da habitação no século XIX observa a *segregação* espacial e social que se realiza naquele momento, ao comentar que as cidades industrializadas da Europa valorizavam absurdamente os terrenos e determinados imóveis (edifícios populares) existentes em seus espaços, que se tornava inviável o operário continuar residindo em tais locais, a medida que os terrenos eram adquiridos pelos industriais e os edifícios demolidos para construção de outros edifícios que abrigavam a elite econômica. Tal medida expulsava o operário do centro, obrigando-o a se deslocar para a periferia, ou seja, constituindo-se situação de *segregação*.

O processo de *segregação* sócio espacial no Brasil segundo Villaça (2001), se constitui como elemento essencial na compreensão da distribuição urbana. Nas diferentes regiões metropolitanas do país, tal configuração seguiu os mesmos padrões de *segregação*, tornando-se visível as diferenciações existentes, sobretudo, de classe, nos diversos espaços. A *segregação* social é

que se faz mais presente na estrutura urbana das metrópoles nacionais, consistindo na formação de bairros e municípios estruturados de acordo com as classes sociais presentes em tais lugares.

Caldeira (2003) ao analisar a gênese da *segregação* em São Paulo, preconiza três modelos que possibilita entender tal conceito em sua estruturação urbana. Desde os fins do século XIX até meados da década de 1940, a característica presente foi a concentração na parte central da região, com convivência espacial entre os abastados e desvalidos, ainda que existisse segregação social. Ainda na década de 1940 iniciou-se um processo de expulsão dos operários e dos migrantes, ou seja, dos pobres, para as áreas periféricas que estavam se configurando ao redor da região, com o principal objetivo de afastar os indesejados dos espaços sociais que seriam ocupados pelos setores produtivos, mas, acima de tudo, que seriam habitados pela elite econômica. Tal período se estabeleceu até o final da década de 1980. Por fim, a partir da década de 1990, até os dias atuais, a característica que vai predominar será a de proximidade espacial e, não social, de ricos e pobres, por meio do deslocamento da população pobre às áreas centrais – criação de favelas e ocupação de prédios públicos abandonados –, e dos ricos, na criação de condomínios fechados nos espaços periféricos.

Dessa maneira, os dados estatísticos e os conceitos de *autoconstrução*, espoliação urbana, cidade-dormitório e segregação se constituem importantes para a compreensão dos depoimentos orais. O olhar do migrante sobre o local de destino evidencia não apenas o estranhamento em relação ao espaço de origem, mas também o descaso do poder público que intensifica a precarização das condições sociais, econômicas e de trabalho.

Também, as observações sobre a falta de vínculo dos moradores com o município, sobretudo porque este, como observado nos depoimentos, é um espaço migrante em que as pessoas vêm e vão, seja para exercer a atividade laboral ou apenas para passar algumas horas de descanso e as disposições divergentes, como, por exemplo, cortesia versus não cortesia, evidenciam as dificuldades de suas inserções e adaptações na sociedade receptora que se

configurou como promotora do retorno imediato de muitos que objetivavam exercerem a docência na localidade.

No próximo capítulo os depoimentos orais dos professores migrantes objetiva conhecer e compreender o capital social e a rede de relações sociais que possibilita a construção de trajetórias profissionais e pessoais no espaço de destino.

Essa rede não só auxilia na inserção profissional, como também na moradia, portanto minimizam os efeitos do elghorba (SAYAD, 1998; 2010) que promove a incerteza do tempo e espaço naquele que se insere na empreitada migratória.

Capítulo 3 – Professores: trajetórias de inserção social e profissional

Este capítulo analisa as trajetórias pessoais e profissionais dos professores migrantes a partir da inserção, instalação e permanência no espaço de destino.

Apresentamos neste capítulo, por meio das vozes transcritas desses professores, que tais trajetórias somente foram possíveis pela posse do capital social enquanto rede social colaborativa à medida que lhes proporcionaram a possibilidade de exercerem a docência, ainda que de maneira precária.

Bourdieu (1998c) observa que as trajetórias se estabelecem pelo movimento de ir e vir no espaço de vivência cotidiana, ou seja, pelas diferentes posições ocupadas na estrutura social pela posse e volume dos diversos tipos de capital existentes nos campos simbólicos estabelecidos.

No cerne do processo de deslocamento, especialmente quando analisamos as características da emigração, constatamos que, conforme Sayad (2010) existem princípios vinculantes na vida dos indivíduos que permitem construir laços sociais de solidariedade, que desembocam no conceito de capital social e redes sociais, fundamento primeiro da empreitada migratória, consolidados pelo conjunto de indivíduos nela inseridos para que mantenham os vínculos colaborativos tão caros a tal movimento.

Assim, consideramos que os depoimentos dos professores migrantes enquanto expressões do vívido e vivenciado que serão analisados de maneira contextual, vinculando prática e teoria a partir de suas condições materiais de existência, não apenas pretendem compreender suas trajetórias, mas, sobretudo se contrapor a ideologia das classes hegemônicas direcionadoras e monopolizadoras das fontes escritas.

Portelli (1997b) observa que as fontes orais ao expressarem a experiência pessoal dos indivíduos e sua vivência no cotidiano protagonizam a voz da gente

comum e, se contrapõem pela construção de fontes escritas alternativas, ao discurso das classes dominantes, que além de monopolizarem o acesso e produção da escrita, possuem abundância de materiais para perpetuação de suas ideologias.

3.1. A moradia como espaço de inserção social

A seguir, os depoimentos de nossos entrevistados abaixo descritos, explicitarão suas trajetórias no momento em que iniciaram suas inserções e instalações – sobretudo nas repúblicas³³ – na localidade de destino de suas empreitadas migratórias evidenciando o estranhamento, os dilemas, as contradições, os sucessos, os fracassos, as mudanças e as permanências presentes não apenas no ato de migrar, mas, sobretudo no ato de estar migrante e conviver coletivamente, e que teve nas redes relacionais, constituídas pelo capital social, o principal mecanismo para que essa empreitada se efetivasse.

Os vínculos sociais duradouros ou casuais que esses professores possuíam – amigos, colegas, conhecidos, parentes consanguíneos ou não consanguíneos – e que segundo Bourdieu (2002d, 2000b) se transformam em relações duráveis que mantêm um sentido subjetivo de obrigatoriedade, foram fundamentais não apenas para suas trajetórias, mas, especialmente para a implantação das bases de um movimento que permaneceu por quase duas décadas e que representou mudanças significativas em suas vidas e na de seus familiares.

Quando empreendeu o movimento migratório, no primeiro momento Professora Enilda não necessitou do auxílio da república. Como suas irmãs residiam na Grande São Paulo, optou por ficar junto à família. Após alguns anos foi morar com uma amiga docente e, posteriormente se vinculou a república feminina.

³³ República no caso em questão é um termo advindo da cultura estudantil utilizado para designar moradia coletiva.

Após alguns anos exercendo a docência em escolas públicas estaduais, optou por alugar uma casa e residir sozinha. Quando sua mãe ficou doente e teve que se deslocar para Francisco Morato para realizar tratamento na capital paulista junto com seu pai, decidiu retornar para casa de sua irmã, que à época residia em Francisco Morato, para auxiliar nos cuidados à sua mãe. Como a casa que moravam era alugada, decidiu adquirir terreno e construir casa em Francisco Morato para que seus pais, especialmente sua mãe, ficassem melhor acomodados.

Quando eu saí do interior, eu fiquei na casa da minha irmã na Vila Brasilândia no primeiro momento e, depois, eu fui para Francisco Morato. Eu fiquei na casa de minha irmã na Vila Brasilândia até maio. Quando eu consegui aula em Francisco Morato fui morar com a minha irmã que tinha feito Magistério comigo e estava morando em Franco da Rocha. Então eu fui morar com ela. Eu não precisei ficar em república no início, porque minha irmã já estava aqui há algum tempo e já tinha construído uma casa. Então, eu fiquei um bom tempo com ela. Depois eu fui morar na casa de uma professora, a Sonia, da cidade de Vitória Brasil. Quando eu saí da casa da Sônia, eu morei um tempo em uma república com algumas professoras. Mas tinham muitas repúblicas aqui. As repúblicas eram de professores e professoras. Moravam de duas a dez pessoas em uma casa. Sempre tinham vagas nas repúblicas, principalmente as de professoras porque eram em maior número. Depois eu fui morar de aluguel, sozinha. Depois eu voltei para a casa da minha irmã porque teve a doença da minha mãe que se agravou. Ela veio para cá. Meu pai também veio. Então, eu voltei a morar com minha irmã para ajudar cuidar da minha mãe porque era muito difícil. Quando eu voltei para a casa da minha irmã eu já estava trabalhando na Prefeitura de São Paulo também, e decidi que tinha que juntar um dinheiro para comprar um terreno. Inclusive minha mãe faleceu aqui em Francisco Morato. Os dois já faleceram. Meu pai e minha mãe. **(Profª Enilda).**

Professor Adenilson relata ao migrar para Francisco Morato já possuía a certeza de que iria lecionar nas escolas públicas estaduais devido à falta de professores na região. Se estabeleceu em uma república coordenada pelo amigo que incentivou e auxiliou sua empreitada.

Observa que as dificuldades foram muitas no início, sobretudo porque não possuía recursos materiais e financeiros. Contribuiu para tal situação o procedimento da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo de efetuar o pagamento da retribuição salarial somente após três meses de vínculo empregatício. O auxílio da rede social de migração foi essencial para que permanecesse em sua jornada afirma Professor Adenilson.

Eu cheguei aqui em Francisco Morato no dia vinte e três de janeiro de noventa e cinco. Eu já vim sabendo que a falta de profissionais na área da educação era muito grande em Francisco Morato. Então, chegando aqui fui morar com o meu amigo que havia me convidado para migrar. O Valdir. Ele já morava numa casinha ali no centro de Francisco Morato. Perto da pracinha. Fui morar junto com ele na mesma república. Na casa morava ele e o irmão. Só que o irmão dele saiu. Então, eu vim morar com ele. Na época, um professor, também do interior, que trabalhava na mesma escola que ele, me arrumou um colchão. Eu joguei no chão... E comecei a morar naquela casa. Eu não tinha dinheiro pra comprar colchão, pra comprar coberta, nada... Vim com a roupa que eu trabalhava na roça. Uma calça, três camisetas e um sapatão. Emprestaram-me o colchão e uma coberta... E foi com isso que eu comecei. A experiência que a gente tem na vida é muito importante. Porque, se eu falar para você que foi fácil estou mentindo. Não foi fácil. Eu passei fome aqui no início. Teve noite assim de eu ter que encher a barriga de água e dormir. A gente demorava três meses para receber. Fiquei três meses sem receber salário. Fiquei esperando o Estado me pagar. Até hoje demora. E naquela época... Foi numa época da URV... Nesses três meses antes de eu receber... Apesar do Valdir já estar empregado, tudo... Mas... Foram três meses sofridos. Faltava comida. Às vezes comprava dois pães:

um para o almoço e outro para a janta. Isso quando não pegava na escola. A merenda. As frutas que às vezes davam na merenda. Nessa época a merenda era muito fraca. A qualidade da merenda não era das melhores. Era um macarrão com uma salsicha. Mas, pelo menos ajudou a me sustentar. Quando você está com fome não existe comida ruim. Muitas vezes você olhava o pessoal tomando uma Coca-Cola gelada e você ficava com aquela vontade e não tinha dinheiro. E em cima disso... Recebendo ajuda de amigos dentro da escola, a gente fez um grupo de amigos muito bom... Ganhei calçados de outros professores que também já estavam ali há algum tempo. Em cima das ajudas desses conhecidos eu consegui passar por esses três meses complicadíssimos até receber e começar a fazer a jornada de professor. Então, no primeiro ano foi muito difícil. Muito difícil mesmo. Só aguentei porque tive os amigos que me ajudaram. **(Prof^o Adenilson)**.

Professora Idy observa que seu deslocamento migratório não foi planejado em detalhes. Sua vinda para Francisco Morato ocorreu de maneira imediata. Sua instalação foi na república que sua amiga residia. Ao todo eram oito professoras instaladas na república.

Ciente de que iria receber após três meses vinculada à escola pública estadual, acreditava que o recurso financeiro que possuía seria suficiente para suas despesas. Contudo, tal situação se complicou porque somente foi receber após seis meses. Pensou seriamente em pedir auxílio para seu pai e retornar em definitivo para sua cidade natal. Todavia, atuação da rede social de migração e outros vínculos construídos no âmbito da docência foram cruciais para sua permanência.

Após dezoito meses vivendo em república decidiu alugar casa e ir residir sozinha. Professora Idy observa que morar em república possuía alguns dilemas. O número grande de pessoas vivendo sob o mesmo teto gerava tensões e desentendimentos e se tornava necessário se desvincular. Também, o contrato de aluguel informal era prejudicial para os professores, pois a qualquer

momento o proprietário poderia solicitar o imóvel e tinham que se desdobrar para conseguir outro imóvel. Assim, no mesmo ano que foi morar sozinha, conseguiu adquirir casa própria. Comenta que após estar alojada em seu imóvel, auxiliou muitas professoras que necessitavam de local para residir. Sua casa em muitas ocasiões se tornou república.

Relata que com o passar das décadas o fluxo migratório diminuiu consideravelmente devido à concorrência dos formados na Grande São Paulo. Conseqüentemente, as repúblicas praticamente se extinguiram. As poucas existentes estão em processo de desativação. Manifesta que sua residência sempre estará disponível para acolher o professor migrante, ainda que nos dias atuais o processo migratório esteja praticamente extinto.

Hoje, quando eu penso na minha vinda para cá, eu acho que eu vim no susto mesmo, porque foi uma coisa muito rápida. Acho que tinha que ser mesmo. Porque eu terminei a faculdade em noventa e cinco. Minha formatura foi no dia 20 de dezembro de noventa e cinco e dia 22 eu fui dispensada do serviço. Inclusive, eu vim com o acerto que eu fiz na prefeitura que eu trabalhava. No dia 5 de janeiro de noventa e seis casou uma amiga minha que morava aqui em Morato. Era irmã dessa amiga que me convidou e que eu morei junto na república. O casamento foi em Novo Horizonte e foram muitas pessoas de Morato para o casamento. Foi quando essa minha amiga virou para mim e falou: - Se você quiser ir para Morato o pessoal leva suas coisas e você não paga a passagem. Eu parei e pensei: - Será que eu vou? Vou! Sabe quando você não pensa. É uma coisa muito no susto. Então, arrumei as coisas e vim. Assim que terminou o casamento nós viemos. Saímos de lá por volta das cinco horas da manhã. Onze horas da manhã eu estava aqui em Morato. Logo que você chega aqui já leva um susto com medo de não dar certo. Mas, eu não me permiti pensar. Eu decidi tentar. Eu falei: - Se eu quebrar a cara eu volto para trás, mas eu vou tentar pelo menos. Então, quando eu resolvi vir para Morato, foi de hoje para amanhã. Eu não parei para pensar. E eu vim para Morato sabendo que eu ia ficar três meses sem receber. Só que eu não

sei o que aconteceu que eu fui receber no mês de agosto. Demorou seis meses. Isso porque na escola que eu peguei aula a única formada era eu. Mas, a minha documentação ia e voltava, ia e voltava... E naquela época eram aquelas máquinas de escrever. Meu prontuário ia e voltava. Eu só fui receber em agosto. E o dinheiro que eu tinha dava para os três meses e não seis meses. Quando eu recebi em agosto eu tinha empréstimo com a diretora, com a secretária, porque você acabava... E o que a gente fazia era garantir o pagamento do aluguel. Para comer a gente se virava com a merenda da escola ou às vezes na casa de um aluno, de um amigo... Tinha a condução... Por isso eu tive que fazer todos esses empréstimos com a direção da escola, que era uma pessoa muito humana. E a secretária, que até hoje continua lá na escola. Essas pessoas foram muito acolhedoras para a gente que veio para Morato. Já a minha amiga não teve problema naquele momento porque ela se encontrava trabalhando há alguns anos na Rede Estadual aqui em Morato. Ela também segurou a minha onda nessa época. Às vezes eu pensava em ir embora porque eu estava sem receber. Como que eu ia fazer? Eu pensava em falar com o meu pai para ele mandar dinheiro para eu voltar. Só que as pessoas mais próximas diziam para eu ter calma que iria receber. Eu lembro que foi angustiante, porque eu só fui para Novo Horizonte nas férias de julho. Na época foi em junho. Eu fui para lá com o dinheiro que o meu pai mandou para eu viajar. Ele até perguntava para mim: - Tem certeza que você vai voltar? Depois que retornei das férias é que fui receber. Então, isso foi muito angustiante no início. Então, eu fiquei todo o restante do ano de noventa e seis até a metade do ano de noventa e sete junto com as meninas na república. No início morávamos em oito. Depois de algum tempo nós resolvemos alugar uma casa só para nós. Nós ficamos em três professoras da mesma cidade. Na outra casa havia professoras de outras cidades. Então, nós resolvemos morar em uma casa só em três professoras da mesma cidade. Só que eu tive um desentendimento com uma das professoras da república. A partir desse momento eu fui pagar aluguel sozinha e, em seguida, no mesmo ano, eu comprei minha casa. Eu entrei

em um financiamento de Caixa Econômica Federal e comprei a minha casa. Mas, até metade de noventa e sete eu fiquei na república com as professoras. Depois de um ano e meio morando em república eu consegui financiar minha casa, porque eu havia decidido não mais ir embora. Então, não tinha porque eu continuar pagando aluguel. E uma questão séria que nós tínhamos na época referente às republicas é que você estava aqui hoje e de repente o dono da casa pedia para você sair. Isso acontecia porque não havia contrato formal. De repente ele pedia a casa e você ficava desesperada procurando uma casa, e tinha que ser uma casa grande, porque tinha que caber aquele número de pessoas. Porque não tinha como deixar alguém sem moradia. Então, isso me angustiou bastante. Por isso que eu resolvi tentar o financiamento da casa. Quando eu fui morar sozinha eu casei só que não deu certo. Depois que eu me separei, várias pessoas vieram morar na minha casa. Depois de um tempo veio a minha irmã. Ela também veio para lecionar e acabou ficando um tempo em minha casa. Depois ela foi morar sozinha. Também recebi a irmã daquela minha amiga. Ela ficou morando um ano na minha casa. Teve uma professora que eu conhecia daqui e que de repente ficou sem contrato e sem lugar para morar. Ela foi para minha casa. Então, era eu e meu filho pequeno e, quando eu vi, várias pessoas estavam morando comigo. A Enilda chegou a morar comigo. A Enilda morou seis meses na minha casa. Várias pessoas moravam comigo. Vários professores já moraram na minha casa. O meu diferencial foi que se a pessoa estava sem receber eu ia segurando. Depois que a pessoa recebia é que ela acertava comigo, porque eu também passei por isso, então, eu sabia como era a situação. Então, é diferente. Mas, é muito difícil para algumas pessoas que migram. Eu lembro que em uma das escolas que eu trabalhei... Acho que têm uns quatro anos mais ou menos... Veio uma professora do interior... De Mogi Mirim. Ela chegou como efetiva, com a mochila nas costas e perguntando aonde ela poderia morar. Ela não tinha visto nada. Ela não sabia nada. Então, você vê que tem ainda algumas pessoas que precisam, e tem pessoas que torcem a cara... Na minha casa não, isso e aquilo... Então, o

mesmo acolhimento que eu tive das pessoas de Morato, eu procurei, sempre que eu pude, fazer a mesma coisa. Ajudar as pessoas que vinham para cá. Na época já existiam pessoas aqui e nós tínhamos o contato na faculdade. Hoje em dia não tem mais isso. Não se vê mais falar em república de professores aqui em Morato. Então, hoje é diferente. Eu conheço apenas uma casa no centro de Morato que ainda ficam alguns professores, mas ela está em processo de desativação. Por quê? Porque a senhora que era dona da casa faleceu e os filhos não querem mais alugar para república, porque são várias pessoas morando... Pagam certinho... Cuidam direitinho... Mas nos meses de julho e janeiro não tem ninguém na casa. Então, é complicado. Hoje em dia, as pessoas que chegam do interior aqui em Morato para dar aula, que são poucas, chegam com a cara e a coragem. Se a gente conhecer a ajuda sempre vai existir. Mas aquele fluxo da época já não existe mais. **(Profª Idy)**.

Assim que terminou o curso de graduação em História Professor Marcos iniciou sua empreitada migratória. Reitera que sua vinda para a região a fim de exercer a docência foi porque não havia conseguido o objetivo de se inserir no mercado de trabalho em São Paulo no ano de 1992. Inicialmente seu deslocamento tinha o propósito de se inserir na região de Americana porque um parente já lecionava nas imediações. Contudo, o início não foi promissor pois a região se encontrava saturada de docentes formados.

Resolveu, juntamente com um outro parente que também estava na empreitada, se dirigir para a região de Jundiaí devido informações recebidas de amigos que lá se encontravam. Na época fizeram inscrição para atribuição de aulas nas Diretorias de Ensino de Jundiaí, Caieiras e Itaquaquecetuba. Professor Marcos relata que somente na Diretoria de Caieiras que conseguiu aulas, especificamente em Francisco Morato.

Assim que conseguiu aulas, Professor Marcos seu tio e alguns amigos montaram uma república na cidade de Várzea Paulista. Essa instalação se deu por dois motivos: características da localidade que se assemelhavam ao interior

e amigos que estavam próximos. Tal república foi formada com oito professores. Observa que a convivência na república foi importante para se manterem firmes em seus objetivos. Contudo, denota que a quantidade de oito professores vivendo em uma mesma casa desgastou o relacionamento. Para que mantivessem os vínculos, decidiram se separar e formar outra república com menos integrantes.

Após alguns anos lecionando em Francisco Morato, decidiu tentar a docência na região de Americana, pois seu objetivo era retornar gradativamente para sua cidade natal. Novamente não conseguiu aulas na região e retornou para Francisco Morato. Após dois anos residindo e lecionando em Francisco Morato, conseguiu adquirir casa própria e se deixou a república.

Evidencia que o movimento de formação das repúblicas foi importante não apenas para a permanência do migrante, mas para o fortalecimento e desenvolvimento da rede social de migração. Afirma que a regra básica entre os professores do interior era auxiliar os recém-chegados, mesmo que não fossem continuar na república, ficavam na residência até se instalarem definitivamente.

Comenta que não apenas auxiliavam, como também incentivavam para a migração. Todavia, após alguns anos, quando o número de docentes formados era grande e as aulas estavam ficando escassas para aquele que pretendia iniciar na docência, informavam sobre tal contexto. Caso quisessem migrar, eles ajudariam, mas não era certeza que conseguiriam se inserir de imediato.

Eu vim para cá em noventa e seis, assim que eu terminei a faculdade. Mas, a vinda para cá foi devido não conseguir emprego na região metropolitana... Em Santo André no ano de noventa e dois. Como eu falei, acabei tendo que retornar... Sabia que com o curso de licenciatura eu poderia ministrar aulas aqui na região. Quando eu falo região, é entre Americana e a Grande São Paulo, porque eu sabia que havia vagas para professores na época devido informações de muitos conhecidos, professores, que ao final da década de oitenta e início da década

de noventa vieram para a região de Americana. Vinham, principalmente, para a região de Americana, Santa Barbara D'Oeste... Principalmente da minha cidade natal, Dolcinópolis, e as cidades circunvizinhas. Também, eu tinha um tio mais velho... Não esse que veio comigo, mas outro tio, irmão desse que veio comigo. Ele lecionava em Americana há uns três ou quatro anos... E você acaba tentando seguir o mesmo caminho. Pedi demissão da marcenaria que eu trabalhava. Fiquei com um respaldo financeiro. Uma poupança. Porque eu já sabia pelas informações dos amigos que se conseguisse aula ia demorar para receber. Na época eu vim para Americana, só que não consegui aula porque não possuía pontos. Eu me encontrava com zero ponto. Ficamos sabendo que na região de Jundiaí havia aulas por uns amigos que estavam aqui. Eu e meu tio soubemos de alguns amigos que haviam conseguido aula aqui na região. E acabamos deixando Americana depois de uma semana. Até porque esses amigos tinham se formado conosco em noventa e cinco e haviam conseguido aulas na região. Não tinham tantos professores formados na região de Jundiaí na época. Então, nós viemos para a região de Jundiaí. Nós viemos para Várzea Paulista. É o lugar que eu moro até hoje. Eu lembro que no dia que nós viemos fazer inscrição aqui na região de Jundiaí foi uma viagem rápida. Nós viemos e íamos voltar em seguida. Eu e meu tio viemos para cá com a cara e a coragem. Só com uma pequena informação de alguns amigos. Mas no final da tarde quando nós estávamos indo embora eu encontrei uma amiga de Paranapuã. Ela estava com outros conhecidos e convidaram para estarmos posando em Várzea Paulista. Nós acabamos posando na casa dessa pessoa. E você cria aquele vínculo... Um me ajudou... Eu posso ajudar o outro... Entendeu... Tem esse vínculo. No outro dia nós retornamos para o interior porque tínhamos que esperar a época da atribuição e não adiantava ficar por aqui. Na época nós fizemos inscrição na Diretoria de Ensino de Caieiras e na Diretoria de Ensino de Jundiaí. Chegamos a fazer inscrição na Diretoria de Ensino de Itaquaquecetuba. Porém, eu consegui aula na Diretoria de Ensino de Caieiras depois de alguns problemas na atribuição. E

até hoje eu permaneço na Diretoria de Ensino de Caieiras. Poderia ter tentado novamente a Diretoria de Ensino de Jundiá? Poderia. Porque depois eu fui ficando com pontos. Porém, eu me estabeleci na Diretoria de Ensino de Caieiras. Até hoje estou trabalhando em Francisco Morato. E não tive problemas nenhum no sentido de aulas disponíveis. Até hoje eu sempre tive aulas. Então, quando nós chegamos aqui fomos morar com alguns professores que nós conhecíamos do interior e vieram para cá na mesma época. Nessa época, a maioria dos professores eram do interior. Eu lembro que eu perguntava de qual cidade eram determinados professores e eles informavam que eram de cidades próximas a minha. Então, esse ciclo migratório trouxe muitos professores devido a falta que havia aqui. E com essa grande quantidade de professores do interior, eram formadas várias repúblicas. Então, nós fomos morar junto com esses conhecidos e montamos também uma república de professores. Nós morávamos em oito professores nessa república. Então, os custos eram poucos. Alugamos uma casa. Cada um comprou alguma coisa. Duas pessoas compraram guarda-roupa. Outros compraram beliche. Oito professores numa mesma casa. Então, os custos eram poucos comparando se você fosse morar sozinho em uma casa. Então, dividíamos a parte econômica porque no decorrer desses meses que o governo demorou a pagar, fui utilizando a pequena reserva econômica que eu tinha feito. Dividíamos as amarguras do dia a dia, porque todos eram do interior. Todos falam do interior. Todos tinham saudades do interior. Tínhamos namorada no interior. E fomos obrigados a deixar tudo para lá e vir para cá. Eu tinha uma pequena reserva econômica referente a isso. Então, nessa primeira república eu morei com oito pessoas durante seis meses. Em oito pessoas é muito difícil o convívio. Ao final do recesso do meio do ano, em noventa e seis, separamos para manter a amizade. Permaneceram cinco professores nessa república. Eu, meu tio e outro colega saímos da república para manter a amizade. Nós passamos a morar em três em outra república. E depois ficamos morando um ano e meio nessa república. Em noventa e oito mudamos para outra casa onde moramos em cinco pessoas. Em

noventa e oito e noventa e nove moramos em cinco professores. Em dois mil eu tentei ir para Americana. No início de dois mil eu tentei ir para Americana e não consegui. Fiquei um mês em Americana e não consegui aulas. Retornei e peguei aulas na Diretoria de Ensino de Caieiras e ainda permaneci morando nessa república com cinco professores em Várzea Paulista. Só que vieram outras pessoas. Vieram mais três pessoas do interior para lecionar. Inclusive, dois deles atualmente lecionam em Francisco Morato. Chegou ao final do ano separamos de novo para permanecer a amizade. Porque novamente estávamos em oito pessoas em uma mesma casa. Em dois mil e um e dois mil e dois eu morei em Morato com amigos da minha cidade. Eu e três professores da mesma cidade. Em dois mil e três consegui financiar minha casa e deixei a república. As repúblicas eram importantes para o migrante. Existiam várias repúblicas. Os colegas acabavam fortalecendo os vínculos de amizade... Vínculos de saudades da terra natal que bate no coração das pessoas. Um se segurava no outro. Entendeu... A questão é que todos eram oriundos da região Oeste e Noroeste paulista e, vieram para lecionar aqui na região, sobretudo, na década de noventa. No início, por mais que alguns professores recém-chegados não fossem morar na mesma república, nós, pelo menos, permitíamos ficar no primeiro mês na república. Às vezes até o segundo mês morando ali. Até para procurar uma casa. Se estivesse vindo com uma, duas, três pessoas... Até formar uma nova república. Todos faziam assim para a pessoa não ficar na mão. Até para dar um apoio. Sempre as pessoas do interior faziam isso com as pessoas que viam de suas cidades. Para ajudar. Quando eu vim para cá eu fui ajudado. Então, se você foi ajudado também tinha que ajudar. E o círculo de informações continuava com os conhecidos que ficavam no interior. A partir de um momento que você percebia que havia a possibilidade de outra pessoa, de um amigo seu que podia estar desempregado no interior... E havia a possibilidade dele vir para cá trabalhar. E se você sabia que tinha emprego você auxiliava. Você ajudava. Na época tinha muita possibilidade de pegar aula. Mas, depois com o tempo foi crescendo o número de

professores formados aqui e quem vinha tinha dificuldades. Então, a partir do momento que há dificuldades da pessoa estar pegando aula você auxilia se a pessoa quiser vir, porém, você não incentivava tanto, porque sabe se ela viesse, dependendo da disciplina, acabava ficando desempregada. E a questão da república com muitas pessoas era difícil a convivência, porque uns faziam muitas coisas e outros não queriam fazer nada. Então, para manter a amizade era melhor diminuir o número de professores na república. Mas a república foi uma experiência muito importante para todos naquela época. **(Profº Marcos)**.

Professora Sandra afirma que a rede social de migração, mesmo antes de migrar para exercer a docência em Francisco Morato, foi essencial, sobretudo quando afirma que teve total apoio de sua amiga e das meninas que moravam na república. Quando migrou trouxe poucos recursos financeiros que mal davam para pagar a condução. Durante os três meses que ficou aguardando o pagamento do seu salário de docente, a sua manutenção como migrante foi subsidiada pela sua amiga e seus vínculos sociais.

Residia em uma república em Campo Limpo Paulista, pois suas amigas ao montarem a residência decidiram se manter em uma cidade que possuísse semelhança com suas origens. Professora Sandra comenta que o residir em república e o exercício da docência em Francisco Morato foram importantes. Denota que as relações sociais tecidas no dia a dia se constituíram essenciais na aquisição de experiência pessoal e profissional.

Quando minha amiga, que me convidou para dar aula, ela já estava aqui instalada. Inclusive, ela não veio sozinha. Ela veio com outras colegas da faculdade. Ela veio no início de noventa. Quando ela chegou aqui, a colega que veio com ela não aguentou. Não conseguiu ficar aqui. Voltou. Ela teve que... Ela conheceu outras pessoas e ali montou uma república de meninas. Então, elas moravam em quatro meninas. Depois, elas se separaram. Cada uma foi para um lado. Ficaram só duas. Então veio o convite para vir para cá. Eu falei para essa minha

amiga. Falei assim: - Eu não vou ter dinheiro. Ela falou: - Não precisa se preocupar Sandra. Não fica preocupada com a questão financeira. Até você receber eu te ajudo. Foi o que fez. E aí, eu vim em noventa e oito com o convite dela. E fui morar com elas. Nós morávamos três numa república. Ela que me ajudou a pagar tudo no início. Porque desde o momento que eu vim morar com elas, tudo que acontecia lá dentro da casa, aluguel, água, luz... A compra... Era tudo dividido entre as três. Então, ela que me ajudou. Eu fui receber em maio. Eu comecei em fevereiro. Eu só fui receber em maio. Até tem uma história engraçada... Quando eu recebi o primeiro salário foi muito engraçado. Eu fui ao banco e tirei o extrato. Quando eu vi aquele dinheiro... Falei: - Misericórdia! Que dinheiro é esse? Aí, ela estava comigo... Essa minha amiga estava comigo. Ela falou assim: - Não fica assustada Sandra. É porque você recebeu todos atrasados! Eu assustei de ver aquele monte de dinheiro. Ainda bem que ela estava comigo. Aí foi que eu recebi e paguei todo o dinheiro que devia para ela. Ela que cobriu todas as minhas dívidas durante aquele tempo. Foi através dela que consegui ser professora. Ela fez o convite e ainda me ajudou muito aqui. Todos esses meses ela que foi me ajudando. O dinheirinho que eu tinha foi para pagar minha condução. Deu para pagar somente o trem. Essa república ficava em Campo Limpo Paulista. Mas eu viajava todos os dias. Eu era a única da república que vinha aqui para Francisco Morato. Quer dizer... A única que morava na república e vinha para Morato. Veio eu e um outro amigo. Nós dois que viemos para a Diretoria de Caieiras. Só que com o passar dos dias ele foi cansando de pegar trem todos os dias. Aquela coisa e outra... Aí, ele veio e mudou para Morato. Ele ficou em Morato e eu continuei em Campo Limpo. Eu fiquei nessa viagem todos os dias. Vinha, trabalhava e voltava. Dependendo de trem. Ainda bem que lá em Campo Limpo eu não pagava ônibus. Porque nós morávamos perto da estação. Eu ia a pé da estação até em casa. E em Morato eu também economizava bastante porque eu ia de escolar. E ela que bancou as despesas. Todo o tempo até maio. Depois de alguns anos cada uma foi seguindo seu caminho.

Foram casando... Nós casamos. E cada uma constituiu uma família. Todas estão morando em Campo Limpo até hoje. Mas, assim... Todas nós do interior temos contato até hoje. Na verdade, você forma uma outra família aqui. Você tem a sua família lá. Mas, você acaba conhecendo pessoas que começam a fazer parte de sua vida aqui. Acaba se tornando uma família. Igual na escola. Na escola você tem um grupo de professores. Você está ali todos os dias. Você trabalha com eles. Então, acaba se tornando sua família no dia a dia. Porque quando você vem e vê aquele outro mundo que não é bem o que você pensava que era... Você vê que a realidade, na verdade, é completamente diferente. Porque você começa a viver com pessoas que você tem que respeitar as diferenças. Porque você mora com pessoas... Cada um tem o seu jeito de pensar. O seu jeito de agir. Então, isso foi um aprendizado muito grande. Isso foi muito importante. Isso valeu a pena mesmo. Um aprendizado. Você aprende respeitar as diferenças. E outra coisa, você vê que o mundo não é só aquilo ali. Porque você mora ali na cidadezinha e só vivencia aquilo. Você não tem noção. Você vê o que passa na televisão, mas você não vê ali na realidade. Igual, eu saí lá de uma cidadezinha pequena... Você vê... Eu vim aqui para Francisco Morato que é completamente diferente. Você começa a lidar com pessoas de tudo quanto é jeito. Então, é um aprendizado muito grande. E você acaba formando uma outra família pelo convívio com essas pessoas no dia a dia. **(Profª Sandra).**

A empreitada migratória inicial do Professor Elmo foi feita em conjunto com alguns amigos e não tinha o propósito de se vincular ao município de Francisco Morato, e sim à capital paulista. Todavia, ao constatar que seria muito difícil conseguir exercer a docência em tal localidade, entrou em contato com um amigo que lecionava e residia em Francisco Morato que lhe informou da necessidade de professores formados na localidade.

Assim, Professor Elmo e seus amigos decidiram se deslocar e se instalar em Francisco Morato. Comenta que iniciaram a docência no mês de janeiro pois

havia turmas de recuperação que precisavam de professores. Nesse período ficaram na república de alguns amigos que estavam de férias. Ao início de fevereiro conseguiram alugar uma casa e formaram nova república. Essa residência agregava homens e mulheres, diferente de outras repúblicas que possuíam o caráter homogêneo.

Comenta que alguns amigos que migraram para Francisco Morato não se adaptaram e desistiram do magistério. Outros ficaram algum tempo na localidade e depois decidiram migrar para próximo de seus familiares.

Observa que o início da migração foi muito difícil, especialmente porque tinham que aguardar três meses para receber o primeiro salário. Denota que o auxílio dos seus pais foi essencial para a continuidade do processo migratório.

Professor Elmo evidencia o caráter coletivo da república em que todos se auxiliavam. Porém, a grande quantidade de pessoas em uma mesma casa era um ponto negativo, visto que a não colaboração de alguns gerava conflitos. Comenta que quando a república atingia um certo número de integrantes o correto era diminuir para manter os vínculos de amizade. Também, demonstra que a república era crucial para continuidade da migração, pois a regra básica era auxiliar aquele que se iniciava na empreitada, ainda que fosse por pouco tempo.

Quando eu migrei, vim primeiro para o bairro do Tucuruvi porque tinha um pessoal conhecido. Eu vim com alguns amigos. Inclusive, quando eu saí do interior foi complicado. Eu estava separado da minha primeira esposa e pagava pensão. Quando eu saí do Correio eu recebi uma graninha, mas não foi muito, porque eu pedi demissão, e não recebi nem o Fundo de Garantia. A sorte foi a ajuda de meus pais que mandaram dinheiro para eu me manter enquanto eu estava aqui, até receber o primeiro pagamento. Foi complicado. Esses três meses sem receber. Parece que não... Mas pesa. E o pessoal que veio comigo... A maioria os pais ajudaram um pouco até receber... A gente veio em dezembro. A gente veio para fazer inscrição para trabalhar na recuperação de janeiro. Aquela

recuperação de férias que tinha na época. Chegando ao Tucuruvi, nós ficamos uma semana na casa de um conhecido. A gente foi fazer inscrição nas diretorias de ensino. Ia fazer na Sul, na Norte... Só que eu peguei o telefone de um amigo que estava aqui, o Ed Carlos. Que hoje, se eu não me engano, ele está morando em São Carlos. Ele foi professor aqui em Morato. Deu aula em várias escolas. Ele estava dando aula nessa época em Laranjeiras. Eu peguei o telefone e liguei para o Ed Carlos. Ele falou para eu ir para Caieiras que era uma região que tinha mais escolas. Eram noventa... Noventa e duas escolas. Ele falou que na Diretoria de Caieiras tinha muitas escolas e muitas aulas. Faltava professor na região. Eu não sabia nem como chegar no local. Eu não sabia nem da existência de Francisco Morato. Foi esse Ed Carlos que me falou. Depois ele me ligou e falou como eu chegava em Caieiras e em Francisco Morato. Eu nem conhecia Francisco Morato! Nunca ouvi falar. Franco da Rocha eu já tinha ouvido falar por causa do Juqueri. O famoso Juqueri. Mas, Francisco Morato eu não conhecia. Ele falou assim: - Você vem até Caieiras. Você desce na estação de Caieiras que eu vou estar na escola. Chegando em Caieiras você me liga que eu saio de Laranjeiras e pego você lá. Ele estava lá em uma escola no bairro das Laranjeiras, que fica em Caieiras. Ele passou lá na estação de Caieiras e pegou eu e um amigo que tinha vindo também. E nós fomos para a escola. Inclusive, foi a primeira escola que eu conheci na região. E já tinha um pessoal que a gente conhecia que era lá do interior. A gente não conhecia nada aqui. O Ed Carlos já morava lá em Morato. Ele morava ali próximo a um Supermercado. Na Rua Jandira. Ali praticamente é a rua dos professores. Ele morava ali próximo. Ele levou a gente para fazer inscrição em várias escolas de Morato. E nós ficamos na casa dele alguns dias porque para rodar essas escolas demorava bastante. Em fevereiro, o Ed Carlos voltou do interior e já não dava para ficar na casa dele porque não era só eu, tinham alguns outros colegas. E na casa do Ed Carlos moravam outros professores. Eram de Turmalina... De Fátima Paulista... Ali... O famoso Córrego do Feijão... Que eles não gostam que chamem assim... Ali de Fátima Paulista. Eles

estavam passando férias no interior. Era uma república. E eles cederam a casa para nós ficarmos o mês de janeiro, porque nós trabalhamos na recuperação de férias. Eu lembro como se fosse hoje... Choveu o mês inteiro! Todos os dias! E nós ficamos na casa desses professores. Quando eles iam retornar em fevereiro a gente já foi atrás de outro lugar para ficar. Nessa época estava eu e mais três pessoas. Eu e um amigo formados em Matemática e duas colegas formadas em Letras. Nos encontramos uma casa na Rua Jandira, próxima a república que nós ficamos em janeiro. Uma casinha nos fundos. Eram três cômodos. Nós conversamos com o dono e alugamos essa casinha. E ficamos os quatro. Era um quarto, sala e cozinha. E você não sabe o pior... Em fevereiro, alguns amigos que fizeram o curso comigo me ligaram e pediram para ficar. Veio o Junão, o Ederson, o Ulisses e a Sônia. Inclusive o Ulisses e a Sônia desistiram logo do magistério. Eram lá de Populina. Ele voltou, montou uma locadora e foi ser borracheiro com o pai dele. E a Sônia... Acho que não está trabalhando... Eles estavam trabalhando como eventual aqui. Foram assaltados na escola. Então, se desiludiram com tudo isso. Ai decidiram ir embora. Nessa época, nós estávamos em oito na casa. E ainda depois... Teve o Adriano... Que era conhecido de uma das amigas que estavam na casa. Nós encontramos ele quando estávamos indo para a atribuição de aulas. Encontramos ele com a mala nas costas lá em Caieiras. Ele tinha vindo de Jales. Não tinha nem lugar para ficar. Esse montou uma barraca no Campus da UNESP até conseguir vaga no alojamento de estudantes quando cursava a graduação. Ele estava só com a mala nas costas. Tinha vindo fazer inscrição. Ele ficou com a gente também. Ele fez o mestrado na UNESP. Ele ficou um ano aqui. Ficou só juntando dinheiro. Ele veio só para guardar dinheiro. O cara conseguiu guardar dez mil reais em um ano. O cara não gastava nada também! Mas o objetivo dele era guardar dinheiro um ano para se manter em Ilha Solteira. Juntou dinheiro um ano e foi fazer o mestrado em Ilha Solteira. Hoje ele dá aula em escola estadual em Piracicaba porque ele conseguiu aula na UNIMEP. Ele está dando aula na UNIMEP. Na época nós

ficamos em nove! Em três cômodos. Era rede... Era colchão para tudo quanto é lado... Dormia na varanda... Depois nós alugamos uma casa na Rua Peri. Na rua do lado da casa que nós morávamos. Ficamos praticamente um mês morando em nove nessa casinha porque todos estavam na mesma situação. Então, um ajudava o outro. Depois, como alguns já pegaram aula aqui e ali, resolvemos alugar uma casa. Nós alugamos uma casa grande. Só que dois professores ficaram nessa casinha e outros dois voltaram para o interior. Os outros cinco foram morar na Rua Peri. Que é bem próximo. Era uma casa bem grande. O dono ainda pintou de salmão. O pessoal chamava de casa rosa. – Ah! São os professores lá da casa rosa! Ficamos ali mais de um ano. Durante esse um ano um amigo saiu porque foi dar aula no Mato Grosso. Resolveu ir embora para lá. Ele está no Mato Grosso até hoje. É bem próximo de Populina, que também é a cidade natal dele. Um outro foi morar em outra república. Depois da saída desse pessoal, ficamos morando em três. Porque é melhor diminuir. A casa é maior, mas, são menos pessoas. Porque morar com várias pessoas é tipo um Big Brother. Um faz o serviço... O outro não faz... Você chega e não tem comida... República é desse jeito. É aquela loucura! E começa... Não dá muito certo para alguns... Uns limpam... Outros não limpam... Então, foi melhor diminuir. **(Profº Elmo)**.

Ao chegar em Francisco Morato no início do ano de 2006, Professora Roseli comenta que já havia tecido contato com a localidade quando do casamento de sua irmã, também professora migrante, no ano de 2005. Observa que não migrou anteriormente porque sua rede relacional não era extensa e também porque lhe faltou ímpeto.

Sua irmã foi a grande incentivadora para sua empreitada migratória, sobretudo porque hospedou-a em sua residência e direcionou-a para inserção na docência. Na época Professora Roseli já possuía uma filha e seria mais difícil ter que migrar e morar em uma república.

Comenta que a residência da maioria dos professores migrantes era a república. Inclusive, sua irmã foi moradora de república até o casamento. Professora Roseli observa que visitou muitas repúblicas que foram formadas por indivíduos que no interior não possuíam vínculos intensos. Porém o desenvolvimento destes no processo migratório auxiliou-os sobremaneira, especialmente para se manterem consistentes em seus propósitos.

Professora Roseli evidencia que imensa diferença entre o salário que recebia em sua cidade natal e o salário de docente. Contudo, demonstra que os gastos mensais superavam a diferença, especialmente porque as novidades da metrópole incitavam o consumo, que muitas vezes era desnecessário.

Eu fui conhecer Francisco Morato em dois mil e cinco quando minha irmã casou. Porque ela estava lecionando aqui desde dois mil e três. Assim, eu fui saber como era a cidade de Francisco Morato quando ela casou. Eu tive o primeiro contato com o local que eu já sabia que iria morar. Eu não vim antes na época do Magistério, porque eu acho que foi covardia de enfrentar a vida. Medo de encarar. Eu não sabia qual era a cidade. Não tinha um contato certo de uma pessoa que pudesse me auxiliar. Um porto seguro para eu falar: - Eu vou embora! Eu penso que também foi covardia. Quando eu terminei o magistério só estava eu e meu pai. Minha mãe já tinha morrido. Eu fiquei com medo de deixar ele sozinho. Então, eu resolvi entrar para a faculdade e fiquei até terminar. Só que nesse tempo, entre o término do magistério e o término da licenciatura, um monte de coisa aconteceu e eu tive que tomar a decisão de sair do interior. Eu já tinha minha filha. Responsabilidade que não podia deixar de lado. Eu já sabia que quando eu terminasse a faculdade eu ia vir para Francisco Morato morar com minha irmã. Então, ela e o marido alugaram uma casa que tivesse um espaço para que eu e minha filha pudéssemos morar também. Então, eu e minha filha viemos e fomos morar com minha irmã. Eu fui morar com a família. Mas, a maioria dos professores que vieram para Francisco Morato foi morar com os amigos, em repúblicas. A minha irmã morou com a amiga do interior que convidou ela para

vir para Francisco Morato. Ela morou com essa amiga no início. Depois ela foi morar em outra casa, só ela e uma amiga que tinha vindo com ela. Elas ficaram morando em uma casa no centro de Francisco Morato durante dois anos. Depois que minha irmã casou a amiga dela ficou morando com a sobrinha que tinha chegado em dois mil e quatro e estava morando com elas. Moravam três pessoas na casa. Depois a minha irmã casou e ficaram morando as duas. Muitos professores moraram em república. Muitos não eram nem tão amigos no interior e moraram juntos aqui. Com essa convivência... Longe de casa... Foram morar juntos. Mesmo que não fossem tão íntimos lá no interior, aqui eles dividiram a casa, as tristezas, as alegrias... Quando eu morava em Francisco Morato eu fui passear na casa de muitas pessoas que moravam em repúblicas. Eu sempre fiquei com a família. Morei com meu pai, com minha irmã e depois casei. Então, minha trajetória sempre foi morando com a família. Agora... A diferença salarial foi uma explosão... Muita diferença com relação ao que eu ganhava lá. Mas a gente vivia apertada. No primeiro ano eu vivia apertada também, ainda que eu dividisse as despesas com minha irmã, porque eu morava com ela. O salário, em vista de todas as coisas que tinha que pagar... Era uma novidade ter que pagar aluguel, dividir conta de mês, de água, luz... Isso não fazia parte do meu cotidiano. Não fazia parte da minha vida. Eu trabalhava o dia inteiro na escola e quando recebia no final do mês e pagava todas as contas, não sobrava muito. Sobrava mais do que quando você não tinha nada, mas não era tão deslumbrante assim. É que quando eu cheguei aqui, pelo tanto de novidades que eu tive que pagar... No meu primeiro ano eu falava: - Eu vivo tão apertada aqui como eu vivia lá. Mas, a diferença é que eu tinha acesso a várias coisas... Muitas novidades... Então, a gente gastava mais. Ganhava mais só que gastava mais. Era essa minha situação. Hoje em dia eu já recebo bem mais e tenho mais estabilidade. Mas, no primeiro ano, era muita novidade para mim. E as contas eram novidade para mim. Não faziam parte da minha vida. **(Profª Roseli).**

O início da empreitada migratória de Professor Carlos em Francisco Morato ocorreu em janeiro de 2007 quando se deslocou para realizar inscrição para atribuição de aulas. No mês de fevereiro se instalou em definitivo para iniciar o exercício da docência. Comenta que trouxe apenas uma mala de roupas. Outros pertences chegaram posteriormente.

Professor Carlos observa que foi morar junto com o amigo que lhe havia convidado para migrar em uma república em Francisco Morato, juntamente com outros professores. Evidencia as dificuldades que teve no início de sua instalação. Por um lado, as dificuldades eram ocasionadas pelo pouco recurso financeiro que proporcionava apenas o básico, mas estava ciente que ficaria os três primeiros meses sem receber. Aguentou os primeiros meses porque conseguiu aulas na primeira atribuição. Por outro lado, as dificuldades de adaptação, especialmente porque teve que aprender a viver coletivamente e realizar várias tarefas domésticas que não eram costumeiras.

Afirma que aceitou o desafio de migrar porque tinha outros objetivos além da docência. A música e a continuidade dos estudos também foram motivadoras da empreitada migratória para a Grande São Paulo. Denota que a mudança para Campo Limpo Paulista após dois anos de residência em Francisco Morato se processou pela não adaptação na localidade. Assim, optou por escolher residir em Campo Limpo Paulista que guarda semelhanças com o interior.

Eu cheguei em janeiro de dois mil e sete, no entanto, eu vim em definitivo em fevereiro. Em janeiro eu vim fazer inscrição para atribuição de aulas e conhecer a casa onde eu iria morar. Fiquei uns dias e voltei para Jales. Na época, a atribuição, se não me engano, era dia oito ou dia nove de fevereiro. Eu vim dia quatro. Uns dias antes. Eu não tinha trazido nada. Eu vim somente com a mala de roupas. Minha mudança veio depois... Depois veio o computador, a televisão... Quando eu vim, estava recebendo o Seguro Desemprego da empresa. Eu fiz um acerto e fui guardando... Mas o recurso era mínimo. Eu sabia que ia ficar três meses sem receber se eu pegasse aula na primeira atribuição. E eu tive sorte e peguei aula na primeira atribuição.

Pelo menos deu para segurar esse período. Eu fui morar em uma república em Francisco Morato. Eu fui morar com o amigo que havia me convidado. Moramos em três na república. Mas mesmo assim, os primeiros meses foram difíceis. Entre os amigos não. Entre os amigos foi bem mais fácil. E como eu já conhecia... Mas... Sair de dentro da casa de sua família e ir morar com pessoas que você não tinha convivido... Pelo menos morado junto... Foi complicado... O choque de morar junto... Quer dizer... É claro que você tem muito mais descobertas do que choque. Você tem que aprender a cozinhar. Coisa que eu não fazia. Eu não sabia o que era cozinhar. Tanto que quando eu vim minha mãe estava preocupadíssima comigo: - O que esse menino vai fazer? O que ele vai cozinhar? O que ele vai comer? Eu falei: - Mãe, eu chegando lá me viro. Na hora que dá fome a gente aprende fazer alguma coisa. Moramos em três o ano todo. O ano de dois mil e sete nós moramos em três. Depois mudamos para outra república e veio outro amigo morar com a gente. Depois nós montamos uma república em Campo Limpo Paulista e eu fui morar com esse amigo que havia me convidado e minha namorada que tinha chegado do interior. Ela tinha acabado de se formar na faculdade em Jales. E nós ficamos morando em três. Eu, ela e esse amigo. Moramos mais dois anos e depois separamos. Hoje em dia só está eu e minha namorada. E a vinda para cá foi também por uma questão de facilidade. De logística. De estar perto da capital para poder continuar estudando. E também eu tinha amigos que moravam aqui e ficava perto do que eu queria... Que era continuar estudando... Me aprimorar... Conhecer mais São Paulo. Eu já conhecia São Paulo de passagem. Mas morar é outra coisa. São Paulo é um lugar que sempre me fascinou... Tem coisas aqui que me agradam bastante. Eu acabei vindo para cá pensando nisso. Outra coisa foi a questão da música. A música acabou me levando para outros lugares... Porque eu sou músico também. Então... Ela acabou me levando para gostar de outras coisas que não estavam em Jales. Isso acabou fazendo que meu círculo de amigos se expandisse. Por quê? Porque, eu lembro que na época, ainda não se usava internet... Não se trocava e-mail com

facilidade. Então... Se eu tinha uma banda em Jales... Eu sempre tive banda de rock. Com músicas próprias. Eu me comunicava com bandas de outros lugares para trocar material. Então... Eu escrevia uma carta, colocava uma fita dentro com a música de minha banda e mandava para troca. Isso acabou fazendo que o universo de Jales ficasse pequeno. Por isso, a vinda para cá foi importante para vários fatores na minha vida. O trabalho foi o principal, mas o estudo e a música pesaram bastante também. Hoje eu moro em Campo Limpo Paulista. Acabei me mudando para Campo Limpo Paulista por essa questão de adaptação. Porque é uma cidade que me lembra mais o interior do que Francisco Morato. Porém, lembra o interior só que está muito próxima a capital e tem facilidades que o interior não tem, principalmente o emprego. Acabei ficando em Campo Limpo Paulista, mas meu trabalho é aqui em Francisco Morato. Eu me mudei para Campo Limpo Paulista, mas, continuei trabalhando em Francisco Morato. Ainda, quando eu vim para cá o pessoal falava: - Você nem parece que era do interior. Eu falava: - Mas, por quê? Precisa parecer do interior? Eles falavam: - Não. Mas pelo jeito. Pelas coisas que gosta. Pelo tipo de cultura. Eu falei: - Quanto a isso, então... Tem razão. Eu nunca me preendi a essas coisas. Porque nunca me pareceu familiar as coisas do interior. Eu sempre quis conhecer outros espaços... Outras culturas... Então, vir morar aqui foi muito importante para meu desenvolvimento. **(Prof^o Carlos)**.

Os depoimentos dos professores migrantes manifestam a importância do capital social presente em uma rede de relações construída, em primeiro momento, no cotidiano de seus espaços de origem que incentivou e auxiliou em suas inserções, instalações e permanências no local de destino e, posteriormente, se estruturou de tal maneira que promoveu durante duas décadas o deslocamento de centenas de indivíduos que tinham no exercício da docência em escolas estaduais seus principais objetivos.

Tais auxílios recebidos dos vínculos próximos, de familiares e de outros conhecidos que compunham a rede social foram primordiais para suas inserções e permanências no espaço de destino e também para minimizar os efeitos da pobreza material em que se encontravam.

Os recursos econômicos que traziam na empreitada migratória não eram suficientes para suportar o período de espera entre a chegada, a inserção na docência e o recebimento do primeiro salário, sobretudo porque o Governo do Estado de São Paulo demorava três meses para efetuar o pagamento do salário do professor recém-contratado. Se o professor conseguisse ter atribuídas aulas no mês de fevereiro iria receber seu primeiro salário somente no mês de maio, isso se todos os trâmites burocráticos transcorressem nos conformes.

As redes sociais presentes na empreitada migratória se constituem essenciais não apenas no que tange às decisões dos indivíduos na concretização do deslocamento, mas, sobretudo como suporte na fixação no espaço desconhecido e na reprodução do movimento, este último influenciado pelo aumento do volume de capital social existente nesse contexto, a medida que encontram outros indivíduos que já estão estabelecidos e que compõem essa estrutura. (PORTES & BÖRÖCZ, 1989).

Entendemos que a empreitada migratória se torna possível de acontecer e se manter porque as redes sociais existentes:

[...] estão no centro das microestruturas que sustentam a migração ao longo do tempo. Mais do que cálculos individualistas de ganho, é a inserção de pessoas em tais redes que ajuda a explicar as tendências diferenciais e o caráter duradouro dos fluxos migratórios.” (PORTES & BOROCZ, 1989, P. 612).

Nesse sentido, constatamos o quão fundamental são os vínculos traçados em tal contexto por intermédio do capital social dos indivíduos, que se exprimem com volumes e hierarquias variadas em diferentes instâncias sociais,

promovendo e estabelecendo de forma vigorosa não somente a inserção dos migrantes, mas, especialmente sua continuidade no espaço de destino.

Um dos elementos que não apenas compõem esse amálgama que é o fluxo migratório produzido por tais redes sociais, mas que se estabelece como estruturante para a permanência do migrante é a moradia. No caso dos professores migrantes esta se concretizou pela criação de repúblicas – moradias coletivas – femininas e masculinas ou na residência com familiares que se encontravam estabilizados no espaço de destino.

Todavia, a que se considerar pelos depoimentos orais que a criação das repúblicas se constituiu movimento pioneiro e primordial para a estruturação e continuidade do movimento migratório e, que a coabitação na casa de parentes consanguíneos foi exceção em um universo que a ampla maioria dos professores migrantes coabitava uma casa alugada dividindo seus poucos bens materiais, suas alegrias, tristezas, dilemas e expectativas.

As condições materiais de existência do migrante, sejam elas compreendidas pelo estado provisório ou pelo estado permanente, são estabelecidas pela associação de dois elementos: trabalho e moradia. Dessa forma, o migrante somente se constitui enquanto presença real e efetiva no seio da sociedade de destino se estiver vinculado a uma moradia e um emprego. (SAYAD, 1998).

Entendemos que as relações tecidas pelos migrantes engendram a partir de suas inserções nos lugares de destino, especialmente no que tange à moradia, visto que compartilham tal espaço de maneira coletiva e colaborativa, ou seja, por meio das diversas situações cotidianas – condições de vida, organização, atividades, etc. – se constituem fundamental para estimular os laços simbólicos e afetivos e desenvolver aprendizados que somente o conviver de maneira coletiva irá possibilitar.

O deslocar-se e o estar migrante requer adaptações dos indivíduos porque irão encontrar condições de vida diversas das que possuíam em seus

locais de origem. A adaptação principal será a de conviver em uma mesma habitação com pessoas que, apesar de possuírem possuem vínculos sociais, jamais estiveram em tal proximidade. Tal circunstância irá impor

[...] uma forma particular de *indivisão*: um mesmo teto leva, com o tempo, a uma mesma cozinha e esta, em parte, a um mesmo orçamento. A coabitação num cômodo comum impõe certas despesas comuns, não apenas aquelas que estão ligadas à habitação (o aluguel, é claro, o consumo de gás, de água, os custos de manutenção do cômodo etc.) como também as despesas relativas à alimentação. Assim, não são apenas as refeições preparadas em comum, muitas vezes pela mesma pessoa (a mais entendida, a mais disponível por causa do emprego, ou cada um por vez), e as despesas acarretadas por essas refeições, que são divididas, muitas vezes é a totalidade do orçamento que é posta em comum. Ato primeiro da solidariedade que se impõe aos diferentes grupos de imigrantes – não se diz do recém-imigrante recebido que “foi preciso acrescentá-lo à comunidade, porque não se podia deixá-lo para fora”? –, a coabitação impõe outras solidariedades, a começar pela obrigação de oferecer um lugar à mesa à pessoa que está sendo abrigada; muitas vezes é também o grupo que divide o mesmo dormitório que se responsabiliza e que divide, em caso de necessidade, o aluguel do companheiro que falha, bem como todo um conjunto de auxílios (empréstimos de dinheiro, crédito, serviços etc.).” (SAYAD, 1998, p. 89-90).

Constatamos que o viver e conviver na república por meio de regras criadas pelas condições de vida a que estavam submetidos desenvolveu nos professores migrantes novas práticas, ou seja, um *habitus* secundário que promoveu transformações em seus modos de vida, auxiliando-os na integração no espaço de destino e na construção de um modo de ser característico do

migrante, em que o coletivo se sobreponha ao individual em prol dos seus objetivos comuns.

De acordo com Sayad (1998), as relações que os migrantes constroem a partir de suas inserções nos lugares de destino, especialmente no que tange à moradia, visto que compartilham tal espaço de maneira coletiva e colaborativa, ou seja, por meio das diversas situações cotidianas – condições de vida, organização, atividades, etc. – são fundamentais para estimular e desenvolver os laços simbólicos e afetivos não apenas com o grupo assentado no mesmo habitat: seja uma república ou alojamento; mas também com os indivíduos originários do lugar.

Assim, compreendemos que os vínculos existentes na rede social da migração foram primordiais para todo o processo presente no deslocamento migratório e consideramos que a vinculação dos professores migrantes nas diversas repúblicas criadas no município de Francisco Morato foi a base de sustentação e propagação do movimento migratório ocorrido entre as décadas de 1990 e 2000, visto que se auxiliaram de diversas maneiras para que os dilemas presentes em seus cotidianos fossem suportáveis e superáveis, promovendo a esperança e a adaptação para os que chegavam e se impactavam com as mudanças bruscas presentes no ato de migrar, assim como o incentivo àqueles que ficaram, porém que aguardavam o momento propício para se deslocarem.

3.2. Trajetórias de inserção na profissão docente

As trajetórias dos professores migrantes são permeadas por dois aspectos centrais: vínculos sociais e possibilidade real do exercício da docência.

Os vínculos sociais, construídos por meio do capital social, foram importantes para desenvolver a ideia, vontade e o estímulo para a migração, porém, a formação de uma rede relacional que não apenas fortaleceu, mas que, sobretudo promoveu o deslocamento migratório e concretizou o objetivo desses

indivíduos: o exercício da docência nas escolas estaduais de Francisco Morato; foi primordial à medida que tornou perceptível e acessível os complexos trajetos para tal inserção.

O ingresso como docente nas escolas públicas estaduais entre as décadas de 1990 e 2000 se realizava através de dois caminhos: o trabalho com contrato de trabalho “efetivo” e o contrato de trabalho “temporário”. O primeiro pela inserção via concurso público de provas e títulos. O segundo por meio da inscrição anual para o processo de atribuição de aulas. No caso dos professores migrantes, o ingresso se deu pelo segundo caminho e cerca de centenas de quilômetros distantes de suas cidades de origem.

Constatamos através dos depoimentos orais dos professores migrantes que o exercício da docência, com contrato de trabalho temporário em Francisco Morato, não era uma perspectiva remota. A rede relacional a qual pertenciam ou foram se integrando indicava ser este o caminho possível para se inserirem no mercado de trabalho como docentes.

Eles tinham ciência, por meio das redes sociais de migração, que a falta de professores habilitados no município era o condicionante para seus ingressos de maneira rápida e sem dificuldades na docência trabalhadores com contrato temporário nas escolas públicas estaduais.

Dessa maneira, os professores migrantes dos três grupos estudados, se organizaram de diversas maneiras para, ao término de suas graduações, se deslocarem para o município de Francisco Morato a fim de exercerem a docência.

Os depoimentos orais apresentam as trajetórias dos professores migrantes no momento em que chegaram ao município de Francisco Morato para realizarem suas inscrições e, conseqüentemente iniciarem o exercício da atividade docente. Os depoimentos explicitam as transformações que ocorreram em suas condições materiais de existência.

Professora Enilda relata que o processo de atribuição de aulas na época que iniciou na docência possuía dois momentos: atribuição na Diretoria de Ensino e na Unidade Escolar. Na Diretoria de Ensino a atribuição era para os professores habilitados nas disciplinas curriculares do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A atribuição nas escolas era para os habilitados para lecionarem no Ensino Fundamental I ou em outras áreas.

Afirma que sobravam muitas aulas pela falta de professores habilitados, ainda que houvesse os professores migrantes. Porém, comenta que a inscrição e atribuição de aulas nas escolas era criteriosa, pois os gestores, além de entrevistarem os candidatos à docência, buscavam informações, caso houvesse lecionado em outra escola, sobre suas atuações.

Iniciou a docência como eventual em escola pública estadual do município de Franco da Rocha. No entanto, através de sua irmã, participou da atribuição de aulas em Francisco Morato e conseguiu aulas (classe) no Ensino Fundamental I. Nessa época trabalhava manhã e tarde. Ganhava por vinte horas aulas. Caso ultrapassasse as 20 horas aulas, recebia como eventual. Informada e indicada pela secretaria da unidade escolar que havia falta de professor de História em uma escola próxima, se dirigiu a mesma e foram lhe atribuídas as aulas. Assim, Professora Enilda lecionava em duas escolas públicas estaduais nos três períodos (manhã, tarde e noite).

Na época que eu cheguei aqui, em noventa e um, a atribuição era na Diretoria de Ensino. Só que como nós não éramos formados na área, depois de todo processo da Diretoria de Ensino, nós íamos de escola em escola procurar onde tinha aula. Quem era formada em Pedagogia como eu tinha que ir de escola em escola fazer inscrição. Tinha bastante aula. Então... O processo na Diretoria de Ensino era rápido, porque eles sabiam que não tinha professor formado para suprir a demanda que a região precisava. O processo de atribuição terminava rápido. Não era tão longo como é hoje. Depois desse processo eles já disponibilizavam essas aulas para a escola. Então, você ia com a documentação para a escola... Levava seus pontos... E lá...

Dependendo da área... A diretora ou a vice-diretora fazia entrevista... Às vezes não dava para nenhuma das duas fazerem a entrevista e quem fazia era a secretária. Ela perguntava se alguém tinha indicado ou se você conhecia alguém daquela escola. Qual escola mais próxima que você trabalhou. Às vezes ela mandava você esperar e ligava para a escola que você tinha lecionado anteriormente para ver como você era... Se você tinha compromisso... Se você faltava... Sua relação com os alunos... Tinha tudo isso... Mas, isso era feito super-rápido. Às vezes eles falam para levar uma carta de apresentação da outra escola para ser mais rápido. Mas tinha muita aula. Tinha a demanda dos professores que vinham do interior, só que não supria tudo, sobravam muitas aulas pela falta de professores. Eu lembro que no início eu fiquei dando aulas uns dias como eventual em uma escola em Franco da Rocha. Só que minha irmã falou que eu não precisava ficar dando aula de eventual em Franco da Rocha porque em Francisco Morato tinha muita aula. Precisava muito de professor. Ela falou: - Em vez de você ficar eventando aqui, não ganhando nem sábado nem domingo... Quem sabe você não consegue lá em Francisco Morato. Então... Eu fui para aquele processo de atribuição na escola e consegui aulas em Francisco Morato. Consegui aulas em uma escola do Bairro São José. Eu fiquei lá porque tinha de primeira a quarta série no período da manhã e da tarde. E a noite tinha o Ensino Fundamental II. Lá eu trabalha com alunos de primeira a quarta série. Eu ganhava por vinte aulas. Eu ganhava por vinte horas aulas e se ultrapassasse aquilo eles pagavam como se fosse eventual. Tinha uma funcionária da escola que me informou sobre a necessidade de uma escola de um bairro próximo que estava precisando de professores. Eu falei para ela: - É muito longe? Ela falou: - Não. Vem cá. Está vendo aquela escola lá?! Eu falei: - Daquele outro lado do morro?! Ela falou: - É. Lá é o Bairro Cento e Vinte. Eu falei: - Eu não vou lá não. Ela falou: - Não! Você vai! Você vai pegar o ônibus lá no centro e vai nessa escola. Ela ligou para um amigo dela que trabalhava nessa escola e falou para eu ir até a escola. Eu fui para lá e fiquei com aulas de História no período da tarde e noite. Então... Eu fiquei

no São José no período da manhã com uma sala de Fundamental II e no período intermediário eventualmente. No Cento e Vinte eu trabalhava parte do período da tarde e no noturno. Nessa época ainda tinha essas escolas com período intermediário. A escola funcionava das sete as dez para as onze e das onze as dez para três. Depois tinha o ginásio. E tinha o período da noite porque não tinha escolas para suprir a quantidade que havia de alunos. Então, eles faziam esses horários quebrados. Também não tinha o HTPC na época. Então, normalmente os professores acumulavam. Eles davam aula de manhã e depois entravam no período intermediário ou davam aula no período intermediário e a noite. Então... Eu saía lá do São José, descia a pé até o centro, pegava o ônibus... Eu ficava algumas aulas no período da tarde e depois tinha uma carga completa de vinte aulas de História a noite. Eram três períodos bem puxados. O importante é que eu tinha experiência... Eu trabalhava com crianças pequenas em um período e a tarde e a noite eu dava aulas de história. **(Profª Enilda).**

Em seu depoimento, Professor Adenilson revela que em outras localidades, especialmente nas cidades do interior, as vagas disponíveis para exercer a docência em escolas públicas estaduais eram escassas devido ao grande número de efetivos. Por outro lado, em Francisco Morato o quadro era inverso, pois além do número de efetivos ser reduzido, a maioria dos professores não era formado para o exercício da docência ou apenas possuíam o Ensino Médio, configurando cenário propício para os professores migrantes.

Professor Adenilson comenta que a inscrição para atribuição de aulas na época que migrou para Francisco Morato era realizada nas escolas. O candidato tinha que se dirigir de escola em escola porque as inscrições eram específicas. Relata que as inscrições nas escolas produziam favorecimentos e vínculos de dependência, inclusive ele iniciou na docência por indicação de seu amigo que era coordenador de escola pública estadual.

Quando eu migrei para São Jose do Rio Preto percebi que a concorrência para a docência na região era grande, sobretudo por conta de ser considerado interior. Na região havia muitos professores efetivos. Já aqui em Francisco Morato os professores licenciados da época era raridade. E praticamente não havia efetivos. A grande maioria era estudante de graduação ou apenas com Ensino Médio. Havia alguns formados em outras áreas... Formado em Direito, Engenharia, Administração, Farmácia... Mas licenciados eram raridade. Eu comecei a lecionar no dia oito de fevereiro de noventa e cinco. Na época a inscrição era feita na escola. Então... Você ia de escola em escola... E se você conhecesse o diretor... Se tivesse alguém lá dentro era mais fácil conseguir aula. O meu amigo já estava aqui há uns cinco anos... E ele conhecia diversos diretores. Inclusive, na época, ele era coordenador de uma escola. A escola que ele era coordenador ficava bem distante do centro de Morato. Ficava no bairro São João. Então, como ele era coordenador nessa escola ficou mais fácil eu conseguir aula. Ele me levou e apresentou para o diretor. Na época você fazia um cadastro na escola. Na verdade era a inscrição. Você fazia a inscrição na própria escola e, conforme fosse precisando, ligavam para você ir à escola para atribuição. E na época eu dei muita sorte, porque a escola que eu peguei aula era uma Escola Padrão. Entre as poucas Escolas Padrão que tinham na região, essa escola era uma das inseridas no projeto. E porque eu dei sorte? Porque quem trabalhava na Escola Padrão ganhava um pouco mais. E nessa escola estavam precisando de professor de história. Então, como eu fui apresentado pelo meu amigo que era coordenador, fiz a inscrição e no mesmo dia o diretor me atribuiu as aulas e comecei nessa ocasião. **(Profº Adenilson)**.

Como as inscrições para atribuição de aulas no ano de 1996 eram realizadas na Diretoria de Ensino de Caieiras para os candidatos à docência nas escolas públicas estaduais no mês de janeiro, assim que chegou à Francisco Morato, Professora Idy se inscreveu em tal processo e ficou aguardando. Relata

que no dia da atribuição, por ser a única formada em Geografia, conseguiu se inserir com tranquilidade na docência.

Comenta que iniciou como professora em uma escola periférica, ou seja, distante do centro. Também denota que, a experiência frustrada ocorrida no ano de 1989 quando migrou para a capital paulista para exercer a docência no Ensino Fundamental I não se constituiu válida devido aos problemas ocorridos na ocasião. Dessa forma, considera que o ano de 1996 não foi um retorno à docência, e sim o início de sua trajetória como professora.

Eu vim para Francisco Morato no dia 6 de janeiro de noventa e seis. Era um sábado. Então, eu vim para Francisco Morato no final de semana. Ficou até mais fácil porque eu tinha dois dias para me preparar e ir fazer inscrição no início da semana. Na segunda-feira eu fui à Diretoria de Ensino de Caieiras fazer a inscrição. Fiz a inscrição na Diretoria de Ensino e fiquei aguardando a atribuição. No início de fevereiro foi a atribuição e, em seguida, já comecei a dar aula. Então, foi uma coisa muito rápida. Não tinha professor formado. Na época eu era a única professora formada a ser atribuída aula de Geografia. Então, ficou fácil conseguir aula. Eu peguei minhas aulas na escola Pedro Paulo de Aguiar em um bairro distante do centro de Morato. Só que minha primeira experiência, como eu falei anteriormente, foi em oitenta e nove quando eu vim para São Paulo e fiquei dois meses morando em Higienópolis na casa de uns conhecidos do interior. Eu morava em Higienópolis e dava aula em Guaianases. Só que foi pouco tempo por causa da greve. Então, eu considero que meu início como professora foi em noventa e seis. Em oitenta e nove a experiência não foi boa... Eu fiquei muito frustrada. **(Profª Idy).**

Professor Marcos observa que ao chegar como migrante em Francisco Morato, após tentativa malograda de conseguir se inserir como docente na região de Americana, conseguiu realizar inscrição para a atribuição inicial de aulas na Diretoria de Ensino de Caieiras. Evidencia que tal atribuição foi

desorganizada e que as aulas não foram enviadas pelos diretores de escola para serem atribuídas em tal processo. Dessa forma, teve que percorrer as escolas e realizar várias inscrições.

Recorda que as primeiras aulas que lhe foram atribuídas eram de um professor que não possuía formação para a docência, porém, que lecionava há mais de sete anos nessa situação. Comenta que essa situação era comum nas escolas públicas estaduais de Francisco Morato. Somente começou a se alterar com a chegada dos professores migrantes. A partir disso, aqueles que lecionavam sem diploma tiveram que se inserir em cursos de licenciatura para obter formação, caso contrário, não iriam poder continuar a exercer a docência na localidade.

Menciona que ao iniciar na docência teve dificuldades para se adaptar ao novo contexto. Considera que, apesar de ter se formado para o exercício da docência, não possuía as características disposicionais (LAHIRE, 2004) necessárias à docência, sobretudo porque é introvertido. Também esclarece que a opção pela docência foi por motivos econômicos, principalmente quando demonstra a diferença – aproximadamente 800% - entre o salário que recebia no interior e o recebido como docente.

Quando eu vim em noventa e seis, eu vim de Americana porque eu tentei conseguir aulas lá e não consegui. Eu lembro que eu vim e já fui fazer inscrição. No início fazia inscrição na Diretoria de Ensino. A gente fazia inscrição na Diretoria de Ensino e depois, se não conseguisse, fazia inscrição nas escolas. Na época eu não consegui aula na primeira atribuição porque foi uma bagunça. As escolas não mandaram todas as aulas. Então, depois da atribuição eu fui fazendo inscrição de escola em escola... Eu lembro que eu cheguei com meu diploma e peguei as aulas de um professor que já fazia quase uns sete anos que trabalhava naquela escola sem diploma. Sem nada... E a ampla maioria dos professores não tinha diplomas. Então, quando teve esse processo do pessoal do interior vir com diploma, aqueles que não tinham tiveram que deixar as aulas. Esses professores

que atuavam sem diploma tiveram que começar a correr atrás de seus cursos... Correr atrás de seus diplomas no sentido de fazer uma licenciatura para atuar e não perder as aulas para quem vinha do interior com diploma. Eu lembro que no primeiro dia em sala de aula você entra totalmente... Você não tem uma noção exata... Eu lembro que o primeiro dia de sala de aula eu fiquei um pouco assustado. Eu sempre me via sentado e o professor lá na frente. No primeiro dia de sala de aula eu era o professor lá na frente e via trinta e poucos alunos sentados, esperando que eu tomasse a iniciativa. Eu sempre fui um pouco ansioso... Você sente, às vezes, algumas dificuldades para falar no meio de tanta gente. Mas você tem que vencer esses medos... Porque é a profissão que você escolheu. Num primeiro momento você entra em sala de aula indefeso. Mas sabe que é sua profissão. Quando iniciamos sabemos que queremos ser professores, mas, sabemos que ao mesmo tempo... A questão econômica é que foi mais forte. Eu comecei como professor pela questão econômica. Não posso negar que foi pela questão econômica. Eu lembro que no primeiro ano que eu lecionei o salário mínimo era em torno de R\$ 100,00 e, eu lembro que o meu primeiro holerite como professor já era R\$ 800,00. Então, a questão econômica era a principal na escolha para ser professor. Assim, iniciei dessa maneira e estou como professor há quase vinte anos. **(Prof^o Marcos)**.

Professora Sandra explica seu deslocamento migratório foi realizado em duas etapas. No primeiro momento foi para realizar inscrição para atribuição de aulas nas Diretorias de Ensino de Jundiaí e Caieiras. Posteriormente, se deslocou em definitivo para participar da atribuição de aulas.

Esclarece que lecionar em Francisco Morato não foi por opção e sim pelas vagas disponíveis. No município a ausência de formados para exercício da docência facilitou sua inserção e de centenas de migrantes que já possuíam graduações específicas para o magistério. Denota que entre os professores formados que lecionavam nas escolas públicas estaduais, a maioria era migrante.

Comenta que sua experiência como docente não se iniciou em Francisco Morato, e sim em sua cidade natal quando exerceu a atividade em substituição à uma licença durante quinze dias. Contudo, evidencia a diferença entre ser eventual no interior e possuir regência de aulas em Francisco Morato. Menciona que foi bem recebida na escola que iniciou sua trajetória profissional. Na época tinha 33 aulas semanais nos períodos vespertino e noturno. Lecionava as disciplinas de Ciências e Matemática.

Professora Sandra expõe as dificuldades que teve ao lecionar na periferia do município e no período noturno, especificamente referente ao transporte. No entanto, relata que as relações sociais tecidas no cotidiano foram importantes para minimizar tais problemas. Denota que, após quinze anos como professora migrante, as experiências adquiridas se constituíram essenciais em seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Eu comecei a lecionar em noventa e oito. Em fevereiro de noventa e oito eu já estava com aulas. Eu vim no início de janeiro fazer inscrição na Diretoria de Ensino. Eu fiz a inscrição em Jundiaí e Caieiras, só que no dia da atribuição eu vim direto para Caieiras porque eu sabia que tinha aulas em Morato. Depois eu voltei. Quando estava para começar as aulas eu vim para a atribuição. Consegui aulas e estou aqui até hoje. Minha amiga e as meninas da república trabalhavam na região de Jundiaí porque quando elas vieram, fizeram a inscrição na Diretoria de Jundiaí e conseguiram aulas. Eu consegui aula em Francisco Morato que pertence a Diretoria de Caieiras. Como na época faltavam muitos professores e eu era formada... Na época nós não tínhamos tanto professores formados. Eram mais estudantes. E aqueles que vinham do interior, formados, eram os que conseguiam... Na verdade, a gente pegava aula... Conseguia pegar aula... Assim... A gente era a maioria nas escolas. Praticamente só tinha professor do interior nas escolas. Lá na escola os formados eram do interior. E até então... Estou até hoje na Diretoria de Caieiras... Só que minha primeira experiência como professora foi lá no interior. Eu já tinha

lecionado no interior. Eu substituí uma professora lá no interior. Peguei uma licença de quinze dias. Peguei essa licença de quinze dias... Então, eu já tinha contato com aluno. Só que... Quando eu vim para cá... Era diferente. Lá você era... Era assim... Uma eventual ali... E quando você vem... Que você tem as suas salas... Que você entra todos os dias... É completamente diferente. Você sabe que ali é uma responsabilidade muito grande. Minha primeira escola aqui em Morato foi a Pedro Paulo de Aguiar. Lá na escola as pessoas me acolheram muito bem. Eu me senti em casa. Eu consegui carga completa. A carga completa era 33 aulas. Então, eu e um amigo que veio comigo para a atribuição, conseguimos aula na primeira atribuição na Diretoria de Caieiras. Eu comecei a lecionar no período da tarde e da noite. A minha carga maior era à noite. Naquela época eram vinte aulas à noite. Eu tinha vinte aulas à noite e treze aulas à tarde. Eu lecionava Matemática e Ciências. Eu tinha medo de voltar naquele trem todos os dias... Se você perdesse... Naquela época os horários de trens tinham um intervalo muito grande. Então, se você perdesse aquele das onze e meia, depois só tinha o da meia noite. Então, você tinha que sair da escola correndo. Tinha que sair correndo para você poder pegar aquele trem, porque se você perdesse não tinha como voltar para casa. Para ir para a escola, na época, tinha um ônibus escolar que passava no centro de Morato. A gente pegava carona com o ônibus escolar. Como ele passava para pegar os alunos, eles levavam a gente também. Já aproveitava e levava a gente. Mas, para voltar... Às vezes tinha a carona de volta. Às vezes não. Então... Era assim... O dia que tinha carona você aproveitava e vinha de carona com o colega. O dia que não tinha você ficava no ponto de ônibus para ir até a estação e pegar o trem. Era muito corrido. Então, já faz quinze anos que eu estou na Rede Estadual aqui em Francisco Morato. Passei por várias escolas aqui no município. E assim... Foi uma experiência muito grande. Foi um aprendizado de vida muito grande trabalhar nessas escolas e nesse município. **(Profª Sandra).**

A decisão de se formar para o exercício da docência, explica Professor Elmo, se deu pela necessidade econômica. A não inserção no mercado de trabalho quando de sua migração para Americana foi fundamental em sua trajetória. Comenta que o mercado de trabalho na área da educação sempre está aquecido, ou seja, os formados para a docência não ficam desempregados, sobretudo na Grande São Paulo.

Comenta que chegou à Francisco Morato no final do ano de 2002 porque foi informado que existiam vagas para lecionar na recuperação de janeiro. Realizou inscrição e em janeiro de 2003 começou a lecionar em uma escola da periferia de Francisco Morato. Relata que na época a falta de professores não era tão intensa como na década de 1990. Todavia, mesmo com algumas dificuldades para aqueles que estavam ingressando na docência, era possível exercer a docência, mesmo que fosse como eventual.

Menciona que conseguiu aulas livres – professor regente – ao participar da atribuição para lecionar na FEBEM – atual Fundação Casa – após a atribuição inicial de aulas. Nessa época, Professor Elmo observa que lecionava na FEBEM durante o período matutino. Nos períodos vespertino e noturno atuava como eventual em outras escolas. Contudo, tal situação perdurou somente até meados do ano de 2004 quando passou a exercer a docência como professor efetivo através de concurso público de provas e títulos em uma escola pública estadual de Francisco Morato.

Eu decidi ir para a docência porque eu não consegui emprego na área de Contabilidade quando eu fui para Americana. Não consegui pela falta de experiência. Não adiantava você ter o curso técnico se não tivesse experiência em contas a pagar, contas a receber... Inúmeras operações que você tem que fazer. Sem experiência o pessoal não contrata. Não quer saber. E licenciatura é fácil você estar ingressando. Pela falta de profissionais da área. Você terminou a faculdade... Você faz inscrição... Você já... Aqui em São Paulo era muito mais fácil. Porque a pessoa está cursando e já está trabalhando. Mesmo como eventual. Mas já está ganhando. E quando eu estava

terminando a licenciatura a gente já começa a fazer uma certa pesquisa, porque no interior não tem vaga. E se você ficar como eventual... Ser eventual no interior é diferente da capital. Tem poucos professores no interior porque as escolas são menores. Então, o eventual não consegue muita coisa. Os professores faltam menos... Aqui não... As escolas são maiores. E aqui os professores faltam mais... Tem muitas licenças... Então, aqui o eventual até consegue se virar. Lá é complicado. E lá no interior a maioria dos professores são efetivos. Não tem vaga. Então, é muito difícil conseguir aula no interior. Por isso decidimos vir para a capital. Nós fizemos a inscrição na escola do bairro Arpoador. Cheguei aqui em dezembro de dois mil e dois para fazer inscrição. Fizemos para a recuperação de janeiro. Foi a primeira escola que eu trabalhei. Trabalhei de 6 de janeiro de dois mil e três até vinte...Vinte e pouco de janeiro... Foi a recuperação de férias... Foi a minha primeira experiência em sala de aula. A não ser a do estágio que eu tinha feito em Populina. Na escola de Populina. Mas, como professor em sala de aula, minha primeira experiência foi ali na recuperação de férias. Eu trabalhava durante o dia e a tarde. Depois do período de recuperação de férias... Como eu era zero ponto, e naquela época não estava tão assim com falta de professores... Não estava como antes, como na década de noventa. Em janeiro de dois mil e três já não estava como na década de noventa. Então, quem era zero ponto ficava um pouco mais difícil conseguir aula. Como eu falei... Em Americana já estava bem saturado... Estava difícil conseguir aula em Americana. Então, além da inscrição geral eu fiz inscrição também para o Projeto Pasta da antiga FEBEM. Hoje é conhecida como Fundação Casa. Você apresentava um projeto, fazia entrevista... A não ser a recuperação de janeiro, eu comecei dando aula mesmo na FEBEM. Também trabalhei como eventual em algumas escolas porque eu não tinha carga completa. Então, eu posso dizer que a primeira aula que eu peguei como aula livre foi na FEBEM. Trabalhava na FEBEM durante o período da manhã e como eventual a tarde e a noite em outras escolas. Trabalhei assim até o meio do ano de dois mil e quatro. Em novembro de dois mil

e três houve um concurso. Eu prestei o concurso para Ciências e Matemática. Fui aprovado nos dois. E já na primeira chamada de dois mil e quatro... No mês de junho eu fui convocado para o cargo de Matemática e, a partir de julho, eu já era professor efetivo. Na época eu me efetivei na escola Rogério Levorin de Morato. **(Prof^o Elmo)**.

Professora Roseli observa que somente conseguiu ter a noção de que a inserção na docência não era algo complicado após a migração de sua irmã. Relata que começou a perceber que aqueles que migravam conseguiam aulas imediatamente, porque após breve período instalados em Francisco Morato, retornavam ao interior para visitar seus familiares no feriado de carnaval e já se encontravam lecionando em escolas públicas estaduais. Comenta que a formação para o exercício da docência e, conseqüentemente a migração para Francisco Morato era a oportunidade para transformar suas condições materiais de existência.

Ao chegar no início de janeiro do ano de 2006, a situação era diversa daquela encontrada pelos migrantes que chegaram no município na década de 1990, denota Professora Roseli. Porém, mesmo com a grande quantidade de professores formados existentes na localidade, o emprego era garantido, mesmo que fosse como eventual.

Manifesta que o apoio de sua irmã foi fundamental para que pudesse se inserir na docência. Esclarece que o processo inicial de atribuição de aulas nessa época era descentralizado por área de conhecimento. Após esse início, as aulas seriam atribuídas nas escolas para depois serem atribuídas em polos regionais.

Evidencia que a atuação da rede social de migração foi importante para sua inserção como docente e no dia a dia das escolas. Explana que, apesar de não ter se constituído positivo seu início como eventual, considera-se privilegiada porque no início do segundo semestre do ano de 2006 já possuía carga completa – 33 aulas –, ainda que fosse em duas escolas. Menciona que seu deslocamento foi realizado sabendo iria iniciar na docência como professora

eventual. Contudo, tal condição foi superada em pouco tempo. Mesmo assim, afirma que o professor eventual conseguia receber salário muito bom devido a abstinência significativa de professores.

Para dar aula aqui você só precisava fazer inscrição e logo você começava a trabalhar. Aqui sempre foi fácil. Mas eu só tive essa visão de que pudesse ser fácil depois que minha irmã veio para Francisco Morato. Antes eu não sabia que era só fazer a inscrição. Todo mundo que fazia a inscrição e vinha embora já estava empregado. Então, quando eles iam passear lá eles já estavam trabalhando. Já tinham conseguido aula. Depois que você estivesse formado você podia vir que era fácil arrumar emprego. Isso a gente sabia porque as pessoas saiam em dezembro da cidade e, em fevereiro, quando voltavam para o feriado de carnaval, já estavam empregados. Então, você sabia que o emprego era imediato. Era uma válvula de escape. Se você quisesse ir embora... Se quisesse trabalhar em outra coisa... Não quisesse mais ser a doméstica ou continuar trabalhando na lavoura... Porque tinha muita gente que trabalhava na lavoura. Você tinha a opção de cursar licenciatura para poder ir embora e conseguir emprego logo. Eram esses os nossos objetivos. Eu cheguei aqui no dia 10 de janeiro de dois mil e seis. No dia 20... Não lembro se no dia 20 ou 24 de janeiro iriam ocorrer as inscrições. Como eu não tinha ponto nenhum... Eu nunca tinha trabalhado na educação... Eu não tinha nenhum dia trabalhado na Rede Estadual. Eu era zero ponto. Então... Eu fui com a minha irmã fazer as inscrições. Nós fizemos as inscrições em uma escola estadual de Caieiras. Fui lá, levei meu Atestado de Conclusão e fiz a inscrição. No dia eles informaram que as atribuições iriam ser em fevereiro. Na primeira semana de fevereiro. No dia da atribuição a minha irmã foi comigo. Ela também participou da atribuição porque, apesar dela estar a três anos aqui, a concorrência já era grande para pegar aula. Tinha muita gente formada em dois mil e seis. Tinha o pessoal do interior que já estava há muitos anos aqui e tinha o pessoal da capital que já tinha se formado. Então, a situação não era como

no início quando os primeiros professores do interior vieram para cá. Então, ela me acompanhou em todos os dias da atribuição porque ela também não tinha pegado aulas no começo. Ela já havia falado que nós não iríamos pegar aula nos primeiros dias. Nós iríamos ter que eventuar até conseguir pegar nossas aulas. A atribuição para a turma de Exatas foi também em uma escola de Caieiras. Era denominada Polo Central de atribuição. Nós fomos para a atribuição... A amiga que trouxe minha irmã também estava lá. Como eu era zero ponto, quando chegou a minha vez... Eu nem imaginava o que era a atribuição... Quando chegou a minha vez não tinha mais nenhuma aula, só que eles perguntaram em qual escola eu queria eventuar, porque só estavam atribuindo escola para eventuar. Eu nem sabia nem quais eram as escolas. Eu sabia que a Telma havia trabalhado em uma escola perto do centro de Morato... E que ela trabalhava na Escola da Família em uma escola chamada Lydia. Essa última escola era muito longe e minha irmã falou para eu não pegar essa escola para eventuar porque era muito longe. Era melhor pegar escola perto. No dia eu peguei o Pedro Paulo de Aguiar. Essa escola é conhecida como PPA. É conhecida pela sigla. Não fica no centro, mas também não fica tão isolada. Eu nem sabia onde era essa escola e nem como era. Então... No dia 15 de fevereiro de dois mil e seis eu comecei a trabalhar no PPA. O PPA foi... Nossa! Eu nunca vi uma escola tão grande na minha vida. Foi a primeira escola de Morato que eu fui conhecer. Ela é imensa! Eu acho que cabe Paranapuã inteira naquela escola e ainda sobra espaço, porque é uma escola muito grande. Eu nunca imaginei que uma escola fosse tão grande. A escola estadual de Paranapuã tinha doze salas, mas é um compridão... Pega o quarteirão inteiro. De repente você vê uma escola com mais de vinte salas... Uma escola para cima. Uma escola vertical. Enquanto lá em Paranapuã a escola era no chão... Horizontal. O PPA tem aquelas rampas enormes... Aquele monte de gente... Tem seis sextas-séries... Cinco quintas-séries... Era muita gente. Quando eu cheguei ao PPA, que comecei a trabalhar com aquele monte de séries, eu fiquei impressionada. Como tinha gente naquela escola. Eu acho que

no PPA tem mais gente que em Paranapuã. Eu comecei a trabalhar no PPA... A primeira atribuição de dois mil e seis, após aquele período que era no Pólo, foi na casa. Na casa, que eu digo, era na escola. Se você tivesse interesse, olhava no site e verificava quais eram as aulas que tinham para serem atribuídas e ia à escola entregar as cópias dos seus documentos: o papel de inscrição que constava seus dados pessoais, a pontuação, caso tivesse, e o certificado de conclusão, no meu caso, porque eu ainda não tinha o diploma. Como as pessoas falavam que quem era zero ponto não pegava aula, eu nem olhei na atribuição. Eu estava no PPA dando aula. Eventualmente... Eu chegava as sete e ficava até umas quatro e quarenta, porque depois eu tinha que pegar minha filha na escolinha que ela estudava. Na primeira atribuição eu estava no PPA dando aula e alguém ligou para mim na escola. Quando eu fui atender era a Elaine. A amiga da minha irmã. Ela pediu para eu levar meus documentos na Escola Rogério Levorin, que ficava no outro lado de Morato, para atribuição de aulas. Eu falei para ela que eu não iria porque a Telma, minha irmã, tinha falado que quem era zero ponto não pegava aula. E ela insistiu para eu ir. Quando ela me ligou, por volta das duas horas, era porque ela tinha perguntado para o diretor dessa escola se alguém tinha pegado as aulas de Ciências, porque era uma sala apenas e para dar aula em dois dias. Quem tinha pontos não queria pegar essa sala, porque eram três aulas para trabalhar dois dias. Por isso que ela me ligou para eu levar os documentos. Porque ninguém tinha ido para a atribuição. Eu liguei para minha irmã e ela falou para eu ir para casa, pegar os documentos e ir para a atribuição. Nisso ela ligou para o marido dela e pediu para ele me levar. Ele nem sabia onde era a escola. Eu nem sabia que Morato tinha tanta escola. Ele me levou até lá, entreguei os documentos e voltei para casa. No outro dia me ligaram e falaram que as aulas eram minhas. Então, eu penso assim: - Eu fui muito abençoada. Eu vim para morar com família... Com a minha irmã. Depois, alguém da cidade... A rede social. Alguém do interior, que era a Elaine, essa amiga da minha irmã, que já tinha ajudado minha irmã, descobriu que ninguém tinha ido para a atribuição e me ligou. Eu

sempre falo: - As pessoas foram muito boas comigo. Sempre alguém abriu as portas. Então, eu peguei essas aulas. Eu ia toda terça e quarta dar as aulas. As terças-feiras eram das quatro e quarenta até as seis e vinte, e as quartas-feiras era a última aula. Quem tinha aula considerava uma “bomba” devido ao horário. Eu não consegui nem uma aula a mais no Levorin naquele ano, mas em junho, quando teve a atribuição... Depois daquela primeira atribuição no Polo Central, elas voltaram para a escola e depois começou a ser nos Polos Regionais das cidades, que é até hoje. Eu acho bem melhor que as atribuições sejam nos Polos. Em junho teve atribuição no Polo Regional e eu fui para a atribuição. Eu já estava cansada de trabalhar no PPA. Para mim o PPA me desmotivou. Ele terminou com todas as ilusões que eu tinha da sala de aula. Porque eu cheguei com ilusões. Às vezes a gente apanha bastante na sala de aula por causa dessas ilusões que a gente tem. A gente imagina que tudo vai dar certo, e que tudo que programa vai dar certo. Aquela confiança no ser humano. Quando eu fui à atribuição em junho... A atribuição foi na escola Celestina em Francisco Morato. Na época as atribuições eram nessa escola. Eu também nem conhecia essa escola. Eu fiquei conhecendo essa escola a partir do momento que eu fui às atribuições. Nessa atribuição, tinham aulas de Ciências na escola Jardim Alegria. Eram três aulas de Ciências. E eu queria sair do PPA. Eu estava no Levorin somente com aquelas aulas, só que eu não queria mais eventuar no PPA. Eu não fui procurar outra escola para eventuar porque eu queria parar de eventuar. Eu queria pegar aulas. Então, eu pedi muito a Deus para que me arrumasse aulas. Em junho teve essa atribuição, que havia essas três aulas no Jardim Alegria. Eu fiquei lá até o final. A Telma falou para eu ficar até o final e não desistir. Apareceu uma pessoa que pegou as aulas e desistiu. Ficou apenas eu e outra professora. A supervisora, que eu nem lembro quem era na época, perguntou quem tinha ponto. Eu e a professora éramos zero ponto. Então, a supervisora falou que se as duas eram zero ponto, teria que ser por idade. E a mulher aparentava ser mais velha que eu. Eu concordei, só que eu fiquei bem triste. Porém, na hora que ela pegou a

documentação, eu era formada e ela era estudante. Então, eu entrei na frente dela e peguei as aulas. Eu fiquei muito feliz quando eu peguei essas aulas no Jardim Alegria, porque quando eu cheguei lá... Também eram dois dias essas aulas que eram em uma 6ª série, e muito terrível por sinal. Quando eu cheguei ao Jardim Alegria, o coordenador já falou para mim que tinha uma professora que estava grávida e que ia sair de licença. Então, foram aparecendo aulas. Quando chegou em agosto eu já tinha 33 aulas. 30 aulas no Jardim Alegria e 3 no Levorin. Foi muito bom ir para o Jardim Alegria. Apareceram muitas aulas. Coisas que as pessoas falavam... A Telma falou que zero ponto não pegava aula... Quando chegou em agosto e eu estava com 33 aulas... Era de admirar, porque tinha gente que estava aqui há algum tempo e não tinha 33 aulas, e eu que havia chegado há pouco tempo já estava com a carga completa. As portas foram se abrindo e aparecendo as oportunidades. Nas 33 aulas, eu tinha algumas de Matemática, porque uma professora havia desistido das aulas, algumas de Biologia, porque a professora estava gestante, e outras de Ciências. No final do ano eu terminei com 18 aulas livres no Jardim Alegria e 3 no Levorin. Em dois mil e sete eu comecei o ano eventuando no Jardim Alegria até aparecerem aulas. O ano de dois mil e sete foi mais difícil. E, na realidade, nessa época, quando alguém falava para vir à Francisco Morato para os que estavam no interior, não era porque eu ia conseguir aulas livres. Era porque eu ia conseguir trabalhar. E era eventuando. A Telma já eventuava em dois mil e três. O que era eventuar? Eu me fazia essa pergunta. Lá no interior eu fiquei sabendo que eventuar era o professor substituto. Nós falávamos professor substituto e não eventual. O professor falta e você entra. Como no interior é uma escola só, quando muito era um que faltava no dia. Aqui não. Você encontra... Tem dias na escola que faltam seis professores. Eu não sabia que era esse monte. Mas eu sabia que não pegava aula, porque a Telma eventuou. A Telma conseguiu trabalhar na Escola da Família, que é um programa para os finais de semana, e durante a semana ela ficava eventuando. Na realidade, para Letras que era o curso da Telma, era até mais concorrido do que

de Ciências ou na parte de Matemática. Acho que tinha muita gente de Letras. A Telma eventou bem mais... Eu lembro que quando eu peguei aula ela ficou admirada. Ela mesma não tinha pegado aula. Ela tinha a garantia da Escola da Família, que não fazia parte da atribuição. Para o Programa Escola da Família você entregava um projeto e, se estivesse de acordo e houvesse vagas, você conseguia para trabalhar nos finais de semana e dois dias na semana, um que ela tinha que cumprir na escola e outro de reunião com o povo da Escola da Família. Era mais difícil para ela conseguir aulas livres nessa época. No meu caso, na parte de Ciências, eu consegui aulas porque alguém avisou. Uma amiga de Biologia, que já estava aqui há dois anos, também eventuava. Quando eu cheguei aqui, eu sabia que não ia pegar aula. Eu já sabia disso. A gente ia eventuar. A turma que chegou na década de noventa conseguiu aula fácil, porque tinham poucos formados aqui na região. Os professores daquele período contam que a maioria que dava aula aqui era a turma do Ensino Médio, estudantes que tinham acabado de entrar nos cursos de licenciatura ou formados em outros cursos. Mas, quando eu vim em dois mil e seis, tinha muita gente formada. A maioria dessas pessoas era do interior. Era engraçado... É por isso que eu falo assim: - Quando você chega a Morato e na escola, você se sente em casa, porque dentro da escola são muitos professores do interior. São pessoas que você viu na faculdade e estavam terminando. São amigos, pessoas que você conhece de vista e que você nem tem amizade, mas sabe que a pessoa é do interior. Que é parente de um, parente de outro. Na escola eu não me senti um peixe fora d'água por causa disso também. Eu tinha certo receio de chegar e como que vai ser... Mas quando eu cheguei aqui e encontrei as pessoas falando: - Eu sou de Turmalina. – Eu sou de General. – Eu sou de Dolcinópolis. – Eu sou de Populina. Você se sente em casa. Até hoje, nas conversas que você tem no ATPC ou no dia a dia você encontra pessoas que vieram de várias cidades. Hoje a gente pergunta: - Você é de Morato ou é do interior? Porque a maioria é do interior. Quando eu cheguei aqui tinha muita gente formada. Muita gente do interior que estava aqui há alguns anos.

Tinha vários casos, como o da Telma, que estava aqui há três anos e não tinha muitas aulas. Mas, até o final do ano as pessoas se ajeitavam. E você sabia que não ia ficar sem pagamento, porque faltava tanta gente que você podia dar oito aulas por dia, que era o máximo permitido para todos professores, e ganhar um salário muito bom. Faltava muita gente. As escolas eram muito grandes. Era muitas salas de aula. Quando eu comecei a eventuar no PPA, tinha eu de Paranapuã, o Laerte de Dolcinópolis, o Pitico de Dolcinópolis, o Adilson de Jales, o Ronaldo de Dolcinópolis. Todo esse pessoal tinha chegado naquele ano. Os meninos de História. O Laerte era o único de Letras. E eu de Ciências. Todos nós ficamos eventuando. Os meninos de História conseguiram pegar aula logo no começo. Nas primeiras atribuições eles já pegaram aula. Acho porque não tinha tanto professor de História na época. E tinha aquele Ensino Religioso que dava mais oportunidade. Eles também davam aula de Filosofia. Então, eles pegaram aulas nas primeiras atribuições. Eu não consegui tão rápido assim porque tinha bastante professor de Ciências com pontuação na minha frente. A pontuação que eles determinam são os dias que as pessoas trabalham na escola e vai formando a pontuação. Eu consegui pegar as aulas porque ninguém queria. Eram dois dias para dar três aulas, tanto no Levorin quanto no Jardim Alegria. Quem vai querer pegar essas aulas é quem não tem nada. Quem tem aulas atribuídas não vai querer pegar essas aulas. Para mim não atrapalhava. Só que para ir da escola do Jardim Alegria para o Levorin, que é de um extremo ao outro de Francisco Morato, é bem complicado. O Jardim Alegria fica num canto de Morato e o Levorin fica no outro canto de Morato. Você atravessa a cidade de Francisco Morato. E ninguém queria pegar aula no Jardim Alegria se fosse poucas aulas. E no Levorin também, porque as duas escolas eram longe, principalmente o Jardim Alegria que a viagem de ônibus era longa. Então, foi assim o meu início como professora aqui em Morato. **(Profª Roseli).**

Professor Carlos revela que na época – ano de 2007 – que migrou para exercer a docência em Francisco Morato, a inscrição para o processo inicial de atribuição de aulas para quem estava inserido como docente nas escolas públicas estaduais era realizada na Diretoria de Ensino de Caieiras. Comenta que conseguiu aulas no primeiro dia de atribuição. Porém, iniciou a docência lecionando Filosofia, pois apesar de formado em História, possuía carga horária suficiente para trabalhar com tal disciplina. Lecionou em uma escola central de Francisco Morato que ficava próxima da república que residia.

Observa que as dificuldades que enfrentou no início fora de ordem financeira e de adaptação. No ano de 2008 exerceu a docência na escola pública estadual durante o primeiro semestre. Concomitantemente, lecionou em escola pública municipal do município de Campo Limpo Paulista. Menciona que no ano de 2010 teve o Processo Seletivo Simplificado para os candidatos à docência e que a boa classificação na prova auxiliou-o na atribuição de aulas. Esclarece que, ao prestar o concurso de provas e títulos para lecionar em escolas públicas estaduais que ocorreu em 2010, foi aprovado e se efetivou no ano de 2012.

Eu lembro que quando eu vim fazer inscrição no mês de janeiro de dois mil e sete eu fui para a Diretoria de Ensino. A inscrição para os novos professores era na Diretoria de Ensino nessa época. Quem já se encontrava na rede a inscrição era feita na escola. Na atribuição, em fevereiro, eu peguei aula no primeiro dia. Só que eu peguei aulas de Filosofia. Eu peguei Filosofia porque eu tenho horas no currículo. Na minha vez de atribuir não tinha mais aulas de História. Então, acabei lecionando Filosofia. Lecionei só Filosofia. Foi quando voltou Filosofia para o Quadro Curricular do Estado de São Paulo. Acho que tinha voltado um ano antes... Que teve aquela correria de todo mundo ir cursar Filosofia. Não tinha professor de Filosofia. E como eu gostava de Filosofia e tinha no meu currículo. Cursei dois anos de Filosofia na graduação em História. Fui para atribuição e lecionei um ano e meio. Peguei aula numa escola perto da república que eu morava. Eu morava perto da escola. Essa escola fica no Centro da cidade de Francisco Morato. Eu morava no bairro São

José que fica no Centro. Eu olhava da janela da minha casa e via a escola. Então... Para mim foi mais fácil. Mas mesmo assim, foram três meses difíceis pelas condições financeiras e de adaptação. Na escola Celestina, que eu trabalhei no meu primeiro ano, fiquei entre dois mil e sete e dois mil e oito. Fiquei até a metade de 2008. Na época teve uma greve. Mais de um mês de greve. Na época eu fui dar aula também na Prefeitura de Campo Limpo Paulista. Fiquei um ano. Como eu era escala rotativa na Prefeitura de Campo Limpo Paulista não poderia pegar aula no outro ano. No ano seguinte fiquei somente na Rede Estadual. No ano de dois mil e dez teve a prova da Rede Estadual para classificação. A prova era para classificar os professores na atribuição. Somava os pontos de magistério e os pontos da prova. Eu fui bem. Passei bem na prova. Fiquei entre os primeiros. Eu não tinha muitos pontos, porém os pontos da prova me ajudaram bastante. Cheguei à atribuição, olhei e tinha várias aulas... Foi quando eu peguei aula na Escola Jardim Silvia II. Fiquei dois anos nessa escola. Tinham muitas aulas. Peguei as aulas e fiquei lá. Larguei a prefeitura e só fiquei na Rede Estadual. No mesmo ano de dois mil e dez teve o concurso. Prestei, passei, e em dois mil e doze consegui me efetivar no cargo de História aqui na região. **(Profº Carlos)**.

Compreendemos que o capital social, por meio da rede social da migração, manifestou ser fundamental para a inserção dos professores migrantes na docência das escolas estaduais de Francisco Morato de diversas maneiras, tais como: informações sobre procedimentos, datas e locais para inscrição ao processo de atribuição de aulas – em escolas, na Diretoria de Ensino ou em Polos Regionais; indicação para diretores de escola a fim de ocupar vagas em aberto; informações sobre projetos que requeriam docentes sem necessitar inscrição para o processo anual de atribuição de aulas, entre outras.

Tal propriedade segundo Bourdieu (2000b, 2002d) se fundamenta nas associações colaborativas e de permuta que os indivíduos tecem em seus

grupos instituídos, congrega tanto aspectos materiais quanto simbólicos que estão intimamente ligados. Tais aspectos estabelecem a manutenção e funcionamento das redes relacionais por intermédio da aceitação de sua junção.

Como observa Bourdieu (2000b, 2002d) o capital social se constitui por intermédio de redes relacionais, ou seja, vínculos com um ou mais grupos relativamente institucionalizados que estabelecem procedimentos úteis de auxílio mútuo em seus cotidianos. Esses auxílios se configuram em diversos recursos imediatos ou potenciais que os indivíduos possuem e permutam entre seus pares.

Nesse sentido, Bourdieu (2000) nos chama atenção para as vinculações dos vários tipos de capitais e do tamanho dos laços associativos na constituição do capital social:

O volume de capital social possuído por um indivíduo depende então da extensão da rede de relações que este possa efetivamente mobilizar, como o volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) possuído por aqueles com quem se relaciona. Com efeito, o capital social não é nunca totalmente independente do capital econômico e cultural de um indivíduo determinado, nem da totalidade de indivíduos relacionados com este, se bem não é menos certo que não pode reduzir-se imediatamente a um ou outro. (BOURDIEU, 2000b, p. 150).

Segundo Portes (1999) as redes sociais de migração são múltiplas e complexas, sobretudo porque os elementos que a compõem se fazem por diferentes níveis, desde o nível individual, que é o fundamento primeiro de sua articulação, até o nível global.

As redes sociais migratórias são construídas a partir do capital social de indivíduos que se vinculam a outros meios sociais, seja a família, escola, trabalho, etc., se organizando como um cenário heterogêneo de formas variadas

como é o caso dos professores migrantes que se deslocaram de suas cidades natais a fim de exercerem a docência por meio da articulação dos vínculos sociais.

As redes sociais estabelecem relações peculiares com seus pares, e também com seus familiares e suas comunidades de origem. Dessa maneira, tais redes possibilitam o aparecimento da migração em cadeia e dos arranjos espaciais que garantem o espaço produtivo antes do deslocamento e da sistematização de ações que asseguram a permanência destes na localidade de destino. Ao instituírem relações consideráveis com os empregadores nesses locais, facilitam a incorporação do migrante, ainda que em determinados setores produtivos, devido excessiva oferta de vagas, tais ajustes sejam menos intensos. (PORTES, 2007).

A questão econômica foi o principal motivador para o deslocamento migratório desses professores. A formação de uma rede social pela ampliação do capital social possuído foi fundamental para concretizar a migração. A ciência de que iriam receber salários superiores ao que recebiam em suas cidades natais exercendo o ofício de suas formações superiores, ainda que fosse de maneira precária como temporários nas escolas públicas estaduais, era o que motivava esses indivíduos para a empreitada migratória, à medida que o cursar licenciatura e migrar para Francisco Morato eram seus objetivos a fim de transformar suas condições materiais de existência.

Os professores migrantes evidenciam em seus depoimentos orais que tais redes de migração e, conseqüentemente o deslocamento, se produziram, em sua essência, porque as escolas estaduais da localidade de destino careciam de docentes graduados, ou seja, existiam vagas a serem supridas.

Nas escolas estaduais de Francisco Morato no início da década de 1990 os professores formados para o exercício da docência eram em número reduzido. A maioria dos professores existentes nessas escolas eram egressos do Ensino Médio, estudantes de graduação (licenciatura ou bacharelado) e bacharéis (Administração, Farmácia, Direito, Administração, Contabilidade, entre

outras). Somente com a chegada dos professores migrantes é que a situação começou a se alterar. No final da década de dois mil a maioria dos professores formados para o exercício da docência que trabalhavam nas escolas estaduais do município era oriundo do Noroeste Paulista.

Entendemos que o ser migrante e sua condição de estar na localidade de destino se instituem a partir de uma conjuntura determinada que requer sua força de trabalho para espaços definidos, à medida que esses indivíduos possuem especificidades que se constituem essenciais a fim de sanar necessidades presentes em setores produtivos da sociedade receptora, seja por falta de interesse dos regionais ou pela falta de especialistas.

Conforme Sayad (1998, 2010) a definição que se aproxima de maneira mais precisa do significado social do processo migratório e do ser migrante é a de trabalho e força de trabalho especificamente provisória. Falar de migrante e trabalhador se constituiu praticamente um pleonasma à medida que seu vínculo com o local de destino nada mais é que ser provisório e força de trabalho que pode ser renovada a todo o momento visto que o trabalho faz surgir o migrante e também sua falta promove seu desaparecimento.

Abdelmalek Sayad a fim de mostrar a improcedência, principalmente das pesquisas oficiais que insistem em tratar os conceitos migração e trabalho separadamente em suas análises, faz notar esse engodo indagando:

Mas existem migrações, por mais reduzidas que sejam, e por quaisquer que sejam as razões declaradas, que não sejam de trabalho? Isto é, que não tenham implicações no mercado de trabalho? (SAYAD, 2000, p. 8)

Consideramos que a associação destes dois conceitos produz a apreensão de que não se pode negar um sem negar outro, nem tampouco odiar um sem odiar outro, a migração é produto e fonte do trabalho, pois migração e trabalho, conforme observa Sayad:

[...] son dos estados consustancialmente vinculados hasta tal punto que no se puede poner en cuestión uno sin, al mismo tiempo, poner en cuestión el otro y ponerse propiamente en cuestión. (SAYAD, 2000, p. 247).

Portanto, o migrante somente existe enquanto tal porque existe o espaço laboral, e o espaço laboral existe e se perpetua porque existe o migrante, duas faces que se completam e se extinguem de acordo com as ações e políticas estruturais instauradas pelos entes governamentais em consonância com o capital econômico da classe dominante.

A incorporação dos professores migrantes no campo da docência se estabeleceu por intermédio da contratação temporária via processo de inscrição e atribuição de aulas anuais. Nas duas décadas que tratamos nessa pesquisa, os depoimentos orais revelaram aspectos diversos sobre a tal processo e que permearam as trajetórias desses indivíduos.

Identificamos através dos depoimentos que existiram quatro procedimentos diferentes para inscrição e participação no processo de atribuição de aulas nas duas décadas estudadas: inscrição e atribuição na Diretoria de Ensino; inscrição e atribuição diretamente nas escolas; inscrição e atribuição na Diretoria de Ensino; inscrição na Diretoria de Ensino, atribuição nos Polos Centrais e, posteriormente, atribuição nos Polos Regionais; inscrição para a Prova de Classificação via web e na Diretoria de Ensino para consequente atribuição nos Polos Centrais e, posteriormente, nos Pólos Regionais.

Após tais procedimentos, os professores seriam contratados por ordem de classificação –na época da prova, somava-se a nota da prova à pontuação³⁴, caso o candidato possuísse – para lecionarem aulas livres, em substituição – licença saúde, licença prêmio, licença maternidade e afastamentos diversos, como por exemplo, para função de gestão ou suporte pedagógico – ou como

³⁴ A pontuação para classificação na atribuição de aulas é constituída pelos dias trabalhados na Unidade Escolar, no cargo, no magistério e da titulação (mestrado, doutorado e aprovação em concurso público). Anexamos modelo no final desse estudo.

eventual em escolas determinadas – para substituírem os professores em suas faltas esporádicas –, para aquele ano letivo. Os candidatos que conseguissem aulas livres, em substituição ou para eventuar³⁵ eram, e ainda são, contratados como temporários por meio das siglas O.F.A. (Ocupante de Função Atividade – conforme Lei 500/74 ou 1.093/09) ou A.C.T. (Admissão em Caráter Temporário – Lei 500/74 e 1.093/09).

Consideramos que a contratação temporária, seja com aulas livres, em substituição ou como eventual se insere na concepção de precarização do trabalho. Segundo Souza (2011) a precarização que afeta o trabalho docente, sobretudo no setor público, confronta a compreensão de que o estar funcionário público é possuir estabilidade no emprego, sobretudo porque a condição de precarização está presente no âmbito do emprego e do trabalho.

O desemprego e a contratação temporária são determinantes da condição do primeiro. No segundo, a precarização se estabelece pela contestação da qualificação profissional e a atribuição de funções de apoio pedagógico e de gestão (coordenadores, vice-diretores, diretores) em substituição.

Percebemos que a condição de precarização do trabalho docente nas escolas públicas estaduais de São Paulo tem seu ápice quando os candidatos a docência que não conseguiram aulas ou classes atribuídas – livres ou em substituição – são designados para as unidades escolares para substituírem os professores em suas faltas esporádicas.

“Formados em diferentes campos disciplinares, alguns ainda são estudantes universitários, não sabem em que horários trabalharão nem quantas aulas ministrarão por semana ou por mês e muito menos em que disciplinas trabalharão.” (SOUZA, 2011, p.7).

³⁵ Trabalhar como substituto dos professores em suas ausências esporádicas.

Conforme Souza (2011) os professores eventuais não possuem vínculo empregatício, ou seja, recebem apenas e tão somente as aulas substituídas, sem direito ao descanso semanal remunerado, férias, 13º salário, vale transporte, adicional sobre local de exercício e outros benefícios estipulados por um contrato de trabalho, ainda que temporário.

Esses professores, em geral, residem próximos às escolas a fim de economizarem a condução e estarem disponíveis para os três turnos para entrarem nas aulas disponíveis pelas ausências dos titulares da sala ou classe. As licenças médicas ou por designação são bem-vindas para os professores eventuais, à medida que oportuniza um contrato temporário de trabalho que garantirá alguns benefícios. A ausência dos direitos sociais ocasiona incertezas diversas e dependência desses indivíduos para com a escola trabalhada, intensificando a precarização do trabalho docente. (SOUZA, 2011).

Segundo Silva (2011) professores, alunos, funcionários, grupo gestores e responsáveis das escolas estaduais conceituam o professor que substitui o titular da sala como apenas e tão somente “o eventual”, não atribuindo o verdadeiro substantivo a tal adjetivo: professor eventual.

A tarefa deste educador se torna árdua à medida que tem como tarefa entrar em uma sala de aula, na qual, na maioria das vezes, já é desacreditado. Isso, não só pelos alunos que estão a sua frente, mas também, pelo colega de trabalho, de quem deve dar continuidade a um trabalho, que, muitas vezes, nem sabe qual é, e quando o sabe, nem sempre tem competência técnica para fazê-lo por não pertencer a determinadas áreas. Inclui-se também a aflição que este professor tem em não saber se, no dia seguinte, terá ou não, oportunidade de trabalhar, pois, em nossa rede, o professor eventual só terá salário se lecionar, desta forma, este conta com o desejo da falta dia do colega. (SILVA, 2011, p. 1).

Também, o professor eventual, entre tantos desafios diários, tem que se desdobrar para lecionar em diferentes salas e níveis educacionais, não

possuindo na maioria das vezes informações preliminares da turma porque é alijado das reuniões de planejamento, ATPC (Atividades de Trabalho Pedagógico Coletivo), Conselho de Classe e Série e outros encontros.

Tal indivíduo, que não é apenas parte integrante do corpo docente, mas, sobretudo aquele que auxilia sobremaneira no cumprimento do calendário letivo, visto que substitui ausências diárias dos professores de diversas disciplinas, desconhece, pelo descaso do grupo gestor, o Projeto Político Pedagógico da unidade escolar e os projetos dele advindos que possibilitariam um trabalho de melhor qualidade do professor eventual, extinguindo o estigma de “tapa buraco”. (SILVA, 2011, p.2).

Os depoimentos orais evidenciam que o início na docência para esses professores se caracterizou pela inserção de maneira temporária, todavia eles não demonstram a preocupação com tal situação, nem tampouco a precarização que envolvia e envolve tal contratação.

Entendemos que o propósito desses professores migrantes era trabalhar como docente, não importava a natureza do contrato de trabalho, principalmente porque tinham a ciência que no município de destino as escolas públicas estaduais haviam ausência de professores formados para o exercício da docência.

O magistério possibilitava a existência de postos de trabalho com aulas livres, e por outro, mesmo que fossem contratados para lecionarem aulas em substituição ou eventual, não havia a preocupação da temporalidade ou do desemprego, visto que conseguiriam continuar exercendo a docência durante o ano letivo e com salário que proporcionava melhores condições materiais de existência quando comparada às da cidade de origem.

Capítulo 4 – Professores: o retorno como desejo e perspectiva

Nesse capítulo analisar-se-á a trajetória pessoal e profissional dos professores migrantes por meio do desejo e da perspectiva de retorno às suas cidades de origem manifestos na maioria dos depoimentos.

Professor Marcos nos informa que desde o momento que o indivíduo concebe a possibilidade de se deslocar para outras terras com o objetivo de se inserir em um espaço laboral a fim de transformar suas condições materiais de existência, o pensamento do retorno está presente na vida dele.

O desejo e a perspectiva estão intimamente ligados não apenas na relação entre estes substantivos, masculino e feminino, presentes nas práticas dos indivíduos, mas, sobretudo nas trajetórias dos professores migrantes à medida que o querer, o anseio, a vontade, a aspiração e a ambição (sinônimos de desejo) de retornar à cidade natal produziram a esperança, a expectativa e a possibilidade (sinônimos de perspectiva) a partir de suas ações tecidas no cotidiano da cidade de destino como docentes de escolas estaduais.

Desde a partida da terra natal o migrante já se constituiu um ser deslocado, tanto no sentido de mudança de espaço quanto no de desligamento, separação, apartação, que aceita sem aceitar, visto que o retorno às suas origens é inerente à sua condição que somente se extinguirá no momento em que não mais se considerar como tal, ou seja, quando se encontrar em definitivo no espaço de partida a noção de retorno não mais existirá, ainda que o espaço relacional tenha se modificado substancialmente. (SAYAD, 2000).

Na essência da migração se encontra a ideia de retorno concebida antes de qualquer procedimento para a efetivação do deslocamento que se faz distinto e com significado, porque aquele que se propõe a empreitada tem por pressuposto o regresso para o seu espaço de origem e para o seu meio societário, ou seja, a migração para o emigrante se constitui como um período

com prazo indefinido, porém certo, e que somente encerrar-se-á com a volta para sua terra natal.

O migrante possui desde sua partida o pensamento voltado para o retorno a sua terra natal, representando o objetivo principal, o projeto de vida, característica daquele que enfrenta a empreitada migratória, consistindo na contradição entre a necessidade de partir e a ânsia de ficar, que é “[...] naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes”. (SAYAD, 2000, p. 11).

No depoimento que segue, Professora Enilda nos apresenta um panorama geral de sua trajetória. As dificuldades que encontrou ao migrar para Francisco Morato – saudades dos familiares, estrutura deficitária do município e da escola pública estadual que iniciou na docência, perda de vínculo de trabalho e conseqüente corte de salário, etc. – produziu o desejo de retorno imediato à cidade de origem.

Professora Enilda comenta que retornava periodicamente – nos feriados – à cidade natal para rever seus familiares e amigos. Esse retorno minimizava a saudade dos seus vínculos. Porém, constatou que o fato de ser migrante-emigrante alterou a observação daqueles que ficaram, sobretudo com referência ao capital econômico, porque para tais pessoas o fato de retornar à localidade em diversas ocasiões durante o ano era sinônimo de riqueza.

Todavia, ela denota que a superação desses problemas e a permanência como migrante ocorreu ao perceber que o caminho trilhado até aquele momento se produziu com muito esforço e opinião, sobretudo a conclusão do Magistério e do curso de Pedagogia. Também, ao constatar que não era um caso específico, mas geral, pois muitos colegas de migração se encontravam em situação semelhante, decidiu não abandonar seus objetivos e continuar em seu percurso migratório.

No começo quando eu vim para cá eu senti vontade de retornar. Só que... Como eu falei para você... Foi muito difícil eu fazer o Magistério. Foi muito difícil concluir o curso de Pedagogia. Foi

com muita garra mesmo. Na época eu tive que ter muita opinião para conseguir concluir a graduação. E tudo afetava na opção de retornar ou não. Colaborava para pensar em retornar a estrutura da escola que eu trabalhava, porque no interior você tinha escola térrea, ventilador, cortina, bebedouro nos corredores... Aqui você não tinha nada disso. Não tinha água, estrada de terra... Colocava a botinha no pé e ia dar aula. Eu comecei a perceber que não era apenas eu que estava passando por aquele processo. Muitos colegas estavam na mesma situação. Com o mesmo dilema. Então eu pensei... Se o povo faz eu também vou fazer. Então, vamos indo. Vamos caminhando. Assim, eu fui traçando as minhas expectativas. Fui me estruturando. Hoje eu tenho minha casa. Moro na minha casa, etc. e tal... Não é um palacete para os outros, mas para mim é! Na época eu retornava principalmente nos feriados. E qual era a expectativa lá? Eles falavam que a gente tinha ficado rico porque nós estávamos viajando sempre. Mas eu tinha necessidade de rever a minha família. Porque no começo... O impacto dos dois primeiros anos dá desespero. Se não for forte você não fica. Só que depois você vai fazendo mais amizades... Adquirindo conhecimentos... E você vai se estruturando psicologicamente. E com o passar do tempo você vai se estruturando economicamente. Sobretudo, referente ao fator profissional. Porque você vai tendo mais pontos para a atribuição, não tem interrupção de pagamento, tem férias integrais, tem direito a recesso... Então... Depois de dois ou três anos você vai se estruturando economicamente. Tem que se estruturar primeiro, se não você não fica. Mesmo hoje em dia, eu vou sempre para lá. E assim... Cada vez que eu vou para lá eu me deparo com coisas novas que estão mudando muito também. E meus colegas que estão lá... Que conseguiram ficar e se estruturar lá relatam que os conflitos em sala de aula estão semelhantes aos que acontecem aqui. Eu tenho vontade de um dia retornar para o interior. A cidade de Araçatuba é muito bem estruturada. Tem tudo o que você precisa. Mas, meu sonho é morar na praia. **(Profª Enilda)**.

Professora Enilda observa que após duas décadas como migrante conseguiu se estruturar no âmbito profissional e econômico. Adquiriu casa própria no município de Francisco Morato e atualmente é vice-diretora de escola.

O desejo e a perspectiva de retorno para suas origens estão presentes em sua trajetória, sobretudo após a aposentadoria, contudo, o sonho de morar na praia transparece como um objetivo a ser realizado antes do retorno definitivo.

As relações sociais que os professores migrantes teciam no cotidiano do município de Francisco Morato através da rede migratória foi importante para suportar a saudade dos entes que ficaram na cidade natal observa Professor Adenilson.

No início de sua trajetória na localidade de destino, Professor Adenilson evidencia que o lazer principal era os encontros nas repúblicas para a realização de churrasco. Os finais de semana eram reservados para os encontros que possuíam como pauta principal: o retorno. O interior era central nas conversas.

Professor Adenilson observa que seu objetivo é retornar para sua cidade natal, porém a dúvida de estar ou não com saúde é algo que o inquieta, sobretudo porque tem ciência sobre a grande incidência de problemas, sobretudo psiquiátricos, que acomete os docentes.

A conversa nos encontros entre professores do interior sempre foi pautava na questão da volta. De você poder voltar para o interior. Eram quase todos os finais de semana que a gente se reunia. Sempre assim... Para jogar uma conversa fora... Falar do que a gente fazia no interior. Das famílias... E da questão de um dia voltar. Até hoje a gente procura se reunir para fazer um churrasco na casa de um ou de outro como na época. A gente se reúne em dez, doze... Geralmente todos são professores do interior. Porque é assim... Você vai tendo mais afinidade. Porque são assuntos que se aproximam. Uma vez ou outra você consegue agregar outros professores que são daqui da região.

Alguns amigos que não são professores aparecem também, mas a maioria são professores porque nós temos esse vínculo há quase duas décadas. Hoje os churrascos e os encontros são menos frequentes que na época. Quando você é solteiro você faz com mais frequência. Era basicamente isso. Então, o retorno está presente desde o primeiro dia que você saiu de lá. Você já sai com a ideia do retorno. A gente sempre fica com a questão: - Quando é que eu vou retornar? Antes eu não tinha essa ideia tão fixa não... Mas, hoje... Meu projeto é retornar. Mas, será que eu vou retornar com saúde para aproveitar aquilo que meus pais têm lá hoje. Porque hoje eu tenho a noção de que uma grande parcela dos professores desenvolve sérios problemas de saúde durante sua carreira. Inclusive, problemas psiquiátricos. Quando eu vim não tinha essa noção. Hoje eu tenho. Porque eu já conheço amigos que começaram depois de mim, e hoje estão afastados. Hoje estão encostados. Pararam de dar aulas por conta de vários problemas de saúde. Então, eu fico pensando... Será que eu vou voltar em condições de ter uma aposentadoria tranquila? De viver com saúde? De poder aproveitar um pouquinho da aposentadoria na minha cidade de origem? Porque o sonho da gente que migra é mesmo voltar para suas origens. Apesar de que, vai passando o tempo, você vai vendo os seus amigos, os seus parentes, os seus entes queridos morrendo... Por exemplo, hoje eu chego lá em Sales, eu tenho pouquíssimos amigos. Eu tenho muitos parentes. Então... Eu vou à casa dos meus parentes... Eu sempre vou para minha cidade. Nas férias, nos feriados... Todo feriado que posso eu vou para lá. Nem que for para eu ficar lá dois ou três dias com meus pais... Mas muita gente que mora lá eu não conheço. Por quê? Porque são filhos de conhecidos que você perde contato. A cidade cresceu... Tem muitos colegas ou conhecidos que já voltaram para suas cidades, e outros que estão aqui e querem voltar. Por mais que você constrói determinadas relações aqui, mas, a relação mais forte é ainda a das suas origens. Por mais que você está aqui, praticamente há dezoito anos, o objetivo é retornar. **(Profº Adenilson)**.

Ainda que a construção de relações sociais durante quase duas décadas como professor no município de Francisco Morato tenha se constituído importante, Professor Adenilson observa que os laços de origem são os mais significativos e influenciam na decisão de retornar em definitivo.

Reconhecendo que a cidade natal sofreu profundas transformações – falecimento de familiares e amigos, crescimento populacional, rupturas de vínculos sociais, etc. –, ainda assim Professor Adenilson demonstra que seu objetivo, após dezoito anos como migrante, é retornar em definitivo para suas origens.

A saudade da terra natal e dos seus convivas quase rompeu o processo migratório iniciado no início de noventa e seis observa Professora Idy. A permanência na localidade de destino somente se concretizou porque não possuía recursos financeiros para o retorno constante. Comenta que nos primeiros anos visitava seus familiares e amigos em muitas ocasiões. Após o falecimento de sua mãe decidiu viajar para outras localidades a fim de minimizar a saudade.

Também, Professora Idy relata que os encontros entre os professores migrantes foram importantes para a diminuição da saudade daqueles que ficaram nas cidades de origem. Os churrascos e as festas eram realizados nas repúblicas femininas e masculinas de maneira intercalada. Os assuntos eram centralizados nas notícias do interior. Esse procedimento auxiliava o migrante no cotidiano da localidade de destino.

Após a minha chegada, eu fui no feriado do carnaval. Eu arrumei uma carona para ir e voltar. Depois eu fui no feriado da páscoa, contando com a reserva de dinheiro que eu tinha, porque as parcelas do FGTS eu tinha que receber lá em Novo Horizonte. Na época você não podia receber em outra agência da Caixa. Quando terminou essa reserva eu somente consegui ir visitá-los nas férias de julho. A saudade era muita. Eu pensava que não ia

aguentar ficar. Eu não sei se a falta de dinheiro influenciou na diminuição da saudade... Talvez se eu tivesse dinheiro eu teria ido mais vezes. Tinha uma amiga que morava com a gente que ia todo final de semana. Se eu fosse todo o final de semana eu não teria conseguido ficar aqui. Então... Eu não sei se foi pela falta de dinheiro que eu acabei ficando mais tempo e me adaptei melhor. Se eu tivesse ido todo o final de semana como minha mãe queria, eu acho que não teria ficado aqui. Não sei... Talvez eu não tivesse me adaptado. Teria sido mais difícil à adaptação. No primeiro ano eu fui umas quatro ou cinco vezes, fora o período das férias, para o interior. No segundo ano também foi essa média de visitas. Depois foi espaçando. Hoje em dia... Esse ano eu estive lá em janeiro. Fazia seis anos que eu não ia para o interior. Fazia seis anos que eu não ia... No ano 2000 eu perdi minha mãe... Quando eu ia para lá me dava muita tristeza de eu não ter mais minha mãe. Então, eu acabei optando em viajar para outros lugares e não ir. Então, eu fiquei seis anos sem ir para lá. Eu lembro de vários amigos que conseguiram se efetivar e pediram remoção... Foram retornando para o interior... Outros que chegaram aqui e não conseguiram se adaptar e retornaram sem conseguir dar aula. Então, muitos já retornaram. E a gente se aguentava aqui porque nós tínhamos esse vínculo que diminuía a saudade e a ausência daqueles que ficaram. A gente se reunia nas repúblicas masculinas e femininas nos finais de semana. Às vezes era na masculina e outras era na feminina. Fazíamos churrasco e as conversas era sobre o interior. As notícias, as fofocas... Aquilo que estava acontecendo de mais interessante lá. Então, isso ajudava a gente. Mas, muitos retornaram logo que chegaram. Agora, outros voltaram para o interior depois que se estabilizaram. Hoje eu falo para o meu filho que quando eu aposentar nós vamos voltar para Novo Horizonte. Só que às vezes eu penso que vou voltar e às vezes eu penso que não vou voltar. Então, eu ainda não me decidi. É lógico que sob o efeito da viagem que eu fiz nas férias para o interior, a vontade é de ficar lá porque você vê o nível de vida, a qualidade de vida... É muito melhor que aqui. Então... No dia da gente vir embora, você não quer vir embora porque você quer ficar lá

tranquilo embaixo de uma árvore... Você quer pegar uma fruta no pé e comer... Você quer... É esse tipo de coisa. Então, eu penso que mais para frente, apesar de que eu não sei o que meu filho vai querer ser na vida, o que ele vai fazer... Mas, eu tenho procurado dar uma estrutura para que ele tenha uma profissão, seja por meio do Ensino Superior ou Ensino Técnico, para, a partir daí, eu pensar em voltar. Eu estava fazendo as contas e faltam seis anos para minha aposentadoria, e eu falei que agora nós temos que pensar o que vamos fazer. Provavelmente, eu irei voltar sim, porque eu não quero aposentar e parar de trabalhar. Eu quero ter alguma coisa para fazer. É lógico que sala de aula a gente não aguenta, porque hoje em dia está cada vez mais difícil. Aqui eu não vou ter condições de comprar uma chacinha, e uma chacinha que não vai produzir nada... Para fazer piscina e alugar para os outros, não me interessa. Então, eu penso sim em ter um cantinho meu lá, para poder plantar... Para fazer do meu jeito. Eu penso sim em voltar, mas é bem longínquo ainda. Tenho essa ideia porque o meu filho já estará encaminhado para fazer uma faculdade, um curso técnico ou não fazer nada e só trabalhar, mas vai estar encaminhado. Já terá condições de caminhar com as próprias pernas. Por isso que eu falei que ele tem seis anos para pensar o que quer da vida. O que ele vai fazer. Porque depois eu pretendo retornar sim. O pessoal pergunta se eu não pretendo ir embora de remoção. De remoção eu não pretendo ir para o interior. Eu penso em ir depois que eu aposentar, porque a sala de aula no interior é bem mais difícil que aqui. Eu estive vendo com os professores, que são meus amigos, e que dão aula lá... É muito mais difícil, porque lá não tem como você chamar atenção de um aluno porque ele é filho de fulano que é teu conhecido e, como conhecido, ele vai se sentir no direito de, fora da escola, porque se fosse na escola pelo menos... Mas, fora da escola, no seu momento de lazer, querer saber o porquê que você fez aquilo. Então, essas situações eu não consigo entender. São relações que... Como o professor fosse um empregado daquela família e não um funcionário público estadual. É difícil. Então, de remoção eu não

volto, mas depois que eu aposentar eu pretendo voltar.
(Professora Idy).

Professora Idy, após dezessete anos vinculada ao município de Francisco Morato, demonstra desejo e perspectiva de retornar a cidade de origem, porém, possui contradições internas e externas que atribuem incerteza à perspectiva de retorno. Afirma que o contato recente com sua terra natal contribuiu para intensificar o desejo de se desvincular de Francisco Morato, enaltecendo as vantagens de viver no interior.

No entanto, aponta que um dos impedimentos para o retorno imediato é o futuro do seu filho porque considera que o viver na capital paulista oferece opções variadas para sua formação e consequente inserção no mercado de trabalho.

Expõe que o retorno possivelmente ocorrerá após sua aposentadoria, ainda que não deixará de exercer alguma atividade remunerada, excluindo a docência devido às condições precárias.

Descarta a possibilidade de retornar via concurso de remoção docente, uma vez que afirma estarem as salas de aula do interior com mais problemas que as da capital, sobretudo no que concerne a uma espécie de alquimia simbólica existente na localidade, que conforme Bourdieu (2002, 2003 e 2005) define os laços sociais entre iguais ou desiguais, instituindo tanto laços de solidariedade como de dominação e exploração, em que as pessoas confundem e não respeitam a posição dos status sociais e dos papéis desempenhados.

Professor Marcos comenta que a ideia de retorno para a cidade natal já estava presente antes de seu deslocamento migratório. Para que a possibilidade de retorno fosse concretizada, ele optou por migrar dentro do estado de São Paulo porque após alguns anos como docente de escola pública estadual teria pontuação – anos de magistério – para conseguir aulas na região de origem.

A saudade que Professor Marcos sentia, e sente, de sua família, promoveu seu retorno periódico desde sua inserção em Francisco Morato há dezoito anos, ainda que fosse para passar o final de semana ou parte dele. Se desloca, não com tanta frequência nos dias atuais, por mais de seiscentos quilômetros até a cidade Dolcinópolis para rever e conviver momentos com seus pais devido a necessidade de estar ao lado dos seus entes queridos.

Mesmo antes de sair do interior eu pensava em um dia voltar. Se eu pensava em um dia voltar, com a pontuação de Goiás eu não poderia voltar para o Estado de São Paulo. Eu teria que recomeçar do zero. E se eu viesse para essa região, seja Americana, Campinas, Francisco Morato, onde eu estou lecionando até hoje, eu poderia, com o decorrer do tempo e com a pontuação daqui, tentar voltar para o interior, ou mais próximo de onde meus pais moram. Essa era minha linha de pensamento na época. Então, eu penso em um dia voltar. Mas, não sei quando... Mas... O pensamento do retorno nunca saiu da cabeça do migrante. Eu lembro quando eu vim em noventa e seis... No primeiro ano... Todo mês eu ia visitar meus pais. Era um feriado, uma abonada... E visitava os meus pais. Hoje houve uma diminuição muito grande. Uma diminuição com relação ao que eu ia antigamente. O volume que eu ia antigamente era bem maior que atualmente. Logo nos primeiros anos, praticamente todo mês eu ia para o interior visitar a família, os amigos, os pais, enfim... Hoje não. Hoje os meus pais às vezes vêm ou eu vou para lá. O intervalo se tornou maior. Até porque grande parte dos amigos que estão lá casaram ou passaram a trilhar novos caminhos... Enfim... Cada um vai trilhando novos caminhos. E você passa a ter um novo grupo de amigos para cá... Hoje você se coloca junto ao meio que você passou a viver. Voltam para o interior, mas não com tanta frequência. Eu passei a me colocar dessa forma. E têm muitos conhecidos que estão dessa forma. Voltavam sempre que tinha oportunidade, porque deixaram famílias. A maioria dessas pessoas deixaram famílias lá... Deixaram famílias... Uma parte constituiu família para cá, porém,

sempre retornavam para ver algum parente... Deixavam os pais e acabavam retornando para lá. Deixavam os pais no sentido que... Surgia um recesso ou férias eles iam visitar os pais. Também iam nos feriados prolongados... Têm vários conhecidos meus que fazem isso até hoje. Hoje eu vou para o interior nos feriados... Nos finais de semana prolongados... Também quando eu sinto saudades... Falta da minha família... Eu arrumo minhas coisas pego o carro e vou. Mesmo que for para ficar no sábado e parte do domingo eu vou. Eu lembro que no final de noventa e nove eu quis dar uma inversão, no sentido de nadar contra a maré, voltar para o interior, onde existe uma grande quantidade de efetivos em relação à Região Metropolitana, menos escolas e, conseqüentemente, menos vagas. Eu quis nadar contra a maré. Ir para o interior. E não deu certo. Não consegui aulas. Fiquei um mês sem vínculo. Perdi aulas. Fiquei um mês desempregado. Por que? Porque eu queria voltar para minha cidade. Como eu nasci em uma cidade pequena, até hoje eu mantenho a cidade pequena no meu coração... Eu coloco que, até hoje, eu não me acostumei adequadamente com uma cidade grande. Não que eu não gostei da cidade... É que você tem a cidade natal no seu coração. Eu até hoje coloco que um dia eu volto para a cidade onde eu nasci. Minha cidade natal. Um dia eu volto! Não sei quando é esse dia. Mas um dia eu volto. Até complementando isso... Quando eu falo: Um dia eu volto! Eu tenho vários amigos que vieram comigo... Vieram depois de mim... Acabaram retornando. Foram retornando aos poucos, mas, vai tentando retornar. Se não na cidade natal, mas, retornando para cidades próximas à cidade natal. Tenho vários conhecidos, primos... Que acabaram retornando nesse processo. O que ajudava a gente eram os laços que a gente foi formando com outros professores do interior. Professores de outras repúblicas. Eu lembro que em noventa e oito, que foi na terceira república que eu morei... Nós morávamos em cinco professores. E nós éramos muito festeiros na época... Praticamente era uma ATPC coletiva da região nos finais de semana. Principalmente professores do interior. Que eram naturais aqui da região... Frequentavam a nossa casa e nós as

deles... Às vezes chegava a fazer churrasco com quarenta, cinquenta, sessenta e até setenta pessoas. Até setenta pessoas chegaram a frequentar o churrasco na nossa casa. A gente compartilhava as velhas questões do interior. As conversas eram sempre sobre nossas cidades natais. Isso é que ajudava manter o interior perto da gente. **(Prof^o Marcos)**.

Ao comentar sobre o estar migrante na Grande São Paulo, Professor Marcos afirma que após dezoito anos não conseguiu se adaptar, sobretudo porque a cidade natal está presente em sua existência. Inclusive, observa que diversos professores migrantes já retornaram nessas duas décadas.

Professor Marcos afirma que os encontros promovidos pelas repúblicas nos finais de semana foram importantes para manter o vínculo com a terra natal e minimizar a saudade daqueles que ficaram. Igualmente comenta que a rede social que foi se desenvolvendo nessas duas décadas se estabeleceu crucial para a continuidade da empreitada migratória.

A saudade e a ausência das pessoas que ficaram na terra natal, especialmente seus pais, são intensas no depoimento da Professora Sandra, especialmente quando relata os primeiros meses de sua migração em que não tinha a possibilidade de visitá-los por falta de recursos financeiros, a medida que o governo do estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Estado da Educação, demorava três meses realizar o primeiro pagamento dos professores ingressantes.

Comenta que em suas visitas periódicas – ocorrentes nos feriados, finais de semana e nas férias de julho e dezembro (janeiro) – o momento da despedida era de muita dor e angústia, porém, não expressava na frente de seus pais, deixava para quando estivesse dentro do ônibus que lhe trazia de volta para que não soubessem o quão triste se encontrava ao deixá-los para retomar ao estado de migrante.

Quando eu vim, no final de janeiro, fiquei praticamente três meses sem ir para lá. Só fui depois que eu recebi. E quando eu fui... Nossa... Estava com muitas saudades. Cada vez que eu ia... Eu voltava... Eu ficava... Assim... Aqueles dias... Sabe quando você fica deprimido? Eu ficava deprimida. Tinha vez que eu não sentia nem fome. Porque eu ficava pensando... Sabe... Às vezes eu chorava... Então, assim... Mas, perto dos meus pais eu jamais chorava. Sempre me mantinha forte. Podia me derramar em lágrimas quando eu entrava no ônibus. Mas na frente deles eu jamais chorava. Por quê? Para não deixar eles preocupados. Então... Nossa... Eu me acabava em lágrimas. Mas... Agora não... Hoje é mais fácil... Eu vou numa boa... Na época eu ia em quase todos os feriados. Eu ia sempre. Eu ia nos feriados... Por exemplo, antes das férias eu ia... Às vezes... Duas vezes antes das férias. E depois das férias, também... A mesma coisa. O feriado sempre de sete de setembro ou às vezes o de outubro... Daí eu ia em dezembro. Então, assim... Eu sempre estava indo. Hoje eu vou, geralmente, duas vezes. Esse ano eu já fui mais. Mas, geralmente eu vou duas vezes ao ano. Somente nas férias. Mas... Hoje... Hoje eu sinto vontade de voltar... Assim... Quando eu vim, pensava em continuar aqui. Só que hoje... Meus pais já estão com idade... Então... Eu sou a única filha que está para cá. Os outros... Nós somos seis irmãos. Os cinco estão lá. Só eu que estou aqui. Então... Hoje eu sinto vontade de voltar. E eu pretendo voltar. Na realidade, eu sempre tive vontade de retornar. Hoje fica até mais fácil porque meu marido também é de lá. Então, já se torna mais fácil porque ele também é de lá. E as minhas filhas... Elas adoram o interior. Elas adoram... Elas chegam ao interior e se sentem um passarinho... Aqui elas se sentem um passarinho preso, e lá um passarinho livre. Então, elas também querem voltar. Por isso que eu pretendo... Eu pretendo. Não sei se vai dar certo... No ano que vem eu pretendo voltar. Não sei se vou conseguir... Por que... Lá na verdade é difícil. Só que... Eu vejo assim... Eu tenho um colega lá que foi meu aluno quando eu substituí... Hoje ele é professor. Lá na cidadezinha onde eu dei aula para ele. Hoje ele é professor lá na cidade. Então, assim... Acho que com a

pontuação que eu tenho dá para conseguir. Não digo, a carga completa na mesma cidade. Isso vai ser impossível. Mas, vai ser meio picado... Numa cidade, em outra... Mas, eu pretendo voltar. **(Profª Sandra).**

Ao surgir o assunto sobre a possibilidade de retorno³⁶ às suas origens, professora Sandra comenta que pretende voltar para sua cidade natal, porém, se pelo lado familiar o retorno é facilitado visto que seu marido é oriundo do interior e que suas filhas se sentem melhor naquele espaço e também querem se fixar em definitivo, por outro, a dificuldade se encontra em conseguir exercer a docência, uma vez que as vagas são restritas devido ao pequeno número de escolas e salas de aula.

Ainda assim, ela considera o retorno viável, mesmo que seja para trabalhar em várias escolas, porque possui pontuação – anos trabalhados no magistério – suficiente para serem-lhe atribuídas aulas.

No relato do professor Elmo verificamos que ao migrar para Francisco Morato já possuía objetivo de se efetivar como professor da escola pública estadual para que seu retorno à cidade natal fosse facilitado.

Os retornos periódicos a cidade de origem se realizavam em associação com outros professores da mesma cidade ou da região. Professor Elmo afirma que na maioria dos feriados ou prolongamento destes, mesmo depois do casamento, o deslocamento para o interior, fosse de ônibus ou com automóveis particulares, era prioridade, mesmo que ficassem apenas dois dias, a necessidade de sentir o espaço de origem era maior.

As redes de relacionamento que se auxiliavam no cotidiano facilitavam a vivência desses professores no espaço de destino, minimizando as dificuldades e articulando ações que possibilitassem manter os vínculos com a terra natal. Para que a tristeza derivada da saudade do interior e dos seus convivas não se

³⁶ Professora Sandra retornou em definitivo para sua cidade natal – Prudêncio e Moraes – no final do ano de dois mil e quinze.

concretizasse, Professor Elmo destaca os encontros que as repúblicas realizavam nos finais de semana. As festas objetivavam a integração dos professores migrantes, a superação dos dilemas de estar deslocado e a manutenção dos laços com a origem.

Depois de minha primeira experiência de migrante em Americana, eu retornei para Populina em noventa e oito para fazer a faculdade e me formar em Matemática. Mas, desde quando eu vim para Morato a minha intenção era me efetivar para poder voltar para Populina. Eu sempre voltava para Populina para ver minha família. Sempre juntavam os professores da região e íamos. Depois que eu casei a gente sempre ia para Populina. Qualquer feriado ou emenda a gente pegava o carro ou ônibus e ficava lá durante alguns dias. Que fosse apenas dois dias, mas a gente estava lá. Eu sempre senti necessidade do interior. O que a gente fazia muito para não deixar a saudade do interior virar tristeza era festa em casa. Nossa! Isso que era legal! Como a gente conhecia muita gente do interior... Todo final de semana tinha festa na casa de alguém. Churrasco, isso e aquilo... O legal era isso! Às vezes um ligava para o outro e chamava: - O fulano! Vamos fazer um churrasco... A gente já respondia: - Pra já! Um chamava o outro. Quantas vezes que nós fizemos isso... O Saito era aberto 24 horas... Era dez... Onze horas da noite o pessoal me ligava e falava em fazer um churrasco... Nós descíamos para o Saito... Era meia noite e nós estávamos comprando cerveja e carne para fazer churrasco. E varava a madrugada conversando sobre as coisas do interior. As lembranças... Principalmente às sextas-feiras e sábados. Era bem gostoso nessa época. Agora, quando eu me efetivei em dois mil e quatro o meu objetivo era voltar, só que não consegui escolher uma escola do interior. Então, tive que me efetivar aqui em Morato, mas eu comecei considerar o retorno possível. Por que? Por que para a maioria dos professores que vieram do interior era desse jeito. Você ficava durante um tempo adquirindo pontos para poder concorrer na atribuição do interior ou se

efetivava e pedia remoção. Era essa a tendência. A maioria deixou a família no interior. Então a lógica era essa: Retornar. Hoje está tendo essa migração de novo. Só que é o retorno. Migração de retorno. Muitos já foram embora para o interior... Os que conseguiram remoção foram embora para suas cidades. Como no caso do Vanduir que trabalhou com a gente em Morato. Ele se efetivou aqui e agora retornou e ficou por lá. Só que comigo foi complicado. Em dois mil e oito me inscrevi para remoção para alguma escola do interior. Meu objetivo era retornar para Populina ou cidade próxima. E saiu a remoção para Araçatuba. Por que Araçatuba? Primeiro eu fiz a inscrição em todas as escolas próximas à Populina... As escolas de Jales e região. Todas que tinham vagas na região de Jales. Depois da região de Jales eu coloquei para a região mais próxima... Araçatuba. Coloquei Fernandópolis também. Só que a região... Como você sabe que a grande maioria dos professores vem daquela região... Como eu não estava tantos anos dando aula... E como efetivo também... Então, não tinha uma pontuação suficiente para conseguir na região de Jales ou Fernandópolis. E a quantidade de vagas ali era bem menor. Coloquei todas... Comecei fazendo aquele leque... Comecei abrindo... Jales, Fernandópolis, Votuporanga... Peguei Araçatuba até Rio Preto para tentar voltar para a região. Eu queria ficar próximo dos meus pais. Como eu estava com um cargo novo em dois mil e oito... Eu fui aprovado em dois cargos. Assumi um em dois mil e quatro e outro em dois mil e oito. Eu consegui remoção somente para o cargo mais velho. Que era o primeiro cargo de dois mil e quatro. Consegui remoção para Araçatuba. E o outro cargo eu fiz inscrição pelo artigo 22. Mas teve um pequeno problema... Naquela época... Mesmo que você tinha assumido há pouco tempo você poderia estar indo pelo artigo 22. Só que eu havia participado da greve de dois mil e oito... Lembra da greve de dois mil e oito? Eu havia participado da greve... E pelos fatores das faltas que eu tinha da greve... Que não haviam sido tiradas do prontuário... Deu como indeferida minha inscrição pelo artigo 22 por causa das faltas. E eu já estava em Araçatuba. Já havia me mudado. Fiquei num mato sem cachorro. Eu estava ficando na

casa de um professor... De um irmão de um professor lá de Araçatuba. Eu tinha conhecido ele na escola que eu fui de remoção. Quando eu fui lá me apresentar já conheci um professor e esse professor tinha um irmão que morava sozinho. Conversei com ele e já arrumou um lugar para mim. Então, optei por exonerar o segundo cargo e ficar por lá somente com o primeiro cargo. Minha ideia inicial era ir pelo artigo 22 e depois tentar a remoção do segundo cargo para o interior. Mas não deu certo. Fiquei um ano em Araçatuba. Escola até boa de trabalhar. Gostei de trabalhar na escola. Só que eu estava ainda cento e cinquenta quilômetros de minha família. No outro ano tentei remoção novamente... Tentei uma cidade mais próxima... E meu plano também era a Fabiana, minha esposa, terminar a faculdade, porque ela havia parado. Mas, também não deu certo. No outro ano fui para a cidade de Cardoso. Só que não me acostumei nessa cidade e nem na escola que eu fui de remoção. Muitas coisas deram errada nesse ano. Acabei ficando de licença médica durante o segundo semestre de dois mil e dez. Nesse período pedi remoção e voltei para Francisco Morato. Decidi voltar. Só que eu me desiludi da sala de aula nesse tempo e prestei o concurso para a CPTM em dois mil e doze. Passei e fui chamado ainda em dois mil e doze. Então, decidi sair da educação. Hoje às vezes eu penso em retornar... Mas não para dar aula. Se eu conseguir passar em algum concurso público naquela região que tenha um salário bom eu retorno. Só que dificilmente eu vou conseguir passar em algum concurso que tenha o valor do salário daqui. Tenho vontade de retornar no futuro... Na aposentadoria. Porque para viver é uma região gostosa. Um clima agradável... Não faz quase frio. Praticamente verão o ano todo. Tem a minha família. Meu filho... Também tenho amigos... Então... Eu tenho esse vínculo que faz com que o interior sempre esteja presente na minha vida. Não tem como...

(Prof^o Elmo).

Professor Elmo, deixou a docência no ano de dois mil e doze após algumas desilusões ocorrentes no âmbito do exercício da docência nas escolas

públicas estaduais. Possuí o desejo e a perspectiva de retornar para sua cidade de origem, contudo, o fato de estar exercendo um cargo fora do âmbito da educação e que possui remuneração significativa, seus planos são para o futuro, quando chegar a aposentadoria, a menos que apareça alguma proposta para trabalhar em sua região de origem que lhe proporcione os mesmos padrões econômicos que possui atualmente, o que considera difícil para a estrutura existente no interior.

Com formação para o exercício da docência e conseqüente oportunidade de emprego que o interior não oferecia, Professora Roseli decidiu se desvincular de sua cidade natal não por meio de um “até breve” e sim por meio de um adeus. Seu projeto de se desvincular do interior foi construído para que não ocorresse retorno em definitivo. O retorno que Professora Roseli pretendia realizar para a cidade de origem após a sua partida seria apenas para visitar familiares e amigos. Apesar dos problemas que enfrentou no início da atividade docente, o propósito de permanecer definitivamente na Grande São Paulo foi se fortalecendo gradativamente.

Professora Roseli comenta que no primeiro ano da migração sentiu saudades dos vínculos deixados no interior. Contudo, constatou nos retornos periódicos que suas disposições haviam se modificado e, conseqüentemente os laços sociais da terra natal estavam se rompendo devido as propriedades incorporadas e objetivadas (Bourdieu, 2013) produzidas pelo processo migratório.

Olha... Em dois mil e seis quando eu saí de lá, que eu estava nos últimos dias no interior as pessoas que me conheciam... Pessoas do trabalho, vizinhos, colegas... Essa pessoas me perguntavam: - Rô, você não vai se arrepender de ir embora? Você não quer ficar? E eu respondia: - Não.! Eu sempre afirmei, desde a época que eu estudava no Magistério: - Eu vou ficar em Paranapuã até o dia que ela me servir. Na época que eu estava terminando a faculdade eu falava: - Eu só fico em Paranapuã até o tempo que ela me servir. A partir do momento que eu terminar a faculdade, Paranapuã não me serve mais. Eu não tenho

emprego aqui. Se eu estou estudando, eu preciso de um lugar onde eu possa usar os conhecimentos que eu adquiri na faculdade. Que eu possa usar meu diploma. Então, quando eu saí de Paranapuã, eu não saí para voltar. Eu saí para ir embora. Eu não dei um até breve. Eu falei: - Eu vou embora. Eu só volto aqui para passear. Eu não quero mais morar aqui. Do fundo do coração, eu não tenho vontade de voltar a morar em Paranapuã. E nem falo como os professores que querem retornar: - Ah! Mas se fosse até São José do Rio Preto eu iria. Eu não. Nem até São José do Rio Preto eu iria. Eu gosto daqui! E eu fui bem recebida aqui. Não é um lugar que me fez mal. Tive as decepções de sala de aula, mas a cidade... O local me ofereceu muita coisa. Tive muita oportunidade. Eu acho que a pessoa que é criada aqui não precisa ser doméstica ou trabalhar na roça. Ela tem um leque enorme de possibilidades de emprego. Então... Quando eu saí de lá foi para não voltar. É lógico que se uma coisa muito grave acontecer e eu necessitar ir morar no interior, eu vou. Mas não é porque eu quero voltar. Eu não quero voltar a morar no interior. Eu saí de lá para não voltar. No primeiro ano... No primeiro ano você ainda tem aqueles laços de amizade. Os amigos que ficam... As pessoas... Você sente saudades no primeiro ano. Quando eu vim para cá em dois mil e seis eu não fui para o interior no carnaval, mas eu fui na páscoa, depois eu fui nas férias de julho inteira... Depois eu fui em outubro... Depois eu fui em dezembro... Em dois mil e sete eu fui menos. Já não fui todas essas vezes. Em dois mil e sete eu fui em julho... Acho que na páscoa eu não fui... E depois eu fui para casar. Após o casamento eu fiquei cinco anos sem ir lá. Depois voltei o ano passado. Voltei no final de ano. Não é mais aquela necessidade. No primeiro ano você tem saudades daquele bate-papo. Mas, logo no primeiro ano, nas primeiras visitas que você vai... Você já percebe que a conversa não é mais a mesma. Que aquela amizade que você tinha no dia a dia que você morava lá... Hoje você já tem outras conversas. Você já tem outras pessoas na sua vida. Você não é mais nem estudante. Agora você já é professora. Tem outras coisas para falar. O aluno já faz parte do seu dia a dia, porque em conversa de professor o aluno está

presente. Então, aquelas amizades que você tinha a vida toda... Não é que ela não te serve mais. É lógico que eles são seus amigos, mas, a conversa que você tem diariamente não é mais a mesma. Eu acho que não encaixa o bate-papo. Não dá mais para ficar aquelas longas conversas que você tinha antes. Eu fui lá o ano passado... Não é tão frequente. É uma vez por ano. Fico uns dias... Esse ano também eu fui. Já não é mais frequente. Não é direto. Não é aquela saudade que vai matar... Que eu preciso ver. Eu chego lá em Paranaçuã e é só um retorno temporário. Não é um lugar que eu quero ficar. Não é um lugar que eu quero morar, que eu faço planos para um dia voltar. Eu vejo isso nos professores. Muitos têm vontade de voltar e ficar lá. Para mim, não. É por isso, talvez, que quando eu cheguei aqui em Morato... Eu falo que eu cheguei com a mente tão aberta... Tão aberta... Que eu não fiquei procurando feiura. Eu fiquei procurando coisas boas para eu enraizar. Tanto é que aquele monte de morro não me incomodou. Me encantou o fato das pessoas trabalharem. O fato das pessoas sobreviverem. Não que seja um lugar lindo. Não é lindo. Mas é interessante. É prazeroso ver as pessoas fazendo de tudo para sobreviverem. E assim é... Quando eu cheguei aqui eu não vim com a intenção de voltar. Eu cheguei com a intenção de ficar. Se eu quisesse voltar, talvez eu chegasse com uma visão preconceituosa. Eu acho que é para se manter... Um porto seguro afirmar que o interior é melhor. Não foi isso que aconteceu comigo. Eu não cheguei assim. Eu cheguei para não voltar. Eu saí do interior para não voltar. **(Profª Roseli)**.

Constatamos que Professora Roseli optou por visualizar apenas os aspectos positivos da localidade de origem porque possuía o objetivo específico de se desenraizar do interior. Considera que a depreciação da localidade de destino realizada pelos professores migrantes é uma forma de manter o interior vivo em suas existências. Também afirma que as inúmeras possibilidades existentes na metrópole foram determinantes na continuidade da empreitada migratória, mas, sobretudo para sua permanência definitiva na Grande São Paulo.

Professor Carlos observa que a formação universitária era a única possibilidade que os jovens possuíam para deixar o interior e suas limitações. Contudo comenta que a migração para a Grande São Paulo para muitos jovens foi derradeira porque não se adaptaram às mudanças advindas desse processo. Assim, o retorno foi imediato para diversos migrantes que decidiram buscar alternativas em suas cidades de origem que os auxiliasse em seus propósitos de conseguir melhores condições de existência.

Ainda que não possuísse o desejo latente de retorno definitivo para sua cidade natal, e que seu deslocamento migratório tenha se efetivado não apenas pelo objetivo de exercer a docência, mas também porque possuía o propósito de se “desligar” do âmbito de Jales e região, Professor Carlos retorna sempre que possível, especialmente nos feriados, para suas origens devido as saudades que sente de seus familiares.

Eu penso que muitos jovens foram para a UNIJALES porque era a única forma de escapar daquela região. Então... Se formavam e acabavam indo embora. Só que tem uma coisa... Muitos que vieram... Retornaram. Que são dessas cidades menores. A grande maioria que se formou comigo, veio e voltou. Veio para cá... Ficaram deslumbrados em primeiro momento com São Paulo só que depois isso acaba... Dura pouco. Eles acabaram voltando. Arrumaram um emprego lá... Eu conheço muitos... Que arrumaram um emprego no comércio... Foram fazer outro curso na faculdade que não licenciatura. E acabaram voltando para lá. Muitos vieram, retornaram e deixaram a docência. Muitas dessas pessoas viam como uma maneira de escapar do interior. Você conseguir melhor condição de vida... Só que você faria isso exercendo uma coisa que você não gosta. Eu pude perceber isso em muitos amigos. Chega uma hora que ele opta por voltar e tentar outro ramo. Se você perceber... Lá tem muito curso na área de Química. Tem cursos técnicos na área de Química. Por quê? A presença das Usinas de Cana que paga muito bem. Para o interior, entre aspas, muito bem. Essas pessoas que vieram para cá acabam voltando para ficar perto

da família. Foram fazer outro curso e arrumavam outro emprego... Ou nesse ramo de Química... Ou no próprio comércio. Iam fazer outro curso para trabalhar no comércio... Eles acabavam voltando... Porque o salário que as Usinas pagam é alto para os padrões de lá. Porque ganha-se praticamente o que um professor ganha aqui em São Paulo. Só que lá você tem inúmeras vantagens... Você está perto de sua família. A cultura que você foi criado está muito mais perto de você. Você está entre pessoas que você considera iguais. Eu vou sempre que eu posso para lá. No feriado, quando você me ligou, eu estava lá. Sempre que tem um feriado eu vou para lá. Mas voltar para morar eu ainda não tenho certeza. Esses dias atrás eu estava conversando com minha namorada e o professor que morou comigo no primeiro ano e eu falei: - Nunca me passou pela cabeça voltar para Jales e, ultimamente esta passando. Porque eu tive essa sensação? Porque eu estava cansado daqui. Isso aqui para mim estava saturado. O próprio trabalho que é estressante. A dificuldade para fazer tudo aqui. Eu fiquei lá quinze dias e percebi que não dava para ficar lá também. É difícil acostumar lá também. O ritmo que eu tenho aqui é outro. Falar que nunca vou voltar... Seria uma besteira muito grande de minha parte falar isso. Porque tem muitas pessoas que eu gosto que estão lá. Mas não é um plano de imediato. Hoje eu gosto mais de Jales do que quando eu morava lá. Hoje eu tenho outra visão sobre Jales. Por que é bom em Jales? Porque quando eu vou para lá eu não trabalho. Eu estou lá... Eu fico lá... Saio com meus amigos. Estou na casa de minha mãe. Perto de minha família. Por isso que é bom. E nem pensando em acordar cinco da manhã para pegar trem lotado. **(Profº Carlos).**

As situações cotidianas, sobretudo com relação às condições precarizadas do trabalho docente, se configuram como promotoras do desejo de retorno em definitivo a terra natal. Também expõe que o retorno é algo suscetível, mesmo que não seja em breve período, porque seus vínculos afetivos mais intensos se encontram na localidade e que a distância lhe proporcionou visão diferente – positiva – do espaço em que vivia antes de migrar.

Constatamos que os professores migrantes revelam seus desejos e suas expectativas de retorno às suas cidades de origem, seja por meio da aposentadoria, da efetivação no cargo de docente ou pelo acúmulo de pontos para conseguir uma boa classificação como temporário nas escolas públicas estaduais.

Os desejos e expectativas evidenciam que a subjetividade do entrevistado se constitui componente singular no estudo sobre a trajetória desses professores segundo Portelli (1997b), à medida que emergem situações ainda não reveladas a partir dos elementos norteadores da entrevista, ressaltando não apenas as ações efetivadas pelos indivíduos, mas acima de tudo, seus anseios e possibilidades não efetivadas, porém que continuam presentes em suas memórias.

Mas o realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. (PORTELLI, 1997b, p. 33).

Dessa maneira, consideramos que entre os oito depoimentos dos professores migrantes, seis (Enilda, Adenilson, Idy, Marcos, Sandra e Elmo) demonstram o desejo de retornarem às suas terras natais. Apenas Carlos e Roseli vivem a situação do “elghorba” (SAYAD, 1998, 2010), ou seja, a oposição entre o espaço de destino e o espaço natal que produz contradições na experiência de vida do migrante, que parecem ocultar as desilusões, medos, aspirações e expectativas.

Os depoimentos manifestam que a partir do momento em que se deslocaram e se inseriram em um novo contexto, os migrantes passaram a

contar com as memórias da terra em que cresceram, os seus costumes, suas maneiras de ser e viver, suas paisagens. Enfim, as lembranças de cotidianos passados, mas vivos em seus pensamentos, se constituiu crucial para suportar a ausência, a saudade, o novo, a adaptação e, sobretudo, não esquecer que retornar era inerente ao processo de migrar.

Conforme Sayad (1998), a constituição das redes no local de destino tem a função de reconstituição e manutenção da identidade social e cultural que se rompe com a prática migratória. Tal identidade pode ser compartilhada e modificada com os demais membros de cada grupo social e da sociedade em geral em que se encontram inseridos a partir do fortalecimento e ampliação desses vínculos sociais.

A memória nostálgica que esses indivíduos carregam é um retorno interno, uma retrospectiva do tempo anterior ao ato do deslocar-se, convertendo o espaço de origem em símbolo sagrado para que o retorno físico seja inevitável e o vínculo de pertencimento jamais seja destruído. (SAYAD, 2000, 2010).

Assim, constatamos que o migrante se encontra em um complexo de contradições e consequências que estão presentes em sua trajetória desde o instante que vislumbrou a possibilidade de se deslocar para outros espaços, apartando-se de suas origens e dos seus convivas para intentar melhores condições, principalmente econômicas, para si e para os seus, prosseguindo no cotidiano que se estabelece com sua presença (ausência) no ambiente de destino.

Porém, o retorno para o migrante, apesar de ser um elemento que permeia seu projeto de deslocamento, não se concretiza por completo à medida que o retorno não é somente ao espaço físico, mas também ao espaço social, ao espaço simbólico, ou seja, o espaço relacional, que se altera de maneira considerável, também o espaço físico possa apresentar-se modificado.

Abdelmalek Sayad observa que as alterações produzidas nos espaços físicos e relacionais impossibilitam o pleno retorno do migrante às suas terras natais. Diz ele:

Se de um lado, pode-se sempre voltar ao ponto de partida, o espaço se presta bem a esse ir e vir, de outro lado, não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se deixou. (SAYAD, 2000, p. 12).

Dessa forma, a não possibilidade de reencontrar o lugar de origem da mesma maneira que existia no momento de sua partida, produz no migrante uma condição de retorno fraturado, visto que as mudanças que procederam no espaço-tempo em que permaneceram distante transfiguraram o universo simbólico que lhe significou suportar os dilemas da terra distante.

Por outro lado, sabemos que o retornar do migrante, ainda que para um espaço que remonta intimamente em termos gerais os elementos que existiam no momento de sua partida, se constitui em um movimento produzido pelas lembranças guardadas e rememoradas em seu cotidiano que visa manter a crença presente nas promessas realizadas, tanto para si quanto para outrem, antes do deslocamento, especialmente para que, como observa Sayad (1998, 2010), não sejam estigmatizados de trãnsfuga por seus conterrâneos – família, amigos, vizinhos, entre outros -, à medida que são acusados de terem abandonado a terra natal.

Consideramos que, a maioria dos depoimentos orais dos professores migrantes demonstra que os motivadores para o retorno às suas cidades de origem presentes em suas trajetórias, ainda que este não tenha se efetivado para nenhum deles à época das entrevistas, são inerentes ao processo migratório.

Assim, de acordo com Sayad (2000) o retorno dos migrantes não se realiza pelo fato da obtenção do êxito ou fracasso, especialmente porque tais situações não podem ser aferidas e analisadas pelo movimento de reinserção no espaço de origem, ou seja, os elementos que edificam e concretizam o retorno se explicam primordialmente pela trajetória dos indivíduos.

Conclusão

A pesquisa que desenvolvemos sobre a trajetória de professores migrantes pretendeu, desde o primeiro momento, compreender – através de suas vozes – o movimento de deslocamento – no intervalo de duas décadas – desses jovens oriundos de cidades do Noroeste Paulista que se situam distantes em torno de 600 km do município de destino – Francisco Morato – a fim de trabalharem como docentes com contrato de trabalho temporário em escolas públicas estaduais.

Entendemos que o estudo do movimento migratório é estudar o migrante – presença no espaço de destino –, e o emigrante – presença no espaço de origem –, ou seja, as condições sociais que produziram tal deslocamento e as transformações que antecederam e sucederam as trajetórias desses indivíduos. Contudo, temos ciência que a perspectiva que propusemos para esse estudo não foi compreender suas histórias de vida, mas suas trajetórias pessoais e profissionais dentro do processo migratório.

Consideramos que por intermédio do estudo das trajetórias desses professores compreendemos não apenas elementos do fenômeno migratório – termo que utilizamos devido ao intenso fluxo, que foi confirmado pelos dados e pelas entrevistas, ocorrido, sobretudo no 1º e 2º período –, mas aspectos da estrutura e da conjuntura que condicionaram esse processo, não pelo “[...] ponto de vista do poder dominante [...]” (SOUZA, 1986, p. 15), e sim pela ótica “[...] da oposição ao poder dominante.” (SOUZA, 1986, p.16).

Em síntese, os depoimentos orais dos professores migrantes deixaram evidente que suas cidades natais não ofereciam condições favoráveis para que permanecessem em seus espaços, sobretudo devido à estrutura da localidade que reproduzia a condição de exploração, opressão e pauperização cotidiana demonstrada nos depoimentos orais que frisaram os efeitos das transformações na agricultura – modernização e mecanização – ocorrente a partir da década de 1970 e que afetou sobremaneira a trajetória desses professores e de suas famílias.

Segundo Marx (1985) a dominação do campo pela produção capitalista, no caso, a mecanização da agricultura, ocasiona a diminuição da população de trabalhadores rurais de maneira intensa. Esses indivíduos, assim que surgirem condições propícias, se deslocarão para os centros urbanos a fim de se inserirem no espaço produtivo, única alternativa para o camponês espoliado pelo capital.

Por outro lado, também entendemos que o contexto da localidade de destino se constituiu favorável e incentivador da migração dos professores migrantes, especialmente ao observarmos que das dezessete escolas públicas estaduais existentes no município de Francisco Morato, treze foram criadas e inauguradas entre meados da década de 1980 e meados da década de 2000 conforme quadro abaixo.

Quadro 13

Escolas Estaduais de Francisco Morato	
Escolas	Ano de criação
Prof ^a Celestina Valente Lengenfelder	1975
Afonso Moreno	1980
Prof ^o Rogério Levorin	1981
Belém da Serra	1982
Prof ^a Lydia Scalet Walker	1986
Editor José de Barros Martins	1990
Vincenzo Lobassi	1991
Prof ^o Bueno de Azevedo Filho	1993
Prof ^a Lenita Correa Camargo	1994
Pedro Paulo de Aguiar	1994
Prof ^o Ulysses Sanches Ramires	1996
Jardim das Rosas	1997
Aparecido Roberto Tonellotti	1999
Parque Cento e Vinte II	1999

Jardim Silvia II	2001
Jardim Alegria II	2004
Chácara Camponesa	2006

No entanto, há que se destacar a inoperância, a ineficiência e o descaso do Governo do Estado de São Paulo com relação a população – crianças e jovens – de Francisco Morato, porque a criação e o funcionamento dessas unidades escolares se iniciou de maneira precária, sobretudo porque os professores contratados, em sua ampla maioria, não eram formados para o exercício da docência e, em muitos casos, nem tampouco estudantes de graduação, mas, apenas e tão somente egressos do Ensino Médio, conforme depoimentos orais dos professores migrantes.

O deslocamento desses professores somente se configurou como fenômeno migratório porque, por mais de uma década – dados confirmados pela observação realizada, depoimentos dos entrevistados e fichas de sondagem aplicadas – a ampla maioria dos professores que lecionavam nas escolas estaduais do município de Francisco Morato, entre 80% e 90%, eram migrantes e formados para o exercício da docência. Nas sondagens que efetivamos no ano de 2012 e no ano de 2013 – período que a migração já estava estagnada e decrescente – a maioria dos professores ainda eram migrantes, 54% e 50,7% respectivamente.

Uma das características dessa migração de professores reveladas em nossa investigação é a incidência significativa de mulheres migrantes. Do total aferido pelas sondagens realizadas nos anos de 2012 e 2013, constatamos o percentual de 67% de docentes migrantes do sexo feminino frente a 33% do sexo masculino.

Bourdieu (2000a) observa que as mulheres camponesas são mais propensas a migração do que os homens em vista de não possuírem vínculo com as questões do poder e do patrimônio, e também possuírem disposição para a educação escolar e a mobilidade

[...] elas importam para o coração do mundo camponês o olhar citadino, que desvaloriza e desqualifica as “qualidades camponesas”. (BOURDIEU, 2000a, p. 105).

As questões e os objetivos propostos nessa pesquisa buscaram, através dos depoimentos orais desses professores migrantes, evidenciar e compreender o processo migratório desde sua gênese – incentivo (fomentação da ideia de migração e ingresso nas licenciaturas), o convite para migrar – na cidade natal até fixação no local de destino – inserção e instalação na localidade de destino, o ingresso na docência, permanência e estabilização, a possibilidade de retorno às origens – a partir da configuração de hipóteses que foram confirmadas no decorrer do estudo de suas trajetórias.

O capital social se constitui em condição sine qua non para a construção, desenvolvimento e continuidade da rede de relações sociais (BOURDIEU, 1998c, 2000b). E os professores migrantes demonstraram em seus depoimentos que a empreitada migratória somente foi possível porque se encontravam inseridos em tal rede que foi se transformando e se reproduzindo.

Como articulador de tal empreitada, o capital social foi responsável para a ampliação do campo de possibilidades desses jovens que instigados e incentivados de diversas maneiras e em diversos espaços de seus cotidianos, encontraram na docência a oportunidade para transformarem suas condições materiais de existência.

No entanto, entendemos que o magistério para esses professores não se caracterizou como a realização de um sonho ou um desejo construído com seus familiares para aquisição de uma profissão, mas como a única alternativa de se desvincular de um espaço social que não lhes proporcionava expectativas de melhoria e desenvolvimento em suas vidas.

Assim, a docência, ainda que exercida de maneira precária porque era em caráter temporário se configurou como opção viável e real de ruptura com tais condições e, conseqüentemente ascensão econômica e social.

Reproduzimos abaixo alguns excertos dos depoimentos orais dos professores migrantes que já foram explicitados nos capítulos dessa pesquisa que consideramos necessários para fundamentação de nossa explanação:

“Não tinha o que fazer senão ir embora”. **(Profº Adenilson)**.

“A roça só trouxe prejuízo”. **(Profª Roseli)**.

“A licenciatura não era uma coisa que eu almejava”. **(Profº Carlos)**.

“E como grande parte dos jovens daquela região eu fui tentar a sorte numa cidade maior que tivesse indústrias”. **(Profº Marcos)**.

“Resolvi voltar para minha cidade natal, Populina, e fazer uma faculdade. Só que na região, quais eram os cursos mais acessíveis? Os cursos de licenciatura. Porque a faculdade mais próxima à Populina era a FAFICLE em Jales, que depois na minha época passou a se chamar FAI-Jales e hoje é Centro Universitário de Jales. Os cursos de licenciatura eram os mais acessíveis. Por ser mais baratos e por também ser mais fácil eu me inserir no mercado de trabalho...” **(Profº Elmo)**.

“Um dos incentivos para eu estudar veio de uma professora quando eu trabalhei na casa dela. Com o incentivo eu fiz o Magistério em Araçatuba depois de uma tentativa frustrada de fazer Ensino Médio Técnico. O curso era Açúcar e Álcool, e dava possibilidade de trabalhar nas Usinas. Só que era integral e tinha que ter recursos para o material e o trabalho de campo. Como nós nunca tivemos recursos, eu tive que desistir. Eu estava muito desgastada com a situação. Fiquei apenas um semestre. Então, eu resolvi fazer o Magistério porque, inclusive, tinha no período noturno.” **(Profª Enilda)**.

“Eu ingressei na graduação em noventa e três, depois da minha tentativa frustrada de migrar. No final de novembro. Quando eu ainda estava na casa do meu tio aqui em São Paulo. Eu lembro que foi em novembro de noventa e dois. Eu tomei uma iniciativa.

Em novembro eu falei: - Volto para o interior, presto vestibular na faculdade de Jales para um curso de licenciatura, faço licenciatura e ao término da faculdade volto para cá porque eu sei que tenho aula garantida. Sabia-se que se viesse para cá tinha aula garantida. ” (Prof^o Marcos).

“Quando eu terminei a oitava série eu fui cursar o magistério porque eu tinha vontade de sair do interior, e a única oportunidade que havia era se profissionalizar. ” (Prof^a Roseli).

“Então, você sabia que o emprego era imediato. Era uma válvula de escape. Se você quisesse ir embora... Se quisesse trabalhar em outra coisa... Se não quisesse mais ser a doméstica ou continuar trabalhando na lavoura... Porque tinha muita gente que trabalhava na lavoura. Você tinha a opção de cursar licenciatura para poder ir embora e conseguir emprego logo. Eram esses os nossos objetivos. ” (Prof^a Roseli).

Dessa maneira, entendemos que os professores migrantes, sobretudo pelas observações presentes em seus depoimentos que retratam suas trajetórias pessoais e profissionais, ingressaram nos cursos de formação para a docência não porque tinham o sonho de se tornarem professores, mas porque se constituiu como alternativa de possuírem o Ensino Superior de maneira rápida, acessível e que possibilitaria o ingresso imediato no mercado de trabalho, assim como retorno financeiro que produziria alterações significativas em suas condições materiais de existência.

No que tange a migração enquanto ações efetivadas por aqueles que se decidiram a tal empreitada, constatamos que a rede social foi fundamental na trajetória dos professores migrantes, desde a fomentação da ideia de migrar, passando pelo convite efetivo para o deslocamento, suas inserções, instalações e o exercício da docência. Portes (2007) observa que o capital social existente nessas redes atua de maneira mais intensa para o prosseguimento do processo no local de destino.

Constatamos nas trajetórias dos professores migrantes, construídas pelos seus depoimentos orais, que suas inserções e permanências no município de

Francisco Morato pela via dos vínculos sociais (amigos ou familiares) foi primordial para a efetivação de seus objetivos, sobretudo pelos auxílios posteriores recebidos pelo desenvolvimento da rede social de migração.

Tais auxílios se concretizaram por intermédio de diversas ações, explicitadas nos depoimentos orais dos professores migrantes, que se iniciaram pela disponibilidade de moradia (república ou residência de familiar) e informações e orientações sobre procedimentos para inscrição e atribuição de aulas, indicação para vagas disponíveis em escolas.

Os depoimentos orais evidenciam diversas ações que complementaram as acima descritas que foram essenciais não apenas no sentido de minimizar os dilemas do migrante, mas, sobretudo para que permanecessem.

Tais ajudas são denotadas variadas e uniformes, como por exemplo, o recebimento de um colchão e uma coberta ou a manutenção de suas estadas no início de suas jornadas porque não traziam o suficiente para se manterem no período – mínimo de três meses caso obtivessem aulas na primeira atribuição do ano letivo porque o governo somente depositaria o salário após esse prazo – inicial de ingresso na docência.

Constatamos também que no início da década de dois mil o cenário que era favorável para esses jovens que se deslocavam do Noroeste Paulista para o município de Francisco Morato começou a se alterar de maneira significativa, à medida que começa a existir concorrência de professores formados para o exercício da docência da capital paulista. Dessa maneira, tal processo migratório entra em declínio e, conseqüentemente, a formação e existência de repúblicas.

Os professores que estavam inseridos há alguns anos na docência já haviam se organizado de diversas maneiras e não mais se vinculavam às repúblicas. Aqueles que estavam chegando, que eram em pequeno número, encontravam dificuldades para a instalação e ingresso como docentes, inclusive já nem eram incentivados para migrarem porque, dependendo da disciplina,

ficariam desempregados devido a saturação das vagas em consequência da concorrência dos professores formados para o exercício da docência da capital.

A conjuntura favorável de um determinado espaço geográfico é condicionante do aumento da demanda de trabalho e, conseqüentemente da força de trabalho. Essa situação se estabelece como polo de atração para determinados indivíduos que se predispõem a tal empreitada e que possuem as características requeridas naquele momento. Todavia, assim que ocorrer a saturação da força de trabalho na localidade e no setor específico, o fluxo migratório se estabilizará, entrando em decadência. (MARX, 1985).

O financiamento da casa própria foi um dos elementos essenciais para tranquilizar o migrante na questão da moradia, visto que as repúblicas eram criadas a partir do aluguel de um imóvel sem contrato formal, deixando os professores à mercê das vontades e prioridades do proprietário. Assim, a aquisição de um imóvel favoreceu a permanência e o prolongamento do migrante no local de destino, além de permitir a estada de muitos que chegavam ao município e encontravam dificuldades em termos de moradia.

Também, uma das hipóteses da pesquisa – a questão do retorno definitivo dos professores migrantes para seus espaços de origem – foi confirmada pelos seus depoimentos orais.

Constatamos através destes que o retorno para a cidade natal é um desejo que está presente na vida do migrante desde sua partida, tornando-se perspectiva no decorrer do processo migratório. Questionar o migrante sobre sua vontade de retornar a terra natal é “o mesmo que perguntar a um cego se ele quer ver a luz!” (SAYAD, 2000, p. 11).

Marx (1985) observa que o deslocamento migratório ocorrente de maneira intensa para determinados lugares e setores produtivos entrará em declínio e se extinguirá gradativamente de acordo com a demanda e o excedente, cedendo lugar ao movimento emigratório, ou seja, o retorno dos indivíduos aos seus espaços de origem.

Entendemos que a realidade do processo migratório possui duas faces (ausência e presença) interligadas por uma realidade (retorno) que acompanhará a trajetória desde o espaço de origem até o espaço de destino, sobretudo, porque o migrante continua à ser emigrante à medida que situações não resolvidas e vínculos que foram deixados para trás a partir de sua saída se prolongam e sobrevivem sem a sua presença de maneira indefinida.

Para Sayad (2010) é mais fácil fazer a ciência das migrações do que as ciências das emigrações por diversas razões, que se constituem de ordem prática e política, contudo, por se estabelecer a migração como presença e a emigração como ausência, a predisposição para realização da primeira se estabelece como fator preponderante.

La presencia se impone, la ausencia se constata sin más; la presencia se regula, se reglamenta, se controla, se gestiona, mientras que la ausencia se disfraza, se colma, se niega. Estas diferencias de estatuto determinan diferencias en el discurso que se puede mantener sobre una y sobre otra, la presencia (la migración) que es susceptible de discurso y la ausencia (la emigración) de la que no hay nada que decir sino que requiere una sustitución. (SAYAD, 2010, p. 176).

Os deslocamentos não se realizam apenas e tão somente no ambiente físico – território geográfico de origem e destino –, mas em um espaço repleto de significados sociais, econômicos, políticos, culturais que se constituirão importantes para a compreensão do processo migratório, mas que, por outro lado, apresentarão contradições que não permitirão revelar determinados elementos presentes nas trajetórias dos indivíduos enquanto emigrantes.

Assim, sugestionamos avançar na construção de histórias de vida objetivando compreender o estar e ser emigrante, como por exemplo, no caso de entrevistados e sua relação com o retorno. Tal relação demonstra um complexo de contradições que permeiam o vínculo com a terra natal, transitando entre um misto de querer e não querer, atração e repulsão, se constituindo como um “[...] *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável.” (BOURDIEU, 1998, p.11). Também, transparece carregar situações não resolvidas antes de suas partidas para que o retorno seja eliminado por completo de suas trajetórias.

Acreditamos que a construção de histórias de vida possibilitaria o entendimento das contradições e dos dilemas não revelados em nossa pesquisa, sobretudo porque nosso foco não era descortinar tais elementos.

Também, temos determinadas interrogações que surgiram no decorrer da pesquisa, porém, que não se encaixavam nos propósitos estabelecidos nesta. No entanto, tentamos deixar inteligível para futuras pesquisas que, por meio de outras perspectivas, possibilitem a ampliação sobre a compreensão desse fluxo migratório de professores.

Será que havia uma associação entre os proprietários das Instituições de Ensino Superior do Noroeste Paulista com outros setores, sobretudo públicos, para a implantação dos cursos de licenciatura e, conseqüentemente, gerar mão de obra escassa na Grande São Paulo? Qual o propósito na implantação de cursos de licenciatura na região se não haviam vagas para absorver os professores formados para o exercício da docência? A criação de Instituições de Ensino Superior no Noroeste Paulista seria vantajosa caso não houvesse um mercado de absorção? Onde iriam encontrar esse mercado para influenciar tais jovens a cursar as licenciaturas? Será que não houve uma rede social das forças capitalistas na criação dessa faculdade e, conseqüentemente, construir outras redes sociais para absorver essa mão de obra formada?

Concomitantemente, outro aspecto que consideramos relevante para pesquisas posteriores e que pode ser desenvolvido e descortinado no movimento dos professores migrantes é o debate sobre suas práticas cotidianas e, de que maneira influenciaram – se influenciaram – a educação escolar, sobretudo o processo de ensino – aprendizagem, nas escolas estaduais do município de Francisco Morato.

Por fim, ao concluirmos essa pesquisa reafirmamos que nossa intenção de compreender o fluxo migratório – que se revelou intenso no transcorrer da investigação – de jovens formados para o exercício da docência oriundos da região Noroeste Paulista para o município de Francisco Morato atingiu os objetivos propostos, à medida que as condições materiais de existência, a

composição e o desenvolvimento de uma rede social de migração foram os motivadores, incentivadores e mantenedores de tal empreitada.

No que tange ao retorno às suas cidades natais entendemos que é um desejo que se transforma em perspectiva para substancial parcela daqueles que se deslocam para longe de suas origens porque o migrante “tem a cidade natal no seu coração.” **(Prof. Marcos).**

Bibliografia

Ab'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA, Antônio Tavares de. **Oeste Paulista: uma experiência etnográfica e cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Alba, 1943.

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

APPLETON, Simon; MORGAN, John; SIVES, Amanda. Teachers as community leaders: The potential impact of teacher migration on education for all and millennium development goals, **International Journal of Adult and Lifelong Education**, nº 1, p. 3–11, 2005.

_____ The impact of international teacher migration on schooling in developing countries: The case of Southern Africa, **Globalisation, Societies and Education**, nº 1, p. 121–142, 2006.

APPLETON, Simon; BREMMER, Racquel; MORGAN, John; SIVES, Amanda. Teacher migration from Jamaica: Assessing the short-term impact, **Caribbean Journal of Education**, nº1, p. 85–111, 2006.

ARANGO, Joaquín. Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración. **Revista internacional de ciencias sociales**. nº 165, p. 33-47, set. 2000.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

BAENINGER, Rosana et al. **Migração em São Paulo**. Núcleo de Estudos da População, Campinas, 1992.

BARBOSA, Fabíola Holanda. ***Experiência e Memória: a palavra contada e a palavra contada de um nordestino na Amazônia***. São Paulo: USP, 2006. Tese de Doutorado.

BAUER, Carlos. ***A classe operária vai ao campus***. São Paulo. José Luís e Rosa Sundermann, 2010.

BONDUKI, Nabil Georges. ***Origens da habitação social no Brasil***. 4ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

BONI, Márcia Regina. ***Histórias e trajetórias de vida de professoras migrantes no município de Sorriso/MT***. Cuiabá: UFMT, 2010. Dissertação de Mestrado.

BOSI, Alfredo. ***Cultura brasileira: temas e situações***. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Ecléa. ***Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias***. 10ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____ Cultura e enraizamento. ***Revista de Cultura***, Petrópolis: Vozes, nº 7, v. LXXVII, ano 77, 1983.

_____ O que é desenraizamento? ***Revista de Cultura***, Petrópolis: Vozes, nº 6, v. LXXVII, ano 77, 1983.

_____ ***Simone Weil: A condição operária e outros estudos sobre a opressão***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BOURDIEU, Pierre. ***A distinção: crítica social do julgamento***. 2ª edição. Porto Alegre: Zouk, 2013.

_____ ***A miséria do mundo***. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003a.

_____ ***Coisas ditas***. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____ **Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia cabila.** Oeiras: Celta, 2002b.

_____ Las relations entre les sexes dans La société paysanne. **Les temps Modernes**, nº 195, agosto, p. 307-331, 1962.

_____ **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação.** Campinas: Papirus, 2000a.

_____ O camponês e seu corpo. **Revista Sociologia e Política**, nº 26, p.83-92, 2006.

_____ **Poder derecho y clases sociales.** 1ª edição. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2000b.

_____ **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** 4º edição. Campinas: papirus, 2003d.

_____ Reproduction interdite: la dimension symbolique de la domination économique. **Études rurales**, nº 113-114, jan.-jun., p. 15-36, 1989.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, Afrânio & NOGUEIRA, Maria Alice (Org.). **Escritos de educação.** 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002d.

BOURDIEU, Pierre. **La sociologie est un Sport de combat.** Realização de Pierre Carles. Produção de Véronique Frégosi & Annie Gonzalez. Paris: C-P Productions/VF Films, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral.** 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998c.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

Los herederos: los estudiantes y la cultura. 2ª edição. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

BOURDIEU, Pierre & SAYAD, Abdelmalek. **Le déracinement : la crise de l'agriculture traditionnelle en algérie**. Paris : Éditions de Minuit, 1964.

BOURDIEU, Pierre & SAYAD, Abdelmalek. A dominação colonial e o saber cultural. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, nº 26, junho, p. 41-60, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Prefácio. In: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

BROWN, Biron & SCHULZE, Salome. Teacher migration to Botswana: Causes and implications for human resources management in education, **African Education Review**, nº. 2, p.1–25, 2007.

BRUNET, Roger; FERRAS, Robert; THÉRY, Hervé. **Les mots de la Géographie. Dictionnaire critique**. Montpellier/Paris/GIP Reclus et la Documentation Française, 1993.

CALDAS, Alberto Lins. Cápsula narrativa em história oral. **Oralidades – Revista de História Oral**, São Paulo, v. 6, p. 49-76, jul – dez. 2009.

Oralidade, texto e história: para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 2ª edição. São Paulo: EDUSP/Editora 34, 2003.

CALLADO, Antonio. ***Os industriais da seca e os galileus de Pernambuco – aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

CAMPOS, Maria das Graças. ***Vou buscar a sorte: relatos de vida de professoras migrantes de Campo Verde/MT.*** Cuiabá: UFMT, 2010. Dissertação de Mestrado.

CHAGAS, Cassiele Arantes de Moraes. ***A periferização da pobreza e da degradação socioambiental na Região Metropolitana de São Paulo, o caso de Francisco Morato.*** São Paulo: USP, 2007. Dissertação de Mestrado.

CHARLES, Frédéric & LEGENDRE, Florence. ***Les enseignants issus des immigrations: modalités d'accès au groupe professionnel, représentations du métier et de l'école.*** Paris: UNSA Éducation, 2006.

COLEMAN, James. ***Foundations of Social Theory.*** Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1990.

COOK, Stuart ; DEUTSCH, Morton ; JAHODA, Marie ; SELLTIZ, Claire. ***Métodos de pesquisa nas relações sociais.*** São Paulo: EPU, 1965.

COULON, Alain. ***A Escola de Chicago.*** Campinas: Papirus, 1995.

CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos. Disponível em: <http://www.cptm.sp.gov.br/MidiaCPTM/credenciamento.asp>. Acesso em: 18 de maio de 2013.

CPTM x POPULAÇÃO. Comissão de moradores e comerciantes de Francisco Morato. Disponível em: <<http://psol50sp.org.br/morato/cptm-x-populacao/>>. Acesso em: 22 de julho 2012.

CUNHA, José Marcos Pinto da. (Des)continuidades no padrão demográfico do fluxo São Paulo/Bahia no período 1970/91: Qual o efeito da crise? **Anais do XI Encontro de Estudos Populacionais**. São Paulo: ABEP, 1998.

CUNHA, Marion Machado. **O trabalho dos professores e a Universidade do Estado do Mato Grosso em Sinop/MT na década de 1990: o sentido do coletivo**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Tese de Doutorado.

DELGADO, Guilherme Costa (Org.). **Agricultura e políticas públicas**. 2ª edição. Brasília: IPEA, 1996.

DELGADO, Guilherme Costa. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo: USP, v.15, nº 43, p. 157-172, 2001.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Relatos orais, imigração e infância. **Oralidades – Revista de História Oral**, São Paulo, p. 77-104, v. 6, jul – dez. 2009.

_____ Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. **Centro de estudos rurais e urbanos (NAP-CERU)**, São Paulo, série 2, nº 3, p. 33-44, 1999.

DURHAN, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

EMPLASA – Empresa de Planejamento Metropolitano S/A. Disponível em: <<http://www.emplasageo.sp.gov.br/uits/municipioSP/distritos/uits.asp?SID=3516309&sMunicipio=FRANCISCO%20MORATO>>. Acesso em: 06 fev. 2013.

ENGELS, Friedrich & MARX, Karl (Org.). **Textos**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. 2v.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13ª edição. São Paulo: EDUSP, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FREITAS, Sonia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª edição. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREITAG, Bárbara. **Teorias da cidade**. Campinas: Papyrus, 2006.

GARRIDO, Joan de Alcazar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, nº 25/26, p. 33-54, set. 1992/agos. 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAFMEYER, Yves. Regards sociologiques sur la ségrégation. In: BRUN, Jacques *et al* (Org.). **La ségrégation dans la ville: concepts et mesures**. Paris: L'Harmattan, p. 85-117, 1994.

GRELE, Ronald. O que é uma boa entrevista. **Oralidades – Revista de História Oral**, São Paulo, v. 6, p. 217-225, jul – dez. 2009.

GOODE, William Josiah & HATT, Paul. **Métodos em pesquisa social**. 4ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

GUIBERT, Joël; JUMEL, Guy. **Méthodologie des pratiques de terrain en sciences humaines et sociales**. Paris: Armand Collin, 1997.

HIGGINS, Silvio Salej. **Fundamentos teóricos do capital social**. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2005.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914 – 1991)**. 2ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

HOLANDA, Fabíola. Construção de narrativas em história oral: em busca dos narradores plenos. *Oralidades – Revista de História Oral*, São Paulo, p. 15-32, v. 6, jul – dez. 2009.

HUGO, Graeme. “Migrações internacionais não documentadas: uma tendência global crescente.”. *Travessia*. nº 30, p. 5-12, jan/abril de 1998.

IBGE. *Censo Demográfico 1950*. Rio de Janeiro:IBGE, 1954.

IBGE. *Censo Demográfico 1960*. Rio de Janeiro:IBGE, 1962.

IBGE. *Censo Demográfico 1970*. Rio de Janeiro:IBGE, 1970.

IBGE. *Censo Demográfico 1980*. Rio de Janeiro:IBGE, 1980.

IBGE. *Censo Demográfico 1991*. Rio de Janeiro:IBGE, 1991.

IBGE. *Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro:IBGE, 2000.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro:IBGE, 2010.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

KOWARICK, Lúcio. *Escritos urbanos*. São Paulo: Editora 34, 2000.

KOWARICK, Lúcio. *Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Editora 34, 2009.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LANDO, Janice Cássia. ***Migração, projetos e identidade profissional: um estudo sobre professoras do município de Sinop/MT no período de 1973 a 1982***. Cuiabá: UFMT, 2003. Dissertação de Mestrado.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Getúlio Vargas: marcas na memória de mulheres paulistas. ***História Oral***, São Paulo, nº 1, p. 145-167, junho, 1998.

_____ História Oral e Migração: A Questão do Regresso. ***Oralidades – Revista de História Oral***, São Paulo, v. 2, jul – dez. 2007.

_____ História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos S. B. (Org.). ***(Re)introduzindo História Oral no Brasil***. São Paulo: Xamã, 1996.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Cristina S. de Souza; DEMARTINI, Zeila Brito Fabri. ***História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU***. 29. Edição. São Paulo: Humanitas, 2001.

LAVANDER Jr, Moysés & MENDES, Paulo Augusto. ***SPR, memórias de uma inglesa: a história da concessão e construção da primeira ferrovia em solo paulista e suas conexões***. São Paulo, 2005.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). ***Usos & abusos da história oral***. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LIEBL, Jully. ***Representações de língua em professores brasileiros migrantes: uma questão de identidade***. Campinas: UNICAMP, 2008. Monografia.

MANIK, Sadhana; MAHARAJ, Brig; SOOKRAJH, Reshma. Globalisation and transitional teachers: South African teacher migration to the UK, ***Migration and Ethnic Themes***, nº 1–2, p.15–33, 2006.

MARTINS, Angela Maria. A política educacional Paulista: controvérsias em torno do conceito de descentralização e autonomia – 1983 a 1999. ***Educação e Sociedade***, Campinas: Unicamp, nº 83, v. 24, p. 527-549, agosto 2003.

MARX, Karl. ***O Capital: crítica da economia política***. 2º edição. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. ***A ideologia alemã***. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MASSEY, Douglas S. ***Return to Aztlan: The social Process of international Migration from Western Mexico***. Los Angeles: University of California Press, 1987.

MASSEY, Douglas S. “Theories of international migration: A review and appraisal”. ***Population and development review***. nº 3, v. 19, p. 431-466, set. 1993.

MATOS, Odilon Nogueira da. ***Café e Ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira***. Campinas: Ed. Pontes, 1990.

MAURIN, Éric. ***Le ghetto français: enquête sur le séparatisme social***. Paris: Editions du Seuil, 2004.

MAY, Tim. ***Pesquisa social: questões, métodos e processos***. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. ***Manual de história oral***. 4º edição. São Paulo: Loyola, 2002.

(Re)introduzindo História Oral no Brasil.
São Paulo: Xamã, 1996.

MICHELET, Jules. **O povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Ed. Hucitec/Polis, 1984.

MOREIRA, Erika Vanessa & SOUZA, Paulo Cesar de. A migração intra-regional e rural-urbano no estado de São Paulo: um breve ensaio. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, nº 8, v. 2, p. 40-49, 2008.

NOBRE, Elisa Cléia Pinheiro Rodrigues. **Histórias de vida de professores migrantes: culturas e contextos de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 2009. Dissertação de Mestrado.

NOBRE, Elisa Cléia Pinheiro Rodrigues & PEREIRA, Jacira Helena do Valle. Constituições identitárias reveladas em histórias de vida de professores migrantes. In: **31ª ANPED – GT08 4577**, 2008, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2008, p. 1-6.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa social: introdução às suas técnicas**. 2ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

NOVAES, Luiz Carlos. Os impactos da política educacional paulista na prática docente e na organização do trabalho pedagógico nas escolas estaduais paulistas na perspectiva dos professores. **Jornal de Políticas Educacionais**, UFPR, nº 5, p. 13-26, jan.-jun. 2009.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

OCHS, Kimberly. International teacher migration: The centrality of context in the development of the Commonwealth Teacher Recruitment Protocol'. In: HOPSON, Rodney; YEAKEY, Carol Camp; BOAKARI, Francis Musa (Org.).

Power, voice, and the public good: Schooling and education in globalized societies. Emerald Publishing Ltd: Bingley, 2008.

PALMEIRA, Moacir. Modernização, estado e questão agrária. ***Estudos Avançados***, v. 3, nº 7, p. 87-108, set/dez. 1989.

PATARRA, Neide Lopes. Dinâmica populacional e urbanização no Brasil pós 30. In: FAUSTO, Boris. ***História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil republicano: Tomo III.*** 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 4 v.

PENSON, Jonathan. The role and status of forced migrant teachers in education in emergencies. ***Commonwealth Education Partnerships***, Cambridge, 2012/2013. Disponível em: <http://www.cedoc.org/wp-content/uploads/2013/09/Forced-migrant-teachers-Penson.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2015.

PEREIRA, Ligia Maria Leite. Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial. ***Análise & Conjuntura***, Belo Horizonte, v. 6, nº 3, p. 109-127, set.-dez. 1991.

PERILLO, Sonia Regina. Novos caminhos da migração no estado de São Paulo. ***São Paulo em Perspectiva***, São Paulo, nº 10, v. 2, 1996.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado da história oral: a pesquisa como experimento em igualdade. ***Projeto História***, São Paulo, nº 14, p. 7-24, fev. 1997a.

_____ História oral como gênero. ***Projeto História***, São Paulo, nº 22, p. 9-36, jun. 2001.

_____ O que faz a história oral diferente. ***Projeto História***, São Paulo, nº 14, p. 25-39, fev. 1997b.

_____ Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. ***Projeto História***, São Paulo, nº 10, p. 41-58, dez. 1993.

_____ Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, nº 15, p. 13-49, abr. 1997c.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, nº 33, p. 133-158, set. 2000.

_____ La sociología en el continente: convergencias pretéritas y una nueva agenda de alcance medio. **Revista Mexicana de Sociología**, Ciudad de México, Año 66, nº 3, p. 1-37, Jul.-Set. 2004.

_____ Migración y cambio social: algunas reflexiones conceptuales. **RES – Revista Española de Sociología**, Madrid, nº 12, p. 9-37, 2009.

_____ Migración y desarrollo: una revisión conceptual de la evidencia. In: Stephen Castles y Raúl Delgado Wise (coord.). **Migración y desarrollo: perspectivas desde el sur**. Zacatecas: UAZ, 2007.

_____ **Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

PORTES, Alejandro & BOROCZ, Jozsef. Contemporary Immigration: Theoretical Perspectives on Its Determinants and Modes of Incorporation. **International Migration Review**, nº 3, v. 23, p. 606-630, 1989.

PORTES, Alejandro & SENSENBRENNER, Julia. Embeddedness and Immigration: Notes on the Social Determinants of Economic Action. **The American of Sociology**, Chicago, nº 6, v. 98, . 1320-1350, may. 1993.

PRADO JUNIOR, Caio. **A cidade de São Paulo: geografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1962.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: Peter Burke (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD).

Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/>>. Acesso em: 03 mar. 2004.

PRZEWORSKI, Adam & SALOMON, Frank. The Art of Writing Proposals. **Social Science Research Council – SSRC**, New York, p. 1-8, 1988.

PUTNAM, Robert D. Bowling Alone: America's Declining Social Capital. **Journal of Democracy**, Washington-DC, Ano 6, nº 1, p. 65-78, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983.

RAVENSTEIN, Ernest George. The laws of migration. **Journal of the statistical society of London**. nº 2, v. 48, p. 167-235, jun. 1885.

REVORÊDO, Julio de. **Imigração**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1934.

RIBEIRO, Tiago Noel. **Atenção à saúde reprodutiva e sexual masculina no município de Francisco Morato**. São Paulo: USP, 2008. Dissertação de Mestrado.

RIBEIRO, Tiago Noel. Saúde reprodutiva e sexual masculina no município de Francisco Morato, SP: o discurso de profissionais, gerentes e gestores de saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, nº 4, v. 18, p. 695-706, 2009.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Por uma outra globalização**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2008a.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2008b.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____ **La doble ausência: de las ilusiones del emigrado a los padecimientos del inmigrado**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2010.

_____ O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Centro de Estudos Migratórios**, São Paulo, número especial, Ano XIII, p. 1-35, janeiro, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. A maldição. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.) **A miséria do mundo**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003a.

SCARDINI, Maria Luisa. **Professores migrantes em Aracaju**. Aracaju: UFS, 2008. Dissertação de Mestrado.

SCHNORE, Leo Francis. Satellites and suburbs. **Social Forces**, Oxford University Press, nº 2, v. 36, p. 121-127, dez. 1957.

SCHUSSLER, Dolores. **Migrantes camponesas e professoras primárias: trajetórias de vida entre o espaço privado e o espaço público**. Cuiabá: UFMT, 2002. Dissertação de Mestrado.

SÃO PAULO **SEADE –Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>> Acesso em: 15 março 2013.

SÃO PAULO **SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfilMunicEstado.php>>. Acesso em: 20 abril 2013.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____ **O novo rural brasileiro**. Campinas: Unicamp/IE, 1999.

SINGER, Paul Israel. **Dinâmica populacional e desenvolvimento: o papel do crescimento populacional no desenvolvimento econômico**. São Paulo: CEBRAP, 1970.

_____ **Economia política da urbanização**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense/CEBRAP, 1975.

_____ **Estudos sobre a população brasileira**. Cadernos CEBRAP 20, São Paulo, 1974.

SILVA, Andréia de Oliveira. **Eventual: professores de fato**. Orientação Técnica Temas Transversais, DRE Caieiras, agosto de 2011.

SIMSON, Olga R. de Moraes (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

_____ Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo**, São Paulo, nº 6, p. 14-18, mai. 2003.

_____ Oral History, shared memories and empowerment: a balance of research experiences. In: **Building Community-University Alliances through Oral History, Digital Storytelling and Collaboration**, 1998, Concórdia. **Anais...** Concórdia: Concórdia University, 1998, p. 1-10.

_____ Reflexões de uma socióloga sobre o uso do método biográfico. In: MEIHY, José Carlos S. B. (Org.). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

SIXTH COMMONWEALTH RESEARCH SYMPOSIUM ON TEACHER MOBILITY, 2011, Addis Ababa. **Papers...** Paris/Londres: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), 2012.

SJAASTAD, Larry Arlow (1962). The Costs and Returns of Human Migration. ***The Journal of Political Economy***, v. 70, nº 5, Part 2: Investment in Human Beings, out/1962, p. 80-93.

SOUZA, Aparecida Neri de. ***Professores, modernização e precarização***. Seminário – Capes/Cofecub. Unicamp, 2011.

SOUZA, Herbert José de. ***Como se faz análise de conjuntura***. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1986.

SPELLER, Maria Augusta Rondas. ***Professoras em Peixoto de Azevedo/Mato Grosso: das vicissitudes de ser mulher, uma história por contar***. São Paulo: USP, 2002. Tese de Doutorado.

TANUS, Maria Ignez Joffre. ***História de vida de migrantes professores***. São Paulo: UNIC: Zouk, 2002.

_____ ***Mundividências: estudo sócio – antropológico de um grupo de migrantes residentes no bairro Planalto, periferia urbana de Cuiabá, Mato Grosso***. São Paulo: USP, 1992. Tese de Doutorado.

THOMPSON, Paul. ***A voz do passado: História oral***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. ***Revista Brasileira de História***, São Paulo, v. 22, nº 44, p. 341-364, 2002.

TOURINHO, Eury Kang. ***A mulher migrante na fronteira da educação: alunas do Prohacap em Rondônia.*** Porto Velho: UFRO, 2005. Dissertação de Mestrado.

UNESP. ***Fluxos e redes no campo e na cidade.*** São Paulo, 2012.

VEIGA, José Eli. ***A face rural do desenvolvimento.*** Porto Alegre: UFRGS, 2000.

VIDAL, Aguinaldo Vidali dos Santos. ***A Importância histórica e econômica da Ferrovia Santos – Jundiá (atual linha 7/Rubi da CPTM) para a Cidade de Francisco Morato.*** São Paulo: USP, 2010. Trabalho de Graduação Individual.

VIEZZER, Moema. ***“Se me deixam falar...” Domitila: depoimento de uma mineira boliviana.*** 5ª edição. São Paulo: Global Editora, 1981.

VILLAÇA, Flávio. ***Espaço intra-urbano no Brasil.*** 2ª edição. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 2001.

WALLERSTEIN, Immanuel. ***O sistema mundial moderno.*** Porto: Afrontamento, 1990. 2 v.

WEIL, Simone. ***O enraizamento.*** Bauru: EDUSC, 2001.

WIAME, Isabel Bertaux. Mobilités contraintes, parcours professionnels, vie privée: Quels enjeux pour les cadres bancaires? ***Papeles de CEIC***, Paris, nº 42, p. 1-28, mar. 2009.

YAMASHIRO, José. ***Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII.*** São Paulo: Ibrasa, 1989.

ZELDIN, Theodore. ***Uma história íntima da humanidade.*** Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.